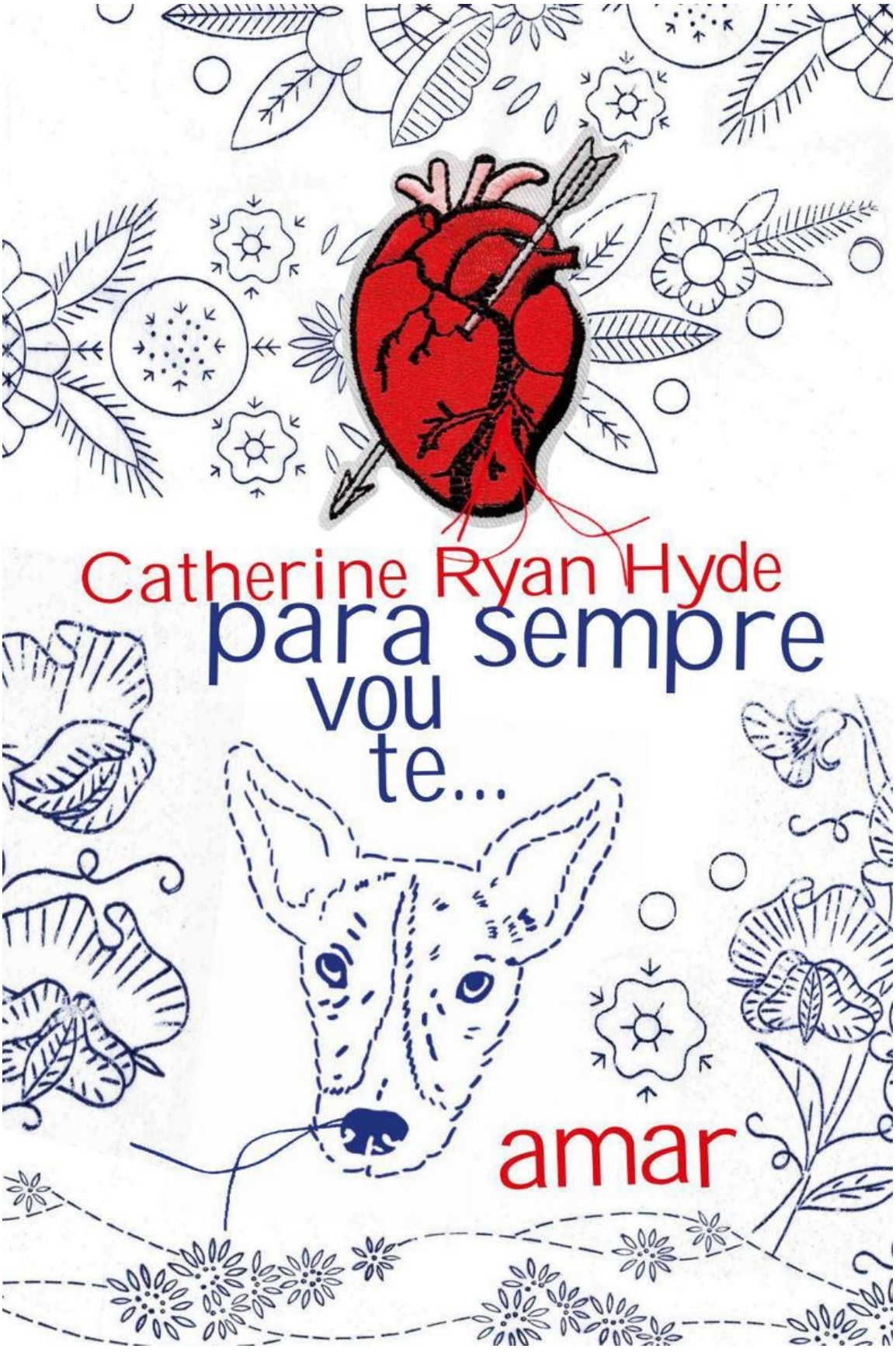

Catherine Ryan Hyde
para sempre
vou
te...
amar

Sumário

Pra sempre vou te amar

PARTE UM

1. Bainha

2. Tibete

3. Inventário

4. Esmagado

5. Desaparecido

6. Verdade

PARTE DOIS

1. Vencedor de Peixes

2. Porque

3. Pausa

4. Calma

PARTE TRÊS

1. Sorriso

2. Risco

3. Desbloqueado

4. Confiança

5. Onde pertencemos

Quando você era mais velho

Sobre Catherine Ryan Hyde

Também por Catherine Ryan Hyde

direito autoral

Pra sempre vou te amar

Catherine Ryan Hyde

“Hyde é um contador de histórias notável e perspicaz, criando personagens encorpados cujos diálogos soam verdadeiros, sem uma palavra de sobra.”

-Diário da Biblioteca

Angie, de quatorze anos, e sua mãe estão à beira da falta de moradia... de novo. O problema é sua irmãzinha, Sophie. Sophie tem um distúrbio semelhante ao autismo e uma tendência a gritar. Não importa onde eles vivam, o lar nunca parece durar muito.

Até que eles vão morar com a tia Vi, do outro lado da cerca de um enorme Dogue Alemão que muda tudo. Sophie se apaixona imediatamente e começa a imitar o “interior do cachorro”, que, felizmente, é um lugar calmo. Os gritos param. Todo mundo começa a respirar novamente. Até que Paul Inverness, o dono mal-humorado e socialmente isolado do cachorro, se muda para as montanhas e tudo começa de novo.

Para a humilhação de Angie, quando eles são expulsos da casa de tia Vi, a mãe de Angie muda a família para as montanhas atrás de Paul e seu cachorro. Lá, apesar de uma diferença de cinqüenta anos em suas idades, Angie e Paul formam uma amizade profunda, a única amizade íntima que ambos conheceram. Angie é capaz de falar com ele sobre crescer gay, e Paul confia em Angie com seu maior segredo, seu único sonho. Quando a oportunidade chega, Angie decide arriscar tudo para ajudar o sonho de Paul a se tornar realidade, até mesmo sua amizade e sua única chance de um lar de verdade - a única coisa com que ela sonhou desde que seu pai foi morto.

Um lugar onde ela nunca pode ser jogada fora. Um lugar onde ela pode sentir

que pertence.

Do autor best-seller de NÃO ME DEIXE IR, QUANDO EU TE

ENCONTREI, e WALK ME HOME, WHERE WE BLONG é uma história comovente, sincera e edificante sobre encontrar seu lugar no mundo, não importa o quão impossível pareça.

“Hyde tem um toque seguro com assuntos do coração.”

- Editores Semanalmente

PARTE UM

A parte quando eu tinha apenas quatorze anos



00002.jpeg

1. Bainha

Quando eu tinha sete anos, eu tinha vinte e dois baralhos de cartas. Vinte e dois. E eu nunca joguei cartas com eles. Nem uma vez. Os jogos de cartas são chatos.

Eles eram para construir, não para brincar.

Tudo começou com a casa de cartas que meu pai me mostrou como construir quando eu tinha seis anos, logo antes de ele enfiar a mão no bolso da camisa e descobrir que estava sem cigarros e depois sair de casa para comprar mais na loja da esquina e foi assassinado. Por seu relógio, sua carteira e seu anel de casamento. O relógio era apenas um Timex barato, e o anel era apenas prateado e fino. E ele nunca carregava muito dinheiro, porque nunca tinha muito para carregar.

Formei-me em casas de cartas e passei para condomínios de cartas, complexos de apartamentos de cartas, ranchos de cartas, palácios de cartas.

É muito trabalho para algo que sempre vai cair no final. Mas então, toda a vida é assim. Direito?

Leve meu pai. Ele estava apenas me mostrando aquele momento perfeito em que a casa está ficando grande, quando você está no terceiro nível, e cada queda de carta faz você prender a respiração. Você tem que esperar para ver.

Você acha que cai imediatamente se vai cair, mas não cai. Há essa pequena pausa estranha, como pular o tempo. Essa pausa foi tudo o que me fez deixar cair aquelas malditas cartas. Tudo.

“Vou ser honesto, Angie,” meu pai disse. “Isso traz à tona o jogador em mim.”

Mas nada precisava trazer o jogador nele. Ele era um jogador. Estava sempre fora.

Logo depois que ele disse isso, ele enfiou a mão no bolso.

Agora eu não tenho nenhum baralho de cartas. Eu me livrei de todos eles depois

que minha irmã, Sophie, apareceu. Não logo depois. Porque você sabe. Ela estava em um berço e tudo. E mesmo quando ela começou a engatinhar, parecia que estava tudo bem com ela. E então não era. E foi difícil colocar nossos dedos no momento em que sabíamos que não era.

Provavelmente muito mais cedo do que dissemos em voz alta.

Depois disso, eu sabia que não deveria manter nada delicado e fácil de estragar em casa novamente.

De qualquer forma, que diferença faz? Agora que tenho quatorze anos, toda a nossa vida é um castelo de cartas. Derrubar. Esperar. Respirar. Ou não.



Eu gostava mais com cartas reais. Eu gostava de como você podia simplesmente varrer tudo com a mão e começar de novo. Tudo no mundo é mais fácil de limpar do que sua própria vida real.

00

Era nosso primeiro dia inteiro na casa da tia Violet, e acordei me perguntando se também seria o último. Pode acontecer em qualquer dia. Você acha que sabe quais são os mais arriscados, mas acontece que você nunca sabe.

Além disso, este não parecia bom.

Era uma sexta-feira, e eu deveria estar na escola, exceto que eu tinha que ir para uma nova escola agora, e minha mãe disse que me matricular na segunda-feira seria bom o suficiente, o que realmente significava que ela precisava de mim para tomar conta de Sophie enquanto ela ia. procurando emprego.

Estávamos sentados à mesa do café comendo waffles de torradeira, Sophie, eu e tia Vi — essa velha mesa de fórmica com essas manchas brilhantes, como estrelas feitas pelo homem. Esses pontos estavam prendendo a atenção de Sophie. Ela estava comendo seu waffle com a mão esquerda, e deixando cair a ponta do dedo indicador direito sobre aqueles pequenos pontos brilhantes, repetidamente. Com um pequeno grunhido em cada gota.

Seu cabelo precisava ser escovado. Provavelmente meu trabalho, mas eu estava

me esquivando. Finja razão: porque minha mãe não deixou isso claro.

Motivo real: porque é um trabalho meio podre.

Tia Vi estava observando Sophie de um jeito que tornava difícil para mim respirar.

Tia Violet não era realmente nossa tia. Em primeiro lugar, ela era tia da nossa mãe, o que a tornava nossa tia-avó, e também, apenas por casamento.

Isso fez dela a tia de verdade da nossa mãe? Acho que sim, já que não existe tia-de-lei. Eu não sabia, e isso não importava. Aqui está o que eu sabia, e aqui está o que importava: Nós não éramos uma família de sangue. O que tornaria muito mais fácil nos jogar fora.

“Que tipo de trabalho sua mãe está procurando?” Tia Vi perguntou. Ela nunca tirou os olhos de Sophie, o que fez parecer que ela estava perguntando a Sophie. Mas, claro, isso era impossível.

"Ela está realmente querendo encontrar um emprego de garçonete em um restaurante", eu disse. Os grunhidos de Sophie estavam se transformando em pequenos guinchos que machucavam meus ouvidos. Eu podia ver tia Vi estremecer em cada um. O brilho apontando estava se transformando em

abas de braço. Falei sobre isso o melhor que pude. “Porque as dicas são muito boas. E então eu posso assistir Sophie enquanto ela está—”

“Ela pode parar com isso?” Tia Vi guinchou. De repente, e com a voz muito aguda. E meio desesperado. Como se ela estivesse prestes a quebrar esse tempo todo.

Que eu conhecia. O que eu senti. Mas eu estava dizendo a mim mesma que não era tão ruim quanto eu pensava, meio acreditando e meio não. Tio Charlie tinha morrido apenas alguns meses antes, e tia Violet era frágil.

Seguiu-se um silêncio estranho, que não era silêncio, porque Sophie não parou de fazer barulho. Éramos apenas tia Vi e eu parados e sem dizer nada.

Não me pergunte como todo esse barulho pode parecer um silêncio constrangedor. Mas pode. E isso aconteceu.

Derrubar.

"Não Senhora. Eu não acho que é possível que ela pare."

Esperar.

Tia Vi suspirou.

eu respirei.

"É só que eu não sou eu mesmo desde que Charlie morreu. É como estar doente. Você acha que pode se levantar e fazer as coisas, mas ainda é mais fraco do que pensava. Você sabe como quando você está doente, você simplesmente não suporta nada? Tudo o que você pode fazer é ficar doente."

Eu sabia o que ela queria dizer, embora eu estivesse errado sobre o que a palavra *respeitar* significava ou ela estava usando errado na frase.

"Sinto muito pelo tio Charlie. Ele era um homem legal. Eu gostava muito dele."

O rosto de tia Vi ficou congelado por uma fração de segundo ou dois. Então se transformou em choro. E então eu me senti como dezoito tipos diferentes de merda por dizer exatamente a coisa errada para ela.

Ela se levantou da mesa. Eu não tinha ideia de que aquela velha pudesse se mover tão rápido.

"Eu tenho que ir deitar", disse ela.

Claro, todos nós acabamos de acordar para o dia. Eu não disse isso.

"Quer alguns tampões de ouvido?"

Tirei dois do bolso da camisa e os segurei na mão. Essas balas azuis escuras e brilhantes. Não espuma. Tampões de ouvido de espuma não fazem muito.

Nós vamos. Eles não fazem o suficiente. Estes eram feitos de cera de abelha e algum tipo de fibra. Eu os segurei nas costas dela enquanto ela se afastava.

Ela parou na porta da cozinha e se virou. Ela estava vestindo um roupão coberto com pequenas flores cor de rosa. Já tinha visto dias melhores. As

flores cor-de-rosa estavam desaparecendo. Praticamente fora de existência.

Ela se segurou na porta como se a casa tivesse acabado de bater em um iceberg.

Ela sempre usava maquiagem. Mesmo com aquele roupão velho e horrível.

Eu me perguntei quem ela achava que notaria ou se importaria. Nós vamos.

Percebi. Eu principalmente me perguntava quem se importava.

Eu só fiquei lá com a minha mão estendida. Como um idiota. Fiz um gesto em direção aos tampões de ouvido. Tão reconfortante. Tão seguro. Uma solução tão boa. Ela não podia ver isso?

Ela balançou a cabeça com força. “Vou me deitar.”

“Não, espere – não vá, tia Vi. Nós vamos para fora.”

Ela só ficou lá, segurando sua preciosa vida. Provavelmente esperando para ver como eu faria Sophie ir a qualquer lugar.

Enfiei as duas últimas mordidas de waffle na boca ao mesmo tempo. Levei meu prato para a pia. Então eu me esgueirei atrás de Sophie e peguei o waffle seco meio mastigado de sua mão esquerda.

Ela gritou.

Eu o segurei como uma cenoura no palito, fora do alcance dela. Eu sabia que ela o seguiria pela porta dos fundos.

"Eu vou devolvê-lo para você quando chegarmos lá fora."

Eu não sabia se Sophie entendia quando eu dizia coisas para ela. Eu nem sabia se ela ouvia. Eu disse isso principalmente por causa da tia Vi. Então ela não pensaria que eu estava sendo má com Sophie sem motivo. Ou talvez ela não se importasse. Talvez fosse só eu quem se importasse.

Olhei para tia Vi quando chegamos à porta dos fundos – quase literalmente.

Olhos fechados com ela. Sem realmente querer.

Esperar.

"Você não sabe como é", disse ela. “Como tudo é difícil quando você acaba de perder alguém.”

Meu rosto ficou quente, o que sempre acontece quando fico brava. Eu sempre fico bravo muito rápido, mas depois não faço nada com isso. Eu não deixo solto. Se eu disser que estou brava, vou chorar, o que é incrivelmente injusto. Isso estraga tudo. Então eu não digo.

Sophie estava batendo no meu lado e quicando, mais e mais. Provavelmente tentando me fazer largar o waffle. Doeu, mas eu só estava dando metade da minha atenção.

Eu apenas pensei que era uma coisa ruim para me dizer. Irrefletido. Você sabe?



Eu puxei Sophie para fora da porta da cozinha e para a varanda dos fundos e bati a porta com força atrás de nós.

E deu-lhe o waffle de volta.

E não respirou.

Muito.

Eu estava deitado nesta espreguiçadeira de plástico branco, com o sol batendo em mim, na grama que estava toda marcada com manchas amarelas de todos os lugares em que o cachorro fez xixi. O cachorro também se foi.

Ela morreu duas semanas antes do tio Charlie, que era parte do estado extra-frágil da tia Violet. Eu gostava daquele cachorro. Seu nome era Beulah, e ela era um basset hound gordo com artrite. Ela estava babando, mas legal.

Sophie nunca gostou de Beulah. Sophie nunca gostou de nenhum cachorro.

Ou gatos, também. Na verdade, você tinha que observá-la a cada minuto com eles, porque ela tentaria chutá-los ou socá-los, mesmo que eles não tivessem feito nada com ela. Um cachorro que ela viu do lado de fora de um

supermercado ela tentou morder, e o cachorro era bom demais para se defender, e eu tive que intervir e salvar o dia, e então fui eu quem foi mordido.

Olhei para cima para ver por que Sophie estava tão quieta. Ela estava agachada de bruços contra a cerca de arame em uma extremidade do quintal de tia Violet. Ela realmente parecia um cachorro, do jeito que estava deitada na grama. Como a maneira como um cachorro se dobra em uma posição de esfinge. Ela tinha o queixo nas costas das mãos como se fossem suas patas.

Seu nariz estava enfiado até a cerca de arame. Do outro lado dos links estava o maior cachorro de todos os tempos. Este Dogue Alemão todo preto com orelhas cortadas em pé, pontudo. Eu acho que eles não deveriam fazer isso com cachorros, mas isso não vem ao caso para esta parte das coisas. Se eu tivesse que adivinhar, diria que ele estava perto de duzentas libras. Ele estava deitado exatamente na mesma posição que Sophie. O nariz dele estava a cerca de dez centímetros do dela. Era a única parte dele que não era negra.

Seu focinho era cinza.

Eu me sentei. “Hmmm,” eu disse em voz alta, embora não houvesse ninguém além de mim para me ouvir. Então eu gritei: “Sophie, você se afaste dele”, porque pensei que talvez ela estivesse acalmando aquele pobre cachorro com uma falsa sensação de segurança.

Mas... como eu mencionei antes, eu nem sei se ela ouviu ou não. Ou ouvido, mas simplesmente não se importava. Ou não poderia me importar, acho que

deveria dizer.

Eu corri as coisas na minha cabeça por um minuto ou dois. Ela não podia alcançar através da cerca – de qualquer forma, não muito longe. Aquele cachorro não estava amarrado nem nada. Certamente ele sabia como se abaixar. E ele a superava três ou quatro vezes. Eu realmente queria colocar minha vida em minhas mãos indo buscá-la? Eu sempre poderia ter usado o método de emergência extrema, que era me esgueirar por trás e jogar um cobertor sobre ela como uma rede, mas tentei manter esse plano no bolso de trás o máximo que pude. Além disso, eu geralmente fui chutado da mesma forma.

Decidi que aquele cachorro grande e velho poderia cuidar de si mesmo. Só por causa da cerca, no entanto. Sem aquela cerca, eu não teria apostado muito nas

chances dele.

De vez em quando, eu olhava para cima para ver como estava indo.

“Não ouse machucá-lo,” eu disse. Talvez quatro vezes.

Mas nada nunca se moveu.

Pensei novamente em escovar o cabelo dela, mas não consegui estragar uma coisa boa. Teria sido mais fácil se minha mãe tivesse cortado curto, como o meu, mas ela amava o cabelo de Sophie, e eu não a culpo. Era uma cor como o mogno, esse marrom rico com reflexos vermelhos que saíam ao sol. E em cachos naturais de cachos. Ela era uma garota bonita, mais do que eu jamais seria. Minha mãe estava sempre falando sobre seu cabelo, e aqueles lindos olhos verdes, como se ela não entendesse que eu estava aqui também. Ela falou menos sobre aqueles olhos verdes, porém, agora que Sophie não fazia contato visual conosco há anos.

Suspirei e tentei fazer tudo isso ir embora.

Depois de um tempo, ouvi Sophie gritando aquele lamento especial e horrível de sereia dela. Nossa mãe chama isso de lamento, mas ouvi outras pessoas lamentando, e tenho que te dizer, isso é pior. Sentei-me para ver que o cachorro havia se afastado da cerca para pegar uma bebida de sua tigela de água. Ele levantou a cabeça e olhou para mim, e eu olhei para trás. Ele tinha água escorrendo dos cantos da boca.

Estendi a mão para tirar meus tampões de ouvido do bolso.

Não quero parecer fria, apenas colocando tampões de ouvido e deixando-a chorar. Parece que eu não me importo que ela esteja chorando. Mas não é isso. Eu me importo bastante. Não há nada que eu possa fazer. Nenhuma coisa. Nada que alguém possa fazer. Exceto preservar sua própria sanidade por qualquer meio possível.

Tia Violet irrompeu pela porta dos fundos.

"Você tem que fazê-la parar", disse ela. Ela parecia ainda mais desesperada, como se estivesse em seu último nervo. Como se ela pudesse explodir a qualquer momento, e esvoaçar até a grama manchada em um monte de pedaços e pedaços

secos. "Eu não aguento", disse ela. "Eu não sou forte. Eu disse a sua mãe que não sou forte. Eu não sou eu mesmo sem Charlie. Eu não tenho muito…”

Enquanto ela procurava uma palavra para o que ela não tinha muito, eu olhei para suas sobrancelhas. Eu estava sempre espiando eles quando achava que poderia me safar. Ela não parecia ter nenhum pêlo de sobrancelha próprio, então ela os desenhou nesta cor estranha de marrom claro, e muito alto no meio. Isso a fazia parecer que tudo no mundo era um choque para seu sistema. Não que suas sobrancelhas importassem em um momento como aquele. Só que, quando as coisas ficam ruins, meu cérebro vai embora. Às vezes.

Assim que abri a boca para dar a má notícia, que ela já deveria saber – que não posso parar Sophie quando ela começa, que nada pode parar Sophie quando ela começa – o cachorro voltou vagando de volta para o cerca. Eu o vi com o canto do meu olho.

O grito de Sophie desceu do jeito que uma sirene faz, ficando mais baixo e mais lento e depois sumiu.

"Oh, graças a Deus", disse tia Violet. “Graças a Deus ela parou.” Tia Vi virou os olhos para mim, as sobrancelhas desenhadas franzidas o máximo que podiam, mas ainda parecendo um pouco altas demais. "Você se ofendeu com alguma coisa quando estávamos conversando antes?"

Ela perguntou como se tivesse tido todo esse tempo para pensar e ainda não conseguia imaginar o que poderia ter sido.

Meu rosto ficou quente novamente.

"Eu apenas senti que foi um pouco imprudente de sua parte", eu disse, e então meu rosto queimou como um louco, porque era uma coisa corajosa de se dizer. Eu tive que trabalhar duro para não chorar.

A cabeça de tia Vi balançou para trás. "Agora, o que diabos eu disse?"

Como se ela já soubesse que eu estava errado, e não poderia ter sido nada, realmente.

“Que eu não sei como é quando alguém morre.”

Ela apenas olhou para mim sem expressão por um minuto. Não um minuto inteiro de verdade, mas talvez contando até três. Então seus olhos se arregalaram, e sua mão foi até a boca. E ela acusou-me. Isso me assustou pra caramba. Eu pensei que ela estava prestes a me atacar, e eu queria correr ou gritar. Ou alguma coisa. Ou nada. Mas tudo aconteceu muito rápido.

A próxima coisa que eu percebi foi que ela estava me sufocando nesse abraço de urso, e eu estava todo pressionado contra sua barriga grande, que era mais macia do que eu achava que uma pessoa deveria ser. Ela realmente segurou a parte de trás da minha cabeça e estava puxando-a para perto, contra seu grande seio, e eu mal conseguia respirar.

"Oh, querida", disse ela, inclinando-se, perto do meu ouvido. "Eu sinto muito. Eu esqueci. Eu esqueci-”

Não diga isso, pensei.

"-seu pai. Ah, e uma maneira tão horrível de ir também. E tão repentino.

Você está certo, isso foi muito impensado da minha parte. Veja, eu te disse que não sou eu mesmo.”

Ela puxou minha cabeça para longe de seu eu macio, me segurando pelas duas têmporas. Eu puxei ar suficiente para dez respirações.

"Você me perdoa?"

“Sim, senhora,” eu disse. Apenas repetindo as palavras. Não perdoar e não perdoar. Nem mesmo pensando no que isso significaria.

“Oh, querido,” ela disse, sem me dizer oh querido sobre o quê.

Ela mergulhou de volta na casa, batendo a porta atrás dela com um grande estrondo. Olhei de volta para Sophie. Ela e o cachorro haviam se dobrado na posição do espelho novamente.

eu respirei. Mesmo que isso não fosse nos dar muito tempo.

Veja, essa é sempre a coisa. Enquanto você respira e fica feliz porque a casa inteira não caiu, você sabe que há outra queda de cartas chegando. Não se trata

de ganhar muito. É só ganhar. É sempre sobre não perder tudo no exato momento em que você está.

Eu me levantei e caminhei até a cerca, a grama comprida parecendo engraçada e fazendo cócegas entre meus dedos. Eu estava pensando que talvez devesse me oferecer para cortar a grama para tia Violet. Tornar-me o mais útil possível.

Fiquei de pé ao lado de Sophie.

"O que há com isso, Sophie?" Eu perguntei a ela. “Você nem gosta de cachorros.”

"Hem", disse ela.

O que é realmente... não sei como dizer. Uma palavra de Sophie é como...

marque este dia na sua agenda.

"Eu serei amaldiçoado."

Então me ocorreu que este era o dia mais tranquilo e melhor que eu tive com Sophie em anos. Por que, em nome de Deus, eu estava tentando convencê-la a desistir?



O que quer que fosse.

00

Meu melhor dia durou até as cinco e vinte e cinco, e então tive que pagar o dobro pela paz e tranquilidade. Aconteceu de eu saber a hora porque fui até a cozinha verificar, porque estava pensando que já era hora de minha mãe estar em casa. Eu não sabia se era uma boa ou uma má notícia que ela estava demorando tanto.

Assim que eu estava voltando, o cachorro de repente se levantou. Ele ficou perto da cerca, mas estava olhando para a rua. Sophie também se levantou.

Eu não conseguia ouvir nada, mas eu definitivamente podia sentir que minhas férias estavam prestes a terminar. Não tenho certeza de quantas férias pensei que

poderia esperar, ou por quê.

Então ouvi a porta de um carro bater. Parecia muito distante. Mas o cachorro começou a abanar aquele rabo enorme e forte. Ele ainda estava bem perto da cerca, bem perto de Sophie, então seu rabo batia nos elos da corrente com força em cada balanço, e toda a cerca soava como um sino desafinado.

Sophie começou a pular para cima e para baixo. O que achei interessante.

Quero dizer, claramente, ela estava imitando o cachorro, então eu meio que esperava que ela balançasse a bunda ou algo assim. Em vez disso, ela pulou para cima e para baixo como se estivesse toda animada, o que me fez pensar que era o interior do cachorro que ela estava imitando. O que parecia um pouco como saber o que outra pessoa estava sentindo, o que eu acho que é como o que os médicos chamavam de *empatia* . O que eu acho que todos nós pensamos que era algo que Sophie não podia fazer.

Mais ou menos um minuto depois, a porta lateral se abriu na casa ao lado e um homem parou na porta aberta. Ele pareceu chocado ao me ver. O que era estranho de certa forma, porque eu estava no quintal da tia Violet, não no dele, e eu não conseguia descobrir por que ele estava olhando para mim como se de repente tivesse me encontrado em sua sala de estar. Nossos olhos se encontraram por um minuto, e então eu desviei o olhar.

Ele era um cara velho. Não velho como velho curvado. Ele era alto e meio magro, e parecia estar em boa forma e tudo mais. Mas seu cabelo era principalmente grisalho, e ele tinha um toque de sombra de cinco horas, apenas o suficiente para que eu pudesse ver que sua barba seria branca se ele a deixasse crescer. Ele estava vestindo um belo terno cinza, com uma camisa azul clara e uma gravata listrada azul escura, mas estava folgada. O

botão de cima de sua camisa estava desabotoado, e a gravata estava puxada.

Para lhe dar mais espaço para respirar, eu acho.

p ç p

p

Ele me encarou por mais um minuto, e então olhou para seu cachorro. Ele ficou

com um olhar confuso no rosto, e eu poderia dizer, só por esse olhar, que era estranho para o cachorro dele ainda estar perto da cerca. O cachorro estava batendo com o rabo contra a cerca como um louco agora, mas eu podia ver que não era suficiente.

"Rigby", disse o homem.

Ele não gritou ou mesmo gritou, realmente. Ele apenas disse isso, como você diria qualquer palavra em uma frase.

Isso quebrou o feitiço, e o cachorro correu para o homem e sentou-se na frente dele, balançando o rabo. E ele levantou o rosto quase bem perto do rosto do homem, porque ele era honestamente grande o suficiente para fazer isso.

E, claro, a essa altura, a sirene de Sophie havia tocado.

O cara olhou ao redor, mas não realmente para nós. Acho que ele ainda não tinha notado Sophie. Se ele tinha, ele não deixou transparecer. Eu não acho que ele imaginou que um som como esse pudesse sair de uma pessoa pequena. A maioria das pessoas não. Ele olhou ao redor um pouco mais, como se estivesse prestes a ver uma ambulância ou um caminhão de bombeiros subindo a rua. Ele até olhou para cima, como se fosse algo no alto, mas não tenho ideia do quê. Então ele olhou para baixo, e seus olhos se fixaram em Sophie.

Esperar.

Eu podia ver seu rosto se contorcer um pouco. Como se ele pudesse suportar melhor o barulho se viesse de um quê, não de quem. As pessoas são assim.

Eles acham que uma máquina ou uma sirene não sabe nada, não pode evitar o som que faz. Uma vez que eles sabem que é Sophie, eles querem que isso pare.

O momento se arrastou. Apenas o suficiente para fazer meu rosto ficar frio.

Então ele deu meia-volta e voltou para dentro de casa, Rigby o seguindo com o rabo ainda balançando. A porta se fechou.

Levantei-me e entrei na casa, deixando Sophie sozinha por apenas um minuto, para preparar tia Vi para o que estávamos prestes a passar. Na verdade, estava tudo bem deixar Sophie, porque ela não faria nada, exceto exatamente o que ela

já estava fazendo. Por quase... sempre.

Encontrei tia Vi na cama, um travesseiro de penas sobre as orelhas.

Toquei seu ombro, e ela pulou uma milha. Então ela se endireitou e olhou para mim com um olhar de total tristeza em seu rosto, e eu me senti mal por ela. Eu fiz. Eu teria levado Sophie e ido embora e a deixado sozinha se tivéssemos outro lugar no mundo onde pudéssemos ir.

Tirei dois tampões de ouvido do bolso da camisa e os estendi para ela.

“Eles funcionam,” eu disse. "Mesmo. Não como se não houvesse barulho algum, mas eles fazem o som parecer tão distante que pouco importa. Você tem que amassá-los em seus dedos até que fiquem macios e depois transformá-los em uma bala e pressioná-los até que selem. Você vai se surpreender.”

Ela os tirou da minha mão e sorriu fracamente.

"Obrigada, querido", disse ela.

Então eu me levantei e fui embora, porque eu sabia que ela ficaria mais feliz sozinha com sua miséria. Eu era assim mesmo, então entendi.

Voltei para fora e sentei na sala perto de Sophie e suavizei meus próprios tampões de ouvido. Eu tinha um no lugar quando a porta lateral da casa do homem se abriu novamente, e ele olhou para fora. Olhou para mim. Em seguida, em Sophie.

Justo quando eu estava me perguntando quanto tempo ele poderia ficar ali olhando, ele caminhou até a cerca, Rigby abanando os calcanhares. A sirene de Sophie diminuiu quando eles se aproximaram da cerca.

Ele tinha mudado para um suéter preto, mas ainda estava com suas calças chiques. E sapatos de couro preto brilhantes.

Ele ficou lá olhando para Sophie, que estava quieta agora. Rigby tinha vindo direto para a cerca e estava sentado com a cabeça esticada, apenas alguns centímetros do outro lado da cerca, e Sophie estava com as mãos enroladas no elo da corrente, o rosto o mais próximo possível do cão. .

O homem olhou para mim novamente, e eu desviei o olhar. Algo sobre a maneira como ele olhava. Não gostei e não consegui segurar por muito tempo. Havia uma dureza nisso. Como se ele esperasse algo e estivesse tentando arrancá-lo de mim.

"Ela parou", disse ele.

Ele tinha a voz que eu esperava dele. Afiado. Um pouco difícil. Quase crítico.

"Sim senhor. Ela fez."

“Ela vai ficar parada?”

“Só até você voltar.”

Eu me levantei e caminhei até a cerca, mesmo que eu realmente não quisesse me aproximar dele. Mas eu não queria que tia Vi soubesse que estávamos tendo problemas com um de seus vizinhos. Já.

Tirei mais dois tampões de ouvido do bolso e os estendi em direção à cerca.

“Isso ajuda muito,” eu disse.

Ele os encarou por um longo tempo. Como se fossem algum tipo de equação matemática. Talvez um que estivesse um pouco além de suas habilidades em matemática.

“Eles são tampões para os ouvidos,” eu disse, tentando nos levar para um novo momento.

“Eu sei o que eles são.”

“Você quer saber por que ela está fazendo isso.”

“Você está ficando mais quente.”

“Ela gosta do seu cachorro.” Isso ficou no ar por um momento, como se ninguém soubesse o que fazer com isso. Acho que se você não conhecia Sophie, isso não respondeu a todas as perguntas que estavam por aí até então. “Ela ficou sentada com seu cachorro o dia todo e ficou chateada porque ele entrou.”

"Ela", disse ele.

"Oh. É uma cachorra".

"Sim. Ela é mulher."

"Minha irmã ficou chateada porque ela – seu cachorro – voltou para casa com você."

"E ela faz esse barulho sempre que está chateada?"

"Bastante. Sim."

Então ele ficou com aquele olhar que as pessoas sempre têm. Como se Sophie devesse saber melhor. Como se ela devesse fazer melhor. E isso me deixa louco, porque eles não sabem. Eles não deveriam julgá-la se não sabem.

"Acho que seu cachorro não pode ficar fora por um tempo."

Ele atirou seu olhar de volta para mim, e queimou. Era o mesmo olhar, mas desta vez para mim. Como se *eu* devesse saber melhor. Como *eu* deveria fazer melhor.

"Eu trabalho duro", disse ele. "Todo dia. E eu odeio cada minuto disso. Tudo o que eu quero fazer no final do dia é chegar em casa e ver meu cachorro e assistir ao noticiário da noite em paz e sossego e comer alguma coisa. Isso é pedir demais?"

"Não senhor. Eu não suponho que seja."

Era mais do que ele ia conseguir, no entanto.

"Mas ela vai começar de novo no minuto que eu fizer."

"Sim senhor. Eu espero que ela vá."

"E você não pode impedi-la."

"Não senhor. Ninguém e nada pode detê-la."

"Então, quando ela para por conta própria?"

“Ela geralmente pode passar cerca de duas horas antes de perder a voz.

Então tudo o que ela pode fazer é sussurrar e chiar por alguns dias. Isso dá a todos nós uma pausa.”

Ele olhou nos meus olhos por um minuto. Como se ele estivesse desesperado para encontrar o lugar onde eu estava apenas brincando. Então ele olhou para Sophie com um olhar de total desprezo. Como se ela fosse a forma de vida mais baixa da Terra. Meu rosto começou a queimar, e eu sabia que desta vez eu ia dizer alguma coisa. Se eu me humilhei chorando ou não.

Antes que eu pudesse abrir minha boca para fazer isso, porém, ele se virou para voltar. E Sophie começou a gritar novamente.

“Ela não é uma pirralha,” eu disse. Bom e alto, para que ele pudesse me ouvir sobre o barulho.

Mas ele não ouviu. Ele colocou uma mão atrás da orelha para me dizer que não. Então ele voltou para a cerca, e Sophie se acalmou. Eu podia sentir isso no meu intestino. Ou a falta dela, acho que devo dizer. Como se algo desagradável estivesse vibrando por lá, e foi tão bom quando parou.

"O que você disse para mim?" ele perguntou, o que tornou muito mais difícil falar o que penso.

Eu fiz, de qualquer maneira.

“Ela não é uma pirralha.”

“Engraçado, porque ela age como uma.”

Algumas lágrimas vazaram, mas eu não podia me importar. Nós vamos. Eu não poderia me importar. Mas eu não podia parar.

Olhei bem em seu rosto, com lágrimas ou não.

“Estou doente e cansado de pessoas tratando ela como se não a criássemos direito ou algo assim. Minha mãe me criou, e eu acabei bem. Sophie é diferente. O cérebro dela é diferente. É como uma espécie de autismo. Quero dizer, é como o autismo na maioria dos aspectos, e não gosta de outras maneiras. É o que eles

chamam de Espectro do Autismo. Os médicos ainda não a entendem, mas ela não pode evitar, e nós não podemos evitar, e você não nos conhece, então você não deve julgar o que você não sabe nada. .”

A essa altura, as lágrimas haviam se soltado e não havia como escondê-las.

Na verdade, senti um deslizar pela minha bochecha. O que era uma humilhação total, mas o que eu deveria fazer? Limpei-o com força e rapidez com as costas da minha mão.

Ele apenas olhou para mim por um longo tempo. Nós vamos. Alguns segundos. Parecia longo.

"Você está certo", disse ele. "Por favor, aceite minhas desculpas."



Então ele se virou para voltar para a casa. O cachorro ficou preso por apenas um segundo, perto da cerca. Perto de Sofia. Mas então o homem se virou e fez contato visual com ela, e ela o escolheu. Que eu acho que era o trabalho dela fazer. Achei meio notável que ela não tivesse feito isso o tempo todo.

A sirene voltou a tocar.

O cara parou na varanda lateral e me deu um longo e infeliz olhar por cima do ombro. Eu podia ver tudo se esvaindo – todas as suas esperanças para aquele jantar tranquilo na frente do noticiário. Eu poderia apenas olhar para o rosto dele e vê-lo entender. Que isso nunca iria acontecer. Que mesmo aquele simples sonho se foi.

Segurei os tampões de ouvido novamente.

No início, ele apenas oscilava lá. Como se toda a decisão fosse patética demais. Mas depois de um tempo, ele voltou para a cerca para pegá-los. E...

isso foi estranho, pensei... o cachorro ficou ali sentado nos degraus da porta e esperou. Como se ela fosse esperta o suficiente para saber que ir até a cerca por apenas alguns segundos só poderia piorar as coisas.

Alcancei as duas pequenas balas azul-escuras através da cerca nas pontas dos meus dedos. Largou-os em sua mão esperando. Ele tinha mãos grandes, mas

suaves, como se nunca tivesse cavado um buraco ou construído uma cerca em sua vida. Provavelmente ele não tinha. Não naquele terno bonito.

"Obrigado", disse ele, meio que gritando para ser ouvido acima da sirene.

Então ele balançou a cabeça e voltou para dentro.

00

Eu não estava usando um relógio, mas acho que foi cerca de quarenta e cinco minutos muito estridentes depois, quando a polícia apareceu. Eu não os ouvi parar e estacionar, ou bater na porta, ou tocar a campainha, ou o que quer que eles fizessem. Claro, eu tinha meus tampões de ouvido, e eu ainda estava lá atrás com Sophie, que ainda estava lamentando, e se eu fosse ouvir alguma coisa, seria apenas isso. Eu estava sonhando acordado, e minha cabeça estava a cem milhas de distância, mas não me lembro onde. Então vi um movimento pelo canto do olho, e era tia Vi saindo para o quintal com dois policiais. Bem, na verdade, um policial e uma policial.

Sentei-me muito ereta, com uma sensação de frio no estômago, e puxei os tampões de ouvido o mais rápido que pude.

"Eles receberam um relatório sobre o barulho", disse tia Violet, gritando para ser ouvida por cima do lamento de Sophie. Eu nunca tinha visto tia Vi

— ou qualquer outra pessoa, aliás — parecer tão completamente derrotada e humilhada. E eu tinha visto algumas coisas.

"Sinto muito", eu gritei. Saber que não era suficiente, mas não ter muito mais em termos de munição.

Os dois policiais olharam para Sophie e depois um para o outro.

“O vizinho que ligou pensou que era um animal em perigo”, gritou o policial.

Então eu fiquei bravo, porque aquele maldito cara ao lado sabia muito bem que não era um animal, e ele sabia muito bem que não estávamos abusando dela. Isso foi uma coisa escrota para ele fazer, pensei.

“Você pode ver que não estamos machucando ela de forma alguma,” tia Violet

gritou.

A policial gritou: "O que você disse que o diagnóstico dela era mesmo?"

“ASD,” eu disse. E então tive que repetir, mais alto.

"Qual é…?"

“Transtorno do Espectro Autista”.

“Então ela é autista?”

"Sim, senhora. Mais ou menos. Há muitos caminhos diferentes que podem ir, e ela é um deles. Ela está chateada porque gosta do cachorro do vizinho, e ele levou o cachorro para dentro. Eu estava fazendo o meu melhor para mantê-la feliz, eu juro.

Os policiais se entreolharam novamente. Definitivamente tendo algum tipo de conversa com seus olhos. Eu estava bem ali assistindo, mas não consegui ler direito. Mas não gostei da sensação.

"Não há nada que você possa fazer para impedi-la?" a senhora policial ligou.

"Não Senhora. Eu juro, eu faria se pudesse. Eu sinto Muito. Ela só tem que se desgastar.”

Mais um daqueles looks.

“Você pode pelo menos colocá-la em casa? Dar uma folga aos vizinhos?

Eu cortei meus olhos para tia Vi. Eu propositalmente fiquei do lado de fora com Sophie para dar um descanso aos ouvidos *dela* . Mas ela virou a cabeça em direção à casa. E essa foi uma conversa silenciosa que eu entendi.

Mande- *a* entrar , pelo amor de Deus, ela estava dizendo.

Eu me levantei em linha reta. Tranquei os pensamentos na minha cabeça. Me preparei.

"Pode me ajudar? Segurando seus pés? Caso contrário, ela vai chutar... ela vai me chutar muito forte. Ela não quer me machucar. É apenas o jeito que ela está

conectada.”

O policial homem abriu a boca para dizer não. Ele passou por isso em parte.

“Nós não devemos—”

"Eu vou ajudar", disse a mulher.

Nós ficamos em cima de Sophie, e eu respirei fundo e, em seguida, apenas a agarrei em um abraço de urso, prendendo seus braços ao lado do corpo.

Mantive minhas mãos bem baixas, em direção à cintura dela, caso ela tentasse morder. A policial agarrou seus tornozelos nus, mas Sophie puxou-os imediatamente novamente e me deu um bom tiro na coxa direita, e então a senhora agarrou e segurou mais forte desta vez. Agora que ela sabia o que estava enfrentando.

Eu cometi um erro de novato, no entanto. E eu, de todas as pessoas, deveria saber melhor. Eu a estava segurando muito alto, então sua cabeça estava quase tão alta quanto a minha, então se ela jogasse a cabeça para trás...

Assim como eu tive o pensamento, ela resistiu forte, tentando se endireitar, e sua cabeça voltou e me bateu, batendo meu lábio inferior contra meus dentes.

O suficiente para realmente me atordoar.

A cabeça da policial se levantou. "Você está bem?"

Eu apenas dei a ela esse ponto desesperado em direção à casa com a minha cabeça, porque tudo que eu queria era entrar, para que isso pudesse acabar.

Nós nos movemos rapidamente pela grama e subimos os três pequenos degraus de concreto até a cozinha. Tia Vi bateu a porta atrás de todos nós, e eu coloquei Sophie no chão de linóleo o mais gentilmente que pude.

Um dos policiais me entregou uma toalha de papel, mas eu não conseguia nem ver qual deles estava entregando. Ele simplesmente apareceu na minha frente no final de um braço de manga azul. No começo, eu não sabia por que uma toalha de papel. Então percebi que meu lábio estava sangrando.

Foi quando Sophie começou a se jogar contra a porta. Difícil.

Veja, isso foi ruim. Esse foi um comportamento de autolesão. Na maioria das vezes, não precisávamos nos preocupar muito com automutilação com Sophie, mas sempre soubemos que as coisas poderiam ficar muito ruins se ela cruzasse essa linha. Era essa coisa que estava sempre lá fora, talvez esperando por nós. E eu realmente não queria que fosse o momento em que aparecesse.

Eu a agarrei e trouxe nós dois para o chão e meio que deitei sobre ela, envolvendo seus braços e envolvendo minhas pernas sobre as dela. Meus tampões de ouvido ainda estavam fora, e ela estava gritando bem no meu ouvido, mas isso parecia ser a menor das minhas preocupações.

Sua voz ainda era muito forte.



Eu não sei muito do que aconteceu atrás de mim depois disso. Ouvi tia Vi conversando com os policiais na porta da frente, mas não o que eles disseram. Depois que pensei que eles tinham ido embora, senti uma mão no meu ombro. Achei que fosse a tia Vi, mas quando virei a cabeça, era a policial. Ela pegou meu queixo com a mão e limpou o sangue do meu lábio, do meu pescoço e da minha camisa o melhor que pôde com algum tipo de pano úmido, e então segurou a fenda e colocou um pequeno curativo de borboleta nele.

Ela deu um aperto no meu ombro antes de sair. Eu provavelmente poderia interpretar isso significando que eu estava fazendo um bom trabalho ou me desejando sorte, porque eu precisaria. Ou talvez ambos.

Então eu não ouvi mais nenhuma conversa, e ninguém parecia estar por perto.

Eu estou supondo que foi cerca de mais trinta minutos antes de Sophie gritar para dormir.

00

Depois de colocá-la na cama, me tranquei no banheiro. Tomei um banho longo, demorado, quase até a água quente acabar. Como se tudo o que tinha acabado de acontecer fosse lavado. Isso me fez sentir melhor, no entanto.

Alguns melhores.

Saí e me enrolei em uma toalha e limpei o vapor do espelho com a mão.

Meu lábio estava inchado sob o curativo de borboleta, e ainda parecia um pouco sangrento. Eu mexi o dente logo atrás dele com minha língua, e depois com meu dedo, e me assustei como estava solto. Eu não sabia se ele iria apertar novamente por conta própria ou se eu iria perdê-lo. Isso seria um grande desastre. Não é como se pudéssemos pagar visitas estéticas ao dentista.

Ouvi uma leve batida na porta do banheiro.

“Já saio, tia Vi.”

“Sou eu,” minha mãe disse.

"Oh. Oi."

"Você teve um bom dia?"

“Praticamente como a maioria deles,” eu disse.

Nós meio que tínhamos um acordo que cada um de nós não contaria ao outro mais do que o necessário sobre quaisquer dias ruins. Nós nunca dissemos uma coisa dessas em voz alta, mas era um acordo do mesmo jeito.

“Tenho ótimas notícias para você.”

"Boa. Eu poderia usar alguns.”



"Eu consegui um emprego. Vou trabalhar jantando naquele bom restaurante italiano na Sixth Street. É meio caro. E você sabe o que isso significa.”

Boas dicas. Isso é o que significava. Quanto maior a conta, maiores as gorjetas.

“Isso é ótimo,” eu disse. “Talvez possamos pagar nosso próprio lugar.”

“Não vamos nos precipitar, querida. De qualquer forma, começo na próxima semana.”

“Isso é bom, mãe.”

"Você parece-"

"Estou bem. Eu já vou sair, ok?”

Uma pausa. E então eu acho que ela deve ter ido embora. Porque eu nunca ouvi outro som depois disso.

00

Depois de me vestir de novo e secar o cabelo com o secador de tia Vi, saí para ver onde estava todo mundo. Eu podia ouvir mamãe e Vi conversando em voz baixa.

Quando enfiei a cabeça na cozinha, os dois pararam de falar e olharam para mim. Como se eu os tivesse pego fazendo algo errado.

— Por que você não me disse que a polícia veio? minha mãe perguntou.

Como se fosse minha ideia eles deveriam vir.

Ela não disse nada sobre meu lábio, mas talvez fosse apenas a luz. A luz da sala de estar brilhava atrás de mim, e provavelmente ela simplesmente não viu.

“Você não perguntou,” eu disse.

Acho que isso foi uma coisa de má atitude de se dizer. Eu não queria ter uma atitude ruim. Eu estava apenas cansado. Posso viver tudo ou posso responder por tudo, mas às vezes as duas coisas são demais para um dia.

Ninguém disse nada, e nada aconteceu, exceto que ficou bem claro para mim

– bem rápido – que eles não iriam terminar sua conversa comigo ali, ouvindo. Saí da cozinha novamente e atravessei a sala em direção à porta da frente.

Ouvi a tia Violet dizer: “Só acho que não...”

E minha mãe a interrompeu e disse: “Por favor, Vi. Por favor, eu estou te implorando. Precisamos de um pouco mais de tempo. Estaríamos literalmente na rua se...

Foi quando bati a porta da frente. Comigo do outro lado. Estava escuro e fresco, e eu me senti livre de alguma forma, estando nele. Ou mais livre, de qualquer maneira.

Olhei para a casa ao lado, respirei longa e profundamente, puxei os ombros para trás e marchei até lá. E bateu.

Ouvi grandes e incrivelmente profundos latidos de Rigby. Apenas três.

A porta se abriu.

O homem estava de pijama e um belo roupão de banho bordô brilhante, embora não fosse tarde demais. Rigby estava balançando o rabo para frente e para trás como se me conhecesse a vida toda. O rabo dela continuou batendo na parte de trás das coxas do cara, mas ele não agiu como se tivesse notado.

Seus olhos se estreitaram quando ele olhou para mim. Só um pouco, mas ainda assim...

"Sim?"

Quase perdi a coragem.

Eu tive que encher de fôlego novamente. Eu tive que endireitar meus ombros novamente.

Antes que eu pudesse falar, ele perguntou: "O que aconteceu com o seu..."

Eu não o deixei terminar.

“Isso foi uma coisa má e horrível de se fazer.”

Ele mordeu o lábio inferior por um momento. Apenas estudando meu rosto.

Então ele disse: “Pedi desculpas, então pensei que teríamos terminado com isso”.

"Não é isso que eu quero dizer, e você sabe disso."

“Eu não sei tanto quanto você parece pensar.”

"Você sabe o que fez."

“Eu honestamente não.”

“Chamando a polícia para nós assim. Quando você sabia que eu estava fazendo o meu melhor com ela. Foi cruel e horrível.”

“Eu não chamei a polícia.”

Isso caiu no alpendre e ficou ali por um minuto. Eu não tinha certeza do que fazer com isso. Eu realmente não acreditei nele. Mas é muito forte chamar um adulto de mentiroso. Isso é uma coisa bem radical de se aceitar.

"Bem, quem fez, então?"

Ele saiu para a varanda e Rigby saiu com ele. Ela se sentou perto do meu lado esquerdo, e eu coloquei minha mão em suas costas, e isso me fez sentir melhor.

"Olhe ao redor", disse ele, apontando para cima e para baixo na rua. "O que você vê? A superfície da lua com apenas essas duas casas? Ou vizinhos até onde a vista alcança?”

Então me senti incrivelmente estúpido. Porque deveria ter me ocorrido que qualquer um poderia ter chamado a polícia. Só porque eu não tinha conhecido nenhum dos outros vizinhos não significava que eles não podiam ouvir o tumulto.

"Você realmente não fez isso?"

“Deixe-me dizer-lhe algo sobre mim. Quando eu acho que algo é a coisa certa a fazer, eu faço. E se você me perguntar se eu fiz isso, eu vou te dizer a verdade, porque eu achei que era a coisa certa. Eu vou te dizer que eu fiz isso, e eu vou te dizer por que eu fiz isso. Eu não vou fazer algo e depois mentir sobre isso. Eu não chamei a polícia. Coloquei seus tampões de ouvido e li as notícias on-line em vez de assistir ao noticiário da TV e comi um jantar congelado de rosbife com purê de batatas. E isso é tudo."

“Ah,” eu disse. E quando eu disse isso, todo o meu cansaço me alcançou, de uma vez. Eu quase poderia ter derretido em uma pequena poça em sua varanda. "Eu sinto Muito. A sério. Muito, muito triste.”

"Desculpas aceitas."

"Este é um cachorro muito legal", eu disse, esfregando suas enormes omoplatas.

"Obrigada. Agora, se você me der licença…”

"Você a nomeou depois da música?"

"Que música?"

“Todo mundo conhece essa música. Sobre as pessoas. Quem está sozinho.”

“Eu apenas gosto do nome Rigby. Agora, se não houver mais nada…”

Mas havia. Eu juro, foi porque eu estava tão cansado. Eu me senti como um grande nervo em carne viva. Eu juro, eu não teria dito isso em nenhum outro dia. Eu teria filtrado. Naquela noite, eu estava sem filtro.

“Eu gostaria que você não tivesse cortado as orelhas dela. Eu sei que você vai dizer que não é da minha conta. E provavelmente você está certo. Ela é sua cachorra. É só que... essa cachorrinha nasce, e ela é exatamente do jeito que é, e eu não entendo como alguém pode pensar que o jeito que ela nasceu é errado de alguma forma. E de qualquer forma, eu gosto do jeito que eles ficam com as orelhas grandes que se dobram.”

Eu me atrevi a olhar para o rosto dele. Não parecia muito diferente do que sempre foi. Eu não conseguia ler nada em seus olhos.

"Você terminou?"

“Sinto que é nosso trabalho cuidar deles. Você sabe? E quando você cuida de alguém, você deve amá-lo do jeito que é. Não tente torná-los diferentes.”

Pausa.

"Algo mais?" ele perguntou.

"Não. sim. Apenas uma outra coisa. É doloroso para eles. Filhotes confiam nas pessoas, e não acho que devemos fazer nada que os machuque, a menos que seja absolutamente necessário.”

Outra pausa.

"Feito?"

"Sim. Feito."

“Eu não cortei as orelhas dela.”

Olhei para o cachorro... bem, quase mais como... *para* ela. Suas orelhas surgiram em minha linha de visão. Olhei para aquelas orelhas como se de repente as visse inteiras de novo. Então olhei para o vizinho. Imaginando que ele faria algum sentido com essa frase se eu apenas lhe desse tempo.

“Eu a peguei de um grupo de resgate de raças quando ela tinha oito meses.

Ela já estava cortada. Eu teria preferido um cachorro sem corte, mas gostei do temperamento desse cachorro.”

“Ah,” eu disse. Sentindo-se muito estúpido e ainda mais cansado. — Acho que devo mais desculpas a você, então.

“Acho que sim.”

"Peço desculpas."

"Ver? Isso pode acontecer com o melhor de nós.”

"O que pode?"

Sinceramente não entendi o que ele quis dizer. Eu pensei que ele ainda estava falando sobre corte de orelha. Como cortar orelhas pode acontecer com qualquer um a qualquer momento. O que não fazia muito sentido.

“Você não nos conhece. Então você não deveria ter nos julgado por algo que você não sabe nada.

"Oh. Direito. Eu disse isso. E então eu me virei e fiz a mesma coisa duas vezes, não foi?”

"Você fez. Então, talvez da próxima vez que alguém fizer uma suposição ruim sobre sua família, em vez de levar para o lado pessoal, talvez apenas reflita sobre

o fato de que qualquer um pode tirar uma conclusão errada. Até você."

Eu sabia que havia algo importante ali, mas estava cansado demais para realmente pensar nisso naquele momento. Eu sabia o que ele queria dizer, mas meu cérebro estava nesse modo de desligamento sério.

Eu cocei minha cabeça. Eu não sei por quê. Não coçou.

“Acho que vou ter que pensar sobre isso,” eu disse.

"Boa noite", disse ele.

“Desculpe por ter incomodado você.”

“Boa noite,” ele disse novamente.

Então ele voltou para sua casa, com Rigby o seguindo de perto, e fechou e trancou a porta. Deixando-me ali na varanda me sentindo a maior e mais desesperada idiota do mundo.



00002.jpeg

2. Tibete

O dia seguinte era sábado e dormi estranhamente tarde.

Quando cheguei à mesa da cozinha, mamãe e tia Vi estavam comendo ovos mexidos e torradas de centeio em absoluto silêncio. Minha mãe se levantou e me encontrou no meio do caminho, me segurando pelo queixo e virando minha cabeça para uma luz melhor.

“Vi me contou sobre seu lábio. Pobre bebê. Isso não vai precisar de um ponto, não é?

"Está bem. Vai cicatrizar bem.”

“Porque você sabe que se precisar de um ponto ou dois, encontraremos uma maneira.”

“Eu sei disso,” eu disse. Eu sabia. Eu também sabia que ela ficaria terrivelmente aliviada se isso não acontecesse.

“Eu sinto muito que foi um dia tão difícil ontem, baby. E eu não estava aqui.”

Ela jogou os braços em volta de mim e me abraçou. E apertei um pouco. Eu tentei não, mas então eu meio que fiz, de qualquer maneira. Não é que eu não quisesse que ela me amasse. Eu fiz. É que eu não gostava que ninguém sentisse pena de mim. Se eu fosse me machucar, ou ter dificuldades, eu queria fazer tudo sozinho, sem ninguém olhando.

“Estou bem,” eu disse, e ela entendeu a dica e me soltou. “Onde está Sofia?”

Minha mãe apontou para o quintal.

Fui até a janela e olhei para fora. Sophie foi dobrada em uma posição de esfinge pela cerca. Esperando. Rigby não estava à vista.

“É sábado,” eu disse. A ninguém em particular.

"E quanto a isso, querida?" minha mãe perguntou.

Eu me virei, surpreso ao ouvi-la tão perto atrás de mim. Ela estava no fogão, tentando acender a chama sob a frigideira de ferro fundido. Soprando nele para pegá-lo. O que finalmente aconteceu.

Na frigideira havia mais uma porção de ovos.

“Estes podem estar um pouco secos, querida. Eu sinto Muito. Não pensei que você fosse dormir tanto. Você deve estar exausto. E se for sábado?”

“O dono do cachorro provavelmente não trabalha no sábado. Então ele pode não deixar o cachorro sair.”

Eu estava olhando pela janela novamente, então, para Sophie, embora ela não tivesse movido um músculo. Ainda assim, parte de mim achava que não era certo deixá-la sozinha por muito tempo. Por outro lado, ela não estava se

movendo, e ela não iria se mover. Isso é uma coisa com a qual você pode contar com Sophie. Uma vez que ela trava em algo, você tem algum tempo.

“Ele vai ter que sair algum dia, pelo menos para fazer xixi,” minha mãe disse, parecendo um pouco nervosa.

“Ela,” eu disse. “O cachorro é uma ela. E então, depois que ela fizer xixi, ela vai voltar de novo.”

Não consegui ouvir absolutamente nada de Vi, mas ouvi minha mãe dizer:

“Agora, Violet, estou aqui para cuidar disso. Eu te prometo isso. Agora é só respirar. Por favor."

Olhei por cima do ombro para tia Vi. "O que você sabe sobre aquele cara ao lado?"

Tia Vi parecia refletir sobre isso. “Não muito, querida. Por que?"

Então eu me perguntei por que a pergunta deveria ter precisado de reflexão.

Ela ou sabia ou não.

“Parece meio mal-humorado,” eu disse.

— Você falou com ele?

"Sim. Por que?"

“Nunca falo com ele. Tudo o que sei é o nome dele. Paulo Inverness. E que ele é um agente de crédito em um banco. Eu não sei qual. Eu não sei outra coisa. Apenas nome e linha de trabalho. Na verdade, moro aqui há quinze anos e não disse mais de dez frases para aquele homem.

"Por que não?"

"Eu não sei. Nunca tive a sensação de que ele queria que eu tivesse. Ele guarda para si mesmo. Você fica longe dele. Eu não gosto de um homem que mora sozinho e fala com uma jovem, mas não com seus próprios vizinhos.”

“Não foi assim,” eu disse.

“Você não sabe.”

"Eu sei."

“O mundo é um lugar difícil.”

“Agora *que* eu *realmente* sei.”

Abri a porta do quintal.

"Onde você vai, querida?" minha mãe perguntou.

“Eu não me sinto bem com ela ficando sozinha por muito tempo.”

“Estou cuidando dela. Não se preocupe."

Eu continuei.

“E o seu café da manhã?”

"Você poderia trazê-lo para fora?"

Eu realmente não esperei por uma resposta. Eu estava me oferecendo para cuidar de Sophie, então carregar um prato de ovos mexidos não parecia

pedir muito.

Eu caminhei até a cerca e fiquei em cima dela. Ela deve ter visto minha grande sombra. Mas ela não pareceu registrar que eu estava lá.

"Hem", disse ela. "Bam, bam, bam."

Então talvez ela soubesse. Ou talvez ela estivesse dizendo isso o tempo todo.

A voz dela estava rouca. Mas não se foi.

“O que há com essa *bainha* , Sophie?” Eu sabia que tinha algo a ver com o cachorro, então eu disse: “Rigby. O nome do cachorro é Rigby.”

"Hem", disse Sophie.

Seu cabelo estava brilhante e limpo, e escovado. Minha mãe a limpou muito bem.

“Rigby.”

"Bainha."

“Rigby.”

"Bam, bam, bam."

Suspirei e voltei para a espreguiçadeira e me sentei.

Alguns minutos depois, um prato de ovos foi colocado na frente do meu nariz por trás. Eu estava tão perdido em minha própria cabeça, eu nem tinha visto ou ouvido eles chegando. Minha mãe colocou dois pedaços de torrada de centeio com manteiga no meu prato e um pequeno copo de suco de laranja.

"Obrigado", eu disse.

“Prove-os. Se eles não estiverem bem, eu vou te deixar fresca.”

“Eles vão ficar bem.”

“Prove-os.”

Eu dei uma mordida, tomando cuidado para não bater meu dente solto com o garfo. Eles estavam secos.

“Eles estão bem,” eu disse.

Estúpido desperdiçá-los. Eles não estavam secos o suficiente para jogar fora.

“Você tem certeza que está bem aqui com ela? Você teve um dia difícil ontem. Realmente deveria ser o meu dia.”

“Eu só quero ver o que acontece com o cachorro. Então eu vou tirar um tempo.”

Ela suspirou. Beijou-me no topo da minha cabeça.

“Gostaria que você deixasse seu cabelo crescer.”

“Eu gosto assim. Eu te disse."

“Ficaria bonito por muito tempo. Mais feminino. Ah... não importa. Eu sinto Muito. Esqueça que eu disse isso. Eu prometi a você que ia dar o fora, não prometi?

Ouvi a porta fechar quando ela entrou.

"Você fez", eu disse baixinho. "Duas vezes."

Eu tinha acabado com os ovos e estava na metade do segundo pedaço de torrada quando a porta lateral se abriu ao lado, e Rigby saiu pulando. Olhei para o rosto de Paul Inverness. Ele ficou ali parado na porta. Como se Sophie e eu pudéssemos ser apenas um sonho ruim. Ele parecia cansado de me ver ali. Para nos ver lá.

"Bainha!" Sophie gritou. "Bam, bam!"

Rigby deu três voltas e se agachou na grama, depois se juntou a Sophie pela cerca. Levantei-me e fui até lá, e Paul também. Ele estava vestido muito bem para um dia de folga. Não em um terno, mas calças bege com um vinco, e

sapatos de couro marrom, e uma camisa que era de um branco ofuscante. Ele estava recém barbeado e cheirava a algum tipo de loção pós-barba. Como se ele estivesse indo a um encontro. Não deixar o cachorro sair para fazer xixi.

“Pensei que ela perderia a voz e todos nós teríamos uma pausa.”

"Sim. Desculpe. Ela realmente não gritou até que sua voz se foi. Ela meio que gritou para dormir em vez disso.” Então nós dois ficamos parados ali, sentindo-nos estranhos. Bem, eu estou supondo sobre ele. Mas ele parecia estranho. “Eu realmente sinto muito pelo que eu disse a você ontem à noite.

Sobre as orelhas do seu cão. Eu estava cansado e estressado, e geralmente eu pensava uma coisa dessas, mas não dizia. Eu não sei por que eu disse isso. Eu não sei por que você atura todas essas coisas de mim. E você foi educado sobre isso. Estou surpreso que você não apenas me chutou escada abaixo e bateu a porta.

Então fiz uma pausa, finalmente meio disposta a ouvir o que ele diria de volta.

"Eu deixei você falar porque eu gostei do que você estava dizendo."

Eu fiz uma cara. Doeu meu lábio.

— Como você pôde?

“Gostei porque você estava defendendo meu cachorro. Eu gostei daquilo.

Você a estava defendendo. Pela mesma razão que deixei você continuar quando estava lendo para mim o ato de revolta sobre sua irmã. Essa é uma boa qualidade em uma pessoa. Defender alguém que não pode defender a si mesma.”

"Oh." O que era uma resposta estúpida, mas eu estava envergonhada e não sabia mais o que dizer. Então eu tive que dizer alguma coisa, então eu disse:

“É sábado”.

"Isto é. Graças a Deus."

“Você não trabalha no sábado.”

"Eu não. Graças a Deus."

“Se você odeia tanto o seu trabalho, por que você faz isso?”

“Porque faltam sete semanas para me aposentar e posso suportar qualquer coisa por tanto tempo. Até o meu trabalho.”

"Então... você está... em casa o dia todo?" Obviamente, eu estava tentando descobrir que tipo de dia com Sophie seria. Eu esperava que pudesse ser menos óbvio para ele.

"Não. Vou ver meu irmão e sua esposa do outro lado da cidade.

Achei estranho ele me dizer isso. Parecia informação demais. Ele não parecia o tipo de cara que diria para onde está indo. Ele parecia do tipo que diria apenas “tchau”. E, se você perguntasse, talvez o lembrasse que era a vida dele. Não é teu.

Parecia quase como se ele estivesse realmente feliz em visitar seu irmão, e ele queria que alguém soubesse.

“Tomar Rigby?” Mais cedo ou mais tarde, eu tinha que chegar a isso, e nós dois sabíamos disso.

"Não. Você está com sorte. Rigby vai esperar aqui.

Eu respirei profundamente. Como se não tivesse há muito tempo. Acho que ele percebeu.

"Agora é a minha vez de enfiar o nariz onde não deve", disse ele. “Talvez você pudesse simplesmente dar um cachorro para ela.”

“Sophie odeia cachorros.”

Então nós dois olhamos para ela, pressionando seu rosto contra a cerca, tentando chegar mais perto de Rigby. Eu sabia que devia soar como uma coisa estranha de se dizer.

"Hem", disse Sophie.

“Ela,” Paul disse, diretamente para Sophie. “Rigby é ela.”

A maioria das pessoas não falava diretamente com Sophie, então isso era interessante.

"Hem", disse Sophie.

Esse foi honestamente o primeiro momento que me atingiu. Sophie estava dizendo *ele* . Realmente, agora que eu sabia, poderia ser *ele* ou *bainha* tão fácil. Sua pronúncia não era perfeita, mas era o suficiente para *ele* que eu não conseguia imaginar por que eu não tinha entendido isso sozinho. Por que um estranho teve que descobrir isso para mim. Por outro lado, com tantas palavras quanto Sophie disse em sua vida, Paul Inverness ouviu quase tantas quanto eu.

Eu decidi que era algo que eu não queria me debruçar.



“Eu sei que não faz sentido, o que eu disse sobre ela não gostar de cachorros. É verdade, porém. Ela só gosta do *seu* cachorro. Não cães em geral.”

Outro pouco de silêncio, e então ele balançou a cabeça. Eu poderia dizer que ele tinha terminado com a conversa. Ele queria sair.

Ele se virou para ir.

“Divirta-se na casa do seu irmão,” eu disse.

Ele parou. Voltou. Deu-me o olhar mais estranho. Na verdade, era meio...

suspeito. Como se eu devesse ter um motivo oculto ao dizer isso. “Agora, por que você diria uma coisa dessas?”

“Eu... ah. Hum... eu não sei. Todo mundo não diz coisas assim? Você parecia estar feliz em ir ver seu irmão. Isso é tudo."

“Não estou feliz em ir ver meu irmão.”

"Mesmo? Parecia que você estava.”

“Eu não tenho ideia por que você diria isso. Eu nem gosto do meu irmão.”

Eu queria dizer: “Então por que você vai vê-lo?” Mas... não realmente, eu não fiz. Eu queria pensar. A conversa tinha tomado um rumo estranho, e não havia como eu dizer algo corajoso em voz alta.

Ele olhou para mim a caminho do portão. Deu-me este olhar. Como se a estranheza repentina fosse toda minha culpa, e nenhuma dele.

Fiz uma nota mental para não entrar em mais conversas com Paul Inverness.

Mais do que eu absolutamente precisava.

Entrei para contar a minha mãe as boas notícias. Que as coisas seriam fáceis por um tempo. Por algumas horas, pelo menos.

Algumas horas de paz é muito.

Dependendo do que você está acostumado.

00

Caminhei até a biblioteca, embora estivesse a quase três quilômetros de distância. Não é que eu não tivesse dinheiro para o ônibus. É que eu não tinha muito dinheiro, nunca, e se eu andasse, continuaria tendo.

Era uma filial menor do que eu estava acostumada, porque agora estávamos nos subúrbios. Quando entrei, meus olhos foram direto para a sala de informática. Tinha oito computadores, o que não era nem metade do que eu estava acostumado. Mas havia apenas duas pessoas usando-os. Eu estava acostumado com vinte computadores e uma linha.

Caminhei até o balcão do caixa. A mulher ali devia ter uns vinte e poucos anos, com cabelos loiros, mas com uma mecha azul de um lado.

Mostrei a ela meu cartão da biblioteca.

“Acabamos de nos mudar. Posso usar este mesmo cartão aqui?”

Ela piscou algumas vezes, como se perguntas fáceis fossem mais difíceis de responder do que as difíceis. Então ela disse: “É o mesmo sistema de biblioteca em todo o condado”.

"Oh. Boa. Obrigado."

Não que eu quisesse ler algum livro. Eu amo livros. Mas nunca os verifiquei.

Eu os li por horas e olhei as fotos neles, mas não os levei para casa, porque não queria que fossem arruinados. Mas eu sabia que precisava de um cartão da biblioteca para usar o computador.

Comecei sentando-me ao computador de referência para livros da biblioteca. Fiquei ali sentado com as mãos nos joelhos por alguns minutos, tentando pensar. Não importava muito, porque havia três terminais e ninguém estava esperando para usar nenhum deles.

Depois de um tempo, senti que havia alguém atrás de mim, então olhei para cima e ao redor. Havia uma mulher de pé sobre mim, talvez quarenta anos, com cabelos longos e lisos. Ela tinha olhos bonitos.

"Ajudá-lo a encontrar alguma coisa?"

"Oh. Não, obrigado. Eu sou muito bom em usar o sistema. Estou apenas tentando decidir para onde quero ir hoje."

Observei seu rosto por um minuto. Ela estava olhando para mim como se fosse engraçado.

"O que?" Eu perguntei.

"Nenhuma coisa. Eu gosto disso. Parecia bom. Onde você costuma ir?"

"Eu gosto de viajar. E livros de viagem. E eu gosto de procurar fotos e vídeos de viagens na internet. Mas meus favoritos são os grandes livros de mesa de centro que contam tudo sobre os lugares, mas também têm muitas fotos coloridas deles. Porque então eu aprendo sobre o lugar, mas sinto que posso vê-lo também. Mas geralmente, as bibliotecas não os têm, porque são muito caros. Eu vou a todos os tipos de lugares, mas o meu favorito é o Tibete. Então, se não consigo decidir, geralmente vou para o Tibete. Eu gosto de montanhas, então também gosto da Índia, Nepal e Butão, porque eles também têm o Himalaia. Mas também gosto dos Andes na América do Sul e dos Alpes. E eu gosto da Austrália, por causa da Grande Barreira de Corais.

Mesmo que isso não seja uma montanha.”

"Hum", disse ela. “Parece que você sabe exatamente o que quer.”

"Sim, senhora."

Eu sabia o que queria, tudo bem. Como obtê-lo era o problema.

Ela foi embora, e eu percebi que ela não poderia ter se importado menos, e que eu disse a ela muito mais sobre o que eu estava procurando do que ela



precisava saber. Nunca tenho muito a dizer, a menos que esteja em uma biblioteca ou livraria, e então falo demais. Eu nunca pareço acertar a coisa de falar.

Eu estava pensando em algo novo, então comecei a procurar pela Noruega.

Talvez em algum lugar ao longo dos fiordes ou algo assim.

Um minuto depois, ela voltou e disse: “Não temos muitas fotos no Himalaia, mas temos os livros Lonely Planet para o Tibete, Nepal e Butão”.

Ela me tirou da minha linha de pensamento. Eu me senti desorientado.

“Obrigado,” eu disse, “mas eu li o Tibet uma três vezes. E Nepal duas vezes.

Butão apenas uma vez.”

"Ler? Ou olhou através? Porque esses livros…”

Ela separou as mãos, exagerando sobre o quão grossas elas eram.

“Sim, senhora, eu sei que eles são grandes, porque eu os leio de capa a capa, e sei o quanto isso é leitura.”

"Nós vamos. Uau. Poderíamos encomendar outra coisa de uma das outras bibliotecas.”

"Uh. Não, senhora, tudo bem. Eu só vou no computador.”

Custa dinheiro cada vez que eles enviam um livro de outra filial.

“Você sabe que existe o banco de dados Road Warrior—”

"Sim, senhora. Eu sou bom nisso. Se algum dia eu for a um país totalmente novo, voltarei a ele. Mas eu já conheço todos os fatos que tem para todos os países sobre os quais acabei de falar.”

"Hum", disse ela. “Posso interessá-lo em um emprego como bibliotecário de referência?”

Eu ri, e isso machucou meu lábio.

“Acho que posso ser um pouco jovem.”

Ela colocou a mão no topo da minha cabeça por um segundo e depois foi embora. Durante todo o tempo em que a observei andando, ainda podia sentir aquela impressão quente onde a mão dela estivera.

Eu me acomodei na sala de informática e naveguei na Noruega por uma hora, mas nada me fez sentir do jeito que eu queria me sentir.

00

No caminho para casa, passei por uma livraria. Novo e usado, ambos.

Chamava-se Nellie's Books, e parecia legal por dentro. Não como o tipo de loja grande, novo e moderno com um bar de café expresso. Apenas livros.

Eu entrei.

A mulher atrás do balcão olhou para mim e sorriu. Por alguma razão, aquele sorriso era quase como o que eu estava procurando na Noruega, exceto que

não fazia sentido, porque eu nunca poderia viajar para o sorriso de alguém.

Por outro lado, também nunca chegaria à Noruega. Quem eu estava enganando?

“Você é Nellie?” Eu perguntei. “Ou isso é apenas um nome para a loja?”

Então eu fiquei lá pensando na coisa estúpida que tinha sido dizer. Por que eu me

importava? Eu não, eu apenas senti que tinha que dizer alguma coisa.

Mas então eu nem sabia por quê. Eu pensei, “Oi” teria sido bom.

"Na carne", disse ela. "Com o que posso ajudar?"

“Eu queria saber se você tem algum daqueles livros grandes e bonitos de mesa de centro sobre viagens.”

“Algum lugar especial?”

“As montanhas são sempre boas.”

Ela me olhou um pouco engraçada quando eu disse isso. Acho que porque a maioria das pessoas viaja para um país, não para uma forma do solo.

"Eu tinha algo legal na seção de usados sobre o Himalaia", disse ela.

“Deixe-me ver se ainda tenho.”

Meu coração pulou. Se fosse usado, talvez eu até conseguisse. Mas foi apenas um daqueles pensamentos de fração de segundo. Esses livros custam muito dinheiro, mesmo usados. Além disso, eles eram muito legais para trazer para minha casa.

Eu a segui por alguns corredores, observando-a, mas mais pelos cantos dos meus olhos. Então, caso ela olhasse de volta para mim, não pareceria que eu estava olhando. Ela tinha o cabelo como o de Sophie, mas um pouco mais castanho, e seus olhos eram castanhos. Eu gostava do nariz dela, mas eu realmente não sabia por quê. Eu não poderia te dizer nada de errado com meu nariz, exceto algumas sardas, mas de repente, eu queria trocá-lo pelo dela.

Então ela parou e pegou um livro da estante e o segurou com a capa virada para mim. Eu juro, meus joelhos viraram manteiga. Senti que poderia cair.

Tinha uma foto na capa que era muito parecida com a primeira foto que eu tinha visto do Tibete, fez minha cabeça parecer nebulosa e distante, como se isso não estivesse realmente acontecendo. Era como se o lugar tivesse me seguido e me encontrado. Tinha o templo branco com o telhado chique, as montanhas incrivelmente escarpadas e nevadas atrás dele, as crianças sorridentes em roupas

brilhantes, as bandeiras de oração balançando ao vento. Nós vamos. Era uma imagem parada, é claro, então as bandeiras de oração não estavam sendo hasteadas. Exceto que eles eram, e você poderia dizer.

As crianças no Tibete estão sempre sorrindo em fotos. Acho que isso pode ser parte de como tudo isso começou.

Tinha a palavra *Himalaia* bem grande na capa e em letras menores mencionava Tibete, Nepal, Butão, norte da Índia e norte do Paquistão.

“Posso ver?” Estendi minhas mãos. Eles estavam tremendo, e acho que ela percebeu.

Segurei o livro em minhas mãos por um minuto. Era enorme e pesado. Virei-o e olhei para a etiqueta de preço. Cinquenta e cinco dólares, usados. Mas você realmente nunca saberia que foi usado. Exceto por um canto esburacado, foi perfeito.

“Posso sentar e olhar?”

"Claro."

Ela me mostrou uma bela poltrona estofada. Estava bem longe do balcão dela, mas eu podia vê-la de lá, e ela podia me ver. Sentei-me e tirei meus sapatos e sentei de pernas cruzadas em meus pés de meia, porque eu não queria sujar a cadeira dela. Abri o livro entre meus joelhos.

Olhei para cima para ver que ela estava atrás do balcão novamente, lendo.

Virei uma página de cada vez, meus olhos principalmente atraídos para as montanhas nevadas. Eu nunca tinha visto neve na minha vida. Nem uma vez.

Mas eu não queria vê-lo meio arado em uma rua da cidade. Eu queria ver assim. Soprando no topo de uma alta montanha, ou em cornijas, ou se instalando nos penhascos desses picos incríveis. Eu até queria ver uma avalanche. Mas apenas de uma distância longa e segura, é claro.

“Você vai para lá quando crescer?” Ela nem ergueu os olhos do livro quando perguntou.

Eu olhei para cima da minha e a encarei por um minuto.

"Acho que não."

“Essa não é a resposta que eu esperava.”

Ela olhou para mim. Eu rapidamente desviei o olhar.

“Eu tenho que ficar e ajudar minha mãe.”

"Para todo sempre?"

“Bastante, sim.”

“Eu odeio ser um infortúnio, mas sua mãe não vai viver para sempre.”

"Oh. Então eu *realmente* teria que ficar. Porque se minha mãe não estivesse por perto para cuidar de Sophie, eu teria que fazer isso.

Então me chutei com força e esperei que ela me perguntasse quem era Sophie e por que eu tinha que cuidar dela. Ela nunca fez.

Voltei a virar as páginas. O próximo tinha monges naquelas vestes laranja.

“Talvez você ganhe muito dinheiro e possa pagar alguém para ajudar sua mãe enquanto viaja.”

Meus olhos se ergueram novamente. “Eu gosto do som disso,” eu disse.

Eu estava esperando que ela dissesse mais, mas ela não disse. Então eu olhei através do livro. Era exatamente onde eu queria ir naquele dia. Era exatamente onde eu queria ir todos os dias. Eu já estava começando a sentir que não queria largá-lo. Eu não queria deixá-lo aqui. E se alguém entrasse e comprasse? Eu senti como se fosse meu. Ou pretendia ser, de qualquer maneira. Já era muito ruim pensar que era de outra pessoa.

“O que atrai você para os países do Himalaia?”

A voz dela me fez pular.

"Nós vamos. Eu vi essa foto quando era pequena. Era muito parecido com o da

capa deste livro. Era tão diferente de qualquer lugar que eu já estive. E

tudo o que havia de diferente nele parecia melhor. Eu nunca estive nas montanhas ou vi neve. Eu não sei. Tudo estava certo sobre isso. Ou talvez eu só tenha gostado porque é do outro lado do mundo daqui."

Então eu sentei lá por um minuto, querendo apagar a última frase. Não consegui, então decidi adicionar mais.

"Você já viu uma raposa tibetana? Não se parece com nenhum outro tipo de raposa no mundo. Juro, parece um desenho animado. Não parece uma raposa de verdade. Parece um personagem de raposa falante que alguém desenharia vestindo uma jaqueta de fumar, fumando um grande cachimbo. Seu rosto parece muito sofisticado."

Ela sorriu. Isso foi bom.

Eu mergulhei.

"Você sabia que metade de todos os diferentes tipos de plantas que você pode encontrar em qualquer lugar da China estão no Tibete? Quatrocentos tipos de rododendros. Não quatrocentos tipos diferentes de flores.

Quatrocentos tipos diferentes *daquela* flor. Mais de quinhentas espécies de orquídeas selvagens. Quatro mil plantas diferentes e mais de trinta por cento de todas as aves que você pode encontrar em todo o subcontinente da Índia.

E quatrocentos tipos diferentes de borboletas. Você sabia disso?"

Ela estava olhando para o meu rosto, então eu desviei o olhar.

"Você está lendo isso para mim?"

"Não Senhora. Isso não está neste livro. Quer dizer, não que eu tenha chegado ainda. Eu só sei disso."

"Bem, para responder à sua pergunta, acho que as únicas pessoas que sabem disso são as pessoas que trabalham em agências de viagens tibetanas e você.

E... por favor... eu sei que sou velho comparado a você. Mas ainda penso na

senhora como alguém mais parecido com minha mãe. Nellie. Por favor."

“Nélia. Desculpe. Eu nunca sei quem sabe coisas assim e quem não sabe.”

Ela não respondeu por um tempo, mas também não voltou ao livro. Ela estava olhando pela janela. Estava à sua esquerda, e eu não conseguia descobrir se havia algo lá fora ou se ela estava apenas pensando.

Então ela disse: “Você sabe, não é o que costumava ser antes da invasão chinesa”.

"Sim. Eu sei."

“E o turismo não está ajudando. Nós vamos. Isso ajuda. Mas também dói.

Ouvi dizer que os rios estão realmente fluindo com lixo.”

“Não importa,” eu disse. "É apenas um sonho. Eu nunca vou chegar lá, de qualquer maneira.”

Fechei o livro e comecei a me levantar.

"Sinto muito", disse ela. “Não vá.”

“Não é sua culpa se há lixo nos rios.”

“É minha culpa eu ter falado sobre isso enquanto você estava sonhando.”

“Não importa,” eu disse. “Eu só tenho que ir para casa. Não posso viajar, não posso comprar este livro e tenho que ir para casa agora.”

“Você poderia voltar novamente e ver o resto.”

"Bem, sim. Pode ser. Talvez eu vá."

Levei-o até o balcão, porque não conseguia me lembrar para onde deveria estar. Você nunca deve colocar um livro de volta na estante a menos que consiga se lembrar para onde ele deve ir.

"Tenho um grande estoque para fazer em breve", disse ela. “Eu deixaria passar por quatro horas de trabalho duro.”

Eu o coloquei em seu balcão e desviei o olhar. Pela mesma janela que ela estava olhando. Não havia nada lá fora.

Eu não percebi que ela realmente precisava de ajuda. Parecia mais caridade.

O que... quero dizer... eu sei que ela teve boas intenções e tudo. Mas não gostei da sensação.

“Essa é uma boa oferta, senhora. Quero dizer, Nellie. Mas eu não posso trazer esse livro para casa, de qualquer maneira. Só seria arruinado.”

"Não há lugar seguro em sua casa para manter um livro?"

“Bem... eu tenho esse baú de metal que tranca. Mas eu teria que tirá-lo algum dia, ou qual é o sentido de tê-lo? E eu me sentiria muito mal se fosse arruinado. É bom demais para isso. Você sabe?"

"Quer que eu coloque atrás do balcão, e você pode pensar sobre isso?"



“Hum...” Eu pensei novamente sobre como me sentiria se eu viesse vê-lo e alguém o tivesse comprado. Alguém que tinha muito dinheiro e não precisava pensar duas vezes sobre cinquenta e cinco dólares, e não precisava se preocupar com o livro, porque o que custava não era muito para eles desperdiçarem. “Isso seria realmente bom. Obrigado."

"Qual o seu nome?"

Eu só fiquei lá como um idiota por um minuto. Porque eu estava tentando descobrir por que ela se importaria.

Antes que eu pudesse resolver isso, ela disse: “Se vou segurar um livro para você, tenho que colocar seu nome nele”.

"Oh. Direito. É a Ângela. Você precisa do meu sobrenome também?

"Não. Apenas seu primeiro nome e número de telefone servirão.”

"Oh. Não sei meu número de telefone.” Então eu estremeci, ouvindo o quão incrivelmente estúpido isso soava. “Acabamos de morar com minha tia,

anteontem. Ainda não memorizei o número.”

"Tudo bem. Basta trazê-lo da próxima vez que você entrar.”

"Eu irei. Obrigado."

Eu a vi escrever meu nome com uma letra grande e cheia de curvas em um post-it amarelo. Quando ela o prendeu na capa do livro, eu pensei, viu? Você sabia que aquele livro era para ser seu.

Exceto que eu ainda não acreditava que seria.

Então eu saí para a rua e pisquei para a luz e percebi que ainda não tinha matado duas horas, caminhada incluída. Não era realmente verdade que eu precisava chegar em casa. Eu não precisava e não queria. Era aquela mulher.

Eu gostava dela, mas ela me fazia sentir como se eu não tivesse pele. Como se não houvesse nada para me proteger de alguém ver. Ou até mesmo entrar.

Caminhei por uma hora e sentei em um parque por mais uma hora. Eu diria o que estava pensando, mas honestamente, não sei. Eu nem sei que eu era.

00

Quando cheguei em casa, minha mãe e minha irmã estavam no armário. Isso nunca foi um bom sinal. Encontrei-os seguindo o som. Eu podia ouvir Sophie, mas sua voz era apenas um resquício rouco. Iria embora em breve. O

que significava que ela estava nisso há muito tempo.

Abri a porta do armário.

Minha mãe olhou para mim. Ela parecia meio assustada. Então seu rosto ficou suave, como se ela estivesse feliz por ser apenas eu.

“Você pegou as caixas de ovos,” eu disse.

Enquanto eu estava fora, minha mãe tinha esvaziado o armário no quarto de hóspedes de tia Vi, o quarto em que todos nós deveríamos de alguma forma se encaixar, e forrou as paredes do armário com caixas de ovos vazias. Ela os

trouxe em uma caixa de papelão do nosso antigo armário à prova de som em nossa antiga casa.

“Sim, graças a Deus aquele cara ao lado se foi o suficiente para que eu pudesse fazer isso.”

Entrei no armário e fechei a porta atrás de nós. Eu não tenho certeza do porquê. Mal havia espaço para eu sentar de pernas cruzadas no chão. Meu joelho estava contra o lado de Sophie, mas ela não parecia se importar.

Minha mãe estava afastando o cabelo da testa de Sophie, uma e outra vez.

Acariciando sua testa mais do que qualquer outra coisa, eu acho. Sophie não gosta muito de ser tocada, mas às vezes, quando está muito cansada e esgotada, parece hipnotizá-la. Seu rosto estava vermelho e suado. Estava um pouco quente no armário, então não fiquei surpresa.

Sua voz estava tão fraca que minha mãe e eu podíamos falar sobre ela sem forçar nossas gargantas.

“Onde está a tia Vi?”

Ela não respondeu por um longo tempo. Sempre que minha mãe espera muito tempo para responder uma pergunta, a resposta não vai ser boa.

“Em um motel.”

"Ela foi para um motel?"

"Temo que sim."

"Nós a expulsamos de sua própria casa?"

"Eu não sei o que te dizer, garoto."

"Por quanto tempo?"

"Eu não faço ideia."

Então nós apenas sentamos lá por um minuto. Estava ficando muito quente e eu estava prestes a sair de lá.

Então ela perguntou: “Onde você foi hoje?”

Não como se eu tivesse que me reportar. Mais como se ela quisesse que eu soubesse que ela estava interessada. Ela sempre se esforçava para mostrar que estava interessada em tudo o que eu fazia. Acho que porque Sophie era uma esponja de atenção. Mas, na verdade, nada teria me deixado mais feliz do que se ela cuidasse principalmente de Sophie e me deixasse fazer o que faço sem ninguém olhando. Sempre me deixou desconfortável sentir que alguém estava me observando fazer as coisas simples e estranhas que eu fazia todos os dias.

"Biblioteca."

“Enviando e-mails para seus amigos da sua antiga escola?”

"Tipo de. Eu acho. Coisas de computador. Você sabe. Navegação na web e um pouco de coisas sociais.”

Eu não tinha amigos na velha escola. Não ao nível em que sentiriam minha falta. Mas eu não queria que minha mãe soubesse disso. E eu não queria que ela soubesse da viagem, porque eu sabia que isso só a faria se sentir mal.

“Aquele cara ao lado não é um homem legal”, disse ela. Do nada assim.

Minha cabeça levantou de repente, mas ela estava olhando para Sophie, escovando, e ela não viu.

— Você falou com ele?

"Sim. Por que?"

"Você falou com ele através da cerca?"

“Não, eu fui até lá.”

“Dizer o quê?”

“Temos que descobrir como fazer Sophie passar mais tempo com aquele cachorro.”

“Não podemos. Não tem jeito. Ela é o cachorro dele.”

"Sim. É mais ou menos isso que ele disse. E sem chance de ele se separar do cachorro…”

"Você pediu a ele para nos dar o cachorro?" Ouvi minha própria voz subir, afiada.

"Não! Não dê. Eu o teria pago. Não imediatamente. Em parcelas, talvez.”

Então eu estava de pé, e eu nem sabia como cheguei lá.

“Eu não posso acreditar em você! Esse é o cachorro dele! Esse cachorro é o melhor amigo dele! Você não pede a alguém para lhe vender seu melhor amigo!”

"Eu apenas perguntei. Ele pode dizer não. E ele fez."

“Eu não posso acreditar que você sequer perguntou. E se isso acalmasse seu cachorro por estar perto de Sophie? Você venderia a ele Sophie?

Então ela estava de pé também, nariz com nariz comigo, e Sophie ainda estava no chão, gemendo.

“Você *não* compara sua irmã a um cachorro!”

“Não estou comparando Sophie a um cachorro. Você me conhece melhor que isso. Estou comparando aquele cachorro com uma pessoa. Aquele cachorro é a única pessoa esperando por aquele cara quando ele chega em casa do trabalho todos os dias. Você acha que isso não significa nada? Esse é o melhor amigo dele. Não é um carro usado.”

“Estamos em apuros aqui, caso você não tenha notado. Ele poderia pelo menos ter sido legal sobre isso.”



“Eu não o culpo. Eu também não teria sido legal com alguém que fizesse isso comigo.”

Eu explodi para fora do armário. E então eu não conseguia descobrir para onde ir.

Acabei saindo para trás e deitando na espreguiçadeira na grama dos fundos.

A brisa estava fresca, e eu podia senti-la secando o suor no meu rosto.

Pensei naquele armário e fiquei com claustrofobia, mas dessa forma estranha e tardia. Como se minha vida inteira parecesse aquele armário à prova de som. Muito perto e muito quente. Não há maneira de realmente espalhar os cotovelos ou esticar as pernas.

Depois de um tempo, minha mãe enfiou a cabeça para fora da porta dos fundos e disse: “Gostaria que você não ficasse com raiva de mim”.

"Você poderia me dar um pouco de tempo?"

Isso é um problema com a minha mãe. Ela odeia que alguém fique bravo com ela. Especialmente eu. Então ela quer que eu supere isso em cerca de um segundo. Ou até mesmo dizer que superei. Mas preciso de mais tempo. As coisas ficam emaranhadas em mim, e eu tenho que deixá-las se desenrolar gradualmente. Não adianta apressar.

Ela deve ter entrado então, porque nunca mais ouvi uma palavra dela depois disso.

00

Adormeci por um tempo sem querer. E isso é apenas... eu não posso te dizer o quão estranho isso é para mim. Eu nunca tiro sonecas durante o dia.

Metade do tempo, nem durmo muito à noite, e talvez isso seja parte do problema.

Eu abri meus olhos.

O sol estava quase se pondo. E minha mãe estava sentada na espreguiçadeira, ao lado do meu quadril. Me vendo dormir.

"Você ainda está bravo comigo?"

Ela parecia triste. E talvez até um pouco assustado.

“Como posso ser? Estou a dormir. Eu não posso ficar bravo enquanto durmo.”

Ela sorriu, mas sem realmente perder o olhar triste. Ela tinha o cabelo comprido em uma daquelas tranças soltas que ficavam bem nela. Pequenas mechas tinham saído da trança e estavam caindo ao redor de seu rosto, mas até isso parecia legal.

Ela começou a acariciar minha testa, do jeito que ela fez com Sophie. Exceto que eu não tinha muito cabelo para tirar do caminho.

“Onde está Sophie? Você não a deixou no armário sozinha, deixou?

"Claro que não. Você sabe que eu não faria isso. Ela está dormindo. Eu a coloquei na cama.”

“Horrível cedo. Eu me pergunto se ela vai dormir a noite toda.

"Oh Deus. Aqui está a esperança.”

Silêncio por um tempo. Eu a deixei continuar acariciando, porque era bom.

Então ela disse: “Eu odeio quando você está com raiva de mim.”

"Eu sei que você faz. Mas às vezes as pessoas só precisam ficar bravas.

Quero dizer, esse é o cachorro dele, pelo amor de Deus.

Ela colocou a mão sobre minha boca, mas suavemente.

“Não comece de novo.”

Revirei os olhos, e ela pegou a mão de volta.

"Você sabe que eu tive boas intenções", disse ela.

"Eu sei. Eu sei que você está apenas tentando nos arranjar um lugar do qual não seremos expulsos de novo.

“Parece meio estúpido, no entanto. Juro, parecia uma boa ideia na época, mas agora não consigo lembrar por quê. Pela minha vida, não consigo me lembrar de como me convenci a pensar que era um bom pensamento.”

“Faz apenas alguns dias. Como você sabe que Sophie não vai odiar o cachorro

amanhã?

“Sofia? Perder o interesse em alguma coisa? Quero dizer, se ela já se interessou por isso para começar?

"Nós vamos. Isso é um ponto."

“Eu estava pensando em ver se podemos encontrar um Dogue Alemão preto.

Você acha que ela notaria a diferença se tivesse orelhas normais?

“Eu acho que ela notaria a diferença se fosse um companheiro de ninhada.

Acho que ela notaria a diferença se você tivesse aquele cachorro clonado.

Não é sobre a aparência do cachorro. É algo dentro do cachorro que ela gosta.”

"Isso não soa como Sophie."

"Acredite em mim. Eu os tenho observado.”

“Às vezes me sinto um completo idiota.”

“Eu me sinto assim algumas vezes por dia.”

“Quero dizer em torno de *você* , no entanto. Às vezes eu sinto que você sabe mais do que eu. Como quando discordamos sobre algo, você geralmente está certo. Eu sinto que você é mais maduro do que eu. E isso me assusta.”

“Eu não sou mais maduro do que ninguém,” eu disse.

Mesmo sabendo que não era verdade. Pode haver um monte de coisas que eu não tinha descoberto como ser ainda, mas madura não era uma delas. Eu



estava me sentindo desconfortável com essa linha de conversa. Eu nunca disse isso em voz alta para ela... ainda não... mas eu sabia exatamente o que ela queria dizer. E isso me assustou também.

Na verdade, acho que me assustou mais.

00

Depois que ela entrou, sentei-me na beirada da espreguiçadeira por um longo tempo. Estava ficando quase escuro, mas por alguma razão, eu não estava me movendo. Era como se eu não conseguisse me motivar a fazer nada além disso.

Finalmente, um movimento chamou minha atenção, e eu olhei para cima para ver Rigby olhando para mim através da cerca, balançando o rabo. Como se ela apenas balançasse o suficiente e pacientemente o suficiente, ela poderia dissolver a cerca e ir até lá e dizer oi. Eu sorri um pouco, sem realmente querer.

Eu quase queria não olhar para cima e ver Paul parado atrás dela. Eu senti, por um minuto, como se pudesse evitá-lo.

Mas então eu o ouvi dizer: “Ah, vamos lá, Rig. Faça o que você veio fazer aqui.”

Eu olhei para cima. Trancado em toda aquela desaprovação.

Suspirei. Acordei. Caminhou até a cerca. Coloque meus dedos para Rigby fungar.

“Sinto muito pela minha mãe,” eu disse.

Não teve a reação que eu esperava.

Ele ficou ainda mais ereto, como se seus ombros estivessem se transformando em algo mais duro do que o material do ombro. Concreto ou granito. Sua testa franziu.

"Aqui está a coisa sobre sua pequena família", disse ele. “Eu não quero fazer parte de nada disso. Aqui está o que eu quero: eu quero ser deixado sozinho.

Eu quero silêncio. Eu quero paz. Quero que minha vida seja o mais descomplicada possível. Você parece ser um garoto muito legal. O resto daquela gangue ali, não tenho tanta certeza. Mas esse não é o meu ponto. O

que quero dizer é que é complicado do seu lado da cerca. Eu quero simples.

Eu quero calma. Se você me trouxer qualquer parte de sua vida, então minha vida também se complica. Entendeu o que estou dizendo?

“Bastante, sim.”

“Só quero ficar sozinha.”

“Eu entendo essa parte.”

"Você sim. Eu acredito que você faz. E eu acredito que você vai me deixar em paz se eu pedir. Mas você não pode deixar sua irmã quieta.

"Não senhor. Eu não acho que nada poderia deixar minha irmã quieta.”

“Você não pode fazer sua mãe cuidar da própria vida.”

"Bem... eu não tenho certeza se isso é verdade." Eu olhei para cima do rosto doce de Rigby e para o seu não tão doce. Mal havia luz suficiente para ver sua expressão. “Eu gritei com ela um pouco por isso.”

Ele ficou ali, quieto, por um minuto. Eu assisti seu rosto mudar. Não é uma grande mudança. Só um pouco. Passou de um rock para... quase... curioso.

— E ela tirou isso de você?

"Mais ou menos. Majoritariamente. Ela ficou brava com uma coisa que eu disse. Eu disse: 'E se ele viesse aqui e dissesse a você que Sophie manteve seu cachorro legal e calmo? Você venderia Sophie para ele? Ela ficou brava e disse que eu estava comparando minha irmã a um cachorro. Mas eu não estava. Eu estava comparando seu cachorro com a irmã de alguém. De qualquer forma, ela odeia quando estou bravo com ela. Então ela realmente pode não fazer isso de novo.”

"Você realmente disse tudo isso para ela?"

"Eu fiz."

Ele tinha esse olhar em seus olhos. Só por um segundo. Quase como... como se ele olhasse para mim ou algo assim. Eu sei que isso parece loucura. Mas apenas por um lampejo de um segundo, ele estava lá. Em seguida, ele rebocou sobre ele novamente.

“Na verdade, gosto da maneira como você vê as coisas. Mas…"

“Você só quer ficar sozinho.”

"Sim."

"Multar. Eu posso fazer isso."

“Eu sei que você pensa que eu sou o velho mais rabugento do planeta. A maioria das pessoas faz. Eu realmente não estou. Ou de qualquer maneira, eu não estou tentando ser. Eu acabei de…"

“Quer ficar sozinho.”

"Sim."

"Tudo bem", eu disse. "Sem problemas."

Voltou-se para sua casa. Eu o observei subir em seu alpendre lateral. Parecia uma espécie de falso retiro, porque ele não voltaria sem o cachorro. Ou pelo menos, eu não acho que ele iria. Eu acho que ele poderia, mas normalmente, ele ficava fora até que ela fizesse o que ela veio fazer lá. Tudo o que ela tinha feito até agora foi acenar para mim através da cerca.

“Ela tem boas intenções,” eu disse.

Ele se virou bruscamente.

"Who? Sua mãe ou sua irmã?”

“Ambos, eu acho. Mas eu quis dizer minha mãe. Ela está tentando ser uma boa pessoa. Você sabe? Ela está fazendo o seu melhor.”

Uma longa pausa.

Então ele disse: “A estrada para o inferno está pavimentada com boas intenções”.

“Eu nem sei o que isso significa.”

“Isso significa que pessoas como ela causam muitos danos enquanto tentam ser legais.”

“E pessoas como você causam muito dano enquanto você *não está* tentando ser legal.”

Meu cérebro formigava, esperando para ouvir o que ele diria. Eu não estava acostumada a insultar adultos. Mas esse adulto parecia diferente. Eu senti quase como se não pudesse errar com ele. Quanto mais rude eu ficava, mais ele me admirava.

"Não é um ponto ruim", disse ele. "Mas…"

“Você só quer ficar sozinho.”

"Sim."

Então ele entrou. Sem o cachorro.

Essa foi a última conversa que tive com Paul Inverness por três semanas. Se alguém tivesse me perguntado na época, eu teria dito que seria minha última conversa com ele. Em toda a minha vida, tanto antes quanto depois, acho que nunca estive tão longe de estar certo.



00002.jpeg

3. Inventário

Três semanas depois — três semanas em uma nova escola e muito atrasada em meus trabalhos escolares —, um sábado novamente, ouvi alguém bater na porta.

Tia Vi estava há muito tempo de volta de sua estadia no motel, mas ainda na cama. Minha mãe estava no quintal, observando Sophie enquanto ela esperava silenciosamente na grama, perto da cerca, para Hem aparecer.

Eu respondi.

De pé na varanda estava Paul Inverness.

Ele estava vestindo jeans e um moletom cinza. Ele não tinha se barbeado.

Sua barba de um dia estava branca como a neve. Seus olhos pareciam exatamente da mesma cor cinza de seu moletom.

“Achei que você queria ficar sozinha,” eu disse.

“Eu sabia que você diria isso. Mas tenho uma proposta de negócios para você.

Eu ri, uma pequena explosão curta. Saiu quase como cuspir.

“Você quer fazer negócios comigo? Eu tenho quatorze."

“Quero oferecer-lhe um pequeno emprego.”

Senti meus olhos se estreitarem. "Fazendo o que?"

“Cão passeando.”

"Oh. Você quer que eu ande com Rigby?

“Só por algumas semanas. Minha ciática está queimando novamente. Eu tenho visto o quiroprático, mas demora um pouco antes que ele possa oferecer muito alívio. Este é o pior que já foi. Dói até o meu calcanhar.

Todos os dias que eu tive esse cachorro, eu andei com ela duas milhas, a menos que eu andasse mais com ela. Eu nunca perdi um dia. Nem um dia.

Não é um feriado. Não é um dia doente. E agora eu perdi ontem e anteontem.

Não é justo com ela.”

Parecia um discurso que ele havia ensaiado algumas vezes. O que, se isso fosse verdade, tornava o interior de Paul Inverness mais parecido com o meu interior do que eu podia imaginar.

"Então... todos os dias?"

"Sim. Só por algumas semanas.”

"Quantos?"

“O que você acha que é um preço justo?”

"Eu não faço ideia. Não sei o que os passeadores de cães ganham. Faça-me uma oferta."



"Nós vamos. Deve levar cerca de meia hora. Então, que tal... dez dólares?

Meus olhos se abriram mais. Eu podia sentir isso. Eu tentei mais de uma cara de pôquer. Eu não acho que funcionou.

"Dez dólares."

"Sim."

"Por…"

"Dia. Por caminhada.”

Isso era vinte dólares por hora, basicamente.

Eu estendi minha mão, rápido. Para agitar nele. Antes que ele ficasse esperto e percebesse que tinha dado um lance muito alto. Sua mão era macia, como

parecia. Como se ele nunca tivesse feito trabalho duro. Mas meio forte também. E seco.

"Eu não deixaria qualquer um passear com meu cachorro", disse ele, antes de descer da varanda. “Eu provavelmente costumava pensar que nunca confiaria em *ninguém* com meu cachorro. Mas eu gosto da sua atitude em relação a ela.

Eu não conseguia pensar no que dizer sobre isso. Mas isso realmente não importava. Antes que eu pudesse abrir a boca, ele estava no meio do caminho de volta para seu próprio quintal, e longe demais para ouvir.

00

Encontrei minha mãe no quintal e contei a ela sobre meu novo emprego.

"Oh, querida", disse ela. "Meu Deus. Isso é fabuloso. Precisamos muito desse dinheiro. Setenta dólares por semana! Isso é uma grande ajuda.”

Então ficamos em silêncio e olhamos um para o outro. E nós dois deixamos isso acontecer. Eu absorvi o fato de que ela achava que o dinheiro era para a família, enquanto eu a observava se ajustar à ideia de que eu achava que seria meu.

“Ah, eu sei, querida. Não é justo com você, mas precisamos disso. Eu até te pago de volta. Juro. Vou manter um registro de cada centavo e te pagar de volta quando as coisas melhorarem.”

Quando as coisas estão melhores. Na minha família, isso era código para nunca. Eu não disse isso em voz alta.

“Você não tem que me pagar de volta. Eu faço parte desta família.”

Mas minha voz soava pesada e doente, como se eu tivesse acabado de saltar de um penhasco muito alto e aterrissado em uma pilha de depressão. Bem…

não havia “like” nisso. Isso é exatamente o que era.

“Oh, querida, me desculpe. É só isso-"

“Eu não consigo manter nada disso? Mesmo um pouco?"



"Este é um bom ponto. Você deve manter um pouco.”

Então esperei, mal respirando, enquanto ela decidia minha pequena.

“Você guarda o dinheiro para a primeira caminhada toda semana. Como é isso?”

Uau, pensei. Isso é um pouco, tudo bem.

"Tudo bem", eu disse. E virou-se para ir embora.

“Angie, não fique brava.”

Eu parei e me virei. "Eu não sou louco."

"Você parece louco."

"Eu não sou louco. Eu só tenho que ir passear com o cachorro.”

00

"Entre", disse Paul, e ele se afastou da porta. “Entre logo.”

Essa era a última coisa no mundo que eu esperava que ele dissesse. Eu esperava que ele me entregasse a coleira com a porta meio fechada para que eu não pudesse nem ver o interior.

Entrei em sua sala de estar. Tentei entrar no quarto sem ser muito óbvio em olhar ao redor. Rigby sentou-se ao meu lado esquerdo, e eu acariciei a parte de trás de seu pescoço, daquele grande osso do crânio até o colarinho.

Definitivamente parecia a sala de estar de um homem. Não havia cores. O

tapete era cinza, a enorme TV de tela plana era preta, o sofá de couro e a poltrona reclinável eram pretos. Foi descomplicado, assim como ele disse.

Não havia nada espalhado em qualquer superfície. Sem revistas. Nenhum correio. Nada de xícaras ou copos.

Uma grande estante cobria uma parede inteira, mas não estava completamente cheia. Ele o usava para exibir vasos, estátuas e quadros em muitos lugares que não estavam cheios de livros. Havia uma foto de uma mulher naquela estante.

Uma mulher bonita de cabelos escuros com um nariz comprido e reto. Achei que talvez ele tivesse uma esposa, mas ela morreu.

Ou esquerda. Ou alguma coisa.

Não, morreu. Ela deve ter morrido. Porque quando o pai de Sophie foi embora, minha mãe tirou todas as fotos dele. Mas quando meu pai morreu, eles ficaram acordados.

Eu nunca tinha vivido em uma casa sem desordem. Parecia quase incrível demais para ser verdade. Primeiro eu me perguntei se ele tinha raspado tudo em uma caixa, porque ele sabia que eu estava vindo. Mas então eu sabia que não tinha acontecido dessa maneira. Ele vivia assim. A casa era como seu dono. Apenas o que precisava ser e nada mais.

"Isso é legal de sua parte", disse ele. “Especialmente porque eu não fui muito agradável na última vez que conversamos.”

“Você não foi muito agradável em nenhuma das vezes que conversamos.”

Ele riu. Eu estava surpreso. Mesmo conhecendo-o tanto quanto eu. O que eu acho que não era muito. Mas ainda.

"Então é ainda mais legal de sua parte."

“Eu não estou sendo legal. Precisamos do dinheiro”.

Um silêncio caiu, e eu não sabia por quê.

"Nós? Você não consegue ficar com isso para si mesmo?”

“Bem, ambos,” eu disse. Mas era tarde demais. Eu já tinha cortado meus olhos dele, então ele sabia que eu estava envergonhada. Eu deixei algo escapar, algo que eu pretendia manter. “Vou pegar um pouco para mim e dar um pouco para ajudar a família.”

“É muita responsabilidade para uma garota da sua idade.”

“Sempre foi assim,” eu disse.

O que não era inteiramente verdade. Não era assim quando meu pai estava vivo. E antes de Sophie nascer. Mas eu não ia dizer nada sobre isso para ele.

E, além disso, era como outra vida. Como se eu tivesse morrido e reencarnado assim.

“É apenas por quatro semanas, você sabe.”

Eu ri um pouco. "Você já sabe a data em que... o que você disse que tinha...

vai melhorar?"

"Não. Em quatro semanas, me aposento.”

"Assim? Isso lhe dá ainda mais tempo para passear com o cachorro.”

"Não, eu vou me mudar", disse ele. Quase como se eu devesse saber. Como se ele achasse curioso que não aparecesse ou algo assim.

A notícia parecia uma faca fria enfiada entre minhas costelas. Quando eu tentei puxar uma respiração profunda, eu podia sentir o ponto dela, preso lá.

"Onde você está indo?" Eu perguntei, tentando soar o mais natural possível.

“Vou morar nas montanhas, nesta pequena cidade na Sierra Nevada. Não muito longe do Lago Kehoe. Meu irmão tem uma casa de férias lá em cima e está cansado disso. Estou trocando esta casa com ele, e então ele está vendendo sua casa do outro lado da cidade e se mudando para cá.

“Ah,” eu disse. Ainda bastante chocado. Eu nem tinha percebido isso completamente, mas estávamos vivendo em uma bolha de relativo silêncio e paz. Para nós, quase felicidade. Não que eu não soubesse que estava em silêncio. Isso era impossível de perder. Eu não sabia que era uma bolha.

Agora eu sabia. E agora eu sabia exatamente quando iria estourar. “Eu amo as montanhas. Isso vai ser bom para você.”

"Aqui, deixe-me mostrar-lhe como colocar isso."

Ele ergueu uma coleira de couro com uma coleira de couro marrom. Rigby se

levantou e balançou todo o corpo, me dando um tapa na bunda com o rabo. Parecia ser chicoteado com um chicote. Bem, como eu imaginei que seria. Ninguém nunca tinha me chicoteado com um chicote.

“Ai!”

“Ah, e cuidado com o rabo.”

“Obrigado pelo aviso.”

“Ela vai andar à sua esquerda. Então você escorrega dessa maneira.” Ele me mostrou a direção. Com o anel pesado e o clipe da coleira vindo do topo de seu pescoço em minha direção e depois para baixo. “Dessa forma, a gravidade o manterá solto e aberto enquanto ela mantiver a coleira frouxa.”

“Ela é um cachorro grande. O que eu faço se ela me puxar?”

“Ela não vai te puxar.”

"Oh."

Segurei a coleira e dei alguns passos, e no minuto em que o fiz, ela se levantou e me alcançou em um passo. Eu parei, e ela se sentou no meu calcanhar esquerdo novamente.

"Ver? Ela sabe o que fazer. Você conhece aquele pequeno parque com a fonte?

"Certo."

Eu passava por ela a caminho da biblioteca, todas as vezes.

“Isso é uma milha. Então, ao redor da fonte e de volta.”

"OK."

Rigby e eu fomos para a porta.

"Sua irmã está quieta", disse ele.

Eu parei. Rigby sentou-se.

"Sim. Ela tem."

“Eu pensei que nada e ninguém poderia obrigá-la a fazer isso.”

Olhei de volta para ele. “Nada e ninguém fez. Ela está fazendo isso sozinha.

Ela costumava ficar muito chateada quando Rigby entrava, mas depois o cachorro continuava voltando. Então é como se Sophie tivesse entendido que ela vai voltar. Então agora ela apenas se senta perto da cerca e espera e não diz uma palavra. Ela adormece lá fora, e então nós a carregamos.”

“Ela não frequenta nenhum tipo de escola ou terapia?”

“Agora essa é uma longa história.”

"Deixa pra lá então. Esqueça que eu perguntei.

"Ela fez. No bairro antigo. Quando morávamos no centro. Como um programa especial de pré-escola. Agora temos que decidir quando colocá-la



na primeira série. Temos que encontrar uma boa escola e matriculá-la. Acho que minha mãe pode esperar um ano.”

"Entendi."

“Ela não vai ficar muito feliz quando você se mudar.”

"Não", disse ele. "Eu não espero que ela vá."

Eu poderia dizer pelo jeito que ele disse que não era problema dele, e ele sabia disso.

Com certeza seria meu.

00

Nem vinte passos para fora da porta, cometi um grande erro.

Atravessei a rua.

Parecia uma coisa bastante simples de fazer. Mas então ouvi Sophie gritando do nosso quintal.

"Bainha!" ela gritou. “Bam, bam, bam! Heeeeeem!”

Eu me virei e pude vê-la através da cerca. O que estava bem. A má notícia era que ela podia me ver. E o cachorro. Continuei andando. Acelerou meu passo, na verdade.

Mais três *bainhas* , e então a terceira se transformou no grito da sirene.

Voltei para a cerca. O que mais eu poderia fazer?

Só que agora eu estava totalmente preso.

Quando cheguei lá, minha mãe e tia Vi estavam no quintal, brigando.

Ouvi tia Vi dizer: “Achei que ela tinha acabado com isso. Você me disse que ela tinha acabado com isso.

E minha mãe disse: “Ela parou, ok? Ela parou. Por favor. Apenas volte para dentro de casa, Vi. Eu cuidarei disso."

Esperei no portão até ouvir a porta da cozinha bater. Então minha mãe foi até onde Sophie, Rigby e eu estávamos em lados opostos da cerca.

Ela parecia assustada. É sempre assustador quando até sua mãe está com medo.

“Ela viu você.”

"Acho que sim."

“Por que ela não faz isso todas as manhãs quando aquele homem o leva para passear?”

"Dela. Nenhuma idéia. Acho que talvez eles não atravessem a rua. Acho que ela só nos viu porque atravessei a rua.”

Mais uma vez, eu peguei aquele pânico dela, e isso me sacudiu até o meu estômago.

"O que nós vamos fazer agora?" ela perguntou.



“Eu não sei, mãe. Tenho que levar o cachorro para passear. É o meu trabalho.”

Ela suspirou. “Acho que vou pegá-la e vamos para o armário. E quando você voltar, Vi estará em um motel novamente. Mas não há mais nada que possamos fazer. Oh, meu Deus, não deixe que este seja o dia em que ela nos peça para sair.

"Não. Abra o portão."

Silêncio.

"Abra o portão?"

"Sim. Tente. Abra o portão."

“E depois?”

“Então eu vou embora pela rua, e vamos ver o que ela faz.”

“Ela vai te seguir.”

“Isso é o que estou pensando. Direito."

"Você tem certeza que pode lidar com ela na rua?"

"Não. Tem certeza de que pode lidar com ela aqui?

Outro silêncio longo e em pânico.

"E se ela correr para o trânsito ou algo assim?"

“Estou pensando que ela vai ficar perto de Rigby, mas de qualquer forma, vamos tentar. Você sabe. Na calçada. Ou bem na frente da casa.”

Eu juro, eu podia ouvir sua próxima respiração. Ela abriu o portão.

Sophie trotou para o meu lado esquerdo, além de onde Rigby estava sentado educadamente ao meu lado. Ela caiu de joelhos, dobrou as pernas e se apoiou

nos braços retos. Fez-se no mesmo tipo de triângulo que o cachorro.

Eu dei alguns passos na entrada da garagem, Rigby me seguindo. Pareceu surpreender Sophie, e ela começou tarde. Ela teve que tropeçar em seus pés e correr para alcançá-la. Quando ela o fez, eu tinha parado novamente, e ela caiu no mesmo lugar, na mesma posição, à esquerda do cachorro.

Olhei para minha mãe.

“Nós estamos indo,” eu disse. "Me deseje sorte."

Ela não. Ela não disse uma palavra. Ela tinha esse olhar em seu rosto como se ela não pudesse dizer uma palavra se tentasse.

"Mãe. Faça alguma coisa. Entre e diga à tia Vi que está tudo bem.

Ela ficou congelada por mais um momento. Então ela levantou dois dedos cruzados e saiu correndo. Como se ela não pudesse suportar ver o que viria a seguir.

00

Sophie correu para acompanhá-la, parecendo bizarramente descoordenada.

Acho que não estava acostumada, porque não estava acostumada a vê-la andar qualquer distância em linha semi-reta, com propósito.

Eu me peguei olhando muito para ela. Parte do tempo porque eu estava preocupado com ela, mas parte do tempo porque ela era divertida de se olhar. Ela estava vestindo sua saia rosa sobre meia-calça preta grossa, e um top rosa, e tênis que eram de um branco ofuscante, exceto pelas manchas de grama nos dedos dos pés. Minha mãe prendeu o cabelo em duas grandes tranças encaracoladas. Suas pernas eram longas e magras e bonitas.

Sempre que eu passava por alguém, eles me davam um pequeno aceno de cabeça ou nem olhavam para mim. Ou às vezes eles sorriam para mim. Então seus olhos iam até Rigby, e geralmente eles pulavam um pouco. Como se ela fosse um urso pardo ou algo assim. Às vezes eles sorriam para ela. Mas cada pessoa por quem passei abriu um sorriso quando olhou para Sophie.

Comecei a pensar que talvez eu devesse levá-la todos os dias.

Então percebi que isso era cerca de cinco vezes mais exercício do que ela estava acostumada, e fiquei preocupado com o longo prazo. E se ela se cansasse e não pudesse caminhar para casa? Eu poderia levá-la tão longe?

Será que ela me deixaria?

Então, novamente, se ela pudesse ir longe... cara, ela ficaria bem e cansada pelo resto do dia. Talvez para todos os dias. Isso só poderia ser bom.

Direito?

Se . E se não, eu estava lá fora sozinho.

Eu tentei me puxar de volta para o momento. Porque o curto prazo estava indo bem.

Parei em cada esquina e esperei o semáforo virar, ou, se fosse apenas uma parada de quatro vias, que os carros passassem e nos deixassem um grande espaço para atravessar. Rigby sentou-se e esperou pacientemente. Sophie sentou-se e esperou pacientemente. Então Rigby e eu saímos para a rua, e Sophie veio correndo atrás. Ela nunca pegou o jeito de decolar quando nós saímos. Só de pegar bem rápido.

Claro, eu olhava para ela constantemente. Mas ela estava sempre fazendo a mesma coisa. E se havia uma coisa que eu sempre poderia te dizer sobre minha irmã... uma vez que ela caiu na rotina de fazer a mesma coisa, ela continuou fazendo a mesma coisa.

Depois de um tempo, minha mente até se desviou um pouco. Então eu o empurrava de volta, pensando que já tinha causado algum tipo de grande desastre ao deixar minha atenção escapar. Eu olharia para trás rapidamente.

E lá estaria ela, apenas vagando, um pouco atrás de nós. Foi bem legal.

Quero dizer, não é legal, pois não foi um desastre total. Bom como em...

melhor do que teria sido sem ela junto.

De repente, olhei para frente novamente e percebi que estava quase na Nellie's Books. Fez meu coração bater forte ao vê-lo ali no meio do quarteirão, mas eu não tinha certeza do porquê. Eu não tinha voltado lá para ver o livro. Nem mesmo para lhe dar o meu número de telefone.

Provavelmente ela já teria colocado o livro de volta no estoque. Talvez ela até o tivesse vendido. Pensar nisso fez o fundo do meu estômago se sentir meio doente e nojento. Mas provavelmente era verdade. Provavelmente foi embora.

Eu tive que decidir se eu iria me apressar e esperar que ela não notasse ou se eu enfiasse minha cabeça e perguntaria se ela ainda tinha. Eu poderia dar a ela um depósito de dez dólares no livro no final do dia. Se ela ainda o tivesse.

Isso me decidiu.

Enfiei a cabeça na porta, meu coração batendo tão forte que eu podia ouvir e sentir em meus ouvidos, ambos. Estava me deixando um pouco tonta.

Ela levou um minuto para olhar para cima. Ela estava olhando para o balcão

– provavelmente lendo – e mastigando um longo pedaço de alcaçuz preto.

Olhei para o lado de seu rosto por um tempo, e então quando ela viu que eu estava lá, eu rapidamente desviei o olhar.

"Aí está você", disse ela.

"Sim. Aqui estou."

“Achei que você não voltaria.”

Eu também. Eu não disse isso.

"Nós vamos. Eu estive ocupado. Você sabe. Começando na nova escola e tudo mais. Tentando apanhar. De qualquer forma, mais tarde hoje, terei dez dólares, e voltarei e farei um depósito naquele livro. Se você ainda tem.

Você ainda o tem?"

Seu rosto caiu completamente. Isso me fez sentir um lixo. Por duas razões.

Porque isso significava que ela provavelmente tinha vendido. E porque eu gostava de fazê-la sorrir. Não... o que quer que ela estivesse fazendo naquele momento.

“Você não quer fazer o inventário, hein? Acho que não te culpo.”

Eu verifiquei Sophie. Ela estava exatamente onde deveria estar.

"Oh. Eu não acho que você realmente queria que eu fizesse isso.”

“O que te deu essa ideia?”

"Eu não sei. Achei que você só sentia pena de mim, porque eu não podia pagar.

“Existe uma razão pela qual apenas sua cabeça está dentro?”

"Sim, senhora. Nellie. Eu tenho um cachorro grande comigo.”

"Você vê alguma placa que diz Não são permitidos cães?"

"Não Senhora. Nellie. São eles? Permitido?"

“Se eles são cães educados.”

“Ela é a cadela mais educada de todos os tempos.”

— Traga-a, então.

Dei cerca de dez passos, e então nós três estávamos de pé no tapete em frente ao balcão dela. Bem, na verdade, isso não está certo. Eu estava de pé.

Sophie e Rigby estavam sentados.

Nellie se levantou e se inclinou sobre o balcão. Eu podia sentir o cheiro do cabelo dela. Tinha cheiro de fruta. Como algum tipo de xampu com coco ou manga ou ambos.

"E quem é este?"

“Esta é Sofia.”

“Oh, *esta* é a Sophie que você estava me falando. Sophie é sua irmãzinha?

"Sim, senhora. Quero dizer, sim, Nellie. Ou na verdade... eu acho... apenas sim. Não sei por que continuo fazendo isso.”

"Eu também não. Olá, Sofia.”

“Um. Não leve isso para o lado pessoal. Mas ela não vai dizer nada. Ela nem sequer *me cumprimenta* .”

“Ela diz alguma coisa? Sempre?"

“Ela diz *ele* . Mas parece que ela está dizendo *bainha* . É como ela chama o cachorro. Ela realmente ama o cachorro.”

"Isso faz sentido."

“Exceto que é uma cachorra.”

“E essa é a única palavra? Sempre?"

“Bem, nunca. Quando ela era pequena, ela começou a falar. Meio tarde. Tipo três. E não muito. Apenas algumas palavras. E então ficamos esperando que ela falasse mais, mas em vez disso, ela começou a falar menos. E então ela parou de fazer contato visual. E então ela não queria ser tocada…”

Eu parei, de repente me perguntando o que diabos eu estava fazendo. Fiquei muito grata por Nellie não ter me perguntado sobre Sophie. E agora aqui estava ela, arrancando a verdade de mim quando eu nem estava olhando. Ou talvez eu estivesse fazendo isso comigo mesmo.

Acho que ela percebeu que eu queria mudar de assunto.

"Alcaçuz?" ela perguntou.

Ela estendeu um grande pote de plástico com torrões de alcaçuz preto.

Fiquei feliz pela distração.

"Certo. Obrigado."

“Sophie gosta de alcaçuz?”

“Sophie adora alcaçuz.”

Peguei um pedaço para Sophie primeiro. Sophie estendeu o braço para cima, querendo, impaciente, mas ela não se moveu para fora de seu assento.

Porque Rigby não.

Entreguei-lhe o alcaçuz e ela imediatamente o entregou ao cachorro.

"Não! Não dê para—”

Tentei mergulhar, mas era tarde demais. Eu até abri a boca de Rigby e olhei para dentro. Já tinha sumido. Ela deve ter praticamente engolido tudo. E lá estava eu, enfiando a cara na boca dessa cachorra que mal conhecia, e seus dentes eram inacreditavelmente enormes, e me senti como uma domadora de leões, mas com muito menos experiência. Mas ela apenas abanou o rabo para mim.

“Droga, Sofia. Eu não sei se o cachorro deveria ter isso.”

"Eu não acho que vai machucá-la", disse Nellie.

O que era perfeitamente bom pensar se tivesse sido meu cachorro. Mas Rigby não era meu cachorro. Eu era responsável por ela. Mas não havia nada que eu pudesse fazer agora. Exceto dizer a verdade a Paul.

Mudei de assunto rapidamente.

“Então, você realmente tem esse inventário e quer que alguém o ajude? O

que você precisa fazer?"

Nellie colocou o rosto nas mãos e suspirou.

“Estou envergonhado de dizer a você. Porque eu não quero que você saiba o quão estúpido eu sou. Quero que você pense que sou uma empresária melhor do que isso.

Isso parecia estranho, mas também incrivelmente legal. Que ela iria querer dar o melhor de si por mim. Não apenas o contrário. Mas eu não disse isso.

Eu não disse nada.

“Você sabe que eu vendo novos e usados. E quando compro de um distribuidor, tenho um registro disso. E quando envio retornos, tenho um registro. Mas então comecei a oferecer um desconto de vinte por cento para clientes que vendessem seus livros de volta. Mas, como um idiota, não criei um sistema de manutenção de registros para esses livros. Então agora é difícil descobrir se eu tenho um livro ou não.”

“Mas você os mantém em ordem alfabética por autor, certo?”

"Eu faço. E então os clientes entram e navegam e os colocam de volta *em* ordem alfabética. E até agora, eu provavelmente gastei cem horas re-alfabetizando, tentando me salvar talvez dez horas de trabalho de inventário.



A coisa é, vai levar duas pessoas. Preciso de alguém para ler os títulos enquanto estou sentado no computador. Cathy diz que vai, mas ela realmente não tem horas. Se você pudesse pelo menos me fazer começar…”

“Se você realmente precisa de ajuda. Eu não acho que você realmente precisava de ajuda.”

“Eu realmente preciso da ajuda. Você não tem ideia."

"Quando?"

"Amanhã?"

“Você não fecha aos domingos?”

“Sim, e esse é o ponto. Sem clientes. Nenhum telefone tocando. Que tal onze? Onze às três.”

"OK."

"Oh, meu Deus", disse ela. "Estou salvo." Ela olhou para Rigby. “Eu amo seu cachorro. Que querida.”

“Ela realmente não é minha. Estou apenas andando com ela para o meu

vizinho.”

"Oh. Eu pensei... Porque você disse que Sophie era tão apegada a ela...

Ambos olhamos para Sophie, esperando em absoluto silêncio, com absoluta paciência, no tapete.

"Sim. É estranho. É uma situação meio estranha. Sophie está apaixonada pelo cachorro ao lado.”

"Hum", disse ela. "Como isso funciona?"

Pensei novamente em Paul Inverness e suas novidades.

"Isso é o que estamos esperando para descobrir", eu disse.

00

Sophie fez todo o caminho até o parque e voltou por conta própria. Mas então, quando chegamos em casa, percebi que essa era a parte complicada, bem no final. Eu não podia colocá-la no quintal e depois ir embora com o cachorro. Ela derrubaria toda a vizinhança novamente. Eu teria que levá-la até a porta de Paul comigo. Mesmo que eu não tivesse certeza se ela gritaria quando ele levasse o cachorro de volta para dentro. Ela não estava mais gritando quando Rigby entrou na casa, mas isso foi do outro lado da cerca.

Agora que ela estava acostumada a estar bem ao lado do cachorro...

Era hora de ver o quanto de monstro eu tinha acabado de criar.

Nós três subimos em sua varanda, e eu bati.

A porta se abriu e Paul olhou para nós três. Rigby sacudiu com força, chicoteando Sophie com o rabo, mas Sophie não fez nenhum som. Nem piscou.



Sem dizer uma palavra, ele enfiou a mão no bolso de trás e tirou sua carteira.

Espiou e tirou duas notas de cinco dólares.

“Eu tenho que te dizer uma coisa,” eu disse.

Sua cabeça subiu rápido.

“Rigby pegou um pedaço de alcaçuz. Eu realmente espero que isso não seja ruim para ela. Foi um acidente. Prometo que tomarei mais cuidado da próxima vez. Se você deixar que haja uma próxima vez. Mas eu entendo se você não confiar em mim com ela agora.

Eu esperei. Parecia uma longa espera. Eu queria olhar para o rosto dele, mas não consegui fazer isso.

"Na verdade... eu confio mais em você agora."

Meus olhos encontraram os dele, e então eu rapidamente desviei o olhar novamente.

"Quão? Por que?"

“Porque você me disse. Você não precisava me dizer. Agora eu sei que você vai me dizer a verdade mesmo que não precise. Mesmo que eu nunca soubesse.”

“Espero que não seja ruim para ela. É ruim para ela?”

“Ela vai ficar bem.”

Ele me entregou as duas notas, pegou a coleira e levou seu cachorro para dentro. Então ele fechou a porta.

Estremeci e esperei.

Nenhuma coisa.

Olhei para Sophie. Ela ainda estava no mesmo lugar. No mesmo local.

O que ela faria quando eu voltasse para casa? Ela tentaria ficar na varanda do vizinho para sempre? Teríamos que embrulhá-la e arrastá-la, chutando e gritando, para casa?

Dei três ou quatro passos, depois olhei para trás. Sophie estava divagando atrás de mim. Não tão rápido quanto quando Rigby estava comigo. Não tão ansioso

para alcançá-lo. Mas ela estava seguindo.

Abri o portão de tia Vi, e ela passou por mim no quintal e ocupou seu lugar de sempre perto da cerca. Agachada na grama e esperou pela próxima vez que ela veria Hem.

00

Minha mãe estava na cozinha, com o rosto sobre uma xícara fumegante de chá. Como se fosse um tratamento facial, não uma bebida. Sua cabeça se ergueu quando ela me viu lá.

“Está tudo bem,” eu disse. “Correu bem.”

"Onde ela está?"

“Exatamente onde ela sempre está.”

Eu assisti toda a tensão se esvair de seu rosto. Bem, nem tudo. A tensão extra. Eu a vi escorregar de volta para a tensão inicial. O que era ruim o suficiente.

Em vez de parecer aliviada sem ele, ela apenas parecia cansada.

"Então... amanhã..." ela começou. Como uma pergunta quando você não se atreve a fazê-la.

“Ela pode vir comigo novamente amanhã.”

"Mesmo?"

"Certo. Ela estava bem. Ela era boa.”

"Meu Deus. Isso seria bom."

Ela tomou um grande gole de chá, e então pareceu se afastar em sua cabeça.

Como se ela estivesse seguindo aquela grande coisa para a Great Thing Land.

“Onde está a tia Vi?”

“Cochilando.”

“Ela faz muito isso.”

"Bem..." ela disse. E então seu rosto se contorceu em algo como um sorriso.

“Ela não é a mesma desde que Charlie morreu.”

Este pequeno bufo de uma risada explodiu de mim. Minha mãe rapidamente colocou um dedo nos lábios para me parar. Sentei-me à mesa, olhamos um para o outro, e então a risada explodiu de novo – de nós dois – e tivemos que engolir o barulho dela.

Oh eu sei. Parece terrível. Não foi engraçado que Charlie morreu. Não quisemos dizer isso. Foi só que Vi disse tanto isso. Foi engraçado ouvir alguém dizer isso. Bem, não, não foi. Provavelmente não foi nada engraçado.

Acho que foi apenas a nossa maneira de liberar um pouco dessa tensão.

Minha mãe olhou para mim, e ela tinha um olhar em seu rosto que eu não via há muito tempo.

“Sinto-me esperançosa”, disse ela. “Nem me lembro da última vez em que me senti esperançoso.”

Eu pensei, eu não posso dizer a ela. Eu simplesmente não posso. Eu tenho que deixá-la ter esperança por mais algum tempo.

Levantei-me da mesa e fui para o meu quarto. Nós vamos. Quarto de todos. E

eu sentei na cama. E eu pensei: Não, isso está errado. Isso não funciona.

Então ela está presa naquele lugar que ela chama de paraíso dos tolos. E isso não é o mesmo que esperança. Isso é patético.



Voltei para a cozinha, meu coração parecia que estava em algum lugar do meu intestino grosso. Sentei-me à mesa com ela, e ela percebeu as más notícias imediatamente.

"O que? O que é isso? Apenas diga. Pressa."

“Ele está se movendo.”

Eu podia ouvi-la engolir.

“O cara com o cachorro?”

"Sim."

"Ele está se movendo?"

"Sim."

"Quando?"

“Em quatro semanas.”

Um longo silêncio. Longo, longo, longo. E feio. Como se você levasse nossas vidas inteiras nos últimos anos e espremesse tudo o que desejamos que nunca tivesse acontecido, o que você teria deixado no coador seria exatamente como aquele silêncio. Realmente tão ruim.

"O que nós vamos fazer?" ela perguntou.

Eu disse: “Você me pergunta muito isso”.

Eu não disse: “Gostaria que você parasse”. Eu não disse: “Você tem quarenta. Eu tenho quatorze. Se você não consegue descobrir, não é justo entregá-lo a mim.” Mas tenho certeza de que um pouco do que eu não disse veio do mesmo jeito.

00

“ *A redoma de vidro* ,” eu chamei. “Sílvia Plath”.

“Eu tenho uma cópia de *The Bell Jar* ?”

A voz de Nellie soou suave e distante. Espiei pelo final da prateleira pela centésima vez. Ela não estava sorrindo, e eu estava tentando descobrir como fazê-la sorrir. Mas é difícil fazer os títulos dos livros parecerem engraçados.

"Você faz."

"Tem certeza?"

“Eu tenho minha mão nisso.”

“Eu honestamente não sabia disso.”

“Eu honestamente acho que é por isso que estamos fazendo isso.”

Bingo. Ela sorriu. E olhou para cima e me pegou olhando. Desapareci atrás da prateleira novamente.

"Você sabe, nós nunca vamos passar por quatro horas disso", disse ela.

"Eu vou fazer isso."

“Eu não vou. Vou morrer de tédio.”

“Há quanto tempo estamos fazendo isso?”

“Uma hora e cinquenta minutos.”

“Acho que não é tempo suficiente.”

"Estou morrendo de tédio."

“Bem,” eu disse. “Eu não quero que você morra.”

“Estou pedindo uma pizza.”

Saí de trás das estantes e olhei para ela de frente. Ela já estava com o telefone no ouvido.

“E então nós terminamos?”

“Que tal mais duas horas no próximo domingo? Esperar." Ela levantou um dedo na minha direção. "Oi. Um grande... sim, entregue... Nellie's Books...

Espere. Eu sei o que eu quero nele, mas eu tenho que ver o que meu amigo quer... Sim, eu vou esperar. Angie. O que você gosta na sua pizza?”

“Um. Eu não sei. Qualquer coisa, eu acho.”

"OK. Anchovas, abacaxi e pimenta jalapeño é isso."

Então ela olhou para o meu rosto e começou a rir. Eu me perguntei o que ela tinha acabado de ver lá. Eu só podia imaginar.

"Eu estou brincando. Eu sou um vegetariano. Então, estou comendo cogumelos, pimentão verde e azeitonas. Você quer pepperoni na sua metade?

"Não, eu vou ter do jeito que você está tendo. Mas se terminarmos no próximo domingo, eles não estarão fora de ordem novamente até lá?"

"Nós não podemos terminar hoje, de qualquer maneira. É muito mais do que quatro horas de trabalho. Vou ter que colocá-los — alô? sim. Cogumelo, pimentão e azeitona. Grande sim. E faça duplo queijo. Ok, obrigado." Ela desligou o telefone. "Vinte minutos."

"Devemos trabalhar até chegar aqui?"

"De jeito nenhum."

"Você vai morrer de tédio."

"Correto."

Então eu soube por que Nellie não tinha feito o inventário em todo esse tempo. Como eu a salvei dizendo que apareceria e chamaria os títulos.

Porque, deixada por conta própria, ela nunca faria isso. Ela continuaria sabendo que deveria. Ela não queria fazer o inventário. Ela só queria que fosse feito. Essas são duas coisas muito diferentes.

Comecei a sentir que, se alguma vez ia ser feito, eu tinha que ser o único a empurrar. E de repente, parecia muito importante que fosse feito.

Ela enfiou a mão embaixo do balcão e tirou meu grande livro sobre o Himalaia. Segurei-o com a tampa virada para mim, como ela tinha feito da primeira vez. Isso me derreteu. Assim como antes.

"Sente-se", disse ela. "Ler."

Eu peguei em minhas mãos. E sim, minhas mãos tremeram um pouco desta vez também. Mas não era apenas o livro, ou a imagem no livro. Bem, eu não sei o que era. Muitas coisas diferentes, eu acho.

Tirei meus sapatos e sentei de pernas cruzadas, como da última vez. Mas deixei o livro fechado e apenas olhei para a capa. De repente, eu estava no Tibete, mas não sozinho. De repente, era Nellie também, caminhando ao lado da fileira de rodas de oração e estendendo a mão para girá-las. Sempre girando para a esquerda, nunca para a direita. E eu estava andando atrás dela. Também girando. E era como um país diferente do que era antes, quando eu estava sozinho. Sozinho é uma coisa totalmente diferente. Desta vez, quando vi Annapurna se erguendo à distância, montículos de neve voando de seu pico, coloquei minha mão em seu ombro para chamar sua atenção e apontei. Como se dissesse: “Você tem que ver isso também, Nellie, mas estou muito sobrecarregada com a visão para falar”. E então ela apertou minha mão... que ainda estava em seu ombro... porque Annapurna era tão linda. Porque era bonito demais para palavras.

"Posso te perguntar uma pergunta pessoal?"

Isso me sacudiu tanto que o livro quase acabou no chão. Eu tinha esquecido que ela estava lá. Bem, lá na livraria. Eu estava tão ocupado pensando nela lá no Tibete.

Meu coração batia até que parecia que estava prestes a se soltar. Eu queria perguntar: “Quão pessoal?”

“Um. Eu não sei. Eu acho."

“Você está sendo abusada em casa?”

"Abusado? O que você quer dizer? Abusou como?”

"Bater?"

"Não. Eu não sou atingido. Por que você perguntou isso?"

“Não escapou aos meus poderes de observação de águia que a primeira vez que você veio aqui, você tinha um lábio gordo. Com apenas um curativo de borboleta. Quando provavelmente poderia ter usado alguns pontos.”

Meu coração desacelerou. Algum.

“Mas curou,” eu disse. Toquei a cicatriz. Não foi realmente curado curado.

Acabou de sarar. “E meu dente estava solto, mas agora está se apertando sozinho. Não, eu não estou sendo abusado em casa. Sofia fez isso. Mas não de propósito.”

"Oh. Sofia.”

"Sim. E isso é completamente diferente. Direito?"



"Nós vamos. É e não é. Ainda é uma situação tão ruim para você. Ainda dói.”

Olhei para o livro. Abriu. Páginas viradas que eu não tinha lido. Olhei para páginas que não vi.

“Eu não quis te deixar desconfortável.”

"Está bem."

Mas não era, realmente. Eu odiava momentos como este. E, no entanto, por baixo de todo aquele ódio, eu gostava do fato de que ela queria me proteger.

Foi quase como... foi quase tão bom quanto Nellie dando um aperto na minha mão.

00

“Como estão as coisas na nova escola?” ela perguntou.

Eu tinha movido o livro para o tapete, bem longe. Então eu não pegaria nenhuma gordura do queijo derretido nele. Eu ainda estava olhando para a capa.

“Mff,” eu disse, porque minha boca estava cheia.

"Desculpe."

Mastiguei e engoli o mais rápido que pude, mas estava quente.

“Surpreendentemente bem.”

“As crianças não estão te dando trabalho?”

"Não. Por que eles iriam?”

"Eu não sei. Sempre fizeram comigo. Meu pai estava no exército, e nos mudávamos muito, então eu sempre fui o novo garoto. E as outras crianças eram duras comigo. Talvez tenha sido apenas eu."

“Talvez fossem escolas menores,” eu disse. “Esta é uma escola tão grande.

Juro por Deus, ninguém nem sabe que estou lá. Quero dizer, os professores me têm em suas folhas de presença e tudo. Mas é como... é como se todo mundo olhasse através de mim.”

Então eu fiquei quieto e decidi que Nellie tinha me feito fazer aquela coisa de novo, onde eu digo a ela mais do que eu queria dizer. Eu mordi cerca de um quarto da minha fatia de pizza em uma mordida.

"Sabe, garoto... você nem sempre tem que ficar e ajudar sua mãe."

Eu não respondi, porque minha boca estava muito cheia.

“Quando você tem um filho, é uma responsabilidade enorme. Não há muito a sair disso. Se der errado, você está nele do mesmo jeito. Mas você não teve um filho.”

Eu engoli em seco. Duas vezes. Isso ainda deixou um pouco de pizza para conversar.

“Quem a ajudaria se eu não o fizesse?”

"Eu sei que isso soa terrível... e pode ser difícil para você entender de onde você está sentado... mas eu não acho que isso seja problema seu."

“Eu não posso simplesmente ir embora. O pai de Sophie acabou de sair. Ele meio que se afastou quando percebeu que seria difícil.”

“Eu não acho que isso seja problema seu também. Não tenho certeza se você

pode compensar as decepções de outras pessoas com outras pessoas.”

“Ela não poderia cuidar de Sophie sozinha. Ninguém poderia.”

“Bem, então, como você vai fazer isso? Quando vocês dois forem muito mais velhos? Tipo, depois que sua mãe se for?

Dei outra grande mordida na pizza. A borda da crosta arranhou o céu da minha boca enquanto eu mastigava.

Ela disse: "Você quer falar sobre outra coisa, não é?"

Eu balancei a cabeça. Difícil.

"OK. Desculpe. O que?"

Engoli com grande esforço.

“Eu quero falar sobre o quão patético você é por apenas se abaixar e fazer esse maldito inventário. E como eu vou conseguir que você faça isso.”

"Hum. Isso é um problema. Eu posso fazer duas horas de cada vez. Pode ser."

“Tente uma hora e cinquenta minutos.”

"Perto o suficiente."

"Então, semana que vem no mesmo horário?"

"Sim. Isso é bom. Mas depois que você não está aqui para ajudar, sem promessas.

“Estarei aqui para ajudar. Estarei aqui para ajudar todos os domingos até que esteja feito. Caso contrário, nunca será feito.”

“Em troca de quê? Você só tem duas horas para entregar o livro.

"Eu não sei. Pizza. Nada. Nós vamos descobrir isso.”

Eu me levantei.

“Não, eu vou te pagar. Você tem que me deixar pagar. Você quer levar essa meia pizza que sobrou para casa?”

"Sim. Certo. Obrigado."

Quando fui até o balcão para pegá-lo, encontrei-a olhando diretamente para o meu rosto. Eu sabia que ela ia perguntar algo importante. E que eu não gostaria.

“Se você estivesse realmente precisando de ajuda, Angie... Ou alguém?”

Peguei a caixa de pizza e me movi para frente e para trás em meus pés algumas vezes.

"Não, eu disse.

“Não,” ela disse. “Eu não pensei assim.”



00002.jpeg

4. Esmagado

No dia da mudança — de Paul, não nosso — acordei e cambaleei até a sala de estar para ver minha mãe espiando pelas cortinas.

Eu a ignorei e fui para a cozinha.

Tia Vi não estava por perto. Sophie também não estava lá, mas eu sabia onde encontrá-la se quisesse. Eu não estava procurando por Sophie ou tia Vi. Eu estava procurando o café da manhã.

Nada se parecia com o café da manhã naquela cozinha. Eu parecia ter sido a primeira pessoa a ter esse pensamento.

Peguei alguns cereais frios. Vasculhei a geladeira em busca de leite. Não havia nenhum.

Eu apenas suspirei. O que mais eu poderia fazer?

Olhei para minha mãe, que ainda estava espiando pelas cortinas quase fechadas. Eu queria dizer a ela que isso estava me deixando nervoso. Mas eu não. Qual teria sido o sentido disso?

Quando não aguentei mais, carreguei meu cereal frio até a janela e puxei a cortina para trás, o que fez minha mãe pular para fora do caminho. Eu queria dizer a ela que ela havia perdido sua verdadeira vocação como detetive particular, mas então eu decidi que seria maldade.

Havia um enorme caminhão de mudança na entrada de Paul, com o nome de uma locadora ao lado. E uma pintura de uma montanha. Como se eles já soubessem para onde ele queria ir, antes mesmo de alugar. Tinha uma barra de reboque na parte de trás para seu carro.

“Ele com certeza não perdeu tempo,” minha mãe disse.

“Eu nunca pensei que ele faria. Ele mal pode esperar para sair daqui.”

Olhei para minha tigela de cereal. Meu estômago estava roncando, então eu comi um punhado seco.

"Oh, meu Deus", ela sussurrou. “Ele está vindo para cá!”

Olhei para cima para ver Paul atravessando o gramado.

"Assim?"

“Ele está vindo para a porta. O que nós fazemos?"

"Hum... abrir?"

“Eu não quero ver aquele homem. Não quero falar com ele.”

"Multar. Eu abro.”

Caminhei até a porta e, ao fazê-lo, vi minha mãe desaparecer. Eu me perguntei do que ela tinha tanto medo. Mas não por muito. Realmente não vale a pena gastar muito tempo imaginando do que as outras pessoas têm

medo. Todo mundo está sempre com medo de alguma coisa; nunca faz muito sentido, e imaginar nunca leva a lugar nenhum.

Abri a porta enquanto Paul ainda estava subindo a calçada.

“Bom dia,” ele disse, e eu pensei que ele soava extraordinariamente alegre.

Além disso, ele estava bem vestido novamente. Com uma camisa azul-clara de aparência nova e calça azul marinho com vinco. E quando ele se aproximou, ele cheirava bem. Assim outra vez. Ele nunca cheirava bem em um dia de folga, ou a caminho do trabalho. Só a caminho da casa do irmão, naquele outro sábado.

Eu disse: “Pensei que você iria embora antes do sol nascer.”

"Eu também", disse ele. “Estou quatro horas atrasado.”

"Você precisa de ajuda para fazer as malas ou algo assim?"

A essa altura, ele já havia chegado à porta e, quando eu disse isso, ele deu um passo para trás. Como se ele estivesse tão surpreso.

“Bem, isso é uma coisa muito boa para oferecer. Mas não, nós podemos lidar com a embalagem.”

Eu estava curioso sobre quem era “nós”, mas não perguntei. Apenas esperei.

“Eu só queria saber se eu poderia convencê-lo a uma última caminhada de cachorro. Achei que teria tempo de levá-la eu mesmo, mas não está indo bem. Eu não quero ignorá-lo, porque é uma viagem tão longa. Ela ficará presa na cabine daquele caminhão por seis ou sete horas.

"Certo. Sem problemas."

Ele olhou para minha tigela de cereal.

“Espere até terminar o café da manhã, no entanto.”

“Não, eu posso ir agora.”

“Seu cereal vai ficar encharcado.”

Eu segurei a tigela mais longe para ele ver.

“Não sem leite, não vai. Essa é a única parte legal de ficar sem leite.”

Ele riu, mas só um pouco.

“Traga-o. Eu tenho leite.”

Dei de ombros e saí, fechando a porta atrás de mim. Assim que fiz, olhei de volta para dentro da casa. Minha mãe estava nos espiando do corredor. Ela se enfiou em um lugar onde eu pudesse vê-la, mas Paul não podia.

Eu dei a ela uma pequena carranca quando fechei a porta.

Enquanto estávamos cortando os gramados, me perguntei se parecia estranho para ela que Paul e eu conversássemos como se fôssemos amigos. Como quaisquer dois amigos adultos normais. Foi quando percebi que parecia estranho para mim. E que eu nunca tinha notado isso antes. Ou pelo menos, eu nunca tinha parado para pensar sobre isso.

"Últimos dez dólares para a estrada", disse ele, me tirando da minha linha de

pensamento.

"Não, está tudo bem. Este é por minha conta.”

“Você não precisa fazer isso.”

"Está bem. Eu não me importo. Vou sentir falta daquela velhinha quando você for embora.

"Nem metade do que sua irmã faria, aposto."

Eu fiz uma careta sem querer. “Nós não falamos sobre isso na minha casa.”

"Oh. Desculpe."

“Você não precisa ser. Há muito o que se desculpar na minha casa, mas nada disso é culpa sua.

Ele sorriu um pouco enquanto abria a porta da frente para mim. Mas era um sorriso triste. E eu me perguntei se ele realmente me conhecia o suficiente para ficar triste por mim, ou se eu apenas o lembrei de algo que ele estava triste por conta própria. Isso é o que acontece com a maioria das pessoas.

Mais sobre eles e menos sobre você.

Se fosse realmente para mim, isso me deixava desconfortável.

Rigby me cumprimentou com beijos. Beijos reais no rosto. O que ela nunca tinha feito antes. Eu me perguntei se ela era esperta o suficiente para saber que estava indo embora.

Quando eu olhei para cima disso, havia uma mulher parada ali. Na casa de Paulo. Uma mulher.

“Ah,” eu disse. Lame, mas me surpreendi.

Eu a conhecia, mas não sabia de onde.

“Olá,” ela disse.

Só isso. Apenas olá.

Achei que ela tinha o menor traço de sotaque, mas a menos que ela falasse mais, eu nunca descobriria o que era.

“Esta é Rachel,” Paul disse. “Minha cunhada. Rachel, esta é a Angie. Da porta ao lado. Ela vai passear com o cachorro enquanto fazemos as malas.

"Estou muito feliz em conhecê-lo", disse Rachel.

Ela tinha mais ou menos a idade de Paul, mas era bonita. Magro, com cabelos e olhos escuros e nariz comprido e reto. E eu a tinha visto antes.

“Eu conheço você,” eu disse. “Já nos conhecemos. Direito? Quero dizer...

não foi?

Foi quando me atingiu. Apenas meio que tudo de uma vez assim. Virei a cabeça para a estante. Mas a foto sumiu. Mas era quem era. Era a mulher da foto na estante de Paul. O que eu imaginei deve estar morto. Mas eu imaginei errado, porque ela estava bem na minha frente.



O estranho era que nada mais na estante estava embalado ainda. Mas aquela foto, a única foto de um ser humano real, se foi.

Paul entrou na minha linha de visão, e seu rosto parecia tenso. Quase parecia que ele estava tentando chamar minha atenção. Eu não conseguia entender nada daquilo, mas me fez querer calar a boca. Rápido.

“Acho que estou errado,” eu disse. “Acho que você deve me lembrar de alguém.”

Olhei para Paul, que parecia aliviado.

Eu não tinha ideia do que fazer com nada disso. Isso me deixou curioso. Mas era como uma bola de corda emaranhada, e eu não poderia começar a desembaraçá-la até encontrar as pontas. Então eu simplesmente desisti e deixei toda a bagunça de lado para mais tarde.

“Onde está Dan?” Paulo perguntou a ela.

“No armário do quarto. Arrumando seus ternos.”

“Ele está perdendo seu tempo. Vou queimar meus ternos.”

"Não, salve-os", disse ela. “Caso alguém morra.”

Paul sorriu, como se isso fosse engraçado. Só que era sorriso demais para não ser engraçado o suficiente. E decidi que o sotaque dela era europeu, provavelmente alemão ou algo assim, mas sumiu. Apenas uma sobra maçante.

Eu estava prestes a pegar a coleira de Rigby quando Paul disse: “Leite”.

"Oh. Direito. Leite."

Ele me sentou na mesa da cozinha e colocou uma caixa de leite na minha frente. E me trouxe uma colher de uma gaveta da cozinha.

E eu pensei, cara, ele realmente está atrasado em suas malas se as colheres ainda estiverem na gaveta da cozinha.

Então eu apenas sentei lá e comi meu cereal, com a cabeça de Rigby no meu joelho. O que envolvia muita inclinação da parte dela, o que a fazia parecer um abutre.

Olhei para a sala de estar e vi Paul e Rachel andando de um lado para o outro na frente da porta. E eu sabia que havia algo ali para saber, mas eu não sabia. Isso me incomodou um pouco. Mas como quase tudo o que me incomodava, não havia nada que eu pudesse fazer para resolver isso.

00

Eu não levei Sophie. Eu continuei me esforçando, mas eu simplesmente não podia ser empurrado. Havia esse empurrão gigante no meu intestino que eu não conseguia explicar. Finalmente decidi que seria melhor para Sophie se ninguém a deixasse chegar perto da casa de Paul para ver a embalagem.



Eu realmente não sabia o que Sophie fazia e não entendia, como eu disse.

Mas ela com certeza tinha muita experiência com as pessoas ao redor de sua

embalagem.

Eu acho que isso provavelmente foi uma desculpa de merda, no entanto.

Acho que estava sendo egoísta. Eu realmente sentiria falta daquele grande anjo de cachorro, e acho que a queria só para mim esta última vez.

Então fiquei perto das casas do nosso lado da rua, onde Sophie não queria nos ver ir.

Eu andei com a minha mão nas enormes omoplatas de Rigby, sentindo-as mudar e depois voltar enquanto ela dava seus passos lentos e gigantes. Sentime mais triste do que parecia razoável.

“Gostaria que você não tivesse que ir,” eu disse a ela.

Ela olhou para o meu rosto como se quisesse responder. Engraçado, mas por uma fração de segundo, eu quase pensei que ela iria.

Então ela olhou para onde estava indo novamente.

“E não apenas por causa de Sophie,” acrescentei.

É sempre melhor gostar das pessoas por mais do que apenas o que elas podem fazer por você. Acho que estava contando Rigby como pessoas até então.

Eu tinha certeza que qualquer um que conhecesse aquele cachorro faria o mesmo.

00

Quando eu a peguei de volta, Paul saiu para a varanda e tirou a ponta da coleira de mim. Ele também parecia um pouco estranho e triste na despedida, embora eu soubesse que ele estava muito feliz por deixar aquela cidade e seu emprego para sempre.

"Você poderia me fazer um favor?" Eu perguntei a ele. “Quando você der ré com seu caminhão de mudança para fora da garagem, você poderia ir por aquele caminho?” Apontei para a rua, longe da casa de tia Vi. “Eu não tenho certeza do que vai acontecer se Sophie vir você e Rigby passarem. Eu sei que vai atingir o

ventilador mais cedo ou mais tarde. É apenas…"

Então fiquei sem palavras para o que era.

"Claro", disse ele. "Não tem problema. Tem certeza de que não quer os últimos dez dólares?

"Não, está tudo bem. Este foi meu presente de despedida. Apenas seja feliz no novo lugar, ok? Estou com ciúmes, você sabe. Subindo para as montanhas.

Eu adoraria morar lá em cima. De qualquer forma, você provavelmente não se importa com isso. Apenas seja feliz, ok?”

Eu realmente quis dizer isso com sinceridade, e acho que ele poderia dizer.

Eu não conhecia Paul muito bem naquela época. Mas eu sabia que ele não estava feliz. Realmente não era preciso muito conhecê-lo para descobrir isso. Lá estava ele, fazendo sessenta e cinco anos e se aposentando, e se não se achasse feliz agora, quando iria encontrá-la? Esta foi como sua última temporada.

Ele colocou uma mão bem no alto da minha cabeça e a deixou lá. Isso me surpreendeu. Era quase como algo afetuoso. Como sua mãe ou seu pai faria.

"Você é um bom garoto", disse ele. “Não deixe ninguém te dizer o contrário.”

Então ele olhou para sua mão na minha cabeça como se tivesse acabado de notar onde ela estava. Ele pegou de volta novamente. “Bem, isso é uma coisa estúpida de se dizer, eu acho. Ninguém vai dizer que você não é. Acho que o que quero dizer é: tome cuidado para não dizer o contrário a *si mesmo* .

Eu podia ver seu ponto, como isso era mais complicado. Mas eu não sabia muito bem como colocar isso em palavras. Então eu fiquei lá como um idiota e não disse nada.

Rigby ainda estava sentado no meu calcanhar esquerdo. Embora Paul estivesse com a coleira, ela ainda não tinha ido até ele. Acho que ela sabia que isso era um final. Eu sei que os cães não deveriam saber dessas coisas.

Mas parecia que ela queria.

Depois de muito silêncio, Paul disse: “Você pode nos ver novamente. Se voltarmos aqui para uma visita.” Na palavra *aqui* , ele apontou por cima do ombro para a casa. Que agora pertencia a seu irmão e a mulher na foto.

“Você nem gosta do seu irmão,” eu disse. Mas eu disse baixinho, para que ninguém na casa pudesse ouvir. Talvez seu irmão não soubesse que Paul não gostava dele. Paul não seria a primeira pessoa a guardar uma coisa dessas para si.

Ele abriu um pequeno sorriso. De um lado da boca apenas. "Verdade demais", disse ele. "Mas…"

Então ele simplesmente sumiu.

E eu queria terminar o *mas* para ele. Eu juro, eu quase fiz. Eu quase disse:

“Mas você gosta muito de Rachel”. Eu me parei bem na hora. Que diabos de coisa é essa para dizer a alguém que é praticamente um estranho?

Mas então pensei, se somos estranhos, por que estamos dizendo adeus como se fôssemos amigos?

Afastei-me e, quando estava no último degrau de pedra, disse: “Dirija com segurança”.

Enquanto eu atravessava seu gramado, olhei por cima do ombro para ele. Ele ainda estava ali parado na varanda.





Ele levantou uma mão. Apenas o segurei em uma onda que não se moveu.

Eu acenei de volta. Com aceno real.

00

“Você não pode ir,” minha mãe disse. “Como você pode ir?”

Era a manhã seguinte e eu estava saindo para ajudar Nellie com o inventário.

Pode ter sido o último dia de inventário. Então, novamente, com Nellie, você nunca poderia dizer.

Eu estava indo. Aquela livraria era a única coisa em toda a minha vida miserável pela qual eu realmente ansiava. Eu não disse isso, é claro.

O que eu disse foi “eu vou”.

“Este pode ser o dia em que sua irmã desmorona.”

"Sim. Pode ser. Ou pode ser uma semana a partir de terça-feira.”

“Eu posso precisar de ajuda com ela.”

“Ajudar como? Ajudar a fazer o quê? Se ela gritar, dois de nós não podem detê-la melhor do que um de nós. Você só quer que eu fique aqui e te ajude a se preocupar. Você tem que parar de pairar sobre ela, se preocupar. Ela vai perceber o seu estresse, e isso só vai piorar as coisas.

"Ver? É exatamente por isso que preciso de você.”

"Meu Deus!" Eu disse. Na verdade, levantando minha voz. “Você é *minha* mãe, não o contrário!”

Isso caiu duro. Ninguém disse nada por um momento desconfortável. Na verdade, minha mãe nunca fez.

"Veja. Eu amo aquela maldita livraria, e eu vou. Boa sorte com ela aqui. Eu ajudo quando voltar. Se precisar.”

Tentei não olhar para ela enquanto saía pela porta, porque aquela coisa de lábios carnudos era muito irritante. Nem *eu* fiz isso. Quer dizer, nem mesmo quando eu tinha seis anos.

Então, novamente, tudo meio que enfatizou meu ponto.

00

Eu estava trabalhando com uma estante entre mim e Nellie, o que facilitou as coisas. Eu adorava conversar com ela. Mas cara a cara, era um pouco...

intenso demais. Ou alguma coisa. Então isso era mais fácil.

“O que você acha de um cara que tem apenas uma foto de uma pessoa em toda a sua casa, e acontece que é uma foto da esposa de seu irmão?”

Eu estava segurando um romance de capa dura na mão, mas ainda não lia o título. Nellie não se importou. Quanto menos inventariamos, mais feliz ela

ficava.

“O que eu pensaria disso?”

"Sim. O que você pensaria?”

“Eu acho que foi um pouco estranho.”

“Mas o que você acha que isso significa?”

“Era uma foto de um monte de gente fazendo algo interessante?”

"Não. Apenas uma foto posada dessa mulher.”

“Eu acho que a própria esposa ou namorada dele ou o que quer que seja estaria bem chateada.”

“Ele não é casado. Ele mora sozinho, exceto por um cachorro.”

"Então eu acho que ele estava tendo um caso com a esposa de seu irmão."

"Acho que não. Porque quando ela veio visitar, ele tirou a foto. Então, se eles estivessem tendo um caso, ela saberia como ele se sente. Ele não teria que esconder isso.”

“O próprio fato de ela ter ido visitá-lo sem o marido parece reforçar minha teoria.”

"Ah não. O marido dela, o irmão desse cara, ele veio também.

“Então talvez seja de quem ele estava escondendo a foto.”

“Talvez,” eu disse.

Mas eu não acreditei. Eu não achava que era assim. A vida de Paul parecia muito triste e vazia para isso. Ele parecia mais o tipo de cara que apenas se senta em um canto sozinho e sente o que sente e não age de acordo com isso.

Então, novamente, o que eu sabia? Poderia ter havido todos os tipos de coisas que eu não sabia sobre aqueles dois. Estou apenas dizendo como me senti.

Li o título do romance para ela, e ela o repetiu para mim, o que era meio que sua maneira de dizer “Cheque”.

“Apenas me parece estranho. Como existem essas pessoas que estão sozinhas, e agem como se estivessem sozinhas por escolha, como se tudo o que elas quisessem fosse ficar sozinhas. E eu acredito neles, porque por que eu não acreditaria neles? E então acontece que eles não querem nada assim.

Ninguém diz a verdade. Você não percebeu isso?”

"Sim, eu devo ter notado isso", disse ela. Então houve uma pausa, como se ela estivesse esperando que eu lesse outro título. Quando não o fiz, ela disse:

"É uma pessoa real, ou você está fazendo aquela coisa de 'meu amigo tem um problema'?"

“Não, ele é real. Não exatamente um amigo. Nós vamos. Tipo um amigo. Eu acho. Você acha estranho que eu só tenha duas pessoas que são meio que

amigos, com quem eu até falo como você falaria com um amigo, e eles não são crianças? Um tem sessenta e cinco anos e o outro tem a sua idade.

“Você não sabe quantos anos eu tenho, então como você sabe?”

"Nós vamos. Ela é você. Você tem a sua idade. Direito?"

“Eu nunca falo sobre minha idade, então não estou dizendo.”

Ninguém disse nada por um tempo, então eu coloquei minha cabeça para fora e ela estava olhando diretamente para mim. Eu puxei minha cabeça para trás novamente. Eu sempre me senti como uma tartaruga quando estava fazendo o inventário com Nellie.

“Não brinque para não responder minha pergunta, no entanto. É estranho?”

Eu a ouvi suspirar. “Você deve saber que é bizarramente maduro para sua idade. Muito pouco sobre o seu cérebro parece remotamente catorze. Você sabe disso, certo?”

Saí de trás das prateleiras e sentei na grande cadeira estofada. Colhido em um ponto desgastado no punho do meu jeans.

“Eu acho que é porque minha mãe age meio mais jovem do que eu em alguns aspectos. Mas não tenho certeza se é verdade, o que você disse. Quer dizer, eu me sinto quatorze o suficiente. Mas eu não tenho nada em comum com ninguém da minha idade, e todo mundo diz o que você está dizendo, então deve ser verdade.”

Eu apenas sentei lá escolhendo por mais um minuto ou assim. Então olhei para cima de repente e me perguntei o que estava fazendo.

"Que diabos? Eu nem queria me sentar. Temos inventário para fazer.”

Subi novamente.

Nellie disse: “Vai aguentar. Você quer falar, fale.”

"Não. Eu não quero falar. Eu odeio falar. Eu quero fazer isso para você.”

Encontrei meu caminho de volta ao ponto de onde havia parado. Eu sempre deixava o último livro um pouco para fora, para não perder meu lugar.

Peguei o próximo livro e segurei-o na minha mão.

Era *O Livro Tibetano dos Mortos* .

Meu coração quase parou.

“Oh, merda,” eu poderia ter dito. Ou talvez eu apenas pensei.

"O que está errado?"

"Oh. Nenhuma coisa." Então eu não tinha apenas pensado nisso. "Nenhuma coisa. *O Livro Tibetano dos Mortos* . Este não tem exatamente um autor.

Apenas um tradutor. Você pode usar isso como um autor?”

Ela nunca respondeu a pergunta. Ela apenas perguntou: “Você já leu esse?”

Soltei uma risadinha que soou mais como um suspiro rápido. "Não. Eu não li esse. Eu sei do que se trata, mas não li.”

“É sobre o que parece ser?”

“Muito, sim. Entender o que acontece quando alguém morre.”

“Como é parte da cultura tibetana, estou surpreso que você não o tenha lido de capa a capa sete vezes na biblioteca.”

“Não tenho certeza se quero ler este.”

“Quer levar para casa e decidir? Devo-lhe muitos livros e dinheiro por todo este trabalho. É seu, se você quiser.”

Não consegui responder à pergunta. Eu literalmente não consegui. Fiquei ali com o livro na mão e não consegui dizer uma palavra.

Finalmente, eu saí de entre as prateleiras. Ainda carregando o livro Dead.

Caminhei até o balcão sem nunca olhar para ela. Eu ainda estava olhando para a capa.

“Você perdeu alguém de quem era próximo?” ela perguntou.

Eu estava tentando decidir se contaria ou não a ela quando sua cabeça se ergueu, e ela sorriu.

“Ah, olhe,” ela disse. “Cathy está aqui.”

Eu também olhei.

Ela mencionou alguém chamado Cathy uma vez, e eu o arquivei em algum lugar, mas não pensei muito sobre quem ela era. Na verdade, pensei que Nellie tinha um funcionário que eu ainda não conhecia.

Cathy entrou, sorrindo. Eu não acho que ela era uma funcionária. Era domingo.

E, além disso, ninguém está tão feliz em começar a trabalhar.

Ela parecia asiática, ou talvez meio asiática, e seu cabelo não era mais comprido que o meu. Ela era um pouco mais velha que Nellie. Com idade suficiente para ter linhas de riso nos cantos da boca e dos olhos.

Enquanto isso, Nellie estava nos apresentando, mas tudo que eu estava fazendo era olhar.

Cathy deu a volta por trás do balcão, como se fosse dona do lugar tanto quanto Nellie, e deslizou um braço em volta da cintura de Nellie. Então ela a beijou na bochecha.

Dei um longo passo para trás.

Então os dois olharam para mim, acho que porque dei um passo para trás e acidentalmente deixei cair *O Livro Tibetano dos Mortos* . Abaixei-me rapidamente para pegá-lo e bati minha cabeça com força no balcão de Nellie. Forte o suficiente para que eu visse essas pequenas rajadas de luz.

Foi a primeira vez que entendi essa coisa de ver estrelas.

Ouvi Nellie dizer: “Ai. Você está bem, garoto?” Mas parecia distante.

Tentei novamente pegar o livro e, quando o consegui, coloquei-o no balcão.

Mas eu não deveria ter me endireitado tão rápido, porque isso me deixou

tonta.

"Você está bem?" perguntou Cathy. Ela parecia meio... intrigada.

“Eu preciso usar seu banheiro,” eu disse.

Então eu simplesmente mergulhei naquela direção o mais rápido que pude.

Eu estava abrindo a porta do quarto dos fundos quando ouvi Cathy dizer:

“Isso foi estranho. Sobre o que era tudo isso?"

Eu não consegui ouvir o que Nellie disse de volta. Foi um murmúrio.

“Jovem homofóbico em treinamento?” perguntou Cathy. Ela tinha uma voz alta. Ele carregou.

Mas então Nellie falou mais e disse: “Essa é a coisa mais idiota que você já me disse. Seu gaydar está na oficina ou algo assim? Ela tem uma queda por mim, era disso que se tratava. Use sua cabeça."

A essa altura, eu estava pendurado em uma das estantes. Como se eu fosse cair se não o fizesse. O que não estava fora de questão. Eu podia sentir meu coração martelando. E eu odiei. Eu estava tão cansado disso. Eu teria trocado minha vida em um daqueles batimentos cardíacos, porque eu estava tão cansado de sentir.

Cathy disse: “Se eu soubesse disso, não teria deixado vocês dois sozinhos”.

Nellie parecia louca então. Ela disse: “Nem brinque com isso, Cathy. Não é nada engraçado. Ela tem quatorze anos.

"Oh. Sinto muito — disse Cathy. “Eu não sabia que ela era tão jovem. Ela parece mais velha.”

“Sim, nós estávamos falando sobre isso. Você sabe, nós não deveríamos estar… Eu tenho que verificar. Não deveríamos estar falando sobre ela assim. Eu tenho que ter certeza que ela está onde ela não pode nos ouvir.

Quanto mais fundo ela entrava nesse pensamento, mais eu podia ouvir que ela estava se aproximando. Mas eu não conseguia me mexer. Eu estava completamente congelado. Eu não tive tempo de entrar na sala dos fundos, e eu não podia, de qualquer maneira. Eu nem tive tempo de querer morrer no local. O que eu definitivamente teria. Se ela não tivesse aparecido quando apareceu.

Olhei para cima e lá estava ela, no final das prateleiras. Olhando diretamente para mim.

"Angie", disse ela.

Soltei a estante. Ficou sozinho. Eu não olharia para ela. Olhei para o padrão no tapete.

Ela não se moveu, e nem eu.

Então, de repente, eu me desvencilhei. Eu andei direto para ela. Como se eu fosse derrubá-la. Eu não conseguia nem abrir a boca para dizer “com



licença” ou “saia do meu caminho”. Mas ela parecia ter a ideia de que era melhor.

Eu podia sentir meu ombro bater nela quando passei por ela naquele pequeno espaço. Eu poderia dizer que a desequilibrou. Mas eu apenas continuei. Não olhou para trás. Não olhei para Cathy enquanto eu passava.

Eu preferiria ter pulado em um poço de escorpiões. Eu apenas continuei olhando para o tapete até que eu estivesse livre.

Quando saí na calçada, a luz estava muito forte. Cortou meus olhos e meu cérebro como uma faca.

Eu a ouvi chamar meu nome novamente.

“Angie!”

Eu comecei a correr.

"Angie, espere!"

Eu não.

Corri todo o caminho para casa.

00

Eu podia ver a casa de tia Vi no final do quarteirão, e ainda estava correndo.

Tive uma pontada no peito e meus pulmões doíam. Eu poderia ter parado.

Não havia razão real para não fazê-lo. Eu disse isso a mim mesma. Mas eu não estava parando.

Talvez eu quisesse machucar.

Foi quando ouvi Sophie. Sua sirene uiva. E só por um segundo, eu pensei, Oh, merda. Se eu posso ouvi-la do final do quarteirão, isso é ruim. Isso é pior do que ruim. Isso é um desastre.

Então percebi que o som vinha de trás de mim.

Parei e me virei, me agachando um pouco para apoiar as palmas das mãos nos joelhos. Assim eu não cairia. Apenas tentando recuperar o fôlego no meio do caminho. Levantei minha cabeça o máximo que pude.

Minha mãe parou em nossa velha caminhonete, Sophie gritando no banco de trás. E... veja só... ela estava puxando um trailer. Não era um daqueles trailers abertos que as pessoas costumam alugar quando estão em movimento. Era do tipo que parecia um trailer de cavalo, exceto sem lugares abertos para um cavalo olhar e mal grande o suficiente para um pônei.

Soletrou em movimento, tudo bem. Não havia mais nada que pudesse significar.

Eu apertei meus olhos fechados.

A princípio, tentei resistir. Tipo, Não, isso não pode estar acontecendo. Nem tudo de uma vez assim. Então eu bati naquele lugar onde as coisas estão tão

ruins que você não luta mais. Onde você está além de tentar se salvar. Onde você simplesmente vai de barriga para cima e afunda até o fundo.

Acabei de dobrar.

“Entre,” minha mãe disse.

Ela se inclinou e abriu a janela do lado do passageiro. O carro era tão velho que nem tinha vidros elétricos. Os gritos ficaram muito mais altos.

Eu não me movi. Não poderia, eu acho.

Mas então um vizinho que não conhecíamos apareceu na varanda para ver o que era aquele barulho horrível.

"Depressa", disse ela.

Então eu me mexi.

Eu me joguei no banco, ainda tentando respirar. Enrolou a janela enquanto ela se afastava.

Achei que íamos voltar para a casa da tia Vi, que ficava a apenas algumas casas de onde ela me pegou. Mas ela passou direto.

"Onde estamos indo?" Eu perguntei.

“O que aconteceu com sua cabeça?” ela perguntou, quase ao mesmo tempo.

Nós dois estávamos gritando para sermos ouvidos pela sirene de Sophie.

Então nós dois apenas esperamos. Como o outro responderia.

"Onde estamos indo?" Eu perguntei novamente.

"Você primeiro."

Não sei por que a deixei ganhar essa. Eu simplesmente não tinha mais luta.

“Parece ruim? Provavelmente não é tão ruim quanto parece. Acabei de bater minha cabeça tentando pegar um livro.”

— Por que você estava correndo?

“Só senti vontade de correr. É sua vez. Onde estamos indo?"

“Estamos nos mudando.”

“Eu senti isso. Mas por que não vamos à casa da tia Vi buscar nossas coisas?

“Eu tenho nossas coisas.”

“Como você pode? Eu só fui para…”

"Duas horas e meia."

“Como você conseguiu um trailer e empacotar todas as nossas coisas tão rápido?”

Estava fazendo minha garganta arranhar ter que falar tão alto.

“Porque, caso você não tenha notado, não é muita coisa.”

“Eu não suporto isso. Eu preciso dos meus tampões de ouvido.”

"Eu sinto Muito. Eles estão lotados.”

“Eu preciso encontrá-los.”

“Garoto, eles estão lotados. Joguei tudo em caixas e joguei tudo no trailer.

Como você vai encontrar algo tão pequeno?”

Algo estalou em mim. Algo que foi esticado muito apertado em primeiro lugar. Eu coloquei minhas mãos sobre meus ouvidos e abaixei minha cabeça e pressionei meus joelhos contra minhas mãos e apenas segurei minha cabeça o mais forte que pude.

Ainda estava alto.

Eu podia sentir-nos fazendo curvas à direita. Um após o outro após o outro.

Demorou uns bons cinco ou dez minutos antes que eu pudesse saber com certeza que tudo o que estávamos fazendo era dirigir em círculos.

Então levei mais quinze ou vinte minutos para ficar completamente exausto pela inutilidade da coisa toda.

Eu levantei minha cabeça.

“Se você vai apenas dar a volta no quarteirão, você poderia me deixar na casa da tia Vi? Dei a ela um par de tampões de ouvido. Talvez ela ainda os tenha.

"Eu não sei se somos bem-vindos lá, garoto."

“Só estou falando de mim. Nem todos nós. Além disso, quero verificar e ter certeza de que você não esqueceu nenhuma das minhas coisas.

“Não sobrou nada naquele quarto.”

“Você tirou minha melhor jaqueta do armário do corredor?”

"Um..."

"Excelente. Bom trabalho, mãe.”

"OK. Multar. Eu vou te deixar de volta.”

Alguns minutos depois, ela parou na frente da tia Vi, e eu pulei para fora, e ela partiu novamente. Mal tive tempo de fechar a porta.

Eu parei no meio-fio e a observei ir embora e percebi que não tinha ideia de quando ela voltaria para me buscar. Mas essa não era a parte assustadora. A parte assustadora era que eu não me importava. Passou pela minha mente como seria não ser amarrado por nenhum deles. Parece terrível, mas eu pensei. Claro, eu tinha apenas quatorze anos. Seria difícil fazer isso sozinho.

Mas... mais difícil do que isso? Como algo poderia ser mais difícil do que isso? Eu senti que coloquei mais no arranjo do que saí dele. Mas afastei o pensamento novamente.

Eles eram minha família, gostando ou não.

Bati na porta da tia Vi. Apenas no caso de eu realmente não ser bem-vindo lá. Quando ninguém respondeu, entrei com minha chave.

Encontrei tia Vi no quarto, na cama, com seu roupão desbotado. Debaixo das cobertas, mas não dormindo. Ela olhou para mim como se tudo o que já

havia partido seu coração estivesse bem na frente de seus olhos.

“Eu realmente sinto muito por tudo isso,” eu disse.

Ela sorriu aquele sorriso triste. “Tenho mais pena de você. Você nunca pode fugir disso como eu posso. Você não pode simplesmente dizer: 'Isso é tudo o que posso aguentar'”.

Isso afundou duro. Porque eu estava bem ali. Bem nesse ponto. Realmente era tudo o que eu podia aguentar. Mas ela estava certa. Eu não poderia dizer isso. Ela poderia traçar uma linha. Eu não podia.

"O que aconteceu? Como ela descobriu que o cachorro tinha ido embora?

“A porta se abriu ao lado, e alguém que ela nunca tinha visto saiu. Uma mulher. E nenhum cachorro. Foi logo depois que você saiu. Ela simplesmente desmoronou. Eu nunca a vi assim. E eu pensei que a tinha visto no seu pior.

"Não tenho certeza se algum de nós a viu em seu pior momento", eu disse.

Então eu desejei não ter dito isso. Era uma daquelas coisas que estava lá para dizer o tempo todo. Mas levou um dia muito ruim para me colocar tão longe do meu jogo que esqueci de evitá-lo.

“Você acabou de perder seu amigo.”

"Que amigo?"

“Aquela senhora simpática da livraria. Ela deixou um pequeno pacote para você.

Isso me atingiu como um taco de beisebol feito de gelo. Então acho que estava me enganando, pensando que estava no fundo do poço e nem mesmo tentando me salvar.

“Como ela sabia onde eu morava?”

“Ela ligou, e eu disse a ela. Pensávamos que você estaria em casa quando ela chegasse, mas você simplesmente sentiu falta dela. O pacote está na porta. Aonde vocês vão todos, querida?”

Eu fiz um som exasperado. Era uma pergunta louca para me fazer em um momento como aquele. Por que as pessoas me faziam perguntas assim, como se eu fosse o cérebro da roupa? Por que eu não comecei a ser uma criança?

"Eu não tenho... maldita ideia." Eu quase disse algo mais forte. Não por raiva dela. Mais como uma forma de insultar a própria situação. Mas eu o controlei bem na hora. "OK. Olha, eu sinto muito por tudo. Eu só vou olhar em volta e ver se minha mãe esqueceu alguma das minhas coisas. E... lembra daqueles tampões de ouvido que eu te dei? Você ainda os tem?”

Ela meio que se sentou. Como se ela só pudesse pensar quando seu cérebro estava ereto. “Acho que estão no armário do banheiro. Mas você não os quereria

uma vez que eu os tivesse em meus ouvidos. Você iria?"

“Estou meio desesperado.”

"Bem... vá olhar."

Eu fiz o meu caminho para o banheiro dela. Meu próprio reflexo no espelho me surpreendeu. Eu tinha um enorme nó roxo na testa, e meus olhos pareciam que eu tinha acabado de passar por uma guerra. Abri rapidamente a porta do armário. Encontrei os tampões de ouvido imediatamente. Eu conhecia aquela cor de azul em qualquer lugar.

“Obrigada,” eu disse no meu caminho de volta pelo quarto dela. Deixei cair a chave em sua mesa de cabeceira. "Para tudo."

Então entrei no nosso antigo quarto.

Tateei embaixo da cama. Com certeza, meu pequeno baú trancado ainda estava lá embaixo. Então... apenas as coisas mais importantes que eu tinha.

Uma boneca e dois livros que meu pai me deu. Uma de suas camisas velhas.

Meu livro de mesa de centro do Himalaia. Um anel que pertencia à vovó.

Enfiei a mão debaixo do colchão e tateei até que meus dedos envolviam a chave. Enfiei no fundo do meu bolso.

“Ótimo trabalho em me empacotar, mãe,” eu disse em voz alta, para ninguém.

Carreguei o baú até a porta da frente. Peguei minha melhor jaqueta do armário do corredor.

Na mesinha de madeira perto da porta estava a bolsa. Era um saco de papel comum carimbado com o logotipo e o endereço da Nellie's Books. Eu joguei a jaqueta sobre o meu braço e levei tudo para fora.

Minha mãe estava longe de ser vista.

Sentei-me na varanda, sentindo-me exposta. Como se Nellie estivesse prestes a descer e querer falar comigo ou algo assim. Eu odiava falar.

Odiava tanto. Por que todo mundo sempre quis falar sobre coisas que era melhor deixar em paz?

Eu destranquei o porta-malas. Eu ia jogar a bolsa sem abri-la e trancar tudo de novo. Mas eu só tinha que espiar dentro da bolsa. Eu não conseguia parar.

Dentro estava *O Livro Tibetano dos Mortos* . O que me deixou ainda mais nervoso. Agora que era meu. E um envelope lacrado.

Eu tenho essa sensação estranha e tonta, como se eu estivesse em algum tipo de distorção do tempo. Como tantas pessoas conseguiram tanto feito tão rápido? Como poderíamos passar de viver aqui para não viver aqui enquanto eu estava na casa de Nellie? Como ela poderia juntar tudo isso e obter meu endereço e deixá-lo enquanto eu estava correndo para casa? Ou...

bem... enquanto estávamos dirigindo em círculos, eu acho.

É como se não estivéssemos todos viajando na mesma velocidade.

Eu não conseguia decidir se eu suportaria abrir a nota ou não. Eu me senti igualmente forte em ver e não ver o que estava dentro. Então decidi que era melhor olhar agora, antes que minha mãe aparecesse novamente. Seria tarde demais para mudar de ideia, só Deus sabe quanto tempo.

Eu o rasguei. Dentro havia uma nota de cem dólares, com um recibo impresso em volta que dizia: “Pagamento atrasado pelo trabalho de inventário”. E então havia uma longa nota escrita à mão. O que – agora que eu estava olhando – eu tinha certeza absoluta de que não queria ler.

Acabei de olhar para a primeira linha. Meio que semicerrados para isso. Eu juro, não estou inventando isso – eu li com os olhos meio fechados. Como se eu pudesse ver e não ver ao mesmo tempo. Acabei de ver “Angie, sinto muito. Eu nunca quis envergonhar—”

Eu rapidamente o empurrei de volta no envelope. Antes de morrer de vergonha. A única coisa mais embaraçosa do que eu tinha acabado de passar só poderia ser alguém apontando o quão embaraçoso era.

Por um minuto, eu me perguntei se havia algo de errado com todo mundo no mundo inteiro, ou se era comigo.

Minha mãe virou a esquina no final do quarteirão, e eu enfiei o dinheiro bem fundo no bolso da minha calça jeans. Então joguei o livro e o bilhete no meu pequeno baú e tranquei-o novamente.

Eu podia ouvir, enquanto eles paravam, que a voz de Sophie estava ficando quebrada e arranhada. Mas ela ainda estava dando tudo o que tinha.

Eu suavizei os tampões de ouvido e os coloquei bem na hora.

Coloquei a jaqueta e o baú na parte de trás da carroça e entrei ao lado de minha mãe.

Ela disse alguma coisa, mas eu não entendi.

"O que? Eu tenho meus tampões de ouvido."

“Eu disse, 'Oh, o baú'.” Muito mais alto.

"Sim. Ah, o tronco. Apenas as coisas mais importantes que possuo."

"Desculpe."

“Você não deveria ter me embalado. Eu deveria ter sido capaz de embalar minhas próprias coisas.”

"Eu disse para não ir."

Percebi então que ela estava certa. Eu não deveria ter ido. Eu sabia disso o tempo todo. Mas era algo que eu não estava disposto a desistir.

"Você tem razão. Eu sinto Muito."

Nós dirigimos sem falar por um tempo. A voz de Sophie estava começando a falhar. Todo mundo só tem tanta voz. Até minha irmã.





Minha mãe ainda estava andando em círculo. O que parecia tão insano que eu mal me sentia capaz de falar com ele.

Finalmente, quando não aguentei mais, disse: “Para onde vamos?”

"Nenhuma idéia."

“Não podemos simplesmente estacionar em algum lugar?”

“Não consigo pensar em nenhum lugar longe o suficiente das pessoas para que ninguém chame a polícia. Vou continuar andando até ela parar.

"Então o que?"

“Você está fazendo muitas perguntas. Preciso de tempo para pensar.”

"Desculpe."

00

Era o meio da tarde. Mas, de repente, acordei, embora não tivesse ideia de que tinha adormecido. O carro estava estacionado em frente à casa de tia Vi.

Sophie dormia profundamente no banco de trás. Minha mãe não estava por perto.

Fechei os olhos novamente.

Senti-me um pouco melhor, porque imaginei que ela tinha ido falar com tia Vi. Talvez eles até resolvessem. Talvez pudéssemos ficar aqui, pelo menos durante a noite.

Não sei quanto tempo meus olhos ficaram fechados, mas quando os abri, vi minha mãe no espelho lateral. Ela estava na varanda do que costumava ser a casa de Paul Inverness.

Ela estava falando com Rachel.

"Que diabos?" Eu disse. Mas em silêncio, para não acordar Sophie. Isso era difícil de fazer uma vez que ela se cansou. Mas eu não estava arriscando.

00

Eu pulei quando a porta do carro bateu. Olhei para minha mãe.

"Sobre o que era tudo isso?"

Ela não respondeu. Apenas liguei o carro e dirigi. Eu tive que pensar o quanto eu queria pressionar por respostas. Em um dia como aquele, eu realmente queria continuar apressando as más notícias?

Não fomos em círculo desta vez. Entramos na rodovia.

"Então..." eu disse, meio que testando. “Agora posso perguntar para onde estamos indo?”

"Sim", disse ela. “Agora você pode perguntar. Vamos para uma adorável cidadezinha nas montanhas. E vamos começar por aí. Se for tão pequeno



quanto eu acho, talvez possamos até alugar um lugar fora do alcance dos vizinhos.”

“As montanhas,” eu disse. Mal se atrevendo a acreditar.

“Vai ser bom lá em cima. Você vai ver."

Foi quando me ocorreu que minha mãe não tinha ideia do quanto eu amava as montanhas. Eu realmente mantive minha vida interior em segredo.

“Que montanhas? Onde?"

“As montanhas de Sierra Nevada. Perto do Lago Kehoe.

Levou um minuto para se acomodar. Caiu no meu cérebro como as peças de um quebra-cabeça. Alguma montagem necessária.

Quando me atingiu, gritei tão alto que é um milagre que Sophie não tenha acordado.

"Meu Deus!"

"Fale baixo!"

“Você não faria isso! Você não pode! Você não pode estar falando sério! Ele

trabalhou a vida inteira para ter um pouco de paz e sossego lá em cima!”

“Ele não é dono da cidade.”

“Como você pode pensar que isso vai funcionar? Você acha que vai encontrar um lugar para alugar do outro lado de uma cerca do cachorro dele?

Isso é loucura!"

“Nós podemos pelo menos tentar.”

“Eu não posso acreditar que você faria isso. Ele vai morrer quando nos vir.

“Você tem uma ideia melhor?”

Sempre se resumia a isso. Aceite as ideias muito ruins da minha mãe ou pense em ideias melhores por conta própria. Sempre essas duas escolhas terríveis.

Nenhum dos dois tem jeito de crescer.

Pelo menos, não na minha opinião.

00

Eu mantive meus olhos fechados durante a maior parte da viagem para fora da cidade. Eu apostaria dinheiro que nunca conseguiria dormir, mas então, de repente, meus olhos se abriram e estávamos no meio do nada. Estava escuro e chovendo forte. E não estávamos nos movendo.

Minha mãe estava com os braços sobre o volante, a testa apoiada nos braços.

Eu a observei por um minuto, tentando me acordar. Observei a chuva batendo no para-brisa, gotas enormes que explodiam em gotas menores ao

contato. O céu se iluminou e pude ver as teias reais de relâmpagos no horizonte, a forma como eles se curvavam no céu.

Olhei por cima do assento para Sophie, mas ela ainda estava dormindo.

Quando o trovão veio, fez minha mãe pular.

"Oh, você está acordado", disse ela.

"Sim. O que estamos fazendo?"

"Não muito."

"Você não pode ver para dirigir?"

“Eu pude ver. Não é isso."

Eu poderia ter perguntado: “O que é isso, então?” Mas essa é uma pergunta bastante óbvia. Depois de dizer a alguém: “Não é isso”, você deve estar preparado para contar a segunda metade da história. Eles não deveriam ter que perguntar.

Depois de um tempo, ela disse: “Talvez isso seja loucura”.

“Ah, é definitivamente insano.”

Então ela não disse nada por um longo tempo, e nem eu.

Finalmente, cansei de esperar. Então eu disse: “O que mais poderíamos fazer? Se não fizéssemos isso?”

Ela riu de um jeito que não tinha nada a ver com qualquer tipo de piada.

“Bem, aí está o problema. É assim que sempre chego a decisões insanas e comportamentos irracionais. Sem planos de backup.”

“O quão longe nós já dirigimos?”

“Mais da metade.”

O relâmpago eletrizou tudo novamente, e minha mãe estremeceu, se preparando para o trovão. Mas foi um fracasso em comparação com a última vez.

"Talvez..." ela disse.

E eu já sabia que algo ruim estava por vir. E o que provavelmente era.

Eu senti que talvez a Terra fosse realmente plana, e eu naveguei direto da borda

sem saber. Parecia cair. Como se nada fosse parar neste outono. Eu estava me sentindo assim desde a livraria. Sem fundo ainda.

“Talvez o quê?”

“Talvez tenhamos que pensar em algumas coisas que tiramos da mesa há muito tempo. E você sabe. Talvez... coloque-os de volta na mesa novamente.

Eu não podia sentir muita reação dentro do meu intestino, porque não havia muito espaço para as coisas piorarem.

“Eu não posso acreditar que você faria isso. Eu não posso acreditar que você diria isso. Você prometeu. Nós dois prometemos.”

“Nós temos nossas costas contra a parede aqui, garoto. Caso você não tenha notado.”

"Não importa. É uma promessa. Você mantém uma promessa, não importa o quê. Você não mantém uma promessa até que fique difícil. Quanto a mim? E

se eu tornar sua vida difícil? Estou fora da porta também?”

“Isso não é *justo* ,” ela disse, sua voz fervendo com essa raiva ferida. “Isso não é o mesmo, e você sabe disso.”

“Por que não é? Nós duas somos suas filhas. Isso é para sempre ou não é.

Isso é não importa o quê ou não é.”

Outro relâmpago.

Ela não me respondeu. Às vezes, quando minha mãe estava muito chateada, ela perdia as palavras completamente. Eu nunca sabia se ela não conseguia encontrá-los ou se ela simplesmente não gostava dos que conseguia encontrar.

“Ok,” eu disse. “Não é completamente igual. Eu sinto Muito. Mas fizemos uma promessa.”

"Então, qual é o seu plano?"

Eu odiava pensar dessa forma, mas tive um lampejo de pensamento de que ela

tinha feito tudo isso de propósito. Que a dica de mandar Sophie embora era apenas um ardil para jogar o próximo passo em mim. Eu o empurrei para baixo novamente. Pode ter sido verdade. Mas não estava ajudando.

Eu disse: “Talvez pudéssemos ir para aquela cidadezinha onde Paul mora.

Mas teria que haver algumas regras. Não quero que você ou Sophie cheguem perto dele, porque acho que ele não iria querer isso. Mas eu me dou muito bem com ele. Talvez eu pudesse dizer a ele a situação em que estamos.

Talvez oferecer para passear com o cachorro de graça. E Sophie poderia acompanhá-lo nas caminhadas, porque ele não estaria lá, de qualquer maneira. E talvez ela se acalme e imagine que verá Rigby novamente no dia seguinte. Você sabe. Do jeito que ela fazia na casa da tia Vi. Temos dinheiro para um lugar para ficar?”

"Sim e não."

"Significando o quê?"

“Poderíamos ficar em algum lugar por um tempo. Ou nos alimentar. Não tanto os dois.”

A palma da minha mão estava apoiada no caroço levemente rachado da nota de cem dólares de Nellie, ainda enfiada no bolso do meu jeans. Eu não mencionei isso. Não que eu planejasse reter isso. Quer dizer, nós tivemos que comer. Eu só queria que fosse todo meu por mais algum tempo. Antes de desistir pelo bem da família. Como eu sempre fiz.



00002.jpeg

5. Desaparecido

Em meu sono, eu estava repassando um momento do Horrível Fiasco da Livraria. Apenas um momento interminável e repugnante. Eu estava atrás da estante, sabendo que ela estava prestes a me encontrar. Para descobrir que eu estava ouvindo. Exceto que, no sonho, o corredor era tão largo quanto um campo de futebol e se inclinava para o infinito. Quando eu visse seu rosto, haveria espaço para ultrapassá-la por uma milha.

Exceto que eu estava congelado. Eu não conseguia me mexer.

Então ela estava lá, no final do corredor, mas ela não era exatamente Nellie.

Mais como Sophie, mas crescida. E não ASD. Não me pergunte como eu sabia que era Sophie. Eu apenas fiz. Ela olhou diretamente para mim, e seus olhos absorveram tudo. Eles eram perfeitamente claros.

Um som me acordou assustado.

Eu me sentei rápido.

Agora às más notícias. Não havia espaço para sentar. Acontece que eu estava dormindo na parte de trás da caminhonete, onde eu não tinha memória de dormir. Eu nem me lembrava de subir lá atrás. Minha testa bateu no teto, que era velho e não muito apertado e não me protegia do próprio metal do teto do carro. O ponto em que bati foi o mesmo ponto que atingi no balcão de Nellie.

Eu caí de novo.

"Ow," eu disse baixinho. "Merda." Ainda mais silenciosamente.

O som me assustou novamente. Foi um golpe. Alguém estava batendo de leve na janela traseira da caminhonete.

Meu primeiro pensamento: é um policial. Não deveríamos estar dormindo aqui. Estamos em apuros.

Estava claro, e eu podia ver a pessoa batendo, mas estava chovendo, e ele estava de capa e capuz, então eu só podia ver um pouco. Eu poderia dizer que ele era um cara mais velho, talvez da idade de Paul, mas com um rosto e olhos mais suaves.

Sentei-me novamente, tomando cuidado para me curvar e não bater com a cabeça. Olhei para a frente do carro. Sophie ainda estava dormindo profundamente, amarrada em seu assento de carro no lado do passageiro na parte de trás. Minha mãe estava dormindo no banco do motorista, que estava quase totalmente reclinado.

Abri a janela traseira. Ele capotou, como um hatchback. Nós vamos. Acho que *era* uma espécie de hatchback. Era estranho sentar-se todo curvado

daquele jeito. Mas eu não tinha muitas opções.

"Bom dia", disse ele.

"Nós fizemos algo errado?"

"De jeito nenhum. Acabei de ver você dormindo em seu carro e me perguntei se você tinha uma barraca. Desculpe, eu acordei você."

"Barraca?"

"Você não tem um?"

Eu olhei em volta. Era difícil ver no aguaceiro, mas estávamos em algum tipo de acampamento. Vi algumas barracas e muitos trailers e motorhomes.

"Um. Não. Não temos.

"Pensei que poderia ser o caso. Temos três em Achados e Perdidos que nunca foram reivindicados. Você ficaria surpreso com a frequência com que as pessoas os quebram e depois dirigem sem eles. Você pode pegar um emprestado se quiser."

"Oh. Obrigada. Muito legal. Só que… eu realmente não sei quanto tempo vamos ficar. Quando minha mãe acordar, eu vou descobrir. Não tenho certeza se ela vai acordar e voltar para a estrada novamente."

“Bem, você me avisa. Vê aquele trailer grande com a cerca ao redor? Minha esposa e eu somos os anfitriões do acampamento. Então, se precisar de alguma coisa, venha.”

"Obrigado", eu disse.

Eu provavelmente deveria ter dito mais. Ele estava sendo legal. Mas eu não conseguia abalar o sono, e não conseguia abalar o sonho. E eu nem sabia onde estávamos.

Ele saiu na chuva, segurando a ponta do capuz para proteger o rosto.

“O que foi isso?” minha mãe perguntou.

"Então você *está* acordado."

"Sim."

"Mas você ainda me fez lidar com isso."

"O que ele disse?"

“Só que ele vai nos emprestar uma barraca se quisermos.”

"Boa. Corre pegá-lo. Diga a ele que queremos.”

“Eu não tenho que correr. Eu sei onde encontrá-lo. Vamos ficar aqui? Por que estamos ficando aqui? Onde estamos?"

“Estamos bem do lado de fora daquela pequena cidade.”

“Então por que vamos ficar *aqui* ?”

— Onde você sugere que fiquemos?

“Em um... você sabe... lugar. Com um telhado. Está chovendo. Não exatamente clima de acampamento.”

Inclinei-me sobre o assento para ver se Sophie estava dormindo com tudo isso. Ela era.

“Telhados custam dinheiro. Você tem dinheiro?”

Eu escolhi não deixar transparecer, naquele momento, que eu fiz. — Você disse que tínhamos algum dinheiro.

“Eu disse que tínhamos o suficiente para ficar em algum lugar por um tempo ou para comer, mas não os dois. Acho que comer seria bom. E eu tenho que devolver o trailer. Eu tenho que dirigir até Fresno para devolvê-lo. Essa é a cidade mais próxima onde posso deixá-lo.”

“Você não pode devolver. Tem todas as nossas coisas nele.”

“Nós vamos ter que mudar tudo. Estou pagando por dia, garoto.

“Então você quer colocar todas as nossas coisas na chuva e morar em uma barraca. E quando o dinheiro acabar... e daí?

"Você sabe... eu poderia trabalhar em qualquer lugar, em qualquer turno...

nós poderíamos morar em qualquer lugar... se não fosse por..."

"Pare. Não traga *isso* à tona novamente.”

“Eu tenho que fazer, garoto. Eu sinto Muito. Eu não posso evitar. Estou meio que no fim da minha…”

Então ela começou a chorar. Não apenas pequenos tremores nas palavras, talvez com uma ou duas lágrimas. Chorando em cheio. “Nós somos sem-teto.

Você entende isso?”

Eu mal conseguia distinguir as palavras. Mas eu entendi. E tudo que eu sentia era entorpecido.

Também entendi que se alguém fosse resolver as coisas, teria que ser eu.

Saí pela janela traseira na chuva. Correu para o trailer do anfitrião do acampamento. Chovia tanto que não dava para ver muito. Mas estávamos em uma densa floresta de árvores perenes. Isso, eu podia ver. No momento em que me agachei sob seu toldo, eu já estava encharcada até a pele. E frio.

A porta estava escancarada, então eu apenas enfiei minha cabeça e disse:

“Olá?”

“Ah”, disse o velho. “Isso não demorou muito.”

“Minha mãe diz que vamos ficar. Então eu vou levá-lo até a coisa da tenda.

Mas tenho que pedir um grande favor. Eu tenho que perguntar se eu posso emprestar dois. Porque temos que tirar todas as nossas coisas daquele trailer para que minha mãe possa pegá-lo de volta.”

Ele coçou o queixo, que estava eriçado com pelos curtos da barba grisalha.

“Não vejo por que não. Eles não estão fazendo bem a ninguém em Perdidos e Achados.”

Ele se abaixou pela porta, agarrando sua capa de chuva ao sair. Então ele desapareceu na chuva, colocando-o enquanto corria. Quando ele voltou, ele estava carregando dois sacos de coisas verdes incompatíveis. Um tinha talvez dois pés de comprimento, o outro mais perto de três pés. Eles não eram tão grossos que eu não pudesse simplesmente enfiá-los debaixo dos braços.

"Você sabe como configurar isso?"

"Na verdade, não."

“Bem, este tem um diagrama. Mas todos eles funcionam praticamente da mesma maneira. Os pólos estão em seções, e você os coloca juntos. Eles se encaixam. E então você os desliza por esses laços do lado de fora da barraca. E então, quando você coloca as pontas dos postes nesses buracos de ilhós, ela se ergue como uma cúpula.”

Eu segui o diagrama, e parecia fácil.

"Obrigado. Acho que consigo lidar com isso.”

“Este tem uma pegada. Como uma lona, você pode colocar embaixo para manter o fundo seco na chuva. Então meu conselho é: durma nessa. Coloque suas coisas no outro, mas coloque as coisas no fundo que não vão estragar se molharem. Se

você tiver caixas, talvez empilhe-as em cima de coisas mais à prova d'água.”

"OK."

Parecia algo que um pai deveria se encarregar. Isso me fez desejar ter um pai que assumisse o comando.

“Se tiver algum problema, volte.”

"OK." Eu comecei a virar. Para voltar para o aguaceiro. Mas eu parei.

“Como você sabia que não tínhamos uma barraca?” Eu perguntei a ele. Eu podia ouvir meus dentes batendo um pouco enquanto eu perguntava.

“Eu não, com certeza. Mas você não é a primeira família a aparecer em um acampamento com tudo o que possui e não está totalmente preparada para acampar.”

"Oh. Achei que era só nós. Eu pensei que todo mundo tinha isso junto.”

Ele riu, um bufo rápido. "Dificilmente."

Eu me virei para me esconder na chuva novamente, mas ele me parou com uma palavra.

"Esperar."

Eu esperei.

“Eu tenho que te perguntar uma coisa. Me desculpe, mas eu tenho que fazer.

Você está seguro? Ou você está sendo ferido?”



Eu juro, eu não sabia o que ele queria dizer. Não me senti segura, não. E eu me machuquei toda vez que me virei. Mas não parecia que ele poderia estar falando sobre nada disso.

“Não tenho certeza se entendi a pergunta.”

Ele levantou uma mão e apontou para sua própria testa. Minha mão imediatamente foi até a minha. Doeu tocá-lo.

"Oh. Que."

“Isso e o fato de você ter aquela velha cicatriz de um lábio partido.”

“Estou seguro. Eu não estou sendo ferido.”

“Eu *quero* acreditar em você.”

“Isso,” eu disse, apontando para minha testa, “foi minha própria estupidez.

Abaixei-me para pegar algo que deixei cair e bati em um balcão. O lábio era minha irmãzinha. Mas não exatamente de propósito. Eu me machuco às vezes tentando cuidar dela. Mas ela não pode evitar. Ela tem TEA. Isso é-"

"Eu sei exatamente o que é isso", disse ele. Eu assisti seus olhos mudarem.

Todo o material quente e aberto voou para longe. O que ficou para trás parecia perdido e triste. “Minha esposa e eu temos um filho que é autista.”

"Que idade?"

"Trinta e seis."

"Ele mora com você lá?"

"Não."

"Você é sortudo. Você tem sorte de que ele possa viver sozinho.

Ainda menos quente e aberto. Ainda mais perdido e triste. “Ele não mora sozinho. Ele é severamente autista. Ele mora em uma instalação onde eles sabem como cuidar das pessoas que têm seus problemas.”

Só naquele momento, eu percebi uma coisa. Duas coisas, na verdade. Que por um minuto, eu gostei desse cara. E que eu não fiz mais.

“Nós não vamos fazer isso,” eu disse.

"Eu te desejo o melhor. Minha esposa ainda tem uma pequena linha branca de cicatriz no queixo. Quase trinta anos depois, você ainda pode vê-lo."

“Eu tenho que ir,” eu disse. “Obrigado pelas barracas.”

Corri todo o caminho de volta na chuva. Mas... de volta ao quê? Não era como se este pedaço de terra alugado fosse algum tipo de abrigo. Não era nada demais. Mas no momento, era tudo o que tínhamos. Eu não tinha escolha a não ser pensar nisso como um lar.

00

“Você vai ter que fazer mais backup,” eu disse a minha mãe.

Meus dentes batiam. Eu estava ensopado até os ossos de tanto montar as duas barracas sob a chuva torrencial. Então, novamente, eu estava encharcada até a pele antes de começar nas barracas. Então eu continuei dizendo a mim mesmo, uma vez que você está encharcado, você não pode ficar mais encharcado. Mas era apenas cerca de quarenta graus fora. O que significava que quando a noite chegasse, eu poderia estar vendo minha primeira neve. O que teria sido ótimo através de uma janela. Ou com roupas secas. Nenhum dos dois parecia provável.

Eu me perguntei quantos cobertores nós tínhamos.

Minha mãe entrou no carro para tentar novamente levar o trailer até a aba da grande barraca. Aquele sem pegada para mantê-lo seco na parte inferior.

Eu a ouvi engatar a marcha da caminhonete. Eu podia ouvir Sophie, acordada agora e ainda presa em seu assento de carro. Mas acho que eu era o único que saberia o que era aquele som. Ela tinha perdido a voz completamente. Parecia um sussurro constante. Como o vento soprando forte na grama seca, mas um pouco mais alto.

O trailer voltou em minha direção, mas não em linha reta. Ele torceu um pouco, indo na direção errada.

"Pare!" Eu gritei.

Ela fez.

“Basta deixá-lo ali mesmo.”

Decidi que seria mais fácil colocar a barraca na posição certa do que tentar fazer com que minha mãe colocasse o trailer na posição certa.

Eu puxei as estacas da barraca. Então eu escancarei as portas do trailer. E

deslizei a barraca para que a aba aberta ficasse bem na parte de trás do trailer. Não ajudou muito. Ainda havia um lençol de água constante saindo da barraca, e ainda teríamos que passar tudo por ele. Eu não a coloquei de novo, porque me ocorreu que estaríamos enchê-la com um monte de coisas pesadas.

Minha mãe subiu na parte de trás do trailer e pegou uma caixa.

"Não, eu disse. “As caixas duram. Eu te disse."

"Oh. Direito."

Ela me entregou meu baú de metal. Aparentemente, ela o jogou na parte de trás do trailer, então eu teria mais espaço para dormir no carro. Coloquei-o ao lado da tenda, onde não seria enterrado.

"Estou ficando encharcada", disse ela.

"Junte-se ao clube. Espero que tenhamos muitos cobertores.”

"Algum. Não tenho certeza do que você quer dizer com muito.”

Ela me entregou uma caixa de plástico cheia de toalhas. Eu coloquei isso de lado também. Estava começando a perceber que quase tudo precisaria estar onde pudéssemos alcançá-lo facilmente. O que era meio impossível.

“Vamos precisar de muitos cobertores,” eu disse.

“Eles sempre foram suficientes antes.”

“Vai estar frio esta noite.”

“É praticamente verão.”

“Estamos em uma elevação mais alta. Você realmente não entende que é mais

frio nas montanhas?”

"Oh. Direito." Ela me entregou uma caixa de papelão. "Eu sinto Muito. Não há realmente nada que não seja uma caixa de papelão. Então, estou apenas dando a vocês aqueles com pratos, panelas e frigideiras e outras coisas primeiro. As caixas ficarão encharcadas, mas pelo menos as coisas não ficarão arruinadas. Há algumas coisas em sacos de lixo. Isso pode ir para o chão. Mas não podemos realmente empilhar muito sobre eles.”

Larguei a caixa bem no meio da barraca, que já estava molhada. Eu não sabia se estava subindo pelo chão da barraca ou soprando e espirrando pela aba aberta. Ou derramando fora de mim. Eu não podia acreditar que deveríamos viver assim por tanto tempo quanto qualquer um poderia imaginar.

“Leve Sophie com você quando for pegar o trailer de volta,” eu disse.

“Você não vem?”

"Não."

“Por que você não vem?”

“Preciso me secar.”

"Bem espere."

“Eu não quero todas as nossas coisas deixadas sozinhas. E se for roubado?”

“Não vale muito.”

“São todas as nossas coisas.”

“Mais cedo ou mais tarde, terá que estar aqui sem nós.”

"Eu não vou. OK? Eu não sou. Estou chateado e quero ficar sozinho. Eu preciso de um tempo sozinho. Normalmente eu só saía se precisasse de um tempo sozinho. Mas não estamos a uma curta distância de nada, e está chovendo e congelando. Então pegue ela e vá pegar o maldito trailer de volta e pelo menos me deixe na barraca de dormir sozinha. Você tem ideia de como vai ser difícil viver assim? Nós três, naquela tenda? Na chuva torrencial?”

“Não pode chover para sempre.”

Ela me entregou outra caixa. Parecia leve.



"Já estamos em roupas?"

"Eu não sei", disse ela. “Eu não posso dizer o que está tudo aqui. Basta colocá-lo em cima das coisas da cozinha. Eu não sei o que eu embalei em quê. Eu estava com pressa."

“E se parar de chover? Não há cerca. Não temos quintal. Como vamos lidar com ela se não estivermos cercados?

“Suas reclamações não estão ajudando, Angie.”

“Bem, me desculpe. Eles são tudo que eu tenho agora.”

“Basta entrar na outra tenda e ficar sozinho. Eu vou terminar isso. E então levarei Sophie e levaremos o trailer de volta.

Eu mergulhei na chuva rápido, antes que ela mudasse de ideia.

"Você tem que deixá-la sair primeiro, no entanto", eu disse. Mesmo que isso significasse que eu tinha que ficar lá na chuva para dizer isso.

"Por que? Você acabou de dizer que não há cerca.

“Você não pode mantê-la presa naquele assento por um dia inteiro. O que terá sido quando você voltar. É cruel. É como um abuso.”

Eu podia sentir a chuva caindo em meus olhos e ouvidos.

Ela não respondeu. Então eu simplesmente me agachei no abrigo.

Não era muito abrigo. Estava fora da chuva — havia isso a ser dito. Mas não havia nada dentro da barraca além de mim. E eu estava encharcada, então quanto mais eu me sentava lá, abraçando meus joelhos e tremendo, mais uma poça de água da chuva se formava sob minha bunda.

Mas pelo menos eu estava sozinho.

00

Foi provavelmente uma hora depois quando abri a aba da barraca e coloquei minha cabeça para fora. A chuva entrou, aumentando o lago que eu criei.

Eu comecei a me perguntar por que minha mãe estava demorando tanto.

Eu estava muito desesperado para entrar na grande tenda e encontrar toalhas e roupas secas, e talvez um cobertor. Mas eu estava tentando esperar até que eles fossem embora. Eles deveriam ter ido embora até então. Eu estava começando a me perguntar o que diabos estava acontecendo. Eu sabia que teria ouvido o carro ligar e ir embora. Se tivesse.

O carro e o trailer estavam exatamente onde estavam o tempo todo. Não mãe, não Sophie.

Eu subi na chuva.

Procurei-os na tenda de armazenamento.

Ninguém lá. Apenas o que parecia ser talvez dois terços de nossas coisas.

Como se ela ainda não tivesse terminado de descarregar.

Olhei para o trailer. Estava vazio.

Ela não estava brincando quando disse que todas as nossas coisas não eram muito.

Olhei novamente para as pilhas de caixas, tentando me ajustar à ideia de que aquilo era tudo o que tínhamos. Parecia impossível. Patético.

Suspirei algumas vezes e então peguei a lixeira de plástico com as toalhas.

Eu vi um saco de lixo amarrado que parecia cobertor. Eu peguei sem ver.

Corri de volta para a barraca de dormir, esquecendo as roupas secas.

Quando voltei e me lembrei, era mais do que eu podia aguentar. Foi muito

problema.

Tudo era simplesmente demais.

Abri a tampa do cesto de toalhas e tirei a mais velha. Eu usei para absorver a maior parte da água no chão da barraca. Mas encharcou imediatamente, e o chão ainda estava bastante molhado. Eu puxei outra toalha.

Debaixo dela, vi a velha caixa de joias da minha mãe. O que parecia estranho, porque ela havia vendido todas as suas joias há muito tempo – as poucas coisas da vovó que valiam a pena vender. Eu me perguntei por que ela ainda o manteve. Então me perguntei o que ela guardava nele se não tivesse mais joias.

Abri a tampa.

Dentro havia uma carteira, um relógio Timex e um anel de prata simples.

Abri a carteira. O rosto do meu pai sorriu de volta para mim da carteira de motorista. O que foi um choque que não consigo descrever. Fechei rapidamente a carteira, joguei de volta na caixa e fechei a caixa. Eu a cobri com uma toalha limpa e coloquei a tampa de volta na lixeira.

Primeiro eu pensei, eu sei o que isso significa. Isso significa que a polícia devolveu essas coisas para ela.

Exceto, ela nunca me disse que eles devolveram. Por que ela não me disse isso? Além disso, eles só poderiam nos devolver se pegassem o cara. O que eles nunca fizeram.

Então pensei: significa que pegaram o cara. Quer eu saiba ou não.

Exceto que então haveria um julgamento. E, além disso, como eu poderia não saber? Teria saído nos noticiários e no jornal. As outras crianças na escola teriam visto. Os vizinhos teriam visto.

Rasguei a sacola plástica, mesmo sabendo que deveria ter cuidadosamente desatado o nó. Eu me enrolei em um cobertor e fiquei ali me perguntando onde Sophie e minha mãe tinham ido, sem o carro, na chuva torrencial.

Mas eu não conseguia tirar minha mente do relógio, da carteira e do anel.

Eu pensei, eu não tenho idéia do que isso significa.



Exceto... eu sabia que isso significava que tudo que eu sempre acreditei não era necessariamente verdade.

00

Provavelmente foi mais uma hora antes que minha mãe enfiasse a cabeça na barraca. A água da chuva escorria de seus longos cabelos, acumulando-se no chão que eu trabalhei tanto para secar.

“Nós temos um problema,” ela disse.

Eu pensei, você é um mentiroso? Você mente para mim? Porque isso seria um problema.

Eu disse: “Onde está Sophie?”

"Esse é o problema. Eu não faço ideia. Eu a deixei sair para se movimentar, e ela correu. Tentei pegá-la, mas escorreguei na lama. Quando voltei, não consegui ver para onde ela tinha ido. Estou procurando por ela há horas. Ela deve estar se escondendo. Eu não tenho ideia do que fazer."

Que era a maneira da minha mãe dizer: “Agora *você* faz alguma coisa”.

Quando minha mãe disse que estava sem ideias, isso significava que eu tinha que me esforçar.

Fiquei sentado um minuto, sem saber o que dizer. Parecia deixá-la nervosa.

“Você acha que eu deveria pedir ajuda ao anfitrião do acampamento?” ela perguntou. “Ele parecia legal.”

"Não, eu disse. Achei que ele usaria isso como prova de que não poderíamos lidar com ela. Que ele e sua esposa estavam certos, e minha mãe e eu estávamos errados. Mas guardei essa parte para mim. “O que ele deveria fazer, afinal? Se *você* não consegue encontrá-la, como *ele* vai encontrá-la?”

Mais silêncio. Eu estava me sentindo congelada, como naquele sonho.

Nenhuma parte de mim queria se mexer. Ou até parecia que poderia.

“Kiddo,” ela disse, “nós temos que fazer alguma coisa.”

Abri a boca para dizer: “Não posso fazer isso. Você não pode continuar me pedindo para cuidar das coisas. Eu estava sobrecarregado, sem ideias, quase à beira das lágrimas. Eu estava com frio, estava molhada, estava sem-teto.

Eu tinha quatorze anos. Eu não era mãe de ninguém. Eu não tinha perdido Sophie. Não era justo que eu tivesse que ser o único a encontrá-la.

Fechei a boca para todas essas coisas.

Quando abri novamente, ouvi-me dizer: "Você tem o número de telefone de Paul?"

“Não, mas eu tenho o endereço dele.”

“Eu gostaria de ligar primeiro. Vai realmente assustá-lo se eu simplesmente aparecer na porta.”

"OK. Vou até o telefone público e vejo se consigo uma listagem.

Sentei-me mais um pouco, me perguntando por que não a ouvi chamando por Sophie. Eu só podia imaginar que ela não tinha ligado. Talvez ela tenha pensado que era óbvio que Sophie não viria.

Mas eu me perguntei se era mais de quem minha mãe Sophie estava se escondendo. Menos eu.

Enfiei a cabeça pela aba da barraca e gritei o nome dela. Eu não queria gritar isso. Mas saiu como um grito. Saiu com todo o pânico, toda a confusão... tudo que eu estava segurando.

A aba da barraca se abriu na porta ao lado e alguém espiou. Vi a cortina se abrir na janela de um motorhome. Então nada se moveu. Onde quer que Sophie estivesse, ela não podia me ouvir. Ou isso ou ela me ouviu bem e decidiu ficar parado.

Olhei para cima para ver minha mãe de pé sobre mim. "Nenhuma listagem",

disse ela.

"Tudo bem. Leve-me até lá.”

"Levar você lá?"

“Você realmente não me ouviu?”

"E se ela voltar enquanto estivermos fora?"

"Eu não sei. Só sei que tenho que tentar isso. Temos que fazer algo que possa funcionar. Ela está encharcada. Se cair abaixo de zero esta noite... o que pode... ela vai congelar. Ela não vai sobreviver a uma noite fora.”

Uma longa pausa, durante a qual minha mãe ficou parada na chuva. Não tentando ficar seco de forma alguma.

“Acho que precisamos chamar a polícia”, disse ela.

“Deixe-me tentar isso primeiro.”

“Estamos queimando a luz do dia, garoto.”

“Pode funcionar, no entanto. E então não teríamos que contar a ninguém. E se a polícia a encontrar e não a devolver?”

“Por que eles não a devolveram?”

Eu não respondi.

Depois de um tempo, acho que ela se cansou de ficar de pé na chuva, porque entrou na barraca e sentou perto de mim. Eu podia sentir um lago totalmente novo escorrendo de suas roupas molhadas e se acumulando debaixo da minha bunda.

“Por que eles não a devolveram?”



"Eu não sei. Porque não podemos lidar com ela. Quantas vezes eles devem sair e encontrá-la se não podemos impedi-la de fugir?

"Veja. Garoto. Eles podem nos cobrar pelo resgate dela na segunda ou terceira vez. Eles podem até parar de responder às nossas ligações. Mas eles não podem simplesmente mantê-la."

"Eles tiram as crianças dos pais quando os pais não podem mantê-las seguras."

"Acho que o pai tem que ser impróprio para que isso aconteça."

"Tem certeza que?"

Longo silêncio.

Então ela disse: "O que Paul deveria fazer?"

"Nenhuma coisa. Não vou pedir para ele fazer nada. É o cachorro dele que eu acho que poderia ajudar. E se eu pudesse gritar para Sophie que Rigby estava aqui? Ela veio correndo quando ouviu isso.

Um suspiro dela. "E se ela não fizer isso?"

"Deixe-me tentar. É a nossa melhor aposta. Ela vai se esconder da polícia ou de uma equipe de busca e resgate também. Esta é a única coisa que posso pensar que pode realmente funcionar."

"Vou ter que dizer ao anfitrião do acampamento para ficar de olho nela enquanto estivermos fora."

"Multar. Qualquer que seja."

Ela se abaixou para fora da barraca novamente, deixando a chuva soprando no meu rosto. Fechei a aba.

Eu me perguntei que horas eram. Se já era tarde. Eu me perguntei quanto tempo tínhamos. Se algum dia parasse de chover. Se nevasse. Se toda a cena da floresta encharcada congelasse. Se o chão fosse escorregadio e os galhos caíssem sob o peso dos pingentes de gelo.

Eu me perguntei se era minha culpa, por dizer à minha mãe que ela tinha que deixar Sophie sair do carro.

Eu me perguntei se algum dia veríamos minha irmã novamente.

Peguei a caixa de joias da minha mãe no porta-toalhas e a coloquei ao lado da barraca de armazenamento. Enfiei-o no meio de uma caixa, entre alguns lençóis. Ela não se lembraria de onde o havia guardado. Pelo menos, eu esperava que ela não o fizesse. E eu não queria que ela soubesse que eu tinha visto.

00

“Deixe-me na esquina.”

“Você não está cansado de ficar encharcado?”

"Eu não me importo. Eu não quero que ele te veja. Se ele vir seu carro do lado de fora de sua nova casa... é muito perseguidor. Ele vai pirar. Tem que ser apenas eu.”

Saí para a chuva, que havia se tornado mais uma névoa constante.

Eu olhei em volta. Eu não conseguia nem ver as casas. Apenas caixas de correio. E as ruas não eram pavimentadas. Quero dizer, na cidade eles estavam. Mas aqui na parte residencial das coisas, eram apenas estradas lamacentas de cascalho, densas árvores e caixas de correio.

Virei a esquina na chuva e encontrei a caixa de correio com o número certo.

Tinha flores pintadas à mão. Eu não parecia muito com o estilo de Paul. Eu me perguntei se Rachel tinha pintado as flores. E se Paulo os deixasse lá.

Porque Rachel os pintou.

Eu ainda não conseguia ver a casa dele. Apenas três longos lances de escada em linha reta até a encosta de uma colina, completamente cercada por árvores floridas. Cobriram a escada como um túnel. Eu podia ver o jeito que eles tinham sido aparados para que não bloqueassem completamente o caminho para a porta da frente.

Eu estava na metade do terceiro lance de escada antes de ver a casa. Era uma moldura em A de madeira, azul com venezianas e guarnições brancas.

Parecia algo saído de um conto de fadas.

Percebi que não estava respirando.

Então comecei a pensar que ele não estava realmente lá. De alguma forma, minha mãe tinha cometido um grande erro. Simplesmente não parecia real que ele pudesse estar atrás da porta desta casa de conto de fadas.

Rigby me tirou desse pensamento. Ela latiu. Duas vezes. Ela deve ter me ouvido, ou me cheirado, na escada.

Então não foi tudo um erro ou um sonho.

Vi o rosto de Paul na janela, olhando para fora. Só por um momento, eu quase fugi. Eu estava com tanto medo do que ele iria pensar. Tentei me acalmar. Eu disse a mim mesma que não importava o que ele pensava. Ele fez, no entanto. Eu só não tinha certeza do porquê. Ou pelo menos, por que tanto.

A porta se abriu. Ele ficou ali na porta. Apenas olhando.

“Eu sei,” eu disse. “Isso é estranho. Eu sei."

Rigby se inclinou para mim, balançando todo o corpo. Mas ela era educada demais para sair, a menos que Paul o fizesse.

"Como você me encontrou aqui?"

“Sua cunhada nos disse onde você estava.”

“ *Por* que você me encontrou aqui?”

“Isso é um pouco mais difícil de explicar.”

"Você parece chateado. Está tudo bem?"

"Não. Nada está bem. Posso entrar?"

Uma longa pausa. Ele deve ter pensado nisso. Deve ter sido uma tentação dizer não. Foi estranho que o seguimos até sua nova casa, apenas dois dias depois. Inegavelmente estranho. E nem é preciso dizer que minha vida estava mais complicada do que nunca, e eu estava pedindo permissão para carregar a

bagunça em sua sala de estar. Só por um segundo, pensei, não o culparia nem um pouco por bater a porta.

"Claro", disse ele, e deu um passo para trás para fora da porta.

Eu entrei.

Era pequeno, mas maravilhoso. Pisos de madeira. Tudo com painéis de madeira. As janelas também tinham persianas por dentro. Nada foi descompactado ainda. Estava tudo em uma montanha de caixas bem arrumadas no meio do novo piso da sala de estar.

Rigby estava tão feliz em me ver que ela realmente pulou. O que era estranho, porque então sua cabeça estava mais alta que a minha, e ela não podia lamber meu rosto.

“Desça, Rig,” ele disse.

Ela fez.

Ele tirou algumas caixas do sofá de couro e indicou que eu deveria sentar.

Sentei-me, constrangida por minhas roupas estarem molhadas. Eu me perguntei se isso machucaria seu belo sofá.

Eu me perguntei se realmente éramos amigos de alguma forma estranha.

Achei que estava prestes a descobrir.

“O que é isso, então?” ele perguntou, sentando na outra ponta do sofá.

Rigby se aproximou de mim e lambeu meu pescoço. Eu coloquei meus braços ao redor de sua cabeça enorme. Eu estava tão feliz em vê-la, eu poderia ter chorado. Eu quase fiz.

“Não sei por onde começar. Fomos expulsos da casa da minha tia logo depois que você foi embora. Então agora estamos sem-teto. Então minha mãe teve essa ideia maluca de vir aqui. Primeiro eu disse a ela que era uma loucura. Simplesmente completamente louco. Que você enlouqueceria e nos odiaria para sempre. Mas então pensei: e se eles nunca chegarem perto de você? E se você

nunca viu nenhum deles? Só eu. E se eu viesse uma vez por dia e levasse Rigby para passear, sem cobrar nada? Você nunca veria Sophie. Ou ouvi-la. E você nunca teria que lidar com minha mãe. Sophie apenas veria Rigby enquanto caminhávamos. E então talvez ela simplesmente

se acomodasse como fez na casa da tia Vi e esperasse para vê-la novamente no dia seguinte. E então seríamos salvos."

"Como você seria salvo? Você ainda seria um sem-teto."

"Não. Nós não. Poderíamos morar em qualquer lugar se Sophie fosse quieta e boa como estava na casa da tia Vi.

Eu esperei. As linhas observadas se enrugam em sua testa.

"Sua família estaria morando aqui. *Aqui* . Isso *é* estranho. Eu não vou mentir para você. É muito estranho que eu me mude horas de distância, e então aqui estão todos vocês de novo."

"Eu sei. Eu concordo. Eu sinto Muito."

Silêncio.

Eu estava prestes a me levantar e sair em completa derrota.

"Eu estou de volta para acompanhá-la agora", disse ele. "Minhas costas estão melhores."

"Ela não adoraria duas caminhadas por dia? Isso não seria duas vezes melhor?"

"Não necessariamente. Ela é uma menina velha."

"Ela é? Qual a idade dela?"

"Seis e Meia."

"Isso não é velho."

Mas eu sempre notei que seu focinho era cinza.

"É para um Dogue Alemão. Eles não vivem muito. Sete, oito anos, geralmente.

"Isso é terrível."

“É apenas como é.”

"Por que as pessoas ainda os têm, então?"

“Porque são ótimos cães.”

“Mas é terrível perder um grande cachorro quando ele tem apenas sete anos.”

“Ou oito. Ou talvez nove ou dez. Quem sabe? Olha, talvez eu pudesse caminhar com ela uma milha por dia, e você poderia caminhar com ela uma milha por dia. À medida que ela envelhece, acho que duas caminhadas curtas podem ser melhores para ela do que uma longa.”

Tentei responder, mas não tinha ideia do que dizer. Mesmo que eu realmente não soubesse disso, eu nunca esperei que isso funcionasse. Eu esperava que ele me jogasse de bunda, com algumas palavras indelicadas para acompanhar a bota descendo as escadas. Você poderia ter me derrubado com uma pena.

"Você está dizendo sim?"

"Você não queria que eu dissesse sim?"

"Sim. Mas eu não pensei que você iria. Na verdade, eu tinha certeza que você não iria.

“Você quer continuar me dizendo o quão fora do personagem isso é para mim? Ou você quer me dizer quando quer começar?

"Hoje. Eu realmente quero começar hoje. Oh. Mas é ruim para ela sair na chuva? Se está frio? E ela é meio mais velha?

“Não está mais chovendo.”

"Não é?"

Eu o segui até a janela. Rigby caminhou conosco. As nuvens estavam se separando e soprando entre nós e o céu mais azul imaginável.

“Então, onde você vai levá-la? Você ao menos conhece a cidade?”

Eu ainda estava ocupado sendo derrubado pelo fato de a chuva ter parado a tempo de me salvar. Eu pensei que ia chover para sempre. Se não mais.

Eu disse: “Lembra como você gostou quando eu lhe disse a verdade mesmo quando eu não precisava?”

“O alcaçuz.”

"Direito. Eu preciso levá-la de volta ao acampamento onde estamos hospedados e levá-la para passear lá. Sophie fugiu, e acho que ela vai sair do esconderijo se Rigby estiver comigo.

Ele olhou para mim com um olhar curioso em seu rosto. Parecia que significava não.

“Você não tem nem idade para dirigir.”

“Não, eu não estou dirigindo. Minha mãe está dirigindo.” Então eu rapidamente acrescentei: “Eu a fiz esperar na esquina. Então ela nem chegaria perto de sua casa.

Ele sorriu um pouco no canto da boca, do jeito que eu o tinha visto fazer antes. No lugar antigo. Isso parecia muito tempo atrás. Como uma vida diferente.

Então ele saiu da sala.

Quando voltou, estava com a coleira de Rigby.

Toda a tensão e medo derreteu no meio de mim, como se estivesse a caminho de se acumular aos meus pés e talvez até desaparecer.

"Uma condição", disse ele. “Que você estabeleceu um limite de tempo razoável. Duas horas, talvez. Se ela não saiu depois disso, então simplesmente não está funcionando. E então eu gostaria do meu cachorro de volta, de qualquer maneira.”

Eu estendi minha mão para apertar, e ele a apertou.

“Você não tem ideia do quanto eu aprecio isso.”



"Apenas vá. Escurece rápido nas montanhas. É uma tempestade fria.”

"Eu sei."

"Boa sorte."

"Obrigado."

Eu senti que havia muito mais que eu deveria dizer. E queria dizer. Mas eu não podia envolver minha cabeça em torno disso ainda. Além disso, ele estava certo. Não tínhamos muito tempo.

00

“Sofia? Sophie, adivinhe quem eu tenho comigo? Rigby. Rigby está aqui.

Bainha! Venha ver. É verdade, eu não mentiria para você. É *Bainha* !”

Era uma variação de algo que eu havia gritado pelo menos trinta vezes.

Nada ainda. Então, novamente, ela poderia estar a uma milha fora do alcance da voz. Eu poderia ter ido na direção errada completamente.

Olhei para Rigby.

“Rigby, você sabe onde Sophie está?”

Ela ergueu o nariz para o vento. Eu não tive a sensação de que ela pegou qualquer cheiro imediatamente. Mas eu tive a ideia de que ela entendeu a pergunta. Mas talvez fosse apenas eu e minha esperança.

Escorregamos e deslizamos por um cume íngreme, e eu olhei para fora e vi além das árvores pela primeira vez. Eu respirei fundo. Estávamos realmente nas montanhas. Eu não tinha tido muita noção do que me cercava até aquele momento. Olhei para um desfiladeiro e vi Sierra Nevadas mais altas até o horizonte, algumas com neve em seus cumes. Eu vi um pequeno lago e árvores crescendo do que parecia ser uma rocha sólida. E o céu era de um azul de aço no alto, um azul mais profundo perto das montanhas, com nuvens brancas ondulantes deslizando.

Só por um momento, tive a mesma sensação que tive na frente da casa de Paul. Como se isso fosse algo que eu imaginaria. Não em algum lugar real.

“Sofia?” Eu chamei novamente. “Eu tenho *Bainha* !”

Não ouvi nada como uma resposta. Mas, de repente, Rigby estava me puxando pela encosta íngreme, meus calcanhares deslizando na lama solta e pedras se movendo. Rigby nunca puxou, então eu sabia que ela deve ter ouvido ou cheirado alguma coisa. Eu escorreguei algumas vezes e consegui me equilibrar antes de cair. Então eu escorreguei e aterrissei no calcanhar da minha mão livre, mas ela me puxou de volta para cima novamente, e nós continuamos.

O chão se nivelou e ela me levou até um monte de pedregulhos, cada um do tamanho de um carro pequeno.



Entre eles, vi minha irmã caçula deitada na lama, molhada e tremendo. Ela abriu os olhos e olhou para cima. Não para mim. No cachorro. Ela tinha lama no cabelo.

"Hem", disse ela. Mas soou fraco.

Rigby lambeu seu rosto e pescoço. Não tanto como beijos. Mais do jeito que uma cadela limpa seus filhotes.

Sofia riu alto.

Eu me agachei e coloquei minha mão em seu ombro. Ela não se livrou de novo. Eu podia senti-la tremendo profundamente. Pela primeira vez, eu realmente deixei perceber o quão ruim teria sido se eu não pudesse encontrá-la quase ao anoitecer. Estava lá o tempo todo, mas eu não me permiti pensar nisso.

“Por que você fugiu de nós?” Eu perguntei a ela. Mesmo sabendo que ela não responderia. Mesmo que eu não tivesse certeza se ela saberia.

Eu a puxei para cima do meu ombro, e ela deixou seu rosto cair na curva do meu pescoço. Ela se sentia mole como um saco de roupas molhadas.

Eu olhei em volta.

"Oh, merda", eu disse em voz alta.

Eu não sabia mais onde estávamos. Eu não sabia que direção tomar para voltar ao acampamento. Olhei em torno de trezentos e sessenta e cinco graus, poderia ter sido qualquer uma dessas direções.

“Rigby,” eu disse. "Vamos voltar."

Ela começou, e eu a segui. Subimos de volta ao topo do cume, descemos sua espinha, depois cruzamos uma ravina lamacenta e começamos a subir outra colina. Foi difícil carregar todo o peso extra morro acima, mas não tive escolha.

Mas se estivéssemos no caminho errado e tivéssemos que vagar por aqui por horas…

Eu soprei meu caminho até o topo do segundo cume. Apenas seguindo Rigby.

Lá estava o acampamento espalhado abaixo de nós.

Todo o ar saiu de mim de uma vez.

"Bom cachorro!" Eu disse.

00

"Então... estou começando a pensar que seu cachorro é mágico."

Eu estava de pé logo atrás da porta, na sala de estar dele. Eu sabia que minha mãe estava esperando na esquina, mas imaginei que o mínimo que ela podia fazer era esperar.

“Ela é uma ótima cadela”, disse ele. “Ninguém é mais fã de Rigby do que eu.

Mas ela não é mágica. Ela só tem uma audição dez vezes melhor que a nossa e um olfato dezenas de vezes melhor. Ela pode simplesmente fazer coisas que você não pode.”

“Mas quando eu disse vamos voltar…”

“Eu faço isso com ela o tempo todo. Quando nos afastamos de casa, digo a ela: 'Vamos voltar agora'. E refazemos nossos passos.”

"Oh. Bem, tudo bem. Ela não é mágica. Mas ela é uma heroína. Devemos colocá-la no noticiário local ou algo assim.

"Não!" ele disse, muito alto, e eu não tinha certeza se ele estava meio brincando ou genuinamente gritando comigo. “Não quero equipes de reportagem na minha porta.”

“Você só quer ficar sozinho.”

"Direito."

Eu me virei para ir. “Que horas amanhã?” Eu perguntei por cima do ombro.

"A qualquer momento. Não importa.” Então ele disse: “Talvez não completamente sozinho. É diferente aqui. Nada de trabalhar com pessoas, quer eu goste ou não. Eu nem vi os novos vizinhos. Eu gosto, não me interpretem mal, mas não é tão ruim pensar em uma pessoa passando por aqui todos os dias. Quero dizer, se for alguém com quem eu possa lidar. Ele não disse: “Como você”. Mas eu sabia que era isso que ele queria dizer.

"Então talvez seja por isso que eu não levei muito a sério quando vi você."

Eu quase disse: “Então somos *amigos* ”. Eu estava pensando.

Mas então meus olhos se voltaram para sua nova estante. Estava completamente vazio, exceto por aquela foto de Rachel. Deve ter sido a primeira coisa que ele descompactou.

Ele me viu ver.

“Por outro lado”, disse ele, “quando você deixa as pessoas entrarem, elas começam a saber coisas sobre você. Essa não é minha parte favorita de todo o negócio de pessoas.”

"Diga-lhe o que", eu disse. “Na próxima vez que eu te ver, vou te contar algo sobre mim também. Algo que eu gostaria que ninguém mais soubesse. Então estaremos quites.”

Eu não sabia o que seria ainda. Mas isso me deu tempo para pensar. Eu sabia que Paul não contaria a ninguém, fosse o que fosse, porque ele nunca falava com

ninguém, de qualquer maneira. Exceto Rigby.

E agora eu.

Desci correndo os três lances de escada me sentindo estranhamente feliz.

Minha irmã estava de volta. E pelo menos eu tinha um tipo de amigo.

Você tem que ter descido bastante antes que algo tão pequeno comece a parecer feliz para você.



00002.jpeg

6. Verdade

Quando acordei na tenda, nós três estávamos todos amontoados. Minha mãe estava no meio, de costas, com os braços em volta de nós dois. Ela estava acariciando meu cabelo.

Acho que estávamos todos tentando ficar aquecidos.

Eu levantei minha cabeça e olhei minha mãe para Sophie.

Sophie estava acordada, mas sem fazer barulho. Apenas brincando no ar com as próprias mãos. Ela parecia perfeitamente relaxada. O que só poderia significar uma coisa. Ela já confiava que veria Hem novamente. Eu disse isso a ela na noite anterior, e ela deve ter acreditado em mim.

O que nos colocou de volta em uma bolha de paz.

Ela tinha um arranhão na bochecha, e seu cabelo ainda estava cheio de lama seca. Mas eu estava tão feliz em vê-la, isso me encheu. Eu estava tão feliz que ela não tinha ido embora para sempre que quase me senti bem. Como se não importasse que o chão fosse duro e não tivéssemos como acolchoá-lo.

Não importava que eu não tivesse ideia de como deveríamos ficar limpos.

Ou que tínhamos ido para a cama sem jantar em toda a confusão.

Ainda estávamos todos aqui. Essa era a única coisa que parecia que importava.

“Então, você está acordado,” minha mãe disse.

Eu não respondi. Porque no minuto em que ouvi a voz dela, algo começou a arranhar o fundo da minha mente. Eu não conseguia definir o que era ainda, mas não era algo bom ou feliz. Eu podia sentir o incômodo disso, como uma etiqueta que irrita a parte de trás do seu pescoço, ou uma pequena rebarba em sua meia.

"Nós vamos?" ela disse. Como eu deveria falar.

Então me lembrei.

Deixei-o ficar dentro de mim por um minuto, sentindo o tamanho e o peso dele. Sentindo-o como uma contusão, você cutuca propositalmente para ver o quão dolorido está. Deus sabe que eu tinha bastante experiência com hematomas.

Então surgiu, tudo por conta própria. Eu não conseguiria segurar nem se tentasse. Além disso, eu não tentei.

"Eles já pegaram o cara que matou o papai?"

Ela se sentou tão rápido que eu caí de seu ombro e bati minha cabeça no chão duro. O fundo da tenda mal era uma almofada.

Sophie soltou um pequeno ruído de surpresa.



"Que diabos de pergunta é essa?"

"É só uma pergunta. Não fique todo assustado."

"Como não me assustar? Eu acordo de manhã e você começa a perguntar sobre uma coisa dessas. Como devo me sentir? O que te fez pensar nisso?"

Sentei-me, esfregando minha cabeça. Então eu me envolvi em meus próprios braços para tentar ficar quente. Não funcionou.

"Penso nisso o tempo todo. Todo dia."

" *Todos os dias?* Eu não tinha ideia de que você pensava nisso todos os dias.

Foi há oito anos."

"Foi um grande negócio, você sabe."

"Claro que eu sei. Como você ousa falar comigo como se eu precisasse aprender isso? De vez em quando, quando eu atingia um nervo dolorido especial nela, de repente ela ficava muito parecida com uma mãe. "Ele era meu marido e eu o adorava. Foi um grande negócio para mim também, garoto. Mais do que você sabe."

— Mas você não pensa nisso todos os dias?

“Eu odeio essa linha de questionamento. Odeio. Não tenho ideia de por que temos que discutir isso.”

“Você ainda está se esquivando da minha pergunta. Eles pegaram o cara?”

“Ou caras. Podem ter sido dois ou três caras.”

“Ainda abaixando.”

"Não! Não, tudo bem? Não. Eles não o pegaram. Ou eles. Agora podemos falar sobre outra coisa?”

“Claro,” eu disse.

E eu quis dizer isso. Porque se alguém vai mentir na sua cara, não faz mais sentido falar com eles. Não leva você exatamente a lugar nenhum.

Aparentemente, eu passei os últimos oito anos da minha vida chegando exatamente a lugar nenhum. Eu só não sabia disso até aquele momento.

00

“Todos nós vamos tomar um bom banho, e então eu tenho que pegar o trailer de volta. É uma pena que não pudemos voltar atrás ontem. Estou realmente chateado com isso. Isso é uma grande fatia do nosso dinheiro para comida.”

Eu não respondi. Porque eu oficialmente não estava falando com minha mãe.

Tive a sensação de que ela não tinha notado.

Eu queria perguntar onde deveríamos encontrar um lugar para tomar um bom banho. Eu definitivamente teria, se estivesse falando com ela. Eu ainda não sabia que o acampamento tinha chuveiros públicos para os campistas.

Mas descobri logo, porque fui atrás de minha mãe e Sophie, e foi aí que acabamos.

Os chuveiros funcionavam em quartos.

Minha mãe levou Sophie com as moedas que tínhamos e me deu um dólar. Se eu quisesse um banho, eu tinha que ir aos anfitriões do acampamento e pegar o troco.

Era cedo, e eu estava com medo de acordá-los. Mas então eu vi sua esposa passar pela janela dentro do trailer.

Eu me abaixei sob o toldo deles e bati.

A porta se abriu com um leve rangido, e ela espiou para fora. Ela tinha rugas profundas nos cantos dos olhos e da boca, mas eu poderia dizer que ela costumava ser bonita. Ou... na verdade, ela meio que ainda era. Apenas velho bonito em vez de jovem bonito. Eu vi aquela cicatriz em seu queixo imediatamente. Era pequeno, mas era difícil para mim desviar o olhar.

“Bom dia,” eu disse. "Você deve ser a Sra. Anfitriã do Acampamento."

Ela riu. “Geralynne,” ela disse.

"Eu queria saber se você poderia me dar o troco para os chuveiros."

"Claro."

Ela pegou meu dólar e desapareceu. Quando ela voltou com as moedas, eu sabia que não eram nem metade do que eu queria. Olhei para a palma da minha mão enquanto ela os deixava cair na minha mão sem me tocar.

“Também me perguntei se seu marido estava por perto.”

Ela me deu um olhar curioso.

"Não, ele está verificando as etiquetas."

Eu não sabia o que eram etiquetas e não perguntei. Isso realmente não importava.

"Oh. Eu queria agradecê-lo por ontem.”

“Você é a garota que perdeu a irmã?”

"Sim, senhora."

“Nós não fizemos muito. Apenas fique de olho no seu acampamento para o caso de ela voltar.

“Bem, eu aprecio isso.”

“Estamos tão felizes que ela está segura.”

Eu estava começando a perceber que essa conversa tinha algo em comum com os aposentos. Acontece *que* não era realmente o que eu estava procurando, também.

“Eu queria dizer a ele que eu também sentia muito por algo.”

"Oh?"

"Sim. Ele estava me contando sobre seu filho, e eu...

O olhar em seu rosto me parou frio. Ela virou pedra. Bem diante dos meus olhos. Rápido, também.

Então ela olhou por cima da minha cabeça e disse: “Aqui ele está de volta, então você mesmo pode contar a ele”.

Ela desapareceu no trailer, deixando a porta parcialmente aberta.

"Bom dia", disse o homem cujo nome eu não sabia.

"Oi. Eu vim buscar troco para os chuveiros. Mas sua esposa me ajudou com isso. E para agradecer por ontem. E também para pedir desculpas por alguma coisa, mas acho que aborreci sua esposa agora, então acho que tenho que me desculpar duas vezes.

Esperei, caso ele quisesse dizer alguma coisa. Mas ele só parecia um pouco confuso. Então eu continuei.

“Quando você me contou sobre seu filho, acho que fui meio rude. Eu não queria ser. Mas eu não deveria ter dito: 'Não vamos fazer isso'. Porque eu não sei o que estamos fazendo. Eu realmente não posso saber. Eu só sei o que eu quero. Se ela começar a se machucar, ou mesmo se ela ficar grande, e não conseguirmos lidar com ela, e estamos ficando muito machucados... ou se ela começar a fugir o

tempo todo... talvez não tenhamos escolha. Eu não deveria ter dito isso como se você estivesse errado. Você provavelmente fez o que precisava fazer. Espero *que* não tenhamos que fazer isso. Isso é tudo que eu deveria ter dito."

Eu o observei tomar uma grande e profunda respiração. Eu pensei, Ele é como minha mãe. Não gosta de ser atingido com coisas pesadas logo pela manhã. Então eu senti que era minha culpa, e eu estava fazendo a vida toda errado, sempre na cara de todo mundo sobre coisas que é melhor deixar em paz. Eu, de todas as pessoas. Aquele que odeia falar sobre tudo. Ou pelo menos, quem sempre fez antes.

"Não pense nisso como se fosse a pior coisa do mundo", disse ele. "Existem alguns lugares legais. Eles são como casas de grupo. Eles poderiam ensinar sua irmã a fazer sozinha o máximo que ela é capaz de fazer.

"Ela tem seis anos," eu disse. "Ela mal tem idade para ir à escola."

"Mas depois…"

"Oh. Mais tarde. Sim. Na verdade... eu não tinha pensado nisso. Talvez quando ela tiver dezoito anos ou algo assim. Talvez eu cresça e saia por conta própria e consiga um emprego, e ela cresça e vá para uma dessas casas e aprenda coisas. Isso pode estar bem. A questão é que, se tivéssemos que fazer isso agora, seria como se nem a tivéssemos criado. Como se tivéssemos ela e então meio que mudamos de ideia. De qualquer forma, você não precisa saber de tudo isso. Só queria dizer que sinto muito."



"Não se preocupe com isso."

Ele voltou para seu trailer, e assim que eu passei pelo portão em sua cerca de estacas, ouvi Geralynne dizer: "Por que diabos você contou a ela sobre Gary?"

Então me senti mal de novo, como se estivesse sempre incomodando as pessoas. Sempre lembrando de coisas que eles queriam esquecer. Acho que tive um esquecido quebrado.

Enquanto eu estava voltando, também pensei em como eu disse: " *Nós* a pegamos". Nós. Como se eu tivesse Sophie tanto quanto minha mãe. Então me

lembrei quando Nellie disse exatamente o contrário. Que minha mãe a teve, mas eu não. Que Sophie não era realmente meu problema. Mas eu não gostava de pensar em Nellie, então tirei tudo da minha cabeça o melhor que pude. O que – entre isso e a situação com meu pai – não acabou sendo um trabalho muito bom.

00

Minha mãe estava ao lado do carro com as mãos nos quadris, olhando para mim. Ela ainda estava brava comigo por perguntar o que eu perguntei sobre papai. Mas ela não estava admitindo isso.

"Você está indo? Depois de tudo o que você disse sobre não querer ir?

"Eu não vou. Você vai me deixar na casa de Paul.

"Nós vamos ficar horas."

"Assim? Vou sentar e conversar com ele. Ou eu vou ajudá-lo a desfazer as malas. Ou se ele não me quer por perto, eu vou passear com o cachorro e depois me sentar no pé da escada e esperar por você.

Ela veio em minha direção rapidamente, se aproximou muito, e isso me assustou.

“E Sofia?” ela perguntou, baixinho demais para Sophie – que já estava presa na cadeirinha – ouvir. “O objetivo é levá-la para passear com você.”

Surpreendentemente, eu tinha esquecido disso. Eu estava pensando em ir para a casa de Paul como uma espécie de recompensa.

Havia muitos não admitir acontecendo naquela manhã. Grande quantidade.

“Vou trazer Rigby para o carro quando você voltar para me buscar. E Sophie pode vê-la então. Ela virá conosco no dia seguinte. Caso contrário, o que devo fazer? Ficar sentado na barraca por horas? Prefiro visitar Paul.

Ela deu um passo para trás, olhou para mim estranhamente, então entrou e ligou o carro antes que eu pudesse subir no banco do passageiro. Engatei a marcha antes de colocar o cinto de segurança.



Felizmente, nosso espaço de acampamento era do tipo que você pode dirigir o tempo todo. Minha mãe não era boa em fazer backup daquele trailer.

Nós dirigimos a meio caminho da cidade sem que nenhum de nós dissesse uma palavra.

Então ela disse: "Você *tem certeza que* esse cara não é um pervertido?"

"Positivo."

"E... se ele odeia todo mundo... como vocês dois se tornaram tão amigos?"

Isso estava começando a parecer muito com a minha mãe, que eu não era.

Falando para, quero dizer. Então eu apenas dei de ombros.

Além disso, era uma pergunta para a qual eu realmente não tinha resposta. Eu mesmo estava me perguntando muito sobre isso. Eu não tinha sequer tossido tanto quanto um palpite.

00

“Está tudo bem que eu ainda esteja aqui?”

Eu estava com a cabeça meio enfiada em um enorme barril de papelão na cozinha dele. Eu estava entregando-lhe pratos, e ele estava arrumando seus armários do jeito que ele queria que fossem.

"Está bem. Por que?"

"Eu não sei. Eu não quero ser alguém que apenas me convida a entrar.

Prometi que levaria o cachorro para passear e depois sairia do seu cabelo.

"Está bem. As pessoas que estão dispostas a ajudar a desfazer as malas são sempre bem-vindas onde quer que estejam.”

Trabalhamos em silêncio por alguns minutos. Continuei olhando para Rigby, que estava estendido no chão da cozinha. Da frente de suas patas dianteiras até as costas de suas patas traseiras, havia quase toda a largura da cozinha.

“Eu com certeza amo aquele cachorro,” eu disse.

Eu não queria dizer isso em voz alta. Saiu muito emocional. Mais amor do que eu pretendia admitir. É estranho amar tanto o cachorro de outra pessoa.

É difícil.

"Eu também", disse ele. “Ela é uma boa menina.”

Se ele pensou que eu estava sendo estranha, ele não disse isso. Então eu pulei ainda mais fundo.

“Quando você me disse ontem que ela era velha, eu não pensei muito nisso, porque eu não podia. Sophie se foi, e eu deveria encontrá-la, e não tinha certeza se a veríamos viva novamente. Mas então, quando eu estava tentando dormir na noite passada, comecei a pensar que Rigby estava velho. E foi triste. Isso realmente me incomodou. Mas então, tudo é triste agora. Tenho

tantas coisas me incomodando, que na metade do tempo mal consigo dizer de onde vem a tristeza.”

Olhei para cima, e ele estava olhando direto para o meu rosto. Isso me deixou nervoso. Mesmo que ele parecesse interessado, e ele estava obviamente sendo legal. Pensei no tempo em que não costumávamos nos dar bem. Quando ele estava mal-humorado e me disse para ir embora. Pela segunda vez em tantos dias, parecia outra vida completamente.

Por que os anos podem passar, e parece que nada se move, e então o mundo inteiro muda três ou quatro vezes em algumas semanas? Eu nunca poderia descobrir isso.

“Quando eu tinha seis anos”, eu disse, ainda meio que me perguntando se realmente ia fazer isso, “meu pai morreu”.

"Oh. Eu sinto Muito. De…?"

"Uma arma."

"Suicídio? Ou alguém o matou?”

“Alguém o matou. Eu era muito jovem para realmente entender o que estava acontecendo na época. Então eu sempre segui o que minha mãe me disse. Ela disse que foi um assalto. Ela disse que eles sabiam que era um assalto porque quando o encontraram, sua carteira, relógio e aliança de casamento estavam faltando. Parecia meio estranhamente aleatório, sabe? Como se ele tivesse saído para comprar um maço de cigarros e, de repente, o mundo inteiro desmoronasse.”

“Posso imaginar como deve ter feito você se sentir. Mas acontece.”

"Sim. Eu sei que sim. Mas não tenho certeza agora se foi assim que aconteceu com meu pai. Sabes que te disse que fomos expulsos da casa da minha tia. Então minha mãe jogou todas as nossas coisas em caixas e sacos e latas e jogou tudo no trailer. Muito rápido, sabe? Nenhuma ordem especial.

E então ontem, eu estava procurando por toalhas, e adivinhe o que encontrei?”

“Não consigo imaginar.”

Rigby se esticou, suas patas dianteiras pressionadas contra a parede de um lado da cozinha. Parecia estranho que ela estivesse tão relaxada. Eu estava tão tensa, isso estava me deixando doente.

“Seu relógio, carteira e aliança de casamento. Ela os guardou em uma velha caixa de joias.

— A polícia deve tê-los devolvido a ela.

“Mas eles deveriam estar desaparecidos.”

“Talvez eles tenham encontrado o assassino, e ele estava com os itens.”

"Direito. Isso foi o que eu pensei. Então eu perguntei a ela esta manhã se eles já encontraram o assassino. Ela disse não. Ela realmente não queria falar sobre isso.”

"Hum." Ele coçou uma de suas costeletas. “Então, duas coisas que eu posso pensar. Ou a polícia encontrou os itens sem encontrar o assassino - como talvez alguém os tenha vendido ilegalmente e eles foram presos pela polícia

- ou eles estavam com ele quando foi encontrado. Apesar do que ela disse a você.

“E o que isso significaria? Se eles estavam com ele quando foi encontrado?

"Nós vamos. Eu não sei. Significa que provavelmente não foi um assalto.

Mas eu não sei o que significa que foi, então. Precisaria de mais informações. Por que você não tenta novamente perguntar a sua mãe?”

“Porque eu acho que ela está mentindo para mim sobre isso. E não adianta fazer perguntas a alguém se você tem certeza de que eles não vão te dizer a verdade.”

“Hum,” ele disse novamente.

Tentei entregar a ele uma pilha de tigelas de sopa de cerâmica, mas ele não as pegou de mim.

Ele apenas perguntou: "Você está online?"

"Eu? Não. Estamos acampando. Nós não apenas não temos um computador, como também não temos uma tomada para conectar um.”

— Você quer que eu examine isso para você?

"Como você pode fazer aquilo?"

Nós ainda não estávamos guardando as tigelas, e estava tornando mais difícil falar com ele, porque eu não queria olhar para a pessoa com quem eu estava falando em um momento como aquele, e eu não sabia onde mais olhar.

“Não deve ser difícil. Foi um crime, então deve ter saído nos jornais.

"Oh. Direito."

“Escreva o nome dele antes de ir hoje. E onde você morava na época. E a data, o mais próximo que você pode imaginar. A única coisa é…”

A pausa me deixou nervoso.

"O que? A única coisa é o quê?”

"Você tem certeza que quer saber? Pode ser que sua mãe tenha mentido para você porque a verdade é difícil de aceitar. Tem certeza de que quer saber a verdade?”

“Um. Não. Não positivo. Depende de quão dura é uma verdade. Talvez você possa descobrir e depois me dizer o quão ruim é.

“Soa como um julgamento difícil.”

“Não importa,” eu disse. “Você não terá que julgar. Uma vez que eu saiba que há uma verdade que é diferente do que eu pensava, eu tenho que saber qual é. Direito?"

“É assim que seria para mim.”

“Talvez você possa me dar os detalhes um de cada vez se for realmente ruim. E eu poderia dizer: 'Já chega' quando não queria ouvir mais nada.”

“Isso pode funcionar.”

Ele tirou as tigelas das minhas mãos. O que me surpreendeu. Eu tinha esquecido que eles estavam lá. Ele os colocou no armário enquanto eu mergulhei para pegar alguns copos embrulhados individualmente em jornal.

"Isso não é exatamente algo para se envergonhar", disse ele.

Eu não tinha ideia do que ele queria dizer.

“Quem disse que era?”

“O que quero dizer é que, mesmo que sua mãe mentisse, isso é uma coisa ruim sobre *ela* . Você não. Embora... acho que você não gostaria que eu contasse a ninguém...

"Oh. Que. A coisa. Esqueci que ia te contar algo sobre mim. Essa não era a coisa. Estava apenas na minha mente. E eu não podia falar sobre isso com minha mãe.”

“Você não precisa me dizer nada sobre você.”

"Não. Eu irei. Eu não me importo. Eu simplesmente esqueci de pensar em qualquer coisa.”

"Está bem. Eu confio em você. Eu sei que você não vai dizer nada a ninguém sobre... minha situação. Só não conte para sua mãe, faça o que fizer. Ela tem um jeito de enfiar o pé nela. Eu não gostaria que isso voltasse para Rachel.

"Ela nem sabe como você se sente?"

"Ei. Eu não disse que estava disposto a entrar em detalhes.”

"Oh. Desculpe."

Trabalhamos sem nos falar por mais algum tempo. Esvaziamos todo aquele barril enorme e então começamos com uma caixa de talheres e utensílios de cozinha.

“Eu acho que posso ser gay,” eu disse.

Eu meio que sabia que estava prestes a sair um segundo antes, mas não planejei, e não havia muito que eu pudesse fazer para mudá-lo até então, de qualquer maneira. E acho que parte de mim achou que era melhor dizer.

Ele parou de guardar talheres e olhou para mim, mas eu não olhei para trás.

"É essa a coisa?"

"Eu não sei. Pode ser. É *uma* coisa.”

“Ainda não é algo para se envergonhar.”





“Nem estar apaixonado por alguém. É apenas uma daquelas coisas que eu não gostaria que você contasse a ninguém.

“Sua mãe ficaria chateada?”

“Eu acho que ela iria, na verdade. Ela não seria odiosa sobre isso. Mas ela

realmente quer que eu seja uma garota feminina, porque ela era. É. Ela quer que eu deixe meu cabelo crescer. Ela diz que em breve isso vai importar, porque eu vou me interessar por garotos. Quero dizer, duh, mãe. Eu tenho quatorze. Quantos anos eu tenho que chegar antes que ela descubra que não está acontecendo assim? Deus sabe que ela está observando de perto.

“Você não parece ter quatorze anos. Você parece ter mais de vinte. Apenas talvez um pouco mais curto.”

“Todo mundo me diz isso.”

“Então... para não ser intrometido. E não para fazer você entrar em detalhes se não quiser. Mas... você acha que pode ser? Ou você é?”

"Eu sou. Essa foi apenas uma maneira mais fácil de dizer isso da primeira vez.”

"Direito. Eu pensei assim."

“Por que você achou isso? Como você sabia?"

“Eu não quis dizer isso. Eu não sabia. Eu nunca pensei sobre isso. Eu só quis dizer, quando você disse isso, eu pensei, quando alguém pensa que pode ser alguma coisa, geralmente é porque eles são.”

Então nós não conversamos por um tempo, e parecia estranhamente bem.

Não como se tivéssemos medo de dizer mais. Nós apenas colocamos potes e panelas e outras coisas, e isso foi o suficiente.

00

Quando ouvi minha mãe buzinando, eu disse a ele: “Isso foi rápido”.

"Na verdade, não. Você voltou de passear com Rigby quase duas horas atrás.

"Você está brincando comigo?"

Ele me mostrou seu relógio.

Era um belo relógio.

"O tempo voa quando você está derramando suas tripas", disse ele.

Soube então que meu pai morreu por algum outro motivo que não um roubo.

Porque o relógio dele não era bom, como o de Paul. Eu sabia que não era bom o suficiente para vender.

00

Desci correndo os degraus com Rigby ao meu lado e, quando chegamos à estrada de cascalho, ouvi Sophie gritar de alegria. Foi um grande grito, também, porque minha mãe estava estacionada bem longe na estrada.

Abri a porta dos fundos e encorajei Rigby a entrar com Sophie. Ela mal cabia. Ela teve que se agachar com a cabeça baixa, bem na cadeirinha de Sophie, o que, claro, Sophie adorava. Eu tive que mover seu rabo com cuidado antes de fechar a porta.

Eu entrei na frente ao lado da minha mãe, que estava sorrindo. Fazia tão pouco sentido que ela estivesse feliz que eu realmente nem aceitei.

“Eu preciso de uma caneta e papel,” eu disse, porque eu lembrei que eu não tinha escrito essas coisas ainda. Sobre meu pai. “Temos caneta e papel?”

"Eu consegui um emprego."

"Você está brincando. Como você já conseguiu um emprego?”

“Eu parei no caminho para fora da cidade neste pequeno restaurante, para pegar alguns muffins para viagem. E adivinha o que encontrei na janela? Um sinal de ajuda! Contrataram-me na hora. Que tal isso para dar sorte? Começo amanhã!”

Eu não conseguia fazer meu cérebro fazer a curva fechada. Eu realmente só queria uma caneta e papel. Isso era tudo que eu conseguia pensar no momento. Meu cérebro deu uma cambalhota e não parou em nenhum dos dois.

"Bolos? Você comeu muffins? Estou morrendo de fome. Eu não ganhei muffins.”

Ela pegou um saco de papel branco do chão perto dos meus pés e jogou no meu

colo. “Eu salvei um para você.”

"Oh. Boa. Obrigado. Temos caneta e papel?”

"Você não parece muito animado com as minhas notícias."

“Não, é bom. Mesmo. Amanhã? Que horas? Que turno?”

O sorriso permaneceu em sua boca, mas desapareceu um pouco de seus olhos e do resto de seu rosto. “Vou trabalhar no turno da manhã. Pela correria do almoço.”

Silêncio. Por um minuto, até me esqueci da caneta.

Até que ela disse: “Deveria haver um lápis no porta-luvas”.

Abri o porta-luvas. Encontrei o lápis na bagunça incrível. Rasguei um pedaço de papel branco da bolsa. Então decidi não escrever nada até que estivesse de volta à porta de Paul. Ela enlouqueceria se me visse escrevendo algo sobre meu pai.

Olhei direto para o rosto dela. Ela desviou os olhos.

"Então eu disse. “Eu sou babá dias agora. Você já pensou em como eu deveria ir para a escola?”

“Claro que pensei nisso. Eu apenas imaginei... que faltam apenas algumas semanas para o ano letivo, de qualquer maneira. Dificilmente compensa começar em uma nova escola agora. Melhor começar no outono. Vou encontrar algo melhor até lá.”

“Vou ter um monte de coisas para fazer.”

"Você é tão inteligente, no entanto."

Olhei para o banco de trás. Rigby estava lambendo as pálpebras de Sophie -

e a maior parte do resto de seu rosto no transbordamento - e Sophie estava arrulhando de felicidade. Todo mundo estava feliz naquele dia. Exceto eu.

“Se eu me sair bem nas gorjetas amanhã, podemos conseguir um quarto de motel barato amanhã à noite. Esta pode ser a nossa última noite ao ar livre.”

“Bem,” eu disse. "Isso seria legal."

Não adiantava discutir a coisa da escola. Não recebi voto. E a eleição acabou, de qualquer maneira.

Incomodava-me que eu deveria estar feliz com minha mãe enquanto eu ainda não estava falando com ela. Ela fez muito isso. Sempre dava um jeito de tirar meu tempo para passar pelo que estava sentindo. Não que eu achasse que isso era de propósito. Mas de propósito ou não, ela sempre conseguia.

“Eu não entendo,” eu disse. “Como você entrou para muffins e uma entrevista? Você teve Sofia. Você a trouxe com você?”

Eu sabia a resposta pelo jeito que ela desviou os olhos. Quanto mais ela não respondia, mais eu sabia que estava certo.

“Você a deixou no carro.”

“Foram apenas alguns minutos.”

"Inacreditável."

“Estava trancado. E as janelas estavam rachadas. E, além disso, eu estava estacionado onde podia vê-la. Veja. Garoto. Você quer me arrebentar por isso quando nada deu errado? Ou você quer ficar feliz por eu ter conseguido um emprego e podermos viver sob um teto novamente?

Eu suspirei grande. “Eu só quero trazer o cachorro dele de volta para Paul e depois ir...” Eu não tinha ideia de como terminar essa frase. Não havia casa.

Saí e tirei Rigby do banco de trás. Isso me lembrou de todos os palhaços altos saindo do pequeno carro de palhaço no circo. Sim, meu pai me levou ao circo uma vez.

"Você vai vê-la novamente amanhã, Sophie, eu prometo."

Mas eu não precisava ter me incomodado, pelo jeito das coisas. Ela não parecia nem um pouco chateada.





Subimos as escadas a trote até eu ficar sem fôlego para trotar.

A porta estava aberta, então eu apenas bati no batente da porta e entrei. Paul estava colocando livros na estante, de cada lado da foto de Rachel.

“Vou escrever as coisas sobre meu pai,” eu disse.

Sentei-me e escrevi o nome dele, e a seção Los Feliz de Los Angeles, e que não sabia exatamente a data, mas foi há oito anos, e era verão.

Quando entreguei a ele, ele disse: “Dan. Gosto do meu irmão."

“De quem você nem gosta.”

Nós dois rimos um pouco com isso.

Mas eu definitivamente entendi mais até então. Como por que ele não gostava de seu irmão. E por que ele costumava ficar feliz em ir vê-lo, de qualquer maneira. Bem, eu não sabia, realmente. Talvez ele tivesse muitas outras razões para não gostar de seu irmão. Mas mesmo aquele parecia ser o suficiente.

Pensei em Cathy. Então eu rapidamente parei de pensar nela novamente.

00

Estava frio no acampamento naquela noite. Eu queria pensar que pelo menos era a última noite fora. Mas eu não tinha muita certeza. Minha mãe apenas disse “se”. Se as gorjetas fossem boas o suficiente em seu primeiro dia.

Além disso, o último era uma coisa relativa. Essa foi a primeira vez que nos vimos sem-teto. Eu não tinha certeza de que seria a última.

Não dormi tanto quanto gostaria.

00

“Ok, espere aqui,” eu disse a minha mãe. “Vou sair com o cachorro.” Olhei por cima do ombro para Sophie. “Eu trarei Hem, Sophie. E você pode ir conosco.”

Desci a estrada até a casa dele e subi os três lances de escada.

Rigby me ouviu chegando e latiu, e Paul abriu a porta antes mesmo de eu chegar lá.

— Então, o que você descobriu? Eu perguntei a ele, praticamente sem fôlego.

Eram quase quatro da tarde, e era tudo em que eu estava pensando. Tudo o que consegui fazer o dia todo foi sentar no acampamento com Sophie enquanto minha mãe trabalhava. E espere. E maravilha.

Eu poderia dizer pelo seu rosto que ele sabia de alguma coisa.

"Não foi um roubo", disse ele.

“Eu não pensei assim.”

Eu me ouvi dizer isso, mas meus lábios estavam dormentes. Como quem estava falando não era realmente eu. E também, quem estava falando estava dizendo que sabia que seria assim. Quando a verdade era, eu realmente esperava que ele dissesse que não conseguia descobrir nada.

“Marquei alguns artigos. Volte para o meu escritório.”

Eu o segui pelo corredor como se estivesse a caminho da minha própria execução pública. Rigby abanava ao meu lado, chicoteando minha bunda com sua cauda letal. Eu não disse ai, porque eu estava muito ocupado com os ai de dentro.

Seu escritório era – até agora – apenas uma mesa alta de madeira com um laptop aberto e uma pirâmide de caixas no meio do chão.

O computador estava me deixando nervoso, e meu cérebro estava começando a formigar, como o seu pé faz quando está adormecendo. Então fui até a janela de trás e olhei para fora. Você podia ver as montanhas, com neve nelas.

“Bela vista,” eu disse.

"Obrigado."

Ele estava clicando no laptop, acho que para encontrar novamente o que havia encontrado antes.

"Então, você não teve muita dificuldade em encontrar coisas sobre ele?"

"De jeito nenhum. Acabei de fazer uma pesquisa sobre o nome dele, e ele apareceu."

“Você tem uma garagem.”

Eu finalmente tirei meus olhos das montanhas e olhei para os fundos de sua propriedade. Eu sabia que era a garagem dele, porque era azul com detalhes brancos, como a casa dele. Mas tinha dois níveis, como se alguém pudesse morar ou trabalhar na sala de cima.

“Isso parece estranho?”

"Sim, um pouco. Porque você não tem uma garagem. Quero dizer, que eu pudesse ver. Como você coloca seu carro lá em cima?”

“Eu tenho uma garagem. É tão longe da casa que você provavelmente pensou que era a entrada de outra pessoa. É uma grande propriedade. Você não está pronto para isso, está?”

"Eu posso ser. Talvez eu esteja pronto para fazer isso em um minuto. Posso esperar um minuto?”

"Claro. Leve o tempo que precisar."

Ele veio até as janelas dos fundos e ficou ao meu lado, e nós três olhamos juntos para a vista.

"Então o que você vai fazer com aquele quarto em cima da garagem?"

"Não", disse ele.

"Não o quê? Não era uma pergunta de sim ou não.”

“Eu estava dizendo não para o que você estava pensando.”

"O que eu estava pensando?"

"Desculpe. Talvez eu estivesse errado. Achei que você ia me perguntar se eu estava alugando. Mas não estou pronto para a força total de toda a família, Angie. Eu sinto Muito. Eu preciso de mais espaço do que isso."

"Oh. Sim, eu não pediria isso."

— Não foi isso que você quis dizer, foi?

"Não. Eu não tinha pensado nisso."

"Desculpe."

Nós olhamos para a vista em silêncio por um tempo. Talvez alguns segundos ou alguns minutos. Não tenho certeza se estava com vontade de distinguir um do outro.

"Sabe", disse ele, "eu poderia simplesmente deletar os marcadores desses artigos e fingir que nunca os encontrei."

Respirei algumas vezes, me perguntando por que conseguia me ouvir respirar quando nunca consegui antes. Isso eu sei.

"Eu não acho que *eu* poderia fingir que você nunca os encontrou."

"Se ajuda alguém saber, eles realmente não dizem muito. Eles não dizem por que ele foi morto, porque a polícia não sabia. Ou isso ou eles achavam que muitos detalhes comprometeriam a investigação. Mas nada foi levado. E eles têm certeza de que não foi aleatório. Eles acham que ele conhecia seu agressor. Mas eles não disseram por que pensam isso."

"Aposto que minha mãe sabe mais."

"Pode ser."

"Eu não posso perguntar a ela, no entanto."

"Acho que mais cedo ou mais tarde você vai."

"Isso é realmente tudo o que há para saber?"

Um silêncio que não gostei.

“Só que ele não foi morto com uma arma.”

“Minha mãe disse que ele era.”

“Ela também disse que foi um assalto.”

De repente, eu não conseguia engolir. Como se eu tivesse esquecido como.

“Como ele foi morto? Foi de alguma forma ruim, não foi? Na minha cabeça, ouvi a tia Vi dizer: “Ah, que maneira horrível de ir”. “Não, não importa. Eu não quero ouvir essa parte. Não me conte sobre isso.”

"OK. Eu não vou. Eu nunca vou trazê-lo à tona novamente.”

Ficamos ali parados por um tempo. Senti como se tivesse me transformado em uma estátua. Eu ainda estava olhando pela janela, mas não estava nem vendo o que estava olhando.

Eu puxei meus olhos de volta para sua garagem azul e branca de dois andares.

"Então o que *você* vai fazer com esse quarto?"

“Não tenho certeza ainda. Eu poderia usá-lo como um escritório. Mas eu tenho este quarto dos fundos para isso. Além disso, estou aposentado. Por que eu preciso de um escritório? Apenas força do hábito, eu acho. Eu poderia alugá-lo se eu precisasse do dinheiro. Mas eu não. Pelo menos não agora. Daria um bom quarto de hóspedes.”

“Talvez Dan e Rachel venham nos visitar.”

"Eu duvido. Eles se cansaram desse lugar. Ou, de qualquer forma, Dan fez.

Foi assim que consegui tirar isso dele.”

“Então... se você não tem que trabalhar, o que você vai fazer? Como você vai preencher todas as horas do dia?”

"Bem, vamos ver", disse ele. “First Rig e eu vamos levantar de manhã e caminhar até a cidade e comprar um jornal. E um expresso duplo. E um muffin ou um bolinho, a menos que eu comece a ganhar muito peso. E então eu vou ler

o jornal por metade da manhã. E então às vezes eu vou pescar em um riacho frio, ou em um daqueles lagos de montanha. Pegue algumas trutas frescas para o jantar. E vou ler o resto dos livros da minha biblioteca. Os que tenho há vinte anos e nunca li. E talvez eu reconstrua minha marcenaria e faça estantes e mesas, como nos velhos tempos. E se eu ficar entediado, Rig e eu podemos fazer uma caminhada em uma das trilhas da montanha. Há apenas cerca de um bilhão que começam dentro de um raio de oito quilômetros daqui."

"Isso soa como o céu", eu disse.

"Não é? E eu só tive que trabalhar em um emprego que odiei por quarenta e cinco anos para que isso acontecesse."

Acho que eu deveria rir. Mas de alguma forma, não parecia engraçado.

Parecia algo que não estava certo sobre a vida do jeito que era.

Então eu não disse absolutamente nada.

"Você está bem?" ele perguntou.

"Um. Sim. Eu acho. Eu sinto que estou dormindo. Mas estou bem. Tipo de.

Acho que preciso me sentar antes de sair para uma caminhada. Minhas pernas estão meio trêmulas." Foi quando me atingiu. "Oh droga. Eu não posso sentar. Minha mãe está esperando no carro com Sophie, para que ela



possa caminhar conosco. Eu esqueci tudo sobre ela. Ela deve estar ficando muito impaciente. É melhor eu colocar a coleira em Rigby e ir embora.

A história da minha vida em duas frases:

Preciso de tempo para resolver tudo isso.

Eu não vou conseguir.

Era um daqueles padrões que continuavam surgindo. Toda vez que mostrava sua cara feia, ganhava. Eu nunca tive mais poder sobre isso do que eu tinha antes.

00

Minha mãe levou Sophie aos banheiros públicos do acampamento quando voltamos para pegar nossas coisas.

Eu não tive a minha grande ideia imediatamente. No começo, eu apenas fiquei ali, encostado em nosso carro. Como se eu tivesse tempo para matar e nem soubesse o que fazer com ele.

Eu não estava pensando muito, mas me lembro de estar feliz por realmente podermos pagar um motel para passar a noite. Eu nunca fui particularmente grata por coisas tão simples como uma cama e um teto, mas jurei a mim mesma naquele momento que sempre seria novamente. Então me perguntei se isso era realmente possível, ou se eu simplesmente me acostumaria com isso imediatamente e esqueceria.

A próxima coisa que eu sabia, eu estava correndo para a barraca de armazenamento. E eu também sabia o que estava procurando. Mas eu juro, eu não formei isso como uma série de pensamentos na minha cabeça primeiro.

Ele meio que se criou sozinho.

Entrei e encontrei a caixa com os lençóis.

Meu coração batia forte quando coloquei minha mão sob diferentes lençóis, e então bati na caixa de joias. Fechei os olhos e respirei por um segundo.

Mas apenas um segundo. Fiquei preocupado com quanto tempo minha mãe estaria fora, e se ela viria me procurar e me pegaria fazendo isso.

Eu ia levar a caixa inteira, mas depois decidi não fazer isso. Porque, se eu fizesse, ela pensaria que tinha perdido na embalagem. Ela apenas esperaria para sempre para que ele aparecesse. Mas se ela encontrasse a caixa e estivesse vazia...

Enfiei a mão na caixa de madeira, cega. Peguei a carteira, o relógio e o anel em uma mão, tudo em uma mão. Eu os puxei para fora e os enfiei no bolso do meu casaco.

Inclinei-me para fora da barraca de armazenamento e procurei por minha mãe,

mas elas ainda não estavam voltando.



Então eu terminei o trabalho.

Eu escondi as coisas do meu pai no meu porta-malas.

Olhei mais uma vez antes de trancá-lo. Contei todas as coisas com as quais eu não estava pronta para lidar. A nota de Nellie. *O Livro Tibetano dos Mortos* . A verdade sobre meu pai. Tirei a nota de cem dólares do bolso da calça jeans. Minha mãe tinha um emprego, então ela podia cuidar de nós. Eu poderia manter meu pequeno ninho de ovos.

Joguei o dinheiro no porta-malas, bati a tampa e tranquei.

Eu não estava roubando as coisas do meu pai. Só para ficar claro. Essas coisas pertenciam por direito à minha mãe. E eu os devolveria a ela. Assim que ela percebeu que eles se foram. Assim que ela me olhou nos olhos e me disse que sabia que eu os tinha, porque ninguém mais os teria ou poderia ter levado.

Então ela poderia me dizer por que eles estavam lá. Ela teria que. Eu nem precisaria perguntar. O próprio fato de eu saber que os tínhamos era uma questão em si.

Sim, eu sei que não é tão bom quanto ser capaz de simplesmente abrir sua maldita boca. Mas eu simplesmente não podia. Eu não consegui me forçar a fazer isso. Então eu configurei a pergunta para se fazer. Patético, em retrospectiva. Mas era assim que eu jogava na época.

00

As semanas que passamos no motel foram tranquilas e meio borradas. Acho que porque todos os dias durante essa parte da minha vida eram como todos os outros. Há apenas uma vez que se destacou. E mesmo não era muita coisa.

Eu não estou dizendo isso porque é um grande negócio. Só porque eu me lembro.

Um dia, eu estava na casa de Paul e vi um baralho de cartas sobre a mesa de centro. Difícil imaginar por quê, porque não havia ninguém por perto para ele

jogar cartas. Paciência era a única resposta que fazia algum sentido.

Ele estava na cozinha fazendo um sanduíche para cada um de nós.

A coisa ruim sobre o motel era que ele consumia quase cada centavo que minha mãe ganhava. Então ela trouxe para casa comida do restaurante, o suficiente para uma refeição por dia. E eu geralmente comia outra refeição no Paul's e guardava um pouco para minha irmã. A boa notícia era que ficava a menos de um quilômetro e meio da casa de Paul. Para que eu pudesse ir a qualquer momento, desde que minha mãe estivesse em casa para cuidar de Sophie. Eu nem sempre a tinha esperando por mim no carro.

Eu andava muito na casa de Paul. Era um pequeno quarto de motel. Mesmo para uma pessoa. Para três, foi uma tortura.

Fazia muito tempo que eu não via um baralho de cartas.

Era estranho vê-los ali, e uma sensação difícil de descrever. Como um velho amigo com quem você brigou e não vê mais. E então, de repente, lá está ela, e você pensa: “O que *ela está* fazendo aqui?” Como estar bravo, mas meio magoado também. E talvez não querendo admitir.

Eu os encarei pelo que pareceu um longo tempo.

Então eu os tirei da caixa e comecei a construir.

Apenas uma casa básica no início, mas logo decidi dar três níveis.

Então eu entrei realmente nisso e meio que perdi a noção do que me cercava, como eu sempre costumava fazer.

Então eu estava quase sem cartas, e eu não queria parar. Quer dizer, eu *realmente* não queria parar. Era como se tivesse entrado na minha pele novamente, no meu sangue, e eu precisava de mais baralhos de cartas. E eu precisava deles rápido.

Eu estava tão absorto na sensação que não percebi que Paul estava em cima de mim com dois sanduíches nos pratos. Eu podia sentir o cheiro do peru defumado, e eu não tinha tomado café da manhã. Mas ainda assim, tudo que eu queria era mais cartas. Quedas mais arriscadas.

"Uau", disse ele. “Você é bom nisso.”

“Não faço isso há anos.”

“Deve ser algo como andar de bicicleta.”

"Isso não é nada. Eu construí ranchos com casa de rancho e celeiro e galpões e currais...”

"Por que?"

"Só para matar o tempo, eu acho." Deixei cair a última carta, e a coisa toda aguentou. Mas não havia para onde ir com ele. “Meu pai tinha acabado de morrer, e acho que eu estava precisando de algo para ser compulsivo.”

"Desculpe. Acho que isso soou rude. Eu sempre me perguntei por que as pessoas fazem coisas assim. Você sabe. Coisas que…"

Rigby entrou trotando, seu rabo indo. Paul e eu vimos isso prestes a acontecer. Mas ele ainda tinha um prato em cada mão, e eu não me atrevi a atravessar a casa de cartas. Mesmo o vento de um movimento repentino poderia derrubá-lo.

“Rigby, não!” ele disse.

Ela congelou no lugar, seu nariz de produção de vento a menos de meio metro do meu projeto de construção, e olhou para o rosto dele com o que eu

juro que foi o olhar mais magoado. Eu acho que ela não estava acostumada a ser gritada. Desde que ela nunca fez nada de errado.

"Boa menina", disse Paul. "Fique."

Ela fez.

Mas ela não se sentou. Porque ninguém disse a ela. Ela ficou lá balançando aquela cauda enorme, e por volta do quarto balanço, o vento aumentou o suficiente.

Eu vi um cartão no segundo andar desmoronar, e então houve aquele momento. Aquela fração de segundo congelada. É tão curto que dava para se convencer de

que tinha imaginado, mas há muito tempo eu havia decidido seguir o outro caminho e me convencer de que não.

Cartas flutuavam por toda parte, algumas no chão de madeira.

"Sinto muito", disse ele.

"Não importa. Não é nada. Não a faça se sentir mal. Estava caindo mais cedo ou mais tarde, de qualquer maneira. Todos eles fazem."

Peguei as cartas na mesa e fui atrás das que estavam mais distantes.

"Acho que era isso que eu estava prestes a dizer um minuto atrás", disse Paul. "Mas não tenho certeza, porque não foi um pensamento muito claro.

Mas acho que sempre me perguntei sobre coisas como casas de cartas e castelos de areia. E esculturas de gelo. Tanto tempo para colocar em algo que está destinado a se desfazer."

Sentei-me no sofá e contei as cartas bem rápido. Cinquenta e um.

Ajoelhei-me e peguei o último de debaixo do sofá. A Rainha de Copas. Isso parecia significativo, mas eu provavelmente estava sendo burro.

"Mas é assim que eu vejo isso," eu disse, deslizando o baralho de volta para a caixa. "Acho que isso é verdade para tudo. Você nasce, você constrói todas essas coisas. Compre casas e carros e economize dinheiro. Então você morre, e tudo volta ao chão novamente."

"Nem sempre. E se você construir uma ponte? Isso fica de pé."

"Talvez por um tempo depois que você morrer. Mas não para sempre. Mais cedo ou mais tarde, eles vão decidir que não é seguro e vão derrubá-lo e construir um novo. Construir uma casa real; eventualmente, ele cai. Pode levar centenas de anos, mas voltará ao solo novamente. As casas de cartas são mais rápidas, só isso."

Ele se sentou no sofá e colocou nossos sanduíches na mesa de centro. Eu dei uma mordida enorme no meu. Meu estômago estava tão vazio que virou um pouco quando a comida o atingiu. Mas era um bom sanduíche. Sempre foi difícil

economizar metade para Sophie, porque eu estava sempre com fome de tudo isso e muito mais. Mas eu sempre fiz.



"Essa é uma teoria deprimente", disse ele.

"Na verdade, não. Quer dizer, não na minha cabeça. Na minha cabeça é exatamente o contrário. Algumas pessoas nunca fazem nada, porque têm tanto medo de que isso seja desfeito novamente. Eles ficam sobrecarregados pelo fato de que nada dura. Depois, há as pessoas corajosas que fazem todo tipo de coisa, de qualquer maneira. Mesmo que nada disso seja para sempre. Eu quero ser uma dessas pessoas. É por isso que construo casas de cartas. Ou por que eu costumava. Antes de Sophie aparecer. Ou talvez fosse em parte porque foi a última coisa que fiz com meu pai antes de ele ser morto. Mas isso é apenas uma parte. A outra parte foi o que eu disse antes."

Comemos em silêncio por alguns minutos. Eu terminei minha metade do sanduíche em apenas mais três mordidas. Foi bom enquanto durou.

Como tudo, eu acho.

Então ele disse: "Tem certeza que você não é um anão de quarenta anos?"

"Acredite em mim. Há partes de mim que são completamente quatorze."

"Eles não aparecem."

"Bom," eu disse. "Então ainda está funcionando."

00

Eu vi aquele baralho de cartas em sua mesa de centro talvez mais dez vezes naquele ano. Mas nunca mais abri a caixa.

PARTE DOIS

A Parte Quando Eu Tinha Quinze



00002.jpeg

1. Vencedor de Peixes

Por razões que não posso explicar depois do fato, eu esperava um pouco de comoção.

Era meu primeiro dia de férias de verão. Após um ano letivo completo no novo local. O que, francamente, era muito mais difícil do que no antigo lugar.

Porque era uma escola pequena. Eu prosperei em grandes escolas. Não havia como se perder em uma escola com um total de 300 alunos em todas as quatro séries.

É bastante inevitável, de perto, que eles me achem um pouco estranho pelo gosto deles.

Encontrei Sophie e minha mãe na mesa do café da manhã. Minha mãe estava comendo arroz e feijão que sobrou do jantar da noite anterior. Sophie estava sentada na frente dela e focando em algo completamente diferente. Eu não tenho ideia do quê. Algo no ar. Algo que eu nunca veria.

Estávamos em um lugar novo. Um verdadeiro lugar. Era algo como uma pousada. Um quarto, mas incrivelmente pequeno. Mas minha mãe foi atenciosa o suficiente para dividir o quarto com Sophie, deixando-me o sofá desdobrável. Não parece muito. E não foi. Mas pelo menos ela não me pediu para dividir a sala com minha irmã.

Eu realmente não me importo muito com o tamanho ou fantasia do meu espaço de vida. Eu não sou exigente. Desde que eu tenha algo que seja meu.

Sentei-me à mesa.

"Café da manhã?" minha mãe perguntou.

Ela parecia meio adormecida.

Eu sabia que era contraproducente esperar muito, mas achei que ela deveria ficar feliz por mim. Ela sabia que era meu primeiro dia de férias de verão.

Eu me senti como imaginei que Paul se sentisse quando me disse o que faria com sua aposentadoria, depois de pagar o preço por quarenta e cinco anos.

Eu queria um pouco de fanfarra. Inferno, eu queria um desfile maldito.

— Sobras de feijão e arroz dificilmente são café da manhã — eu disse.

“Temo que seja isso ou nada.”

"Nenhuma coisa."

Sem resposta. Sem interesse.

Olhei para Sophie, que parecia estar se comunicando não verbalmente com algo pairando no ar sobre a mesa do café da manhã.

“Vejo que Sophie também não escolheu nada.”

Ainda sem resposta.

Depois que minha mãe pagou o aluguel daquele lugar, ficamos quase sem dinheiro. Ela caminhou para o trabalho e voltou, porque a gasolina estava fora da nossa faixa de preço. Ela havia comprado um enorme saco de arroz e dois quilos de feijão, e isso nos prendia até o próximo dia de pagamento. Eu estava ficando muito cansado de arroz e feijão. O contracheque antes disso, tinha sido macarrão. Eu tinha me cansado de macarrão.

“Pelo menos ela ganha o almoço na escola,” eu disse. “Ela ainda almoça no programa da escola de verão. Direito?"

"O que?"

"Almoço escolar. Para Sofia. Ela ainda recebe no verão. Direito?"

"Bem, claro. O que você acha, eles apenas matam de fome as crianças do Special Ed durante todo o verão?

"Perdoe-me por me importar", eu disse baixinho. Então olhei para o relógio no microondas. “Ela vai se atrasar. A van estará aqui a qualquer minuto.

A cabeça da minha mãe disparou. Ela olhou para o relógio também.

"Ah Merda!"

Então ela colocou a mão sobre a boca e olhou para Sophie. Por que ela deveria se preocupar com Sophie pegando palavrões, eu não conseguia imaginar. Sophie nunca pegou nenhuma palavra, em sete anos. Exceto *Hem* .

E isso tinha algo a ver com motivação extrema. Não era provável que se repetisse tão cedo.

Minha mãe invadiu o quarto e saiu um minuto depois com as meias e sapatos de Sophie.

“Vou dar uma volta,” eu disse.

Sem resposta.

Parei na porta e olhei para trás. Minha mãe estava de joelhos no tapete, calçando os tênis de Sophie.

“Feliz férias de verão para mim,” eu disse. Imaginando, mesmo enquanto eu disse isso, qual seria o objetivo.

"Você parece feliz o suficiente para si mesmo", disse ela. “Eu acho que você não precisa de nenhuma ajuda minha. O que é bom, porque estou tendo uma péssima manhã.

Suspirei e saí. Eu nem tinha fechado a porta atrás de mim quando vi o Sr.

Maribal estacionar na longa entrada de automóveis. O Sr. Maribal era o motorista da van de Educação Especial do distrito escolar. Ele parecia um homem paciente, mas às vezes eu me perguntava se isso era mais do lado de fora.

Normalmente ele buzinou. Mas desde que ele me viu, ele apenas acenou.

Enfiei a cabeça de volta.

“Van está aqui.”

“Então por que ele não buzinou?”

“Porque ele me viu vê-lo.”

Ela veio trovejando até a porta, praticamente me tirando do caminho. Olhou para a calçada.

"Boa maneira de acreditar na minha palavra", eu disse.

Ela acenou para o Sr. Maribal. Então ela me disse: “Caminhe com ela até lá se você for dar uma volta, ok? Tenho que me preparar para o trabalho.”

“Sophie,” eu disse. "Vamos. Van está aqui. Vamos lá."

Nenhuma coisa.

Não que eu esperasse muito. Quero dizer, era Sophie. Ela parecia bem com o conceito de entrar na van e ir para a escola. Mas isso não significava que ela estava pronta para fazer nada além de pedidos.

Voltei para a mesa do café da manhã e peguei sua mão.

Nos velhos tempos, ela o teria arrancado novamente. Mas ela estava calma desde que chegamos à cidade. E ela se agarrou particularmente a mim, porque eu era o único conectado em sua mente a Hem.

Eu a levei para fora da casa e para a calçada. Ouvi a porta bater atrás de nós.

" *Ela está* de mau humor", eu disse a Sophie, que, é claro, não prestou atenção.

O Sr. Maribal estava na garagem quando chegamos lá, abrindo a porta lateral. Era apenas uma van de tamanho normal, do tipo que uma mãe de futebol dirigiria. Havia apenas sete crianças de Educação Especial em todo o distrito.

Eu levantei Sophie em seu assento, então observei enquanto o Sr. Maribal a afivelava. Ele gostava de colocar os cintos de segurança ele mesmo. Ele tinha um forte senso de responsabilidade. Ou medo. Ou alguma coisa.

“Bom dia, Reggie,” eu disse. “Bom dia, Ellen.”

Fomos a terceira parada.

"Manhã!" disse Reggie. "Manhã. Manhã. Manhã. Sabe o que eu vi? Foi...

Hum. Sabe o que era? Eu vi. Esta manhã. Agora mesmo. Era…"

“O que, Reggie?” Tentei soar encorajador.

Eu nunca tive certeza sobre sua situação. Eu pensei que ele era ASD, mas ele pode ter sido deficiente em desenvolvimento. Tudo o que eu sabia é que ele era exatamente o oposto de Sophie quando se tratava de palavras.

"Eu esqueci agora", disse ele.

O Sr. Maribal deslizou a porta da van com aquele baque satisfatório.

“Tchau, Sophie,” eu disse.

Nenhuma coisa. Então, novamente, tanto quanto eu esperava.

Reggie começou uma sequência de “Tchau, irmã de Sophie. Tchau! Nós vamos para a escola agora! Vejo você amanhã, irmã de Sophie.

Acenei até que eles se foram, então desci o resto do caminho e comecei a subir a colina até a cidade. Foi difícil, porque eu estava com fome. Como sempre. Isso tornou difícil colocar muita energia.

Eu estava pensando que seria legal se Sophie fosse mais falante, como Reggie, porque eu me sentiria mais conectado a ela. Então eu decidi que era uma daquelas coisas que seriam boas por uma hora ou duas e depois o inferno pelo resto da eternidade.

Eu não tinha muita certeza por que eu estava andando pela cidade. Eu sabia na minha cabeça que estava procurando por aquelas coisas que Paul descreveu. Andar pela cidade e ler o jornal e beber um expresso duplo e talvez pegar um bolinho ou algo assim. Mas Paul tinha dinheiro no bolso.

Ainda assim, eu estava determinado a encontrar um pouco do que ele havia descrito. Talvez eu pudesse ir ao café e ler um dos jornais comunitários, pelo menos.

Um carro parou ao meu lado e diminuiu quase até parar.

Ouvi “Feliz primeiro dia de férias”. Reconheci sua voz imediatamente.

A cabeça de Rigby estava saindo pela janela traseira. Caminhei até o carro e passei meus braços ao redor de sua cabeça enorme e dei-lhe um beijo de bom dia. Então eu enfiei minha cabeça pela janela do passageiro na frente, que Paul tinha desligado.

“Fiquei esperando minha mãe dizer isso esta manhã. Parecia uma coisa bastante simples.”

“Nunca aconteceu, hein?”

"Nunca aconteceu."

“Onde você vai?”

Suspirei. "Eu realmente não tenho ideia. Eu queria ter um dia de férias, então eu estava andando pela cidade. Como você faz de manhã. Mas eu não tenho dinheiro para pastelaria e café expresso, então é tudo uma piada. Estou apenas tentando tornar esta manhã diferente e boa, eu acho. E você? Achei que você *tivesse entrado* na cidade pela manhã. Aonde *você* vai?”

“Estamos voltando. Rigby e eu fomos pescar de madrugada.

“Ah. Agradável. Pegar alguma coisa?”

Ele estendeu a mão para uma cesta de vime de formato estranho com tampa.

Estava sobre uma lona azul no chão do lado do passageiro. Tinha uma alça de ombro de couro e uma alça de couro para fechá-lo. Mas não foi travado.

Ele levantou a tampa. Dentro havia cinco lindos peixes, prateados, com



barrigas brilhantes e um arco-íris de cores brilhando ao longo de seus lados, deitados lado a lado e um em cima do outro em perfeita imobilidade.

"Truta?"

"Sim. Arco-íris."

"O que você vai fazer com eles?"

“Essa é uma pergunta estranha. Eu vou comê-los. Praticamente agora.”

"Para o café da manhã?"

"Você não é muito de campista, é?"

“Não muito de um, não.”

“É o café da manhã de um campista clássico. Truta recém pescada cozida em fogo aberto. Porque o amanhecer e o anoitecer são os melhores momentos para pescar trutas, de qualquer maneira. Eu convidaria você para ver o que quero dizer, mas você provavelmente já tomou café da manhã.

"Na verdade não."

"Você não estava com fome?"

"Estou esfomeado. Estou sempre com fome. O café da manhã era tão horrível que eu não conseguia comer.”

“Entre. Você está em um deleite. Cuidado para não pisar no peixe.”

Eu segurei a cesta de peixes no meu colo enquanto ele dirigia, só por segurança.

Eu levantei a tampa uma vez e olhei para dentro. Seus olhos grandes e vidrados olhavam para o nada. Achei triste como, nesta manhã, eles estavam nadando livremente em um lago ou em um riacho, pensando que estava tudo bem. Que ia ser um grande dia, assim como todos os outros dias. E então isso aconteceu.

Então, novamente, todo mundo tem que comer. E eu fazia parte de todos.

00

Os peixes ainda estavam inteiros quando ele cuidadosamente colocou um no meu prato com uma espátula. Ele apenas os eviscerou, limpou o interior com água corrente, depois secou-os com uma toalha de papel e pincelou-os com azeite antes de grelhar.

“Ele vai ficar me encarando assim o tempo todo que eu estiver comendo ele?”

Na verdade, seu olho ficou branco leitoso sob o frango. Mas ainda era um olho.

No meu prato. Destinado a mim.

“Eu esqueci que você é novo nisso. É o seguinte…"

Ele pegou um garfo e uma faca e fez um movimento rápido que separou todo o filé de cima do resto da truta e deslizou para o prato. Então ele agarrou o

rabo em seus dedos, segurando o filé de baixo com o garfo no lugar certo.

Todo o esqueleto de peixe se levantou, levando a cabeça com ele. Deixando os dois filés perfeitos fumegando no meu prato.

Era um peixe grande, talvez treze ou quatorze polegadas de comprimento quando a cabeça e a cauda ainda estavam no lugar. Era mais comida do que eu tinha visto esperando por mim – e somente por mim – em um prato há muito tempo.

"Obrigada. É estranho quando algo vê você comendo.”

Ele tinha uma lata de lixo de cozinha que se abria quando ele pisava em um pedal, e eu assisti enquanto ele jogava o esqueleto de peixe dentro. Isso me lembrou de desenhos animados que eu vi quando criança - exatamente como os gatos de beco dos desenhos animados sempre tiravam do lixo .

"Sob o frango não é o mesmo", disse ele. “Estou pensando em comprar uma churrasqueira ao ar livre. Mas mesmo com uma churrasqueira a gás, não é o mesmo que uma lareira a lenha. saudades de acampar. Parte de mim quer ir de novo, mas estou velho demais para dormir no chão.”

Ele voltou para o fogão para servir seu próprio café da manhã.

O cheiro era celestial. Estava fazendo meu estômago doer e rosnar.

“E um daqueles berços de acampamento?”

"Sim. Pode ser. Ainda assim, acho que Rigby é velho demais para dormir no chão também. Ela já está ficando um pouco artrítica. Eu tive que colocá-la em medicação para isso.”

“Eu não sabia disso.”

"Sim. Nós vamos. Eu não fiz grande questão disso. Eu sei que nenhum de nós quer que ela seja velha. O que você está esperando? Mergulhe."

"Eu não queria ser rude."

"Absurdo. Coma antes que esfrie. Cuidado com os ossos pequenos. Oh. Aqui está um pouco de sal e pimenta."

Apertei o lado do meu garfo em um filé, mas estava claro que ele iria desmoronar ao menor toque. Que eu poderia simplesmente dar uma mordida.

Eu fiz. Eu coloquei na minha boca. Meio animado, meio nervoso.

O sabor explodiu na minha língua. E ainda assim não era muito suspeito. Era fofo, como uma nuvem. Foi a melhor coisa que eu já provei na minha vida, eu juro. Isso não é apenas uma daquelas coisas que você diz. Pensei em pizza e no bife que minha mãe costumava trazer para casa de seu antigo trabalho no restaurante. E o camarão que comi uma vez numa festa. Eles não eram nada. Ao lado desta truta, eles eram de papelão.

Peguei o sal e a pimenta e polvilhei levemente. Deu outra mordida.

Melhor ainda. Do que perfeito.

Paul sentou-se com seu café da manhã. "O que você acha?"

"Acho que morri e fui para o céu."

"Odeio dizer que eu avisei."

"Onde está Rigby? Estou surpreso que ela não esteja interessada nos cheiros.

Ele apontou.

Rigby estava no canto, comendo delicadamente de seu enorme prato de comida.

"Ela pega seu próprio peixe. É uma espécie de tradição conosco. Se eu pegar mais de um, ela pega um."

Eu queria dizer algo sobre isso, mas não queria parar de comer.

Comemos em silêncio pelo que pareceu um longo tempo. Tentei me lembrar de ir mais devagar. A comida estava me fazendo sentir real. Como se eu estivesse aqui na sala de uma forma que não podia estar quando estava com fome. Como se eu estivesse totalmente em meu corpo e esse fosse um bom lugar para se estar. Por uma mudança.

Paulo falou primeiro. “Sophie também está de férias?”

“Não, há um programa de escola de verão para as crianças da Educação Especial. Graças a Deus. Caso contrário, os pais não seriam capazes de trabalhar em um emprego regular durante todo o ano. Ou, no meu caso, não teria muitas férias.”

"Ela ainda está indo bem lá?"

Mordi meu primeiro ossinho. Separei-o das coisas boas com a minha língua e puxei-o para fora com os dedos.

“Até onde podemos dizer. Ela não se importa de ir. Eu acho que é um programa muito melhor do que a antiga pré-escola. Ela odiava ir para a velha pré-escola. Então, novamente, isso foi antes de Rigby aparecer.”

Falando em Rigby, ela colocou a cabeça na minha coxa. O que era sempre engraçado, porque envolvia inclinar-se para baixo. Acho que ela terminou seu peixe.

“Não é justo, Rigby,” Paul disse. “Você teve o seu.”

Ela se arrastou para a sala de estar, parecendo um pouco envergonhada.

Mesmo por trás.

“Você vai me ensinar a pescar?”

Surpreendeu a nós dois. Eu realmente não sabia que estava prestes a perguntar.

"Estou surpreso", disse ele. “Você não parece o tipo de pescador.”

"Sim. Estou um pouco surpreso também. Porque eu *não sou* o tipo de pescador. Mas eu sou do tipo que come. E esta é a melhor coisa que comi em

muito tempo. Nós vamos. Sempre. E você simplesmente saía e lançava uma linha em um lago ou riacho, e havia o café da manhã. E foi de graça."

Ele riu, uma espécie de risada bufante. Eu não tinha certeza do porquê.

"Livre. Vamos ver. Quarenta e cinco dólares por ano para a licença.

Provavelmente perto de mil em meia dúzia de combos de vara e carretel.

Afundadores. Isca viva. Ganchos. Spinners. Ovos de salmão. Flutuadores.

Linha. Divida isso pelo número de peixes que eu peguei, e provavelmente dá cerca de cinquenta dólares por café da manhã. Então, novamente, eu vou pegar mais nos próximos anos. Talvez eu consiga reduzir para dez por peixe.

"Oh. Eu sabia que era bom demais para ser verdade. Tudo que é tão bom tem que ter uma pegadinha. Sem trocadilhos."

"Bem, não necessariamente. Talvez não para você. Você não precisaria de uma licença."

"Por que eu não faria?"

"Dezesseis e mais velhos."

"Ah. Tenho mais um ano de pesca livre. Exceto por…"

"E o fato de eu ter meia dúzia de varas significa que eu poderia te emprestar uma. Eu vou te dar alguns ganchos e alguma linha, e quando você perder isso, essas são as partes baratas."

"Então você *vai* me ensinar?"

"Certo."

"Quando?"

"O que você está fazendo hoje?"

"Hoje? Você já foi pescar hoje."

"Assim? Você esquece que estou aposentado.

“Sim, mas você não vai enjoar disso duas vezes em um dia? Além disso, você disse que o amanhecer é melhor.

“Nos riachos, sim. A água é muito rasa, e é melhor quando está quase escuro. Apenas luz suficiente para eles verem sua isca. Não o suficiente para eles pegarem seu movimento em terra. Ou para o sol brilhar na linha na água.

Mas poderíamos dirigir até um daqueles pequenos lagos nas montanhas alimentados por riachos. Eles estão apenas pulando com brooks. Na parte quente do dia, eles entram em águas profundas, mas os lagos são tão pequenos que você pode mergulhar até a cintura e jogar na parte mais profunda do lago.”

Comecei a ficar animado então, porque ficar em um lago até a cintura pegando o jantar parecia uma verdadeira férias de verão. Quase tão bom quanto a aposentadoria de Paul.



Eu não só teria um ótimo verão, como poderia até comer regularmente.

Minha família inteira pode até comer regularmente.

Em mim.

Em minha mente, vi arroz e feijão desaparecerem no passado distante.

00

“Eu poderia realmente comprar algumas coisas de pesca,” eu disse. “Eu tenho um pouco de dinheiro que ninguém sabe.”

Ele puxou uma haste do porta-malas e me entregou. Eu balancei para frente e para trás, e era surpreendentemente flexível. Como se você quase pudesse dobrá-lo ao meio. Eu toquei a linha. Segurei-o entre meus dedos. Era claro e tão fino que era quase como um fio de cabelo humano. Bem, não exatamente.

Mas muito fino. Pensei no peixe no meu prato uma hora antes. O tamanho dele. Eu me perguntei por que ele não poderia tê-lo quebrado. Sua vida dependia disso, afinal.

"Isso exigiu alguma força de vontade", disse Paul.

Ele bateu o tronco.

Ficamos parados à beira do lago, Paul de botas impermeáveis, eu de tênis e shorts cortados. Ele tinha uma caixa de plástico em uma mão, uma vara e uma rede na outra. A cesta, que eu descobri que se chamava cesto, estava amarrada em seu ombro.

“O que exigiu alguma força de vontade?”

Eu tinha esquecido do que estávamos falando.

“Ter dinheiro, mas não gastá-lo. Quando eu sei que você poderia ter usado mais e melhor comida.”

“Espero que não tenha parecido errado comer em sua casa quando eu tinha dinheiro guardado.”

"De jeito nenhum. Não teria durado muito se você o tivesse usado. Direito?"

"Exatamente. É exatamente por isso que eu não fiz. Porque teria acabado, e nossos problemas ainda seriam nossos problemas. Eu costumava dar à minha mãe todo o dinheiro que tinha, como quando você me pagou para passear com o Rigby. Mas nunca resolveu nosso problema. A maneira de resolver nosso problema é minha mãe ganhar mais dinheiro, ou descobrir um lugar onde possamos viver com menos dinheiro. Se eu desse a ela meus cem dólares, comeríamos bem por algumas semanas, e então sumiria. E se qualquer coisa, eu apenas a teria ajudado a não resolver o problema de verdade. Eu continuo pensando que se as coisas ficarem apertadas o suficiente, ela vai descobrir alguma coisa. Mas nada até agora. Mas isso pode valer o dinheiro.”



“Economize seus cem dólares. Eu lhe darei o que você precisa para começar. Eu tenho equipamento suficiente para durar enquanto eu viver. Se você ficar sem ganchos ou precisar de um novo carretel de linha, até lá, você terá colocado uma dúzia de refeições na mesa. Diga a ela para investir alguns dólares no ganha-pão.

“Vencedor de Peixes,” eu disse.

“Vencedor de Peixes. sim. Mas não fique arrogante. Você ainda não pegou nada. E você tem muito o que aprender.”

00

Paul se inclinou para mais perto e sussurrou: “Finalmente estou comendo petiscos. Você está?"

Era importante ficar quieto perto dos peixes. Bem, truta. Caso contrário, eles ficariam assustadores e iriam para outro lugar. Estávamos parados no lago em silêncio pelo que parecia ser cerca de uma hora.

"Não", eu sussurrei.

Eu senti um pouco de ciúmes, porque ele estava recebendo petiscos. Eu estava começando a pensar que essa coisa toda de pescar não era tudo o que diziam ser.

Eu estava de pé na água perto do topo do meu jeans cortado, que era bem curto. Eu ainda estava de tênis, porque o leito do lago estava escorregadio e viscoso. Eles iriam secar, eventualmente.

Olhei para Rigby, que estava encolhido na sombra na praia. Ela não se moveu. Ela não estava nem um pouco preocupada que estivéssemos em algum lugar que ela preferia não ir. Tive a impressão de que ela já tinha feito isso antes.

Então eu senti algo. Como se alguém tivesse dado um puxão na minha linha.

"Sim!" Eu sussurrei.

“Lembra o que eu te disse?”

Eu balancei a cabeça.

Eu deveria esperar até que eu conseguisse outro puxão ou dois, então dar um bom puxão na linha. Dessa forma, se o anzol estivesse na boca do peixe, isso o deixaria bem e profundo.

Senti uma enxurrada de pequenos puxões. Quase como uma gagueira.

Eu empurrei.

Nenhuma coisa.

Eu esperei. Não há mais rebocadores.

"Eu não acho que o peguei", eu sussurrei.

— Enrole. Certifique-se de que ele não roubou sua isca.

Eu cambaleei até ver o anzol romper a superfície da água. Estava nu. Nada de ovos de salmão.

“Agora, como ele conseguiu fazer isso?”

"Eles vão fazer isso com você o tempo todo", disse ele. “Só porque eles querem o que está no anzol não significa que eles vão levar todo o anzol para obtê-lo. Às vezes, eles apenas cutucam a isca. Ou pegue e puxe.”

— Você acha que eles sabem?

"Provavelmente não. Mas é difícil dizer. Desde que eu nunca fui um peixe.

Aqui, pegue mais alguns ovos de salmão.”

Ele enfiou a mão em sua caixa de equipamentos, em seguida, estendeu um frasco para mim. Os ovos de salmão eram de um vermelho vivo e do tamanho de ervilhas. Eu coloquei quatro no meu gancho. Assim, tudo o que os peixes veriam eram ovos de salmão. Assim ele não veria o gancho.

“Desculpe se lhe dei a impressão errada ao voltar para casa com cinco lindos e grandes arco-íris. Às vezes você chega em casa de mãos vazias.

Não é tão fácil como simplesmente lançar o anzol na água e enrolá-los. Às vezes, você rouba a isca e nada mais. Outras vezes, você jurará que não há um único ser vivo à espreita debaixo daquela água. Mas eles estão lá. Eles estão apenas mordendo ou não estão.”

“Como você sabe se eles estão mordendo?”

“Lançando um anzol com isca na água e vendo se eles o mordem. Se houvesse uma maneira de saber antes de você sair de casa, e eu soubesse, não teria que

trabalhar em um banco toda a minha vida. Eu teria engarrafado o segredo e vendido para pescadores de todo o mundo. Eu seria um homem rico, de fato. Opa.”

Eu não sabia o que "uau" significava até que ele colocou o anzol e começou a enrolar. Eu poderia dizer que ele tinha algo, porque eu podia ver sua vara dobrando sob a pressão. Eu assisti o que ele fez, então eu saberia o que fazer quando acontecesse comigo. Se aconteceu comigo.

“Prepare a rede”, disse ele. "Ajude-me a pousá-lo."

"Como faço isso?"

“Basta segurar a rede. Eu faço o resto.”

Tirei a rede de seu ombro; estava pendurado por um laço de corda verde.

Segurei a rede com as duas mãos, segurando minha vara de pescar entre os joelhos. Observei o peixe romper a superfície da água três vezes. Como se ele pensasse que poderia voar para longe. Mas ele não podia.

Alguns segundos depois, ele estava na rede, e Paul estava tirando o gancho de sua boca. Ele nem precisou colocar ovos de salmão frescos no anzol. Ele só teve que reorganizar ligeiramente os que estavam lá.

O peixe não era um arco-íris. Ele era de uma cor mais escura, um marrom mosqueado com um longo flash de vermelho escuro sob sua barriga.

Observei Paul segurar o peixe pela metade inferior da boca e movê-lo para a cesta de cesto, que estava pendurada na água. Eu me senti mal pelo garotinho. Ele queria tanto se libertar. Eu podia ver seu corpo inteiro se contorcer em espasmos, cada grama de sua energia gasta para salvar sua própria vida. Mas sua vida acabou.

“Muito ruim para ele,” eu disse.

“Sim, mas bom para nós.”

“Você já se sentiu mal por eles?”

"Sim e não. Quando eles morrem na natureza, geralmente é por serem comidos vivos. Isso tem que ser melhor do que isso."

Eu ia dizer alguma coisa, mas dei uma mordidinha.

Eu esperei. Senti mais dois. Mas eles eram mais fortes. Como grandes rebocadores.

Eu puxei com força. O peixe puxou de volta.

"Eu tenho um!" Eu disse, esquecendo de sussurrar.

"Bom e firme. Não se apresse. Mas também não dê folga a ele.

O tempo todo que eu estava puxando ele, eu podia senti-lo puxando para trás. Então, mais cedo do que eu esperava, eu o vi debaixo d'água. Ele estava a menos de um pé da minha perna direita. Ele era maior do que o que Paul tinha acabado de pegar. Ele era uma beleza.

Então eu estava olhando para o nada. Ele se foi.

"O que acabou de acontecer?" Eu perguntei.

"Seu peixe nadou para longe."

"Como ele saiu do gancho?"

"Você parou de cambalear. Quando você tira a pressão da linha, isso os ajuda a se livrar do gancho, se for o caso."

"Mas tem uma farpa. Então vai ficar."

"Então geralmente vai ficar. Se você tiver sorte. Quase qualquer peixe pode torcer quase qualquer anzol se você lhe der muitas chances. Pense nisso como uma aposta entre você e o peixe. Há probabilidades de ambos os lados. Fique feliz por não ser você quem está apostando sua vida."

Me deixou desconfortável pensar nisso como um jogo de azar. Porque coisas que envolvem apostas parecem me fisgar. Eu juro, eu não quis dizer isso como um trocadilho.

Coloquei mais quatro ovos de salmão e lancei novamente.

Paul disse: “Você está ficando bom nisso”.

Uma fração de segundo depois, havia algo na minha linha novamente, e eu estava enrolando.

“Apenas continue cambaleando até que esteja fora da água e depois veja se consegue soltá-lo na rede.”

Eu vi esse lindo ser vivo saindo de seu lago, e eu o puxei para cima, tentando esperar até que Paul tivesse a rede debaixo dele. Eu podia ver a luz do sol piscando em sua barriga molhada e vermelha escura, e então ele torceu e virou com força, ambos ao mesmo tempo, e saiu do gancho. E caiu direto na rede.

"Você acabou de pegar um peixe", disse Paul.

"Uau."

Olhei para ele enquanto Paul o colocava no cesto. E eu pensei, eu o matei.

Eu estou matando ele. Mas eu precisava comer. E me ocorreu que quando comemos filés de peixe do supermercado, alguém os matou também. Mas não era alguém matando um peixe para mim. Este era eu, fazendo isso diretamente.

Mas eu não recuei. Porque minha família precisava de mais comida para comer. Sim, foi difícil que sua vida acabou, mas foi assim que foi. Se um leão ou um lobo precisasse comer, minha vida poderia ter acabado. Eu só teria que lidar com matar um peixe. E o peixe... bem, ele não tinha escolha.

Ele fez?

Na minha cabeça, eu disse a ele que estava arrependido. Mas também que eu não o estava colocando de volta.

“E se eu viesse aqui pescar sozinho? Como eu o colocaria na rede?”

“Aqui está o que eu faço. Saio para o lago e me jogo em águas profundas.

Então eu abro a fiança e solto a linha enquanto caminho de volta para a praia. E

eu pesco da costa. Se eu pegar alguma coisa, eu a enrolo e depois me viro e a jogo no chão o mais longe possível do lago. Ele pode flopar o quanto quiser, mas você ainda o tem. Mesmo se ele sair do gancho, você ainda o tem. Mas se ele puder cair de volta na água, ele será...

Então ele teve que parar de falar, porque ele fisgou outro.

Não importava, porque eu sabia o final da frase, de qualquer maneira. Eu sabia que, se ele caísse de volta na água, o que ele seria.

Aí eu peguei outro.

Então Paul pegou um terceiro.

Eu não peguei um terceiro.

Então não há mais petiscos. Não há mais rebocadores.

Ficamos ali por mais meia hora mais ou menos. Não me importava que o tempo passasse. Eu não estava entediado. Apenas observei a aparência das





montanhas, refletidas na superfície da água, e a maneira como esse reflexo ondulava quando uma rajada de vento surgia. Observei pássaros de pernas compridas perambulando perto da costa.

Eu estava de férias. E eu estava feliz.

Paul disse: “Engraçado como eles não mordem. E então, de repente, eles são. E então, de repente, eles não são novamente. Podemos muito bem encerrar o dia.”

00

Enquanto estávamos voltando para casa, Paul perguntou: “Você quer que eu estripe isso para você?”

"Eu irei. Quer dizer, eu acho que posso. Quero dizer, eu só vou. Talvez você possa me ensinar.”

“Você pega três dos cinco.”

"Isso não é justo."

"Está bem. Você tem três bocas para alimentar em sua casa. Ainda tenho duas para esta manhã. Então, vou levar duas, e serão duas refeições para Rigby e para mim.

"OK. Se você tem certeza.”

"Tenho certeza", disse ele.

00

Quando entramos na casa dele, algo estava apitando.

Paul estava na cozinha, despejando o peixe na pia de aço inoxidável. Não parecia que ele ouviu.

“O que é esse bipe?”

“É minha máquina de mensagens. Deixe-me lavar as mãos e vou ver o que é.

Inclinei-me sobre a mesa em vez de me sentar. Porque meus cortes ainda estavam molhados. O bipe me deixou nervoso, mas eu não tinha certeza do porquê.

Um minuto depois, ele saiu, secou as mãos em um pano de prato e apertou um botão na máquina.

“Paulo”, disse uma voz. Uma mulher. Com um traço de sotaque. "Liga para mim. OK?" Pausa. "Liga para mim."

Nós olhamos um para o outro.

"Rachel?" Eu perguntei.

"Sim." Longo silêncio. Então ele disse: "Sou só eu, ou isso soou... não é bom?"

“Definitivamente não soou bem.”

"Ok, eu tenho que ligar para ela."

"Quer que eu vá?"

“Ainda não lhe dei o seu peixe. Eu tenho que te mostrar como estripar eles.”

“Eu poderia esperar lá fora.”

"Não importa. Eu não me importo. Você não precisa ir. Eu só tenho que ligar para ela agora.”

Pegou o telefone e digitou o número de cor. O que fazia sentido, já que tinha sido sua casa, seu número, por décadas.

Ela devia estar perto do telefone.

"Rachel. Sim. Você está bem? Você soou—”

Então deve ter sido ela falando. Por muito tempo.

Eu o observei. Eu só fiquei lá e assisti-lo ouvir. O que mais eu poderia fazer? Quanto mais ouvia, mais velho parecia.

Depois de um tempo, ele disse: “Vou descer”.

Silêncio do nosso lado.

“Não, eu posso colocá-la em um canil.”

Silêncio.

"Bem não. Você tem razão. Não se fosse tão longo. Mas eu posso resolver isso. Eu poderia até ter uma babá de cachorro para ela. Bem aqui."

Mais silêncio.

“Raquel, você tem certeza?”

Silêncio. Os silêncios estavam começando a doer. Senti como se alguém estivesse sentado no meu peito. E eu nem sabia o que diabos estava acontecendo.

— Mas e *você* , afinal?

Mais machucado.

"OK. Eu não sei o que dizer. Você vai me ligar se mudar de ideia? E se você não mudar de ideia, você vai me ligar assim que souber mais?

Silêncio rápido.

"OK. Posso te ligar todos os dias?”

Silêncio médio.

"OK. Vou ligar para o seu celular. Tchau. Tome cuidado, ok?”

Ele clicou no botão de desligar no telefone. Mas ele não baixou. Ele apenas ficou ali, sem se mover, sem falar. Não olhando para Rigby ou para mim.

Apenas olhando para o telefone como se ele tivesse algo mais para dizer a ele. Mesmo que não houvesse mais ninguém na linha.

Eu queria perguntar: “O que é isso? O que está errado?" Mas eu não queria arrancá-lo desse momento delicado. Parecia aquela coisa de nunca acordar

um sonâmbulo. Parecia que poderia ser perigoso.

Eu tive tempo para pensar, Ele tem os mesmos sentimentos que todo mundo tem. Quando ele age como se não o fizesse, é mentira.

Ele olhou para mim. Seus olhos se cravaram.

"Algo errado com Rachel?" Eu perguntei.

"Não. Dan. Algo está errado com Dan.

Ele não disse o quê. Não imediatamente. Eu apenas esperei.

Então, finalmente, “Ele tem câncer de estômago em estágio quatro”.

"E eles só agora lhe falaram sobre isso?"

“Eles só descobriram agora.”

“O que vai acontecer com ele?”

“Eles ainda não têm certeza. Ele vai para a cirurgia depois de amanhã. Eles têm certeza de que é metástase. Mas eles saberão mais quando chegarem lá.

Eu queria descer, mas ela insistiu que eu ficasse. Que eu fique e aproveite minha aposentadoria. Eu deveria estar lá embaixo, no entanto.

Ficamos naquele silêncio doloroso por mais um espaço de tempo. Minutos, da sensação disso. Mas a sensação das coisas pode ser uma mentira.

Então ele disse: “Vamos. Vamos pegar esses peixes.”

Eu o segui até a cozinha, minhas pernas tremendo um pouco.

“Eu cuidaria de Rigby se você quisesse ir até lá.”

"Eu sei. Eu tentei dizer isso a ela. Você se importa se eu não te ensinar isso hoje? Como limpá-los? Você se importa se eu fizer isso?”

"Multar. Eu não me importo.”

Sentei-me à mesa e observei suas costas. Ele estava trabalhando com as mãos na pia, então eu não tive que ver nenhum sangue ou tripas.

"Posso te fazer uma pergunta?" Eu disse, meio baixinho.

"Acho que sim", disse ele. Sem se virar.

"Eu sei que você não gosta do seu irmão, mas... você o ama?"

Ele não respondeu por um longo tempo. Tempo suficiente para que eu pensasse que ele nunca o faria.

Então ele disse: “Sim”.

Isso é tudo. Apenas sim. Nada mais chique do que isso.

Ficou quieto naquela cozinha novamente.

Um minuto depois, ele falou, e foi alto. Muito alto. Isso me assustou.

“Eu vou lá embaixo.”

Ele enxugou as mãos em um pano de prato branco, deixando-o manchado com sangue de peixe vermelho brilhante. Ele correu para a sala de estar.

Levantei-me e fiquei na porta e o observei apertar botões no telefone.

“Raquel, ouça. Por favor. Apenas ouça. Eu sou a única família de sangue viva que ele tem. E vai ser um grande trabalho cuidar dele após a cirurgia. E

você não tem família por perto. Por favor. Não discuta. Apenas deixe-me vir.

Se você não me deixar ir atrás de você, ou de Dan, deixe-me ir atrás de mim.

O primeiro silêncio do segundo telefonema. Não doeu tanto quanto os anteriores.

“Angie vai cuidar dela. Não vai, Angie?

Ele olhou para mim, seus olhos diferentes. Mais profundo do que antes.

Como uma caverna em que você pode entrar de repente.

"Sim. Claro que vou.”

“Pelo tempo que ela precisar. Certo, Angie?

"Sim. Não importa quanto tempo. Durante todo o verão, se eu precisar.

“Ela poderia ficar aqui com Rig durante todo o verão se precisasse.”

“Ah, espere,” eu disse, e fiz sinal para ele cobrir o telefone.

“Rachel, espere um minuto.” Ele pressionou a palma da mão no bocal.

"Problema?"

“Eu não podia levá-la para minha casa. Não permitem animais de estimação.”

“Você poderia ficar aqui.”

"OK."

Ele colocou o telefone de volta no ouvido, depois pensou melhor e cobriu o bocal novamente. “Sua mãe deixaria você ficar sozinha?”

"Eu penso que sim. Eu não sou positivo, no entanto.”

“Você *está* bem ficando sozinha?”

"Você está brincando comigo? Quando não estou sozinho? E responsável pela minha irmã para arrancar.

"Eu te pagarei."

“Você não precisa me pagar.”

“Claro que eu vou te pagar. Não seja bobo.”

"Paulo. Nós somos amigos. Você não precisa me pagar.”

Ele olhou para um ponto ao redor do meu queixo por um segundo ou dois, e eu não tinha ideia do que ele estava pensando.

"Vamos dar um jeito em alguma coisa", disse ele. Então ele colocou o telefone no ouvido novamente. “Vou sair pela manhã,” ele disse a ela.

"Certo", disse ele.

"Vejo você então", disse ele.

"Rachel?" ele perguntou.

Silêncio. Eu tive uma sensação engraçada de que estava em silêncio em ambas as extremidades da linha.



"Deixa pra lá. Vejo você amanha."

00

Observei Sophie devorando sua truta. Comer da maneira usual. Com os dedos.

"Você verificou o dela com muito cuidado para os ossos pequenos?" Eu perguntei a minha mãe.

“Pare de mudar de assunto. Cópia de segurança. Por que você não está sendo pago por isso?”

“Ele se ofereceu para me pagar. Mas eu disse não. Agora, se você não se importa, vou comer meu peixe enquanto ainda está quente.

Comemos em silêncio por um longo tempo. O único som era de Sophie fazendo um pouco de barulho a cada mastigada. Ela sempre comia de boca aberta. Era meio nojento, mas imaginei que ela não poderia evitar. Então eu simplesmente não olhei para dentro. Minha mãe estava ardendo, e eu estava tentando ignorá-la. Eu também estava tentando não deixar que isso afetasse meu apetite ou incomodasse meu estômago. Foi minha segunda refeição rica em proteínas em um dia. Eu juro, toda aquela proteína estava subindo na minha cabeça. Meu cérebro parecia mais claro do que em meses.

Quando finalmente engoli a última mordida, minha mãe quebrou seu voto de silêncio.

"OK. Você Terminou. Por que você disse não ao dinheiro, de novo?”

“Porque ele é meu amigo. Você não cobra do seu amigo por fazer um favor.

Principalmente em um momento como este.”

“Você faz se precisar do dinheiro. Se ele fosse realmente seu amigo, ele saberia que você precisava. E ele insistiria.

“Ele insistiu. Ou de qualquer maneira, ele tentou. Eu o rejeitei. Ele faz coisas para mim o tempo todo. Almocei lá quase todos os dias desde o momento em que nos mudamos para cá até o momento em que Sophie e eu fomos ao programa de merenda escolar. O que você achou que estávamos comendo o dia todo? Você nem prestou atenção. Ele me ensinou a pescar. Ele está me emprestando uma vara de pescar e equipamento suficiente para eu começar. Que é como eu trouxe para casa este grande jantar. Pelo qual você nem se deu ao trabalho de me agradecer. Você tem estado de mau humor ultimamente, eu nem

sei mais como lidar com você.”

A sala ficou um pouco quieta. Exceto pelos ruídos de Sophie.

Minha mãe deu uma mordida em seu peixe. Deve ter sido muito frio até então.



"É muito bom. Obrigada. É só que poderíamos realmente usar algum dinheiro extra.”

“Sempre podemos usar dinheiro extra. E você sempre tenta resolver o problema olhando para mim. Existem leis de trabalho infantil, você sabe. Se não estamos comendo o suficiente, você deve conseguir um emprego melhor ou algo assim. Ou um segundo emprego. Ou um lugar mais barato para morar.

Você não deveria olhar para mim como se fosse meu trabalho nos alimentar.

Aprendi a pescar para poder levar comida para casa. E você nem dá valor.”

“Não vejo como os peixes resolverão nosso problema.”

“ *Eu* faço! Podemos *comê* -lo!”

Eu estava começando a ficar bravo. Os pequenos ruídos de Sophie ficaram maiores, porque estávamos deixando-a nervosa. Ela não gostou quando gritamos.

“Você não acha que vamos enjoar de peixe depois de um tempo?”

“Ao contrário de arroz e feijão, ou macarrão. Do qual, é claro, nunca nos cansamos!”

“Não levante sua voz para mim.”

“Você quer aquele peixe, ou não quer? Porque eu ficaria muito feliz em comê-lo se você nem se importa.

Primeiro ela não respondeu. Mas quando mergulhei para o prato, ela o defendeu. Ela envolveu seus braços ao redor dele e me encaixou para fora.

“Olha, me desculpe,” ela disse. "Sim. Quero isso. Estou preocupado com o dinheiro, é tudo.”

"É por isso que você está de mau humor?"

“Não tenho estado de mau humor.”

Eu bufei mais alto do que pretendia.

"Direito. Claro que não. Eu vou caminhar."

Ela não disse uma palavra. Ela nem tentou me impedir. Olhei para trás para vê-la devorando o peixe. Eu balancei minha cabeça e continuei.

00

A luz da varanda de Paul estava apagada, então fiquei no escuro ao lado da porta até que ele tivesse tempo de abri-la. Então ele acendeu a luz da varanda, e ela acertou meus olhos como adagas gêmeas. Protegi meus olhos com a mão.

Quando ele abriu a porta, eu fiquei ali por mais um segundo. Não tem certeza do que dizer.

“Eu briguei com minha mãe. Posso entrar?"



Ele se afastou da porta, e eu entrei e me inclinei sobre Rigby e a abracei e a abracei e a abracei. Pensei: Nunca morra, Rigby. Não ouse morrer nunca.

Entre isso e minha mãe, eu me senti um pouco perto de chorar, então a abracei ainda mais, até que consegui controlar.

Então me endireitei e não tinha ideia do que dizer a Paul.

Eu queria perguntar se eu poderia dormir lá durante a noite. Mas eu sabia que não podia. Eu sabia que não havia nada de pervertido sobre Paul e eu, e ele sabia disso, mas havia aquele lugar onde você tem que se curvar ao que as outras pessoas são obrigadas a pensar. Eu não poderia ficar na casa dele até que ele não estivesse mais lá.

Então eu disse: “Talvez eu possa ficar aqui até ter certeza de que ela está na cama.”

"Certo."

“Eu durmo na sala, então até que ela vá para a cama, eu não tenho privacidade.”

“Você terá bastante privacidade nas próximas semanas.”

"Sim, isso vai ser muito bom."

Olhei ao redor do lugar e comecei a pensar como seria bom ter tudo para mim, o dia todo, dia após dia. Isso me fez querer ir para casa ainda menos.

"Eu não vou entrar no seu cabelo, eu prometo."

“Você nunca entra no meu cabelo. Você sabe jogar Gin Rummy?

"Não. Mas eu poderia aprender. Se você estiver disposto a me ensinar.

00

Jogamos mais de vinte mãos antes de eu finalmente ir para casa.

Comecei a gostar muito. Como se tudo que tivesse a ver com cartas fosse ruim para mim. Mas não eram as cartas, realmente. Era o jogo. Nós não jogamos por dinheiro, mas eu podia ver como seria fácil cruzar essa linha.

E se eu fosse um jogador de coração? Assim como meu pai?

Eu teria que ter cuidado com isso.



00002.jpeg

2. Porque

"Kibble está neste armário", disse ele. Ele abriu a despensa para me mostrar uma lixeira de plástico quase tão grande quanto uma lata de lixo, mas com uma tampa mais apertada. “Há uma colher de medição dentro. Então, uma colher e uma lata de comida úmida. Duas vezes ao dia. Você pode colocar as pílulas de artrite diretamente na comida dela. Eu os deixei perto do microondas.”

“Importa exatamente a que horas?”

“Não ao minuto. Eu a alimento quando me levanto e depois novamente por volta das cinco. Ela vai te incomodar se estiver com fome. Uma hora aqui ou ali não a incomoda muito.

Contei as latas de comida de cachorro na prateleira.

“Dois por dia. E daí se você ficar fora por mais de dezoito dias?

“Bem, eu duvido disso. Mas só para garantir...” Ele puxou sua carteira e tirou uma nota de vinte. Enfiou-o sob a última lata na prateleira. “Eles vendem no mercado local, então guarde a última lata para saber que está comprando o produto certo.”

"OK. Como eu sei se ela tem que sair?”

“Você não precisa se preocupar com isso. Eu tinha uma porta de cachorro instalada na porta dos fundos. Ela vai se soltar.”

“Está tudo cercado?”

"Não completamente. Mas ela não vai embora. Ela é muito bem treinada para isso.”

"E se ela ficar preocupada porque você se foi?"

“Eu vou embora e a deixo o tempo todo. Ela vai esperar por mim em casa.

Ela é uma boa cadela. Confie nela."

"Eu faço", eu disse.

Mas era uma grande responsabilidade.

“Aqui está o número do veterinário dela. E o número do meu celular. Se você tiver alguma dúvida, é só me chamar.”

"OK."

— Tem certeza de que não posso pagar por isso?

"Positivo."

Isso pareceu detê-lo por um minuto. Eu me perguntei o que ele estava pensando. Eu não poderia dizer de seu rosto.

"Comer de tudo. Espero não encontrar um único pedaço de comida nesta casa quando voltar. E as coisas de pesca estão todas na garagem. Tirá-lo. Há





muitos lugares que você pode caminhar. Vou deixar-lhe um mapa da cidade, e você poderá ver por onde passam os riachos. A menos que você já tenha percebido isso desde que chegou aqui.

"Na verdade, não. O mapa seria bom. Devo levá-la?”

"Certo. Se você quiser."

"E se for andar demais para ela?"

“Tente levá-la para todos os lugares. Se ela sair mancando ou rígida, já é demais.

Corte um pouco. Se não tiver certeza, ligue.”

"OK."

"Nervoso com isso?"

"Um pouco."

“Não seja. Você a ama. Essas são todas as habilidades que você realmente precisa para o trabalho.”

00

Ficamos na varanda dos fundos e o vimos ir embora. Acenei, mas, por causa do jeito que estávamos olhando para o carro dele, duvido que ele pudesse me ver.

“Ele vai voltar,” eu disse a Rigby. "E eu vou cuidar bem de você enquanto ele estiver fora."

Eu não tenho certeza por que me incomodei, no entanto. Ela não parecia nem um pouco nervosa. O único nervosismo no lugar vinha de mim.

00

Abri a porta da geladeira. Porque, claro, eu não tinha tomado café da manhã.

Encontrei suco de laranja. Duas dúzias de ovos. Bacon. Queijo cheddar e cream cheese. Leite. Saladas na gaveta de legumes. Um pacote aberto de salmão defumado. Um pacote embrulhado de carne moída magra. Meia dúzia de pêssegos.

"Caralho!" Eu disse em voz alta.

Rigby veio ver o que estava acontecendo. Ela olhou para onde eu estava olhando, para a geladeira. Como se ela esperasse ver algo incomum. Então ela olhou para mim, como se quisesse saber do que se tratava toda aquela excitação.

Acho que parecia normal para ela. Acho que ela estava acostumada com o fato de que muitas pessoas vivem assim, com suas geladeiras cheias de comida. Eu tinha esquecido completamente.



Decidi que se havia cream cheese e salmão defumado, devia haver bagels.

Então eu olhei no balcão. Na caixa de pão.

Finalmente os encontrei no congelador.

Eu tostei as duas metades de um e os espalhei com cream cheese e os montei com metade do salmão defumado, que era o dobro do que qualquer pessoa normal teria usado.

Paul disse que não queria ver um pedaço de comida sobrando quando voltasse. E ele nunca saberia o que eu comia quando. Só eu saberia disso.

A ideia de comer mais do que eu realmente precisava era tão estranha naquela época. Eu não tinha ideia do quanto eu sentia falta disso.

Então tive um impulso repentino de guardar metade para Sophie. Mas me ocorreu que havia mais. Muito mais. Eu poderia fazer um outro bagel para ela, exatamente como o que eu estava prestes a comer.

Eu dei minha primeira grande mordida e suspirei. Literalmente apenas sentado na mesa da cozinha, nem mesmo mastigando. Apenas provando o que eu já tinha mordido.

“Esta é a vida, Rig,” eu disse, minha boca ainda cheia.

00

Encontrei uma trilha até o riacho seguindo o mapa de Paul. Rigby me seguiu tão perto que, se eu parasse por um segundo, seu nariz esbarrava nas minhas costas.

As árvores se aproximaram e eu continuei pegando a ponta da vara de pescar nos galhos. Então eu teria que parar e me certificar de que a linha não estava emaranhada nas agulhas de pinheiro.

Quando chegamos ao riacho, olhei para a água. Foi apenas talvez um pé de profundidade, correndo claro com um som maravilhoso. Mas se houvesse peixes lá, eu os teria visto.

Não havia peixes.

Eu gostaria de ter tido tempo para fazer *duas* aulas de pesca antes que Paul tivesse que ir embora. Como talvez uma lição de pesca de riacho. Até agora, eu só sabia pescar em um lago. E os lagos estavam muito longe para caminhar até

lá.

Olhei para baixo para ver Rigby olhando para o meu rosto. Eu poderia dizer que ela queria saber qual era o meu problema. Por que não fui pescar?

Talvez houvesse certos lugares onde os peixes gostassem de ficar. Talvez Rigby tenha vindo aqui o tempo todo com Paul. Talvez ela soubesse onde ele geralmente gostava de ir.

“Para que lado, Rigby?”



Pode ter sido apenas eu, mas ela parecia feliz por eu ter perguntado. Ela partiu imediatamente, rio acima. Eu a segui, bufando morro acima. Tentando olhar para baixo, para não tropeçar no mato que se projeta para a trilha. E

olhar para cima, para não prender uma árvore com a vara. Ambos ao mesmo tempo.

“Espere, Rig,” eu chamei.

Ela fez.

Cerca de cinco minutos depois de estourar os arbustos, saímos em uma clareira, salpicada de luz do sol por entre as árvores pendentes. O córrego deu lugar a uma poça, muito mais profunda que o resto do córrego e cerca de cinco vezes mais larga. Larguei a caixa de equipamentos e a vara, saí em cima de algumas rochas enormes e lisas. Caiu de quatro. Havia uma árvore caída meio debaixo d'água, e eu me apoiei em um dos galhos enquanto me inclinava sobre a piscina.

Mais de uma dúzia de trutas arco-íris passaram, as ondulações da piscina dobrando suas imagens.

Voltei para Rigby.

“Bom cachorro,” eu disse.

00

Eu gastei provavelmente dez minutos apenas pegando um gancho no final da

linha. Porque eu tinha esquecido como Paul me ensinou a dar o nó. Continuei fazendo do jeito que achava certo, mas depois puxava com força o anzol para ter certeza de que aguentaria. E ele iria arrancar de novo.

Olhei para Rigby, que estava deitado ao meu lado, as patas dianteiras estendidas, os olhos semicerrados sob o sol manchado. Suas sobrancelhas estavam grisalhas agora também, seu focinho mais grisalho.

Comecei o nó.

“Então você coloca o fim da linha em…”

Por um momento insano, eu juro, eu o segurei para ela ver. Como se ela me mostrasse por qual laço passar o final da linha. A maneira como ela sabia onde Sophie estava, onde ficava o acampamento. Onde encontrar o melhor ponto de pesca de Paul.

Eu me segurei e bati na minha testa com a palma da minha mão.

“Certo,” eu disse. “ *Essa* mágica, você não é.”

Mas apenas segurar o nó meio feito para ela o deixou mais frouxo. E eu vi o outro lugar por onde o fim da linha poderia passar. Eu assisti-lo abrir.

"Claro. Eu me lembro agora. Primeiro torça-o algumas vezes. Então por *aqui*

. Em seguida, através do loop que faz. Acho que é isso, Rig!”

Eu o puxei com força e puxei com força o gancho. Cuidado para não me esfaquear. Eu puxei quase com força suficiente para quebrar a linha, mas o nó segurou.

Eu pressionei duas chumbadas na linha do jeito que Paul havia me mostrado, mordendo-as para fazer com que ficassem bem presas.

Enfiei quatro ovos de salmão no anzol e caminhei com cuidado até as pedras escorregadias. Eu balancei a vara de volta atrás do meu ombro, pronta para dar um bom estalo. Um belo elenco longo como eu tinha feito no lago.

Quando empurrei a vara para frente novamente, ela desligou. Eu tinha pego algo

antes mesmo de terminar meu primeiro gesso.

Desci das rochas e segui a linha até ver que estava pendurada em uma árvore. Eu não conseguia chegar alto o suficiente para desembaraçá-lo.

Tentei puxar o galho para baixo, mas a linha quebrou.

Suspirei e voltei para Rigby. E sentou.

“Ótimo,” eu disse. “Perdi um anzol antes mesmo de molhá-lo pela primeira vez.”

Amarrei outro gancho na linha, adicionei mais duas chumbadas e enfiei mais quatro ovos de salmão. O pequeno frasco estava mais da metade vazio agora. Mais um punhado de erros como esse, e eu teria que descobrir como usar algum outro tipo de isca.

Eu rastejei para as pedras novamente. Olhei para a água e senti um pouco de emoção quando duas trutas deslizaram por baixo de mim. Eu me perguntei se era assim que um leão se sentia ao ver uma manada de zebras trotando pela planície.

Abri o fecho do carretel e deixei a linha descer.

A princípio, nada. Todas aquelas trutas, e nenhuma pareceu notar. Um raio de sol iluminou a piscina onde meu anzol aterrissou, e os ovos de salmão pareciam iluminados, como pequenas lâmpadas vermelhas brilhantes.

Eu olhei para ter certeza de que Rigby não iria a lugar nenhum. Mesmo sabendo que era o tipo de coisa que ela nunca faria.

Eu podia ouvir a voz de Paul dizendo: “Confie nela”.

Respirei fundo e tentei.

Quando olhei para trás, uma truta arco-íris estava a apenas alguns centímetros da minha isca. Mantendo-se perfeitamente imóvel. Olhando para ele praticamente do jeito que eu estava olhando para ele. Então ele balançou seu corpo e se aproximou. Parado. Esperou.

Ele estendeu a mão e puxou um ovo de salmão, então se assustou quando o anzol

se moveu. Eu juro, eu não estava respirando nada. Um mosquito

mordeu a parte de trás da minha perna, e eu não consegui nem dar um tapa nele.

A truta voltou e engoliu a isca, anzol e tudo.

Eu apertei a linha, e ele decolou, dobrando minha vara para frente. Ele desapareceu sob a árvore caída. Minha vara ficou dobrada, mas eu não podia senti-lo puxando. Tentei puxar, mas a linha estava presa. Ele deve ter enrolado em um galho.

Eu puxei. Eu esperei.

Finalmente, eu sabia que estava afundado, então simplesmente desisti e quebrei a linha.

Eu me afastei das rochas para começar tudo de novo. Olhei para o pote de ovos de salmão e sabia que precisava me afastar daquela árvore caída. Eu peguei o anzol todo iscado e pronto, e então fechei e tranquei a caixa de equipamento.

“Vamos, Rigby. Vamos ver se conseguimos descobrir como chegar ao outro lado desse fluxo.”

Não foi difícil. Na outra extremidade da piscina, o riacho se estreitava.

Tinha apenas um ou dois pés de profundidade. Então eu a atravessei, tomando cuidado para não escorregar nas pedras molhadas. Rigby espirrou atrás de mim.

Caminhamos de volta até a piscina profunda, agora do outro lado, onde a rocha escorregadia descia direto para a água. Eu não seria capaz de me esconder lá também. Mas eu não pegaria minha linha. Se eu enganchasse um, não haveria nada para me prender enquanto eu o puxasse para fora.

Desta vez, usei um verme artificial. E olhei para trás antes de lançar. Era um longo caminho até a árvore mais próxima. Então dei um bom giro para trás na vara e a lancei bem e longe. Direto para o centro profundo da piscina.

Peguei a folga na linha e olhei para Rigby, que estava sentado na pedra inclinada.

“Eu me sinto otimista de novo,” eu disse.

Fiz uma anotação mental para ver se conseguia encontrar uma lanterna na casa de Paul, para que pudéssemos sair muito mais cedo pela manhã da próxima vez. Ele me pareceu o tipo de cara que teria uma lanterna, caso a energia acabasse. Ele provavelmente carregava sinalizadores de emergência na mala do carro também. Não como ninguém da minha família. Só esperávamos que não houvesse desastres. Na verdade, não nos preparamos nem nada.

Deitei-me na rocha com a cabeça no lado de Rigby e tentei não adormecer.

Talvez eu tenha, no entanto. Ou talvez não tenha passado nenhum tempo.



Não foi um puxão que peguei na linha. Foi uma luta completa, desde o início.

Sentei-me rapidamente, e minha vara dobrou quase ao meio, e me perguntei se era possível que um peixe a quebrasse. Mas então eu decidi que a linha iria quebrar primeiro.

Lembrei-me do que Paul havia me ensinado. Não tenha pressa, mas vá com calma. Sem folga na linha. Continuei cambaleando quando o peixe saiu da água e o joguei na rocha a uns bons três metros da borda da piscina. Ele não saiu do gancho.

Rigby esticou o nariz para cheirá-lo, para medi-lo. Mas ela não tentou tocá-lo ou ficar no meu caminho.

Eu o peguei pela metade inferior da boca, do jeito que Paul me mostrou. Mas não consegui tirar o gancho. E me senti mal, como se o estivesse machucando tentando. Então eu apenas segurei o anzol, para não puxar a boca dele, e quebrei a linha. E colocá-lo no cesto, em águas rasas. Mais tarde, antes de cozinhá-lo, eu poderia pegar o anzol de volta. Não iria machucá-lo até então.

Usei a mesma minhoca artificial, porque o peixe não a havia engolido, e joguei novamente na parte funda da piscina. Mas desta vez, sentei-me e olhei para frente, olhando. Preparar. Porque desta vez, eu acreditava, algo iria acontecer.

Eu juro, não foi dez minutos depois quando eu enrolei outro.

Eu pensei, essa coisa de pescar é ótima. É como mágica. Eu só ficava soltando o gancho e puxando-os para fora. A cada dez minutos. Toda a manhã. Ou, de qualquer forma, até que eu pegasse o limite diário, que era cinco. E então eu me sentiria mal por ter que parar. Quase como se eu não pudesse parar. Mais ou menos como me senti quando estava construindo aquele último castelo de cartas, e cheguei ao cartão de cinquenta segundos.

Eu pensei, Maldita coisa de limite, de qualquer maneira. Eu pensei, eu me pergunto se alguém notaria. Eu me perguntei com que frequência alguém checava. Mesmo sabendo que provavelmente decidiria fazer certo.

Eu não precisava ter me dado ao trabalho de lutar comigo mesmo sobre isso.

Eu não peguei outra coisa durante toda a manhã.

00

Eu estava cochilando quando o telefone tocou.

Eram cerca de quatro e meia da tarde. O telefone me despertou de um sonho e acordei de pé, ofegante. Ainda com medo, mesmo sabendo que era apenas o telefone. Tentei me lembrar do sonho, mas ele se foi.

Eu não sabia se deveria responder. Eu tinha esquecido de perguntar a Paul se eu deveria atender o telefone dele se ele tocasse.

Aproximei-me, observando-o, assustado com cada toque.

Na quarta, peguei.

"Olá? Esta é... a residência de Inverness.

“É Paulo.”

Eu soltei um monte de ar que eu nem sabia que estava segurando.

"Oh! Graças a deus. Porque eu não sabia se deveria atender seu telefone.

"Isso foi bom", disse ele. “Apenas o que você fez.”

"Como está seu irmão? Eles fizeram a cirurgia?”

"Sim. Ele está fora. Ele está em recuperação.”

"Como se parece?"

Ele não respondeu imediatamente. Na verdade, ele não respondeu por um bom tempo. Então foi assim que eu soube.

Finalmente, finalmente, ele disse: “Ruim”.

Mas nem precisava ser dito até então.

"Eu sinto Muito."

Um pedaço de silêncio. Em ambas as extremidades do telefone.

Então ele disse: “Lembra quando você disse que poderia ficar o verão todo se precisasse?”

"Sim. Eu ainda posso.”

"Boa. Porque eu quero ficar aqui embaixo. Até…"

Mas então ele não queria dizer até o quê. Eu praticamente sabia, no entanto.

Havia realmente apenas um “até” que pudesse ser.

“Quanto tempo, você acha? Eu não me importo. Eu gosto daqui. Muito. Eu apenas me perguntei. Você sabe. Minha mãe vai perguntar. Então... só para que eu possa contar a ela.

“Eles estão dizendo de dois a quatro meses. Mas provavelmente mais como dois e menos como quatro. Voltarei algumas vezes, para que Rigby não pense que a esqueci completamente. E, olhe… eu sei que ela está bem. Quero dizer, ela é saudável. Ela tem sete anos e meio, mas está em boa forma. Mas se acontecer alguma coisa, ligue-me imediatamente. Eu vou voltar. Se você tiver que levá-la ao veterinário, ou ela estiver agindo de forma engraçada, me ligue para que eu possa voltar. A última coisa que quero é perder os últimos dias com meu cachorro.”

Incomodou-me que ele dissesse isso. Quer dizer, eu sabia por que ele disse isso,

e eu sabia que ele tinha que dizer. Eu só queria que não tivesse sido assim. Eu desejei que não estivesse lá para precisar ser dito.

"Ela está bem. Ela está em ótima forma."

“Eu sei que ela é. Estou um pouco tímido com armas agora. A vida parece muito impermanente.”

"Ela está bem."

Seu tom mudou, como se ele tivesse saído de um sonho. “Você tem que me deixar te pagar agora. Se vai ser um par de meses.”

"Não. Sem chance. Nem tome isso de novo. Nós somos amigos." Uma longa pausa. Então eu disse: “Sinto muito que você tenha que passar por tudo isso”.

"Obrigado."

"Você pode ligar. Você sabe. Se você quiser apenas falar sobre... coisas.

Outra longa pausa.

“Sabe, eu poderia aceitar isso. Não é o eu habitual. Mas não é impossível.

Vou mantê-lo informado. Ligarei novamente em breve.”

Eu poderia dizer que ele tinha feito toda a conversa sobre coisas pesadas que ele poderia gerenciar por enquanto. Então nós apenas encerramos tudo rápido e desligamos o telefone.

Olhei ao redor de sua casa e fui atingido por essa onda de alívio por não ter que deixar o lugar tão cedo. Era o tipo de lugar que você poderia se acostumar.

Peguei os dois peixes na geladeira e os coloquei de volta na cesta de cesto, e então, no último minuto, decidi cobri-los com cubos de gelo para a caminhada.

Coloquei meus tênis, embora ainda estivessem molhados.

“Vamos, Rigby,” eu disse. "Vamos ver Sophie e minha mãe e trazer um jantar para elas."

O telefone tocou novamente.

Peguei mais rápido dessa vez.

"Olá?"

Então me lembrei que não disse direito, como da última vez. Todos educados e elegantes.

"Eu de novo."

"Oi."

"Eu estive a pensar."

Ele parecia bem sério. E eu fiquei com medo. Eu pensei que tudo estava prestes a sair de debaixo de mim novamente.

"Sobre o que?"

"Eu estava pensando que você deveria mudar sua família para o apartamento sobre a garagem enquanto eu estiver fora."

Eu não disse nada. Porque eu não podia. Minha boca estava fora de ordem.



“Eu não quero dizer apenas enquanto eu estiver fora. Mas também tenho que ser honesto e dizer que não prometo que seja permanente. Quando eu voltar, acho que devemos fazer algumas regras básicas realmente sólidas para minha privacidade. Se funcionarem, ótimo. Se não, eu sei que você vai demorar um pouco para encontrar um novo lugar, mas você pode ficar até conseguir. Mas mesmo que não dê certo, não ajudaria ter aluguel grátis por alguns meses?”

"Sim. Muito. Vamos seguir as regras.”

“Eu sei *que você* vai. Vamos ver como corre, ok? Sem promessas."

"OK."

“Só você na casa principal, no entanto. Por favor. Mesmo enquanto eu estiver

fora. Só você, ok? Mesmo que eu nunca soubesse.”

“Você sabe que eu sempre digo a verdade. Mesmo que você nunca saiba.”

"Eu faço. sim. Eu sei disso sobre você. Isso realmente vai ajudar? Ou estou apenas fingindo que ajuda?”

“Isso realmente ajuda. Muito."

Silêncio.

Então eu fiz a pergunta urgente. "Por que? Por que você decidiu isso de repente?”

“Achei que seria óbvio”, disse ele.

“Desculpe,” eu disse.

“Porque somos amigos.”

"Oh. Direito. Porque somos amigos.”

00

Desci as escadas dos fundos e subi a calçada de terra íngreme. Eu podia ouvir e sentir Rigby andando logo atrás de mim. Eu nunca tinha ido à garagem antes. Era maior do que parecia da casa. Dois carros largos e mais profundos que o normal, com oficina e depósito de lenha. Eu subi as escadas e tentei abrir a porta, mas estava trancada.

Achei que teria que voltar para casa e começar de novo, mas vasculhei os bolsos do meu short e encontrei as chaves que Paul tinha me dado. Foi um grande alívio. Não porque fosse tão miserável caminhar alguns metros morro acima. Porque eu não podia esperar para ver o lugar.

Abri a porta e respirei com tanta força que Rigby pulou um pouco. Era metade novamente maior do que o lugar em que estávamos gastando todo o nosso dinheiro. E era tão bonita quanto a casa principal, com os mesmos pisos de madeira e painéis de madeira e persianas por dentro. Cerca de dois

terços do chão estavam cobertos por um belo e antigo tapete persa em tons suaves de azul, e uma parede inteira era uma estante embutida.

Não havia quarto, no entanto. Era tudo uma grande sala. Mas tinha uma tela, uma espécie de divisor de quarto, enrolada em volta de uma cama. Achei que precisaríamos de outra cama, a menos que o enorme sofá de camurça marrom fosse dobrado. Mas eu não senti que tinha que me preocupar com isso naquele momento. Um canto foi montado como uma pequena cozinha, com um fogão de duas bocas, uma pia e uma geladeira do tamanho daqueles que fazem para trailers. E uma mesa de cozinha redonda de madeira com duas cadeiras. Precisaríamos de outra cadeira. O que também não importava ainda.

Na parte de trás do lugar, de frente para as montanhas nevadas, a maior parte da parede era uma porta de vidro de correr. Então você poderia caminhar e olhar para o mundo como se estivesse bem ali, bem dentro dele. Não como se você estivesse lá dentro. Ou você pode abri-lo e sair para um deck de madeira com um trilho. O que eu fiz, só por um minuto. Só para sentir. Havia cadeiras de madeira lá fora, para sentar e observar a vista. Eu não sentei. Eu não tinha acabado de olhar ao redor.

Mas essa ainda não era a melhor parte.

O quarto foi construído como uma estrutura em A, acho que para combinar com a casa. Não acho que tenha sido construído como uma estrutura em A genuína, mas tinha aquele teto alto e inclinado. O meio simplesmente subiu para sempre. Tinha vigas abertas, com cestos e flores secas penduradas nelas. E em cada lado inclinado, uma clarabóia.

Olhei para cima e pensei que todos os lugares em que morei, até aquele momento, me causaram claustrofobia. De repente, me livrei dessa doença que nem sabia que tinha.

Andei por um minuto como se estivesse andando em um sonho. Que eu acho que me senti como se fosse. Passei a mão pelas bordas das estantes. Eu pulei uma vez no sofá para ver como era.

Parecia exatamente do jeito que parecia. Rico. Como se de repente eu fosse rico.

Andei em círculo por um minuto, porque não conseguia pensar no que mais fazer. Então me sentei no meio do tapete e chorei. Rigby sentou-se comigo.

No começo, tentei explicar a ela que não estava infeliz. Era mais que eu sempre fui infeliz antes. Que as coisas tinham sido tão terríveis até aquele momento, era quase como se eu não ousasse chorar até que tudo acabasse.

Mas talvez fosse a mim mesma que eu estava explicando, porque Rigby é a última no mundo que não entenderia uma coisa dessas sozinha.



Só sei que chorei por muito tempo.

00

Coloquei gelo fresco no peixe antes de sairmos de casa, e ele começou a derreter enquanto caminhávamos e escorria por toda a minha perna.

Cheirava um pouco de peixe. Fiquei esperando ser seguido por uma manada de gatos ou algo assim. Pelo menos, teria sido assim em um desenho animado.

Isso não aconteceu.

“Espero que você não esteja desapontado,” eu disse a Rigby. “Eu sei que quando Paul pega dois peixes, você ganha um. Mas as duas primeiras são para Sophie e minha mãe, porque elas não comem tão bem quanto nós. Se eu pegar mais dois, em vez de apenas os dois para eles, eu te dou um. Na verdade, vou dar um passo adiante. Se eu pegar dois para eles e depois mais um, vou dividir com você.

A essa altura, estávamos andando pela calçada do antigo lugar. Engraçado o quão rápido eu comecei a olhar para isso dessa maneira. Com certeza não demorei muito para jogar fora aquele lugar minúsculo e caro. Verifiquei se o gelo não estava completamente derretido, mas havia bastante para manter o peixe frio. Mais da metade do que eu tinha começado.

Minha mãe deve ter me visto pela janela, porque ela escancarou a porta.

“Você não pode trazê-la aqui. Teremos problemas com os Magnussons.

Os Magnussons eram as pessoas que moravam na casa grande. Nossos proprietários.

"Multar. Sair."

Sophie ouviu minha voz e veio explodindo, gritando: “Hem, hem, hem!”

Eu estendi o cesto para minha mãe.

“Eu peguei vocês dois peixes. Mas preciso da cesta de volta.”

"OK. Vou colocá-los na geladeira e trazer de volta para você.

"Esperar. Tenho novidades primeiro.”

“Só vai levar um minuto.”

Ela desapareceu.

“Você precisa estripar eles,” eu chamei atrás dela. "Você sabe como?"

"Eu vou conseguir", ela chamou de volta.

“Ensine-me como, então, ok? E guarde o anzol na boca desse. Preciso de todos os ganchos que conseguir.”

Mas eu não poderia dizer se ela me ouviu ou não.

Olhei para Sophie, que estava sentada na terra ao lado de Rig. Perguntei-me se ela achava que íamos dar um passeio. Surpreendeu-me um pouco perceber

que senti falta dela. Mesmo que não tivessem sido dois dias completos.

Minha mãe voltou e me entregou a cesta vazia.

"Quais as novidades? Bom ou mal?"

"Boa."

"Graças a Deus. Diga-me então."

“Paul vai ficar longe por muito mais tempo do que ele pensava...”

"Quanto tempo?"

“Tipo, meses.”

“Ah. Ótimo”, disse ela. Como se não fosse nada bom. “Então ele deve estar te pagando muito. Porque nada mais torna esta boa notícia. Você vem aqui e me diz que estou sozinho para trabalhar e pagar contas e cuidar de Sophie por meses, e você me diz que é uma boa notícia. Então deve ser muito dinheiro. É melhor ser.”

“Não é dinheiro. Não vou deixar que ele me pague.”

“Vá para a parte boa, Angie, e vá rápido, porque minha cabeça está prestes a explodir aqui. Se você acha que eu vou...

“Ele está nos deixando morar no apartamento em cima de sua garagem.”

Seus olhos se estreitaram um pouco.

"Quão grande é isso?"

“Maior que isso.”

"Isso é legal?"

"É incrível. Mais agradável do que qualquer lugar que já vivemos.”

“Então não podemos pagar.”

“Ah, sim, podemos.”

“O que ele quer por isso?”

"Nenhuma coisa."

Nós apenas ficamos lá no sol quente por um minuto, enquanto ela deixava isso afundar. Rigby estava farejando o cabelo de Sophie.

"Ele está nos deixando nos mudar de graça?"

"Sim."

"Por que?"

“Porque eu não o deixaria me pagar por cuidar de seu cachorro. O que você

achou que era uma ideia tão terrível.

Ela apenas ficou lá piscando por mais um tempo. Eu poderia dizer que a ideia da coisa simplesmente não conseguia irromper.

"Apenas enquanto ele está fora?"

"Não necessariamente. Ele diz que quando voltar, fará algumas regras básicas, para que ainda possa ter sua privacidade. E se você pode ficar com



eles, nós podemos ficar. Se não der certo, podemos ficar até encontrarmos outro lugar.

Eu esperei. Mas ela ainda apenas piscou.

“Estou esperando o momento de você entender e começar a ser feliz,” eu disse.

Esse parecia ser o bilhete. Seu rosto mudou, como se alguém tivesse parado de eletrocutá-la com aguilhões de repente. Ela correu e me pegou no colo em um abraço.

"Oh, meu Deus", disse ela. “Sem aluguel?”

“Sem aluguel.”

“Então o dinheiro que eu ganho…”

“Podemos comprar comida com ele. E colocar gasolina no carro. E coisas assim.”

“Oh, meu Deus, vamos ter tanto dinheiro!” Sua voz chegou a um grito agudo na palavra *dinheiro* , e isso machucou meu ouvido. Mas eu realmente não me importei. Ela me colocou no chão e me deixou ir. Segurou-me no comprimento do braço pelos meus ombros. “Podemos ir ver?”

"Certo. Temos algum gás?”

"Nenhum. Eu nem tenho certeza de que iria começar. Teremos que caminhar.”

"Multar. Nós vamos andar.”

Enquanto nos aglomeramos juntos na entrada, nós quatro, ela acariciou meu cabelo e disse: “Querida, me desculpe, eu tenho estado tão bagunçada ultimamente. Eu sei que não tenho sido muito bom estar por perto. Eu estava sob tanta pressão e estava com tanto medo.”

“Eu sei,” eu disse. "Eu sabia."

Mas ela negou, até aquele momento. Então foi bom ouvir isso de sua própria boca. Não como se eu sempre precisasse estar certo, exatamente. Mais que era bom saber que eu não estava imaginando coisas e que eu não estava louco.

00

"Oh. Meu. Deus”, disse minha mãe.

Ela estava olhando para cima quando disse isso. Bem no meio do teto. Nas vigas, com os cestos e as flores secas. E, entre nós e eles, todo aquele espaço. Todo aquele espaço. Quase como a liberdade. Como não ter que viver com os cotovelos para dentro, mesmo sabendo que isso não estava certo, porque isso é espaço horizontal, e este era vertical. Mas era assim que se sentia.

“Isso é muito maior do que parece do lado de fora. Então você está me dizendo que podemos ficar aqui para sempre e não pagar aluguel? Eu não consigo envolver minha cabeça em torno disso.”

“Para sempre é meio que muito tempo,” eu disse. “Mas se der certo, não teremos que nos mudar quando ele voltar para casa.”

“Vou seguir as regras. Eu prometo."

“Eu disse que era uma boa notícia.”

"Você fez."

Rigby estava estendida no tapete como uma esfinge, como costumava fazer do outro lado da cerca da casa da tia Vi. Sophie estava deitada ao lado dela na mesma posição.

“Como está o irmão dele?”

"Morrendo. É por isso que ele não vai voltar imediatamente.”

"Oh. Eu sinto Muito. Isso deve ser difícil. Qual é o nome do irmão dele?”

“Que diferença *isso* faz?”

"Eu apenas perguntei. O que há de errado em querer saber o nome do cara?”

“Dan,” eu disse.

Primeiro nenhuma resposta. Então ela disse: “Ai”. E um minuto depois,

“Esse sofá é dobrável?”

"Eu não sei. Eu não olhei.”

“Bem, vamos descobrir.”

Ela puxou todas as almofadas do sofá e as jogou no tapete. Eu queria dizer a ela para ser mais gentil com tudo, mesmo que eu realmente não achasse que machucasse uma almofada ser jogada em um tapete.

"É", disse ela. “Até parece que tem lençóis. Oooh. Flanela. Que tal se Sophie e eu pegarmos isso e você dormir naquele canto atrás da tela? Já que você gosta de sua privacidade e tudo mais.”

“Bem, mais tarde. Depois que Paulo volta. Até lá, estarei na casa grande, e você e Sophie podem ter tudo isso para si.

Ela não respondeu imediatamente. Em vez disso, ela caminhou até a grande porta de vidro e olhou para as montanhas. Aproximei-me e olhei com ela.

“Se você tivesse me dito um ou dois anos atrás que estaríamos aqui,” ela disse, “eu teria dito que você era maluco. Mal podíamos pagar um apartamento na cidade em um bairro duvidoso. E agora aqui estamos nós, neste lindo lugarzinho nesta pequena cidade onde as escolas são ótimas e o ar é limpo…”

“E Sophie está quieta.”

“E eu vou ter um tempo sozinho para variar, porque Sophie vai querer ficar na casa grande com o cachorro.”



“Não,” eu disse, e ela me olhou estranhamente. “Só eu em casa. Nem Sophie e nem você. Fiz-lhe uma promessa.”

“Ele nunca saberá a diferença.”

"Meu Deus! Eu não acredito em você! Você ficou aqui nem dois minutos atrás e disse que seguiria as regras. Você quer que a gente fique aqui ou não quer?

Ela desviou os olhos, como sempre fazia quando não se respeitava em relação a mim. Depois de alguns segundos, ela voltou para o sofá e se jogou com um suspiro. Como se todo o ar tivesse vazado dela.

Eu fingi que não teria que fazer isso por um minuto. Então eu fui e sentei com ela. Nenhum de nós disse nada. O silêncio ficou pesado e estranho.

Então eu disse: “Um centavo por seus pensamentos”.

É algo que ela costumava me dizer o tempo todo quando eu era criança.

Especialmente depois que papai morreu. Esta foi a primeira vez que eu disse isso a ela. Normalmente eu estava muito feliz por não saber.

“Eu estava pensando em como você conseguiu este lugar para morarmos. E

como eu continuei dizendo para você cobrar dinheiro para cuidar do cachorro. E como eu deveria estar te ensinando coisas como 'Faça o bem para os outros, e isso voltará para você'. Em vez de você me ensinar.

“Sim, bem, não coloque muita fé em mim como professora,” eu disse, tentando encontrar meu caminho de volta para o papel de filha. “Na metade do tempo, sinto que não tenho ideia do que estou fazendo.”

“Eu me sinto assim o tempo *todo* ”, disse ela.

Lembrando-me em uma frase que eu poderia espremer no papel de filha o quanto eu quisesse, mas fazer com que ela continuasse no papel de mãe era outra

questão.

00

Paul ligou às onze horas da noite seguinte. O telefone me tirou do sono. Eu estava sonhando, e tive a estranha sensação de que Nellie estava lá em algum lugar. Mas ela se foi a partir daquele primeiro toque.

Felizmente, havia um telefone ao lado da cama.

Eu peguei e disse olá. Acendi a luz, mas não sei por quê. Porque a lua estava cheia, e eu tinha visto o telefone muito bem. E isso machucou meus olhos e me fez apertar os olhos.

"Eu sei que acordei você", disse ele. “Eu sabia que iria. Eu sinto Muito. Mas você disse que eu poderia ligar.

Apaguei a luz novamente. Então parecia realmente escuro até meus olhos se ajustarem.

“Não faz diferença. Eu estou de férias. Posso dormir até o meio-dia, se quiser.

— Fico pensando em como você disse que éramos amigos. E eu disse que éramos amigos. E você deveria ligar e conversar com um amigo em um momento como este. E... bem... eu odeio admitir isso. É patético. Mas eu realmente não conseguia pensar em mais ninguém com quem eu pudesse conversar.”

Eu queria dizer a ele que eu estava honrada – não, na verdade, movida de uma forma que eu podia sentir no meu estômago – que ele me chamou para conversar. Eu não acho que ele jamais faria. Isso me fez sentir como se eu fosse importante. Como se alguém pensasse que eu era bom para algo além de vigiar minha irmã.

Ele ainda não tinha dito mais nada, e eu não sabia o que dizer. Rigby estava na cama comigo, deitada de lado com as costas contra meu quadril, as pernas penduradas no nada. Eu cocei atrás de sua orelha, e ela se espreguiçou.

“Ninguém fala com ninguém aqui embaixo”, disse ele. "É muito estranho."

"Você não pode falar com Rachel?"

"Sim e não. Nós dizemos coisas. Mas é como se nada fosse real. Acho que nós dois estamos em choque. Então, estamos andando como se estivéssemos embrulhados em algodão ou algo assim. Dizemos palavras um para o outro, mas não são nada como as coisas que diríamos em qualquer outro momento.

Eles não parecem significar nada. Eles não parecem reais."

Esperei um minuto, para ter certeza de que ele havia terminado.

"Eu meio que esperava que você pudesse falar mais com Dan. Você sabe como eles dizem... às vezes... bem, eu não sei. Eu realmente não sei, então talvez eu não devesse dizer. Mas eles dizem que as pessoas são diferentes quando sabem que estão perto do fim, e às vezes velhos rancores e outras coisas meio que... na verdade, eu não sei o que eles fazem. Eu só estava esperando que vocês dois pudessem conversar."

"Ele está fora de si", disse Paul. Uma pausa estranha. Então ele disse: "Eu não quis dizer isso do jeito que soou. Eu não quis dizer isso como um insulto. quero dizer literalmente. Ele está literalmente fora de si. Ele está em tantas drogas e analgésicos, ele é outra pessoa completamente. Ele não sabe quem ele é metade do tempo. Ou onde ele está, ou o que está acontecendo.

Ele continua me pedindo um bloco de papel, para que ele possa escrever todas essas notas."

Nada mais parecia sair dele, então eu disse: "Que tipo de notas?"

"Apenas todas essas coisas que ele acha que está esquecendo. Ele ainda acha que tem coisas para fazer. Passo cinco ou dez minutos acomodando-o.

Convencê-lo de que ele não precisa mais ser responsável por nada. Então ele abaixa o bloco e adormece, mas quando ele acorda, começa tudo de novo. Alguns minutos atrás, eu trouxe para ele um bloco de notas novo que acabei de comprar, porque ele preencheu o único que tinha. Eu tinha acabado de tirá-lo do plástico. Ele me liga um minuto depois e me diz que há algo escrito em cada folha. É uma almofada novinha. Eu vou e olho, e está em branco. "Dan", eu digo, "está em branco." Nós olhamos para este bloco juntos, página após página, e em cada página, eu digo: 'Nada. Não há nada aqui.' E a cada página, ele diz:

'Você está brincando'".

Meus olhos estavam completamente ajustados à luz até então, e era bom estar naquele quarto e estar na meia-escuridão. E estar lá sozinha com Rig, mas não se sentir sozinha. Observei a maneira como o vento dobrava a árvore do lado de fora da janela do quarto. Pela janela, eu podia ver os galhos balançando, e com o canto do meu olho, eu podia ver as sombras balançando na parede.

"Isso deve ser horrível", eu disse.

“Essa não é realmente a parte difícil.”

"Direito. Eu acho que não."

“Eu não posso envolver palavras em torno da parte difícil. Mas talvez você saiba.”

"Eu penso que sim. Acho que talvez seja Rachel, e como ela está prestes a ficar sozinha e não se casar. Mas não por qualquer motivo que você gostaria.

Você deve estar se perguntando o que isso significa. Você sabe. Para você.

Mas então você provavelmente se sente mal por se perguntar. E eu sei que você nunca poderia perguntar a ela ou falar com ela sobre uma coisa dessas, enquanto o marido dela estiver...

Parei, porque ouvi um pequeno barulho do outro lado da linha. Apenas uma cheirada. Talvez ele fosse alérgico a algo lá embaixo. Ou estava resfriado.

Mas provavelmente não. Porque eu teria ouvido isso desde o início.

"Você está bem?" Eu perguntei.

"Sim."

E mesmo nessa única palavra, eu ouvi. Eu o fiz chorar. Ou, de qualquer forma, algo tinha. Vida, eu acho. Eu não achava que pessoas como Paul choravam. Achei que pessoas como eu choravam. Achei que pessoas como Paul lidavam com as coisas.

"Nós vamos. Não está bem. Mas tudo bem. Quero dizer, isso é uma merda.

Mas estou bem, pois não estou desmoronando pelas costuras. Estou bem porque estarei."

"Me desculpe se eu não deveria ter dito tudo isso."



"Não, foi bom que você fez. Assim não precisei."

Silêncio em ambas as extremidades da linha por um longo tempo. Mas não parecia muito desconfortável.

Então Paulo disse: "Sua família se mudou para cá?"

"Ainda não."

"O que eu estou pensando? Isso foi ontem mesmo. Meu Deus. Parece uma semana atrás. Os dias parecem tão longos."

"Eles vieram e olharam para o local. Minha mãe recebe em três dias. No momento, ela não tem dinheiro para colocar gasolina no carro e levar todas as nossas coisas. Então é aí que vamos nos mover. Porque ela não precisa pegar a maior parte desse salário e guardá-lo para o aluguel do próximo mês. Por uma mudança. Na verdade, temos dinheiro para as coisas agora.

Ou, quero dizer... nós vamos. Em três dias."

"Achei que ela trabalhava por gorjetas."

"Ah não. Ela não tem esse emprego há muito tempo. Ela trabalha na farmácia enquanto Sophie está na escola.

"Pegue os vinte que coloquei embaixo da lata de comida de cachorro. Você pode devolvê-lo quando ela for paga.

"Oh. OK. Se você tem certeza."

"Claro que tenho certeza. Estou surpreso que você não tenha pensado nisso."

"Nós vamos. Eu sabia que estava lá. Mas é seu. É para comida de cachorro."

“Mesmo que eu nunca soubesse. Ouvir. Liguei para a mercearia e estabeleci uma linha de crédito. Então, quando você precisar de mais comida de cachorro, basta entrar e carregá-la. E se precisar de mais comida em casa, vá em frente; mas faça-me um favor e não alimente toda a família com isso.”

“Eu não vou comprar nada além de comida de cachorro com ele. Podemos comprar comida agora. Graças à você."

"Eu deveria deixar você voltar a dormir."

“Você sabe que pode ligar a qualquer hora se as coisas estiverem estranhas lá embaixo.”

"Sim", disse ele. "Eu sei disso."

00

Depois que desligamos o telefone, eu me perguntei onde ele estava hospedado. Provavelmente em sua antiga casa, do outro lado da cerca da tia Vi.

Eu deveria ter pedido a ele para dizer a ela onde estávamos, e que estávamos bem. Ela deve ter se sentido culpada. Colocando-nos assim. Ela

deve ter se perguntado como estávamos. Onde desembarcamos. Perguntei-me se minha mãe alguma vez se deu ao trabalho de contar a ela.

Então eu ri um pouco alto, e Rigby acordou e olhou por cima do ombro para mim.

“Nada,” eu disse. “Está tudo bem, garota. Volta a dormir."

Ela fez.

Fiz uma anotação mental para pedir a Paul que fizesse isso na próxima vez que conversássemos. Simplesmente não era uma daquelas coisas que você quer deixar para minha mãe.



00002.jpeg

3. Pausa

O lugar dificilmente parecia diferente com nossas coisas nele. Depois de todos aqueles movimentos, as camas e mesas de centro e sofás e todos aqueles outros itens grandes e difíceis de mover tinham descascado. Tentei pensar para onde eles tinham ido e quando, mas juro que não conseguia me lembrar. O tempo entre quando fomos expulsos de nossa casa – aquela em que morávamos com meu pai – e este lugar estava todo enlameado e cheio de neblina. Como talvez eu só tivesse sonhado a coisa toda.

Agora só tínhamos coisas como lençóis para colocar nas camas e talheres para colocar nas gavetas e toalhas para pendurar no banheiro e roupas para pendurar nos armários. E não muito mais.

Então, uma vez que guardamos tudo, o lugar parecia muito com antes de começarmos.

Em outras palavras, ainda parecia maravilhoso.

Minha mãe estava no banheiro, e eu a ouvi gritar. Achei que ela tinha visto um rato ou uma barata ou algo assim. Mas eu estava tão feliz no novo lugar.

Nada poderia arruiná-lo. Eu apenas pensei, tanto faz. Vamos comprar uma ratoeira ou um repelente de insetos e ainda assim sermos felizes.

Mas quando ela colocou a cabeça para fora, ela estava radiante.

“Tem banheira!”

“A maioria dos banheiros tem.”

“Mas o dos Magnussons não. E aquele no motel antes disso não. Estou tão cansado de chuveiros de box. Não tomo banho quente há um ano. E é enorme. E profundo. Parece que posso colocar cada parte de mim sob água quente que não preciso para respirar.”

"Bem, esta é a sua grande noite, então."

"Acho que devemos pedir uma pizza", disse ela.

"Podemos pagar uma pizza?"

"Claro que podemos. Nós temos…"

Eu me preparei para a sonoridade. Literalmente estremeceu.

"… *sem aluguel* !"

Ela nunca disse essas duas palavras em uma voz normal, apenas gritou. Eu estava quase acostumado com isso até então.

"Diga-me o que você quer nele," eu disse, "e eu ligo da casa grande."

"Acho que devemos comer pepperoni, cogumelos e queijo duplo. Afinal, esta é uma grande celebração."

"Parece bom para mim. Vamos, Rig.





Caminhei até a porta, abri-a, saí para o patamar e esperei Rigby passar pela porta comigo. Ela não. Olhei para trás e a encontrei deitada no tapete ao lado de Sophie, me dando um olhar que só poderia chamar de desculpas.

Como se ela precisasse ficar com Sophie, porque Sophie precisava dela, e talvez eu entendesse.

"Não importa," eu disse. "Eu vou sozinho."

00

Quando voltei para o apartamento, minha mãe jogou os braços em volta de mim. E não apenas por um segundo rápido, também. Ela me envolveu e não me soltou.

Foi meio perturbador.

"Você realmente salvou nossa bunda coletiva", disse ela.

Então me senti ainda mais estranha.

Eu me soltei. “Não diga isso.”

"Por que não? Estou dando crédito onde o crédito é devido.”

"Eu não sei. Só me deixa desconfortável. Não sei por quê.”

Ela suspirou.

Eu sabia por quê. Era porque toda vez que eu resolvia um problema que realmente deveria ter sido dela para resolver, eu percebi que ela era muito mais propensa a jogar o próximo em mim. Aquela situação com ela era como um gato de rua. Eu realmente queria que aquele gato fosse embora. Preparar um bom jantar de peixe e uma tigela de leite não era a maneira de conseguir o que eu queria.

Então, novamente, eu tentei deixar as coisas sem conserto. E isso só deixou as coisas sem conserto.

00

“Eu não posso acreditar que matamos aquela pizza inteira,” minha mãe disse.

"Eu acredito nisso."

“Sophie comeu duas fatias. Agora é difícil de acreditar.”

“Todos nós passamos fome. Ela simplesmente não tinha palavras para dizer isso.”

Isso interrompeu a conversa.

Na verdade, eu não estava com fome há dias. Eu estava me empanturrando da geladeira de Paul. Mas eu ainda não tinha me acostumado a comer muito.

Eu ainda estava supercompensando. Portanto, o ponto ainda se mantinha.

“Acho que Rigby e eu vamos voltar para casa. Você toma seu banho quente.

Vejo você amanha."

Eu me levantei e fui até a porta, de repente me perguntando se Rigby tentaria ficar com Sophie novamente. Eu olhei de volta para ela. Rigby estava na mesma posição no tapete, me dando aquele mesmo olhar.

Eu fiz uma nota mental para trazer sua cama acolchoada para o apartamento.

Pode ser ruim para a artrite dela ficar no chão de madeira. E ela nunca usou a cama no chão da casa, de qualquer maneira. Ela sempre usava metade da cama de Paul.

“Rigby. A sério desta vez. Dormimos na casa grande. Temos que ir.

Ela se levantou, todas as pernas longas e um pouco de rigidez. Eu me perguntei se deveria contar a Paul sobre a rigidez. Ou talvez apenas reduza um pouco a nossa quilometragem de caminhada e veja se isso foi suficiente.

Ela caminhou até a porta, e eu, em cerca de quatro passos.

Eu abri a porta.

Sofia abriu a boca. E gritou.

Era a primeira vez que ouvíamos aquele som horrível desde que saímos da cidade para vir para cá. Desde que ela perdeu a voz no caminho.

Olhei para minha mãe, e ela olhou para mim.

“Por que ela está fazendo isso?” Eu perguntei, todo em pânico, gritando para ser ouvido.

"Eu não sei!"

“Ela não pode fazer isso aqui! Não estamos tão longe dos vizinhos!”

Um encolher de ombros selvagem. Essa era a única resposta que minha mãe parecia ter.

Voltei para onde Sophie estava sentada no tapete e Rigby me seguiu. E, claro, Sophie se acalmou.

Eu fiz uma careta e sentei de pernas cruzadas no tapete ao lado deles.

Propositalmente não olhando para minha mãe.

Então este era mais um gato de rua que eu tinha acabado de alimentar, mesmo que eu nunca quisesse que ele voltasse novamente. Eu tinha acabado de ensinar a Sophie que se eu levasse Rigby embora, e ela gritasse, eu traria o cachorro de volta. Mas o que eu deveria fazer? Eu não podia deixar os vizinhos de Paul chamando a polícia.

Fiquei ali sentado por alguns minutos, alimentando essa sensação pesada e doente em meu estômago. Por algumas horas lá, eu estava totalmente relaxado e pensando que tudo ia ficar bem. E obviamente não ia ficar nada bem.

Eu me perguntei se a esperança era onde eu tinha errado.

Eu finalmente dei uma olhada na minha mãe, que parecia estar tendo dificuldade em segurar toda aquela pizza.

Ela colocou palavras para a coisa doente no meu intestino. Ela disse: “As férias mais curtas da história do mundo”.

“Pensei que você ia tomar banho.”

“Talvez você tenha que morar aqui com o cachorro. Não na casa grande.”

Eu não disse o que eu queria dizer.

O que eu queria dizer era: “Essa é a ideia mais estúpida e míope que você já teve. O que é um concurso difícil de vencer. Porque então, quando Paul chegar em casa e quiser seu cachorro de volta, tudo estará acabado.

Estaremos procurando um novo lugar novamente.”

O que eu realmente disse foi: “Eu não posso. Paul pode ligar e não saberá onde estou. Ou como é o cachorro dele.”

De alguma forma, eu teria que treinar Sophie para esperar pacientemente pela próxima vez que ela visse Rigby. Como ela vinha fazendo quase o tempo todo. Mas eu não tinha ideia de por que ela fez isso tão bem por tanto tempo. Ou por

que ela parou. Então eu não tinha ideia por onde começar.

"Então o que nós vamos fazer?" minha mãe perguntou.

Algo dentro de mim... meio que... estalou.

“E aí está de novo,” eu disse. Minha voz soou dura. Até para mim.

"Significando o quê?"

“Toda vez que as coisas ficam ruins, você me pergunta o *que vamos* fazer. O

que é como... no caso de você não entender – como isso acontece – a mensagem ali é bem clara. Você não sabe o que fazer, então espera que eu saiba. Felizmente, eu não estava levantando minha voz. Eu queria saber se eu poderia mantê-lo assim. “Não aguento mais a pressão. Veja tudo o que fiz para consertar nossa situação. E então algo dá errado com Sophie, e eu sou o seu consertador de novo. Eu entendo que às vezes você sente que eu sou melhor nisso do que você, mas você poderia pelo menos tentar? Você poderia... eu não sei... praticar? Ou alguma coisa?"

Um longo silêncio, durante o qual não ousei olhar para o rosto dela.

Então eu fiz.

Ela estava encostada com as costas na porta de vidro. Braços cruzados sobre o peito. Olhando para longe de mim, para o chão de madeira na borda do grande tapete. Seu rosto parecia pesado e escuro, como uma nuvem de tempestade logo antes do trovão e do relâmpago começarem. Mas nada aconteceu. Ela apenas meditou lá.

“Tome seu banho,” eu disse. “Vou ficar até que Sophie vá dormir.”



Ela só ficou congelada lá por um longo tempo. Como se ela nem tivesse ouvido. Então ela se soltou de repente e marchou para o banheiro. Bateu a porta. Difícil.

Eu pulei. Nós três pulamos.

Olhei para Rigby e Sophie. Rigby olhou para trás.

"Bem, isso foi um grande desastre", eu disse a ela.

Ela estendeu a mão e cheirou minha orelha. Parecia engraçado, então eu ri.

Era bom rir em um momento como aquele, mas estranho também. Acho que pensei que talvez nunca mais voltaria.

00

Já passava das dez quando finalmente entrei na casa grande. A máquina de mensagens estava apitando.

Eu nunca tinha aprendido a jogar mensagens.

Apertei os olhos para os botões por um tempo. Provavelmente era Paul, mas eu estava com medo de apagá-lo acidentalmente, e então poderia vir a ser de outra pessoa e ser importante. Então, em vez disso, peguei o número de Paul na lista ao lado da geladeira e liguei para ele.

"Você ligou?" Eu perguntei.

"Eu fiz", disse ele.

"Eu sinto Muito. Eu estava no apartamento com minha mãe e Sophie."

"Você não precisa se arrepender."

"Eu pensei que talvez você ficaria preocupado se eu não estivesse em casa à noite."

"Ocorreu-me que você pode estar com sua família."

"Você está bem?"

Um longo silêncio.

"Eu provavelmente não deveria ligar para você e contar meus problemas", disse ele.

"Eu realmente não me importo."

Levei o telefone para o sofá e sentei. Rigby deitou-se tão perto que uma de suas patas dianteiras caiu sobre o meu pé.

“Mas você tem uma vida. E seus próprios problemas.”

"Assim? Todo mundo tem uma vida. E problemas. Mas eles também têm amigos e, às vezes, ouvem os problemas dos amigos. É normal. Nós vamos.

Ouça-me falar como se eu soubesse o que é normal. Não estou dizendo que fiz assim toda a minha vida ou algo assim. Mas tenho certeza que muitas pessoas o fazem.”

Um pequeno som dele que poderia ter sido uma risada, mas saiu mais como uma respiração leve.

“O que está acontecendo lá embaixo?” Eu perguntei.

“Está se movendo muito rápido.”

Senti um aperto no peito e no estômago, pensando que não tinha muito tempo para resolver o problema de Sophie. Então me senti culpado por só pensar em mim. Mas não estava pensando, realmente, de qualquer maneira. Era meu intestino. Acho que meu instinto só me conhece.

"Quão rápido?"

“Meio difícil dizer. Difícil saber quanto é a medicação para a dor. Talvez parte disso seja que ele ainda não esteja totalmente recuperado da cirurgia.”

"Ele está em casa?"

"Sim. Ele voltou. E temos um hospício vindo para nos ajudar.”

Estranho, talvez, mas me perguntei como seria para ele usar a palavra *nós* para ele e Rachel. Mas não parecia certo perguntar.

Olhei pela janela e vi as luzes das casas aglomeradas no sopé das montanhas, e me senti reconfortante, de alguma forma. Como se a vida estivesse sempre acontecendo em algum lugar. Não importa o que.

Eu disse: “Posso pedir um favorzinho?”

"Certo. Eu acho."

"Você vai ficar bem ao lado da casa da minha tia Violet, certo?"

"Sim. Exatamente onde você me conheceu.”

"Quando você tiver uma chance, você diria a ela onde estamos, e que estamos bem?"

"Certo. Eu poderia fazer isso.”

“Eu acho que ela provavelmente se sente culpada por nos colocar para fora.”

"Provavelmente."

"Mas eu sinto muito. Você estava falando sobre Dan. E eu meio que mudei de assunto. Você estava dizendo que tudo parece estar indo tão rápido.

Primeiro nada.

Então, “Eu continuo pensando em uma ou duas semanas atrás. Ele ainda não tinha ido ao médico, e ninguém sabia que algo estava errado. Bem, isso não está certo. Ele deve ter sabido de alguma coisa. Ou ele não teria entrado. Eu acho que ele estava tendo problemas por um tempo, mas ele provavelmente pensou que era excesso de ácido estomacal ou uma úlcera ou algo assim. E

então ele recebe a notícia. Bang. Ele vai fazer uma cirurgia, e então tudo está desmoronando. Deve estar crescendo muito rápido. Além disso, estava em estágio avançado e se espalhando para seus pulmões quando o encontraram.

Mas ainda assim, eu esperava que as coisas fossem mais lentas. Parece estranho que tudo esteja desmoronando tão rápido. É difícil de entender.”

Silêncio. Concentrei-me nas pequenas luzes da janela.

“Como Rachel está se saindo com tudo isso?”

Por provavelmente dez segundos completos, tudo o que ouvi foi sua respiração. Parecia estranho que eu pudesse ouvi-lo tão claramente. Como se ele estivesse

respirando com propósito e cuidado ao invés de naturalmente.

"Ela está fora de si", disse ele. Depois, uma longa pausa. Então, “E é muito difícil. Você sabe. Para…"

Eu esperei. Por muito tempo. Imaginando se eu ouviria o final dessa frase.

Não era um que eu poderia apenas adivinhar.

“… observe-a amando-o tanto.”

Sua voz meio que quebrou nas últimas palavras. Mas não exatamente para chorar, exatamente. Ele meio que desmoronou.

Ele não disse nada por um longo tempo, e nem eu. Eu não tinha ideia do que dizer a ele, e parecia que talvez ele nunca mais fosse falar.

“Era muito mais fácil quando eu os via apenas por algumas horas uma ou duas vezes por mês. Acho que estava nessa negação insana. Tipo, sim, eles estavam casados há décadas, mas não era tão sério. Como se eles existissem na mesma casa, mas… não sei. Eu não sei o que estou dizendo. O que eu estava pensando, vindo aqui? Vê-la com ele, dia após dia? Observando como é difícil para ela perdê-lo? O que eu estava pensando?"

“Eu acho que você queria estar lá para os dois. Acho que você sabia que seria difícil, mas sabia que se arrependeria se não o fizesse.

“Eu não sabia que seria *tão* difícil.”

De alguma forma, partiu uma parte do meu coração. Acho que deixei meu coração ficar perto do dele por uma fração de segundo. E eu senti a ruptura.

Foi estranho. Como nada que já tinha acontecido comigo antes. Então, novamente, eu geralmente mantinha bastante distância entre mim e todos os outros.

Eu não tinha nem idéia do que dizer.

"Eu deveria ir", disse ele.

“Você não precisa.”

"Isso foi muito mais do que eu queria dizer a você."

“Está tudo bem, no entanto. Quero dizer, está tudo bem comigo.”

“Eu só preciso sentar sozinho e processar isso.”

“Você pode ligar de novo.”



“Acho que tenho que fazer agora. É como quando você não se deixa chorar, mas então você chora. Uma coisa é abrir essa comporta. Outra coisa é fechá-lo novamente.”

“Ligue a qualquer hora.”

“Boa noite, Angie.”

"Boa noite."

Eu fui para a cama. Mas eu não consegui dormir até as primeiras horas da manhã. E mesmo assim, não consegui dormir muito.

00

Acordei quando ouvi a porta do cachorrinho se abrir e depois se fechar novamente. Achei que era Rigby saindo para fazer xixi. Então eu apenas rolei para ver se eu poderia voltar a dormir. Mas eu rolei direto para Rigby.

Ela estava na cama comigo. Sua cabeça estava erguida, e ela estava olhando para a sala dos fundos. Ela tinha ouvido a batida, também.

Eu disse a mim mesma para me levantar e ir ver o que era. Mas eu estava congelado. Eu me perguntei se animais selvagens entrariam por aquela coisa.

Era uma grande porta de cachorro. Tinha que ser. Ou seria inútil para Rigby.

Eu me preocupei com isso uma vez, quando vim aqui para ficar. Mas imaginei que Rigby defenderia o lugar.

Agora eu me perguntava se era justo fazê-la tentar.

Antes que eu pudesse pensar melhor do que isso, Sophie enfiou a cabeça no quarto.

"Bainha!" ela gritou.

Eu estava de pé antes mesmo de saber que estava prestes a me levantar.

“Sofia! Não! Você não pode estar aqui!”

Eu a agarrei, quase sem pensar, e ela deu um chute violento na minha coxa.

Eu meio que a deixei cair, meio que a coloquei no chão. Agarrei sua mão e tentei puxá-la para a porta dos fundos. Ela começou a enlouquecer, deslizando ao longo do piso de madeira em seus pés descalços, apoiados.

“Rigby,” eu gritei. "Vamos. Vamos sair."

Rigby pulou da cama, e nós três caminhamos juntos pelo corredor até a porta dos fundos. Sophie se acalmou e foi andando. Claro. Claro que ela pararia de gritar se eu lhe desse o que ela queria. Acesso ao cão. O que eu tinha acabado de fazer uma segunda vez.

Eu ainda me sentia meio adormecido e não conseguia fazer meu cérebro funcionar. Eu sabia que tinha um problema, e eu só estava piorando. Mas eu não conseguia pensar com mais clareza do que isso. Eu não tinha ideia de



como resolver. Ou seja, sem deixá-la gritar até perder a voz. O que não pude fazer enquanto estávamos aqui na casa de Paul.

Ela tinha sido tão boa em confiar que veria Rigby novamente em breve. Eu não tinha ideia de onde isso tinha ido. Ou por quê. Ou o que fazer a respeito.

Saímos pela porta dos fundos e entramos no patamar, e olhei para o apartamento e vi a porta escancarada.

“Vamos,” eu disse. Para ambos. “Vamos conversar com a mamãe.”

00

Minha mãe estava dormindo profundamente no sofá desdobrável.

"Sobre o que era tudo isso?" Eu perguntei. Bom e alto. Não parecia certo ela voltar a dormir depois de causar um problema como aquele.

Ela se sentou. Olhou ao redor. Olhou para mim. Esfregou os olhos.

"Feche essa porta", disse ela. "Está frio."

Senti meu queixo cair.

"Feche a porta? *Fechar a porta* ?”

"Que parte de 'fechar a porta' você não entendeu?"

“Eu não *abri* a porta. Você fez. E acabei de acordar com Sophie na casa grande. Onde ela não tem permissão para estar. Ela acordou agitada, e você simplesmente decidiu colocá-la em cima de mim?

“Garoto, você me acordou agora. Eu dormi a noite toda.”

"Bem, então, quem deixou Sophie sair?"

"Eu não faço ideia."

Eu não acreditei inteiramente nela. Eu não podia. Talvez ela estivesse meio adormecida.

"Eu me pergunto se Sophie aprendeu a abrir a porta", disse ela.

"Impossível."

Mas não era nada impossível. Esse era apenas o problema. Sophie não era estúpida. Ela era diferente. Mas as diferenças não envolviam falta de poder cerebral. Eu queria que fosse impossível. Por isso eu disse que era. Mas isso não o tornou assim.

“Mesmo se ela fez,” minha mãe disse, “como ela entrou na casa grande?

Você não tranca as portas quando vai dormir?

“Ela entrou pela porta do cachorrinho.”

"Oh."

“Agora não sei o que fazer. Eu quero voltar para casa, mas agora ela está acordada. Então agora ela vai gritar.”

“Deixe o cachorro aqui.”

“Eu não posso continuar fazendo isso. É apenas treiná-la para gritar.”



"Multar. Não continue fazendo isso. Mas faça isso agora. Então a van virá, e ela irá para a escola. E da próxima vez que ela vir o cachorro, será algo diferente. Como se você viesse buscá-la e a levasse para passear. Como nos velhos tempos. E você pode dizer a ela que ela verá Rigby amanhã. Como nos velhos tempos. E então talvez possamos voltar a algum tipo de padrão normal aqui.”

Eu não tinha a mínima certeza de que isso funcionaria. Mas foi bom ouvir um plano vindo da minha mãe. Fosse um bom plano ou não, pelo menos ela estava praticando.

Então eu disse: “Rigby, fique aqui com Sophie, ok?”

E eu saí e os deixei lá. E voltou a subir as escadas dos fundos, e voltou para a cama.

Mas eu estava muito preocupado para conseguir dormir.

00

Sophie chegou em casa por volta das quatro e quinze. Eu estava preparado para praticamente qualquer coisa. O que eu não esperava era ouvir minha mãe gritando. Todo o caminho até a calçada.

“Sophie, espere! Sofia, volte!

Estremeci, pensando nos vizinhos de Paul. Eu me perguntei quanto tempo

levaria até que eles reclamassem com ele. E como ele aceitaria quando eles o fizessem.

Então os gritos da minha mãe se transformaram em gritos para mim.

“Angie, cuidado! Bloqueie a porta do cachorrinho ou algo assim!”

Eu estava sentado à mesa da cozinha e olhei para Rigby, que já estava olhando para o meu rosto. Como se ela estivesse se perguntando se eu tinha alguma explicação ou instrução.

“Você quer dar uma volta?” Eu perguntei a ela.

Ela se levantou e começou a acenar. Claro. O que mais ela faria? Essa não é uma pergunta de sim ou não para um cachorro. É uma pergunta sim.

Fiquei longe daquele rabo letal no caminho pelo corredor até o quarto dos fundos. Eu agarrei sua coleira do gancho perto da porta. Saímos juntos para o patamar no momento em que Sophie atingiu o pé da escada.

“Espere aí,” eu disse a Sophie. “Estamos descendo. Vamos fazer nossa caminhada.”

Ela não esperou. Ela começou a subir as escadas.

Eu não gostava das minhas chances se tentasse argumentar com ela, então, em vez disso, apenas conduzi Rigby escada abaixo, e quando Sophie esbarrou em nós, ela não teve escolha a não ser se virar e descer novamente.



Nós três descemos a calçada passando pela minha mãe, que parecia um pano de prato mole que alguém precisava torcer.

“Estamos bem,” eu disse. “Vamos passear.”

Ela soltou um suspiro profundo, mas não disse nada. E também, ela não parecia muito mais feliz ou mais resolvida.

Esse era o problema de ser aquele que resolvia tudo. Eu tentei tirar o estresse da minha mãe, mas então, era mais como se nós dois tivéssemos.

Às vezes eu não tinha certeza se estava resolvendo alguma coisa.

00

Caminhamos até a cidade. Eu esperava que isso cansasse Sophie. Eu esperava que não deixasse Rigby rígido ou dolorido. Sempre foi um ato de equilíbrio. Toda a minha vida foi um grande ato de patinar em um lago congelado pouco antes do degelo da primavera.

Todos pareciam nos conhecer.

Não foi uma surpresa total. Mas havia algo... *mais* sobre isso naquele dia, e isso me surpreendeu. Era uma cidade muito pequena. Apenas uma aldeia, na verdade, e estávamos andando por aquelas ruas por um ano. E é difícil perder uma adolescente com um cachorro do tamanho de um pequeno pônei e uma criança autista.

Principalmente, eu não os conhecia, exceto por seus rostos. Às vezes eu sabia como os conhecia, como a mulher que trabalhava nos correios ou o cara que era caixa no supermercado. Eu vi três garotas que eu conhecia da escola. Dois fingiram não me ver de volta. Ou talvez eles realmente não o fizeram. É sempre difícil falar sobre uma coisa dessas.

Passei por uma mulher e ela sorriu para nós. E ela disse: “Oi, Sofia”.

Eu parei. “Como você sabe o nome de Sophie?” Eu perguntei.

“Minha filha está no programa de Educação Especial”, disse ela. "Sophie já está na van quando o Sr. Maribal para para ela todas as manhãs."

"Oh. Prazer em conhecê-la."

Então nós apenas continuamos andando. Mas era uma sensação estranha. E

demorei um pouco para colocar o dedo no porquê. Algo sobre as pessoas nos notando. Sabendo que eles nos conheciam. Sabendo que morávamos por aqui. O que significava que se estivéssemos prestes a não viver mais por aqui, alguém realmente perceberia que tínhamos ido embora. Era como existir de uma maneira que eu nunca estive totalmente convencida de que existia antes.

Eu gostei e não gostei. Ambos ao mesmo tempo.





00

Quando chegamos em casa, Rigby e eu acompanhamos Sophie até o apartamento. Abriu a porta.

“Sophie está de volta,” eu chamei minha mãe. “Então você pode querer ficar de olho na porta por um tempo. Sophie,” eu disse, olhando para ela. Ela não olhou para trás, é claro. “Você verá Rigby amanhã, ok? Assim como sempre.”

Eu a entreguei para minha mãe, e Rigby e eu nos viramos e descemos as escadas. Sem olhar para trás.

Estávamos no meio do caminho de cascalho para a casa quando ouvi. O

famoso grito de Sophie. Eu parei. Apertei meus olhos fechados. Abri-os novamente e olhei para Rigby, que olhou para mim pedindo instruções.

“Vamos,” eu disse.

Nós nos viramos e voltamos para o apartamento.

“Não me olhe assim, Rigby. Não temos outra escolha.”

Mas, na verdade, ela não estava olhando para mim de nenhuma maneira especial. Era eu que me observava de fora, criticando. Mas se havia uma maneira melhor de lidar com as coisas, eu não poderia alcançá-la. Eu não conseguia ver nada melhor de onde eu estava.

00

“Então, isso não está dando certo”, eu disse para minha mãe. “E eu realmente pensei que sim.”

Estávamos no pátio dos fundos do apartamento, olhando para as montanhas.

A maioria de seus picos ainda tinha neve, em junho. Sophie estava dentro com Rigby. Foi realmente apenas uma desculpa para ter uma conversa difícil.

"Estou pensando que é porque o cachorro está com você", disse ela. “Então ela acha que deveria ir junto. Você sabe. O tempo todo. Quando o cachorro estava com um estranho, ela não se sentia assim.”

"O que você acha que vai acontecer quando Paul voltar?"

"Nenhuma idéia."

“E se ela entrar direto pela porta do cachorrinho depois que Paul chegar em casa?”

“Nós sempre poderíamos trancar a porta do apartamento por dentro ou algo assim.”

"E então ela vai gritar."

Ela não disse nada. Nenhum de nós disse nada. Por muito tempo.

Depois de um tempo, sentei-me em uma das cadeiras de madeira. Minha mãe as chamava de cadeiras Adirondack, mas eu não tinha certeza do porquê. Ela ficou no parapeito por mais alguns minutos. Então ela veio e se sentou também.

Ela olhou para trás, através do vidro da porta. Então eu fiz o mesmo. Mas nada havia mudado. Apenas Sophie e Rigby, deitados no tapete.

"Vou dizer algumas coisas", disse ela. “E eu realmente apreciaria se você não gritasse comigo enquanto eu as estou dizendo. Pelo menos deixe-me esclarecer tudo antes que você comece a gritar.

Eu puxei uma respiração longa. Deixe sair novamente. Minha maneira de me preparar, eu acho.

“Acho que não tenho energia suficiente para gritar, de qualquer maneira.”

"Boa."

Uma pausa muito longa.

Então eu disse: “Por favor, vá em frente e acabe logo com isso”.

“Acho que estamos tentando fazer algo que não pode ser feito razoavelmente.”

Sentei-me por um momento, deixando isso rolar através de mim. Não me fez querer gritar. Eu odiava isso, mas não havia nada em mim que quisesse lutar com isso. Na verdade, vasculhei e encontrei este lugar que ficaria incrivelmente aliviado em admitir que era verdade. Infeliz. Apenas aliviado.

Quando algo é verdade, é preciso muita energia para fingir que não é. Ele praticamente consome a energia vital que uma pessoa tem e não deixa muita energia para mais nada. Depois de anos disso, você fica tão exausto. Quase tudo soa bem se vier com um descanso.

"Você não está dizendo nada", disse ela.

“Eu só estava pensando.”

“Isso parece um progresso para nós.”

“Ainda não quero que termine assim.”

“Não seria o fim, Angie. Poderíamos ir vê-la o tempo todo. Sempre que quiséssemos.”

Eu apenas suspirei. Não respondeu.

"Eu não quero deixar este lugar", disse ela. "Eu preciso descansar. E paz.

Necessidade. Não quero. Necessidade. Não aguento mais ser jogada na rua com duas filhas, uma com necessidades especiais. Este lugar parece um lar, e precisamos de um lar. Sophie também precisa de um lar. Não é bom para ela viver numa tenda. Fugindo para a floresta.”

Eu não disse nada por um longo tempo.

Olhamos por cima dos ombros novamente. Nada havia mudado dentro do apartamento. Apenas Sophie e Rigby, deitados juntos no tapete. Sophie era um anjo perfeito, desde que eu desse a ela algo que não era meu para dar.

"Um centavo por seus pensamentos", disse ela.

"Eu estava pensando que você está falando como se você fosse o responsável."

“Isso é bom ou ruim?”

“Bem, são os dois. Já que não gosto muito do que você está dizendo. Mas é um alívio para mim quando você age como a mãe. Então eu posso deixar o cargo e ser a criança e não tenho ideia do que estou fazendo.”

Um longo silêncio. Talvez três ou quatro minutos. Ou mais. Ainda eram cerca de sete horas, mas o sol estava em uma longa inclinação, quase pronto para ir para trás das montanhas. Mesmo sendo um dos dias mais longos do ano. O sol se põe atrás das montanhas um pouco antes de se pôr no horizonte.

Especialmente quando as montanhas são altas. E perto.

“Se a colocássemos em algum lugar, poderíamos recuperá-la? Você sabe. Se ficássemos aqui e economizássemos dinheiro para um lugar? Talvez em algum lugar longe dos vizinhos mais próximos? Eu poderia até conseguir um emprego de fim de semana e ajudar.”

“Ah, agora você quer ganhar dinheiro e ajudar.”

“Se isso trouxesse Sophie de volta.”

“Ela ainda não se foi, garoto.”

“Você não respondeu minha pergunta.”

“Porque eu não sei. Eu pensaria assim. Mas eu realmente não sei. Eu poderia analisar algumas opções. Que tal se dermos um passo de cada vez? A primeira coisa é ver o que acontece quando ele voltar.”

“Certo,” eu disse.

"Quando você acha que vai ser?"

“Provavelmente em breve. Ele disse que as coisas estão desmoronando muito rápido.”

— Você falou com ele?

"Sim. Ele liga." Então o silêncio pareceu um pouco estranho, então eu disse:

“Você sabe. Para ver como é o Rigby. E para me manter informado quando ele voltar. Quero dizer, tanto quanto ele pode saber de uma coisa dessas.

"Então... melhor palpite."

"Eu não sei. Umas duas ou três semanas, talvez.”

“ *Semanas* ? Você disse que ele ficaria *meses fora* !”

Então, nós dois olhamos novamente para ver se Sophie ou o cachorro haviam percebido o transtorno. Mas ambos pareciam adormecidos no tapete.





“Eu disse que ele estaria fora até que seu irmão morresse. O que os médicos achavam que seria de dois a quatro meses. Mas Paul sempre pensou que seria mais como dois e menos como quatro. E agora ele diz que está indo muito rápido.”

“É melhor eu começar a pesquisar alguns lugares.”

De repente, eu não senti que poderia estar mais lá. Me levantei e entrei. Não disse adeus à minha mãe. Não disse nada.

Sophie estava mesmo dormindo no tapete ao lado de Rigby. Mas não tocar em nenhuma parte do cachorro. Coloquei minha mão na cabeça de Rigby, e ela acordou e olhou no meu rosto para ver o que viria a seguir.

“Vamos voltar para a casa,” eu disse a ela.

Então foi isso que fizemos.

00

Pela segunda noite consecutiva, tive dificuldade para dormir. Então, eu estava

bem grogue quando Sophie entrou pela porta do cachorrinho pela manhã.

Eu levantei minha cabeça, e Rigby levantou a cabeça. Mas desta vez, nós dois sabíamos exatamente quem esperar.

Quando vi o rosto dela na porta, eu disse: “Acabou o jogo, Sophie. E todos nós perdemos.”

Eu não sei por que eu disse uma coisa dessas para ela. Eu apenas fiz.

Então me levantei e acompanhei Sophie e Rigby pela porta dos fundos até o apartamento. E pediu ao Rigby para ficar lá enquanto eu voltava para casa.

Não que ela tivesse muita escolha. A porta estava prestes a ser fechada novamente. Mas o mínimo que eu podia fazer era falar com ela. Diga a ela o que se esperava dela. O que estava prestes a acontecer.

Depois voltei para a cama.

Nunca mais voltei a dormir.

Eu apenas fiquei ali, alimentando essa estranha sensação de que não seríamos mais uma família. Apenas minha mãe e eu não nos sentíamos como uma família. Eu pensei sobre como seria com apenas nós. Parecia duas pessoas que às vezes quase se davam bem, mas na maioria das vezes não.

Duas pessoas que não se sentiam tão relacionadas, considerando que eram.

Foi Sophie quem uniu tudo em algo que parecia uma família.

Pelo menos, por mais algumas semanas, ela fez.

00

Paul ligou mais tarde naquela noite. Quase meia-noite.

Eu estava dormindo para variar, e era difícil me acordar. Mas eu ainda estava feliz em ouvi-lo.

"Eu só tinha que lhe dizer isso", disse ele. “Dan e eu tivemos esse momento.

Aquele de quem você estava falando.”

“De que eu estava falando?”

“Aquele que você desejou para nós. Você disse que quando alguém está perto do fim, às vezes você pode estar perto de uma maneira diferente.”

"Oh. Direito. Que. Eu lembro disso. O que aconteceu?"

“Ele teve esse momento. Ele está quase inconsciente. A maior parte do tempo. Quase todo o dia e noite. Mas de repente, alguns minutos atrás, ele teve esse momento de lucidez. Do nada, ele abriu os olhos e olhou direto no meu rosto. E ele disse...” Uma pausa constrangedora. "Ele disse... 'Sinto muito por ter partido seu coração'."

"Uau."

“Foi o que *pensei* . Ele nunca teria dito algo assim para mim antes disso.

Sempre. Ele nunca reconheceu isso. Eu nem tinha certeza se ele sabia.”

“Há quanto tempo você se sente assim? Você sabe. Quero dizer... sobre ela?

Então eu imediatamente pensei que estava errado em perguntar. E que ele diria algo cortante. Como “Ei. Eu não disse que estava pronto para vinte perguntas.

Ele não.

Ele disse: “Quarenta e nove anos. Desde os dezessete anos.”

"Você a conhece desde que tinha dezessete anos?"

"Sim. Desde antes de conhecer Dan. Ela era uma estudante de intercâmbio estudando aqui. Mas a questão é que ela tinha dezenove anos e meio. Ela é dois anos e meio mais velha que eu. Eu sei que não parece muito agora. Mas ela estava na faculdade. Ela estava no segundo ano da faculdade e eu no terceiro ano do ensino médio. Na época, parecia enorme. Como se ela fosse uma mulher adulta e eu uma criança. Eu era amigo dela antes mesmo de ela conhecer Dan. Acontece que ela esperava ser apresentada a ele. E eu esperava que ela visse além da diferença de nossas idades.

Silêncio por um momento, cheio de sombras se movendo na parede do quarto. Fiquei chocado que ele iria me dizer tanto. Mas eu estava com medo, se eu apontasse, ele pudesse parar.

Então, tudo o que eu disse foi: “Ai”.

“Eu não quero dar a você a impressão errada. Não é como se ela estivesse apenas me usando para chegar até ele. Ela não é assim. Ela era uma boa

amiga. Sempre foi. É só que ele era por quem ela tinha sentimentos românticos.”

Eu queria dizer: “Talvez isso possa mudar agora. Ou em algum momento.

Talvez quando ela superar essa grande perda.”

Eu não. Eu ainda sentia que a vida dele não era da minha conta. Se ele quisesse me contar sobre isso, tudo bem. Isso dependia dele. Mas eu não senti que tinha o direito de comentar muito.

Eu disse: “Estou feliz que você teve um bom momento com seu irmão.”

"Bem", disse ele. “Um momento difícil. Eu acho que foi bom, no entanto.”

"O que você disse? Quando ele disse isso?”

"Não muito. Exatamente o que eu digo a ele um milhão de vezes por dia. Que ele não precisa mais se preocupar com nada.”

Silêncio longo e bastante confortável. Eu sabia que era tudo o que ele tinha ligado para me dizer. E eu não tinha certeza de onde isso nos deixou.

Depois de um tempo, quando ele não desligou o telefone, eu disse: "Tudo bem se eu lhe disser algo que está acontecendo comigo?"

"Claro. Gostaria disso."

“Eu não tenho certeza se parece certo, no entanto. Quando você está lá embaixo passando por todas as coisas que você está passando.”

"Por favor faça. Seria bom sair da minha própria cabeça para variar.”

“Acho que vamos ter que colocar Sophie em algum tipo de casa.”

Uma batida de silêncio. Eu me perguntei quem ficou mais chocado ao me ouvir dizer essas palavras em voz alta.

"Oh céus. Isso é ruim. Achei que resolveria tudo se você pudesse morar no apartamento.”

“Sim, todos nós fizemos. Não tenho certeza do que deu errado com isso. É

como se ela soubesse que Rigby está comigo, então ela acha que deveria poder estar conosco o tempo todo. Eu tive que ficar no apartamento com Rigby, ou deixá-la no apartamento com eles, até Sophie ir para a escola de manhã, e depois do nosso passeio até ela dormir. E de manhã, Sophie abre a porta do apartamento, sobe as escadas dos fundos e entra pela porta do cachorrinho. Eu não a deixo ficar, é claro. Eu a acompanho de volta para fora novamente. Mas ela esteve em sua casa duas vezes, por cerca de um minuto de cada vez. Não, nem tanto tempo. Segundos. Mas ainda. Mais cedo ou mais tarde, eu tinha que te contar.”

“Mesmo que eu nunca soubesse.”

“Mesmo que você nunca soubesse.”

“Talvez quando eu voltar, seja mais como era quando estávamos do outro lado da cerca.”

"Pode ser. É o que esperamos, claro. Mas minha mãe já decidiu que não quer sair daqui. Pelo qual eu meio que não a culpo. Qualquer que fosse o lugar que encontrássemos, provavelmente seríamos expulsos dele novamente. Essa coisa de sem-teto foi assustador.”

“Talvez fosse realmente a melhor coisa para todos. Incluindo Sofia.”

"Eu não sei. Não seria difícil para qualquer criança de sete anos ser tirada de tudo o que já conheceu?”

“Acho que sim.”

“E Sophie é ainda pior com mudanças do que a maioria das crianças.”

“Acho que sinto muito por ter dito isso.”

“Você não tem que ser. Talvez *seja* a melhor coisa. Não porque seja bom, mas talvez porque todas as outras coisas sejam ainda piores. Eu não sei. Só sei que esperava que pudéssemos esperar até que ela tivesse idade suficiente para que fosse mais como um momento normal para deixar sua família. E

continuo com a sensação de que sem ela não há família. Só eu e minha mãe.

Isso não parece uma família, exatamente. Isso parece duas pessoas.”

Longo silêncio. Percebi que tinha acabado. Eu disse tudo o que tinha em mim para dizer. A mesma sensação que tive quando ele terminou de falar, mais cedo. Observei sombras na parede e me perguntei como encerrar isso.

"Bem, se nada mais", disse ele, "você me lembrou que não sou o único que está com dificuldades agora."

Eu não disse nada. Eu não sabia o que dizer.

"Você sabe que vou trabalhar com você da melhor maneira possível quando voltar."

"Eu faço. Eu sei disso. Mas também sei que é a sua vida. É a sua aposentadoria. E você trabalhou duro para isso, por um longo tempo. E você tem direito a isso. Você tem o direito de tê-lo do jeito que quiser.”

Primeiro nada.

Então ele disse: “Eu poderia estar errado sobre a coisa sozinha. Não é o que eu tinha feito para ser.”

“Eu ainda gosto disso, eu mesmo. Além disso, você também queria descomplicado. Você ainda quer descomplicado, não é?

“Estou em cima do muro sobre isso. Outras pessoas sempre trazem complicações. Essa é apenas a natureza das relações humanas. Você não pode separar as pessoas de suas complicações. Descomplicado e sozinho são mais ou menos a mesma coisa. Eu não sei. Ainda estou pensando nisso.

E meu pensamento provavelmente está distorcido agora, de qualquer maneira. Eu deveria deixar você dormir um pouco. Nós dois devemos



dormir um pouco. Talvez as coisas pareçam um pouco melhores pela manhã.”

“Talvez,” eu disse.

Mas eu não acho que eles iriam.

"Sinto muito que você esteja tendo dificuldades", disse ele.

“Sinto muito *que você esteja* tendo dificuldades,” eu disse.

"Durma bem", disse ele.

“Boa noite,” eu disse.

Então desliguei o telefone e quase não dormi.

00

Depois de algumas horas sem dormir, tirei meu pequeno baú de debaixo da cama de Paul e o abri com a chave, que, àquela altura, eu estava guardando no anel com as chaves da casa de Paul. Tive o cuidado de não olhar para a nota de Nellie, ou *O Livro Tibetano dos Mortos* , ou a nota de cem dólares.

Ou no relógio, carteira e anel do meu pai. Eu não podia exatamente não ver essas coisas, mas tive o cuidado de não deixar meus olhos descansarem lá por muito tempo.

Peguei meu livro do Himalaia e tranquei a caminhonete novamente e o deslizei de volta para debaixo da cama. Depois, sentei-me com travesseiros por algumas horas e viajei para o Tibete e o Nepal. Onde eu não estava há muito tempo.

Apenas um pouco de problema. Era difícil não pensar em Nellie. Ela continuou entrando pela porta dos fundos na minha cabeça. Continuei empurrando-a para fora e travando novamente. Mas nunca foi um trabalho de bloqueio muito bom. Porque ela sempre encontrava seu caminho de volta.

Uma coisa posso dizer com certeza. Ela não viajou para o Tibete comigo naquela noite. Eu era um viajante solitário nessa viagem. Assim como nos velhos tempos.

Quando meus olhos ficaram muito cansados, granulados e doloridos, fechei o livro. Rigby estava deitada com as costas contra meu quadril, as pernas penduradas para fora da cama. Eu a acariciei, e ela acordou e esticou aquelas pernas impossivelmente longas ainda mais além da borda.

“Gostaria de poder viajar com *você* ,” eu disse. “Você é a pessoa perfeita para se estar. Exceto que você não é uma pessoa. Nós vamos. De certa forma, você meio que é.”

Deixei o livro na mesa de cabeceira. Porque eu poderia fazer isso no Paul's.

Eu não tinha ideia de quanto tempo eu conseguiria viver dessa maneira maravilhosa. Eu só sabia que, aconteça o que acontecer, algum dia minha



q

ç

q

g

vida seria assim novamente. Algum dia, eu viveria em um lugar onde tudo fosse seguro. De alguma forma, eu chegaria lá.

Eu só não sabia onde estava “lá”. Ou quanto tempo eu tive que esperar.

00

Paul não ligou de novo por semanas. E nada mais aconteceu que realmente valesse a pena relatar. Apenas algumas viagens de pesca, e este pequeno momento.

Já passava das seis da tarde e estávamos todos no apartamento. Rigby estava deitado no tapete, com Sophie ao lado dela. O sol do fim da tarde estava

brilhando através do vidro da porta, e caiu sobre os dois e os fez parecer com a decoração de uma manjedoura no Natal. Aquela quantidade de luz assustadora, quase sobrenatural. Uma auréola para uma cena inteira.

Minha mãe estava olhando para eles.

Depois de um minuto olhando, ela disse: "Quantos anos tem esse cachorro?"

Na verdade, eu me perguntei quando ela iria se perguntar.

“Velho,” eu disse.

E esse foi o fim dessa conversa. Nunca mais foi trazido à tona.



00002.jpeg

4. Calma

Da próxima vez que tive notícias de Paul, foi quase três semanas depois. E

não foi o mesmo que das outras vezes. Não era tarde. Ele não me ligou para me dizer o que mais doía no que estava acontecendo com ele. Ele parecia fechado. Tão distante. Não quero dizer que sua voz soasse como se estivesse vindo de longe. Era o mesmo volume de sempre. Quero dizer, ele parecia estar em outro lugar.

"Eu estou voltando para casa amanhã", disse ele.

Esperava que ele se referisse a uma visita. Então Rigby não pensaria que ele a esqueceu. Eu queria muito mais aviso quando ele estivesse voltando para casa de verdade. Não que o aviso tivesse ajudado muito. Não havia muito que eu pudesse ter feito para me preparar. Mas eu senti que isso me ajudaria a me preparar por dentro. Mas talvez seja apenas uma história que contei a mim mesma.

"Para uma visita? Ou Dan…”

"Dan se foi", disse ele. Bem desse jeito. Plano.

Isso me lembrou de algo. Ou alguém. Mas eu não tive tempo suficiente para pensar o que. Ou quem.

"Oh. Eu sinto Muito. Quando isso aconteceu?"

“Ontem à noite, enquanto estávamos todos dormindo.”

"Oh. Mas e Rachel? Ela não precisa de alguém com ela?”

"Aparentemente não. Ela acabou de me dizer que precisa de um tempo sozinha.

Comecei a dizer “Ai”. No último minuto, mudei para "Oh".

Isso não poderia ter sido uma coisa divertida de se ouvir. Quero dizer, além do

fato de que seu irmão acabou de morrer. Mas eu sabia que se alguém tivesse dito algo que me magoasse, a última coisa que eu gostaria é que alguém apontasse o óbvio. Como em “Isso deve ter doído”. Então eu deixei pra lá.

“Rigby vai ficar tão feliz em ver você,” eu disse.

"Sim. Isso vai ser bom. Sua voz soou mais suave. “Provavelmente chegarei no final da tarde. Quer que eu ligue da estrada? Falar mais sobre que horas?

"Não, está bem. Será bom vê-lo sempre que chegar aqui.”

Eu poderia dizer pelo silêncio que ele estava um pouco surpreso ao me ouvir dizer isso. Mas eu não tinha certeza do porquê. É como se tivéssemos perdido todo o progresso da amizade que fizemos enquanto ele estava fora.

"Vejo você amanhã, então", disse ele.



Nos despedimos e desliguei o telefone. E isso me atingiu. O que ele me lembrou. O velho Paulo. De antes.

Paul do outro lado da cerca.

00

Quando ouvi os pneus de seu carro rangendo na calçada, corri para o apartamento e peguei Sophie e Rigby e os trouxe para encontrá-lo. Eu sabia que ele não iria querer ver minha mãe. E eu sabia que ele não iria querer voltar para casa gritando. O que ele teria, se eu não tivesse deixado Sophie descer as escadas conosco.

Rigby me bateu com o rabo algumas vezes, não importa o quanto eu tentasse ficar longe dele, porque ela simplesmente não conseguia ficar parada. Ela continuou levantando as patas dianteiras do chão, empinando. Desde que a conhecia, ainda me surpreendia com o quão alta ela podia ser.

Sophie pulava para cima e para baixo como uma criança em um pula-pula, porque ela sempre percebia o que Rigby estava sentindo. Algo me atingiu.

Não pela primeira vez, mas de uma maneira diferente. Em um nível diferente. É

por isso que ela estava quase sempre calma quando Rigby estava por perto. Ela estava imitando o interior do cachorro se acalmando.

Paul saiu da garagem parecendo cansado e velho. Como se ele não tivesse se barbeado naquele dia. Como se ele não tivesse dormido em uma semana. Ele carregava duas sacolas de compras.

Seu rosto se iluminou quando viu Rigby.

Ela se sentou na frente dele, mal conseguindo manter a posição, parecendo que poderia explodir em mais dança a qualquer momento.

“Bem, você não está maravilhosa,” ele disse a ela. “Parece que sua babá de cachorro cuidou muito bem de você.”

Eu me perguntei se seu focinho e sobrancelhas estavam mais grisalhos do que quando ele a viu pela última vez. É difícil dizer sobre essas coisas quando você vê alguém todos os dias.

Então ele olhou para nós.

“Olá, Angie”, disse ele. “Olá, Sofia.”

“Espero que esteja tudo bem para ela estar aqui,” eu disse. “Eu queria que ela visse você e visse que você está levando o cachorro de volta. Achei que poderia ajudar.”

"E se não? Qual é o nosso plano B?”

"Nós vamos. Insonorizamos o armário com caixas de ovos. Isso não vai fazer tudo o que você pode querer, mas vai ajudar um pouco. E ainda tenho alguns pares novos desses bons tampões de ouvido.”



"Sophie", disse Paul, olhando diretamente para ela. Ela não olhou para ele.

“Rigby tem que entrar em casa comigo agora. Apenas espere até amanhã, e Angie levará vocês dois para passear novamente. Parece bom?”

Então esperamos um minuto, mas eu não tinha ideia do quê. Eu me perguntei se

ele também tinha alguma ideia. Ou se é apenas uma daquelas coisas que você faz porque não está pensando muito bem nas coisas.

“Eu vou subir com ela agora,” eu disse. “Porque pode haver problemas se ela achar que estou com Rigby. Mas depois que ela for dormir, eu poderia vir visitá-la.”

"Não leve a mal", disse ele. Mas eu já sabia que iria. “Eu sei como Rachel se sente agora. Eu só preciso de um tempo sozinha. Só eu e meu cachorro.”

"OK. Eu posso entender isso.”

E eu poderia. E isso me machucou. Ambos ao mesmo tempo. Eu me perguntei onde estava aquele outro cara, aquele que costumava me ligar à meia-noite. Se eu o visse novamente. Por que eu tinha tanta certeza de que seria uma mudança permanente.

Devolvi-lhe as chaves. Observei-o subir as escadas até a porta dos fundos, Rigby abanando atrás.

Eu percebi duas coisas.

Um, eu tinha esquecido de pegar a chave do meu baú no chaveiro dele. Mas haveria tempo para isso mais tarde.

Mais importante, que Rigby era o único amigo que eu tinha que nunca disse nada que magoasse meus sentimentos.

Olhei para Sophie.

“Vamos subir, Sophie. Veremos Rigby novamente amanhã.

Subimos as escadas juntos, e ela me seguiu. E eu fechei a porta atrás de nós.

Olhei para minha mãe, que estava sentada no sofá, e minha mãe olhou para mim. Cruzei os dedos nas duas mãos. Segurei-os para ela ver. Então ela cruzou os dedos também. Então ela cruzou os pés. Então ela cruzou os olhos, e eu ri. Provavelmente muito difícil e muito longo, porque eu estava nervoso.

Sophie se acomodou na frente da porta em posição de esfinge, do jeito que

costumava fazer perto da cerca da casa de tia Vi. Minha mãe e eu a observamos por alguns minutos. Então, depois de um tempo, não havia muito o que assistir.

Ela adormeceu assim, e minha mãe desdobrou o sofá e a colocou na cama.

"Acho que podemos descruzar tudo agora", disse ela.

00

De manhã, acordei cedo, talvez seis. Estava leve e muito frio. E esguio. Mas eu não tinha certeza do porquê.

Eu estava dormindo na cama de solteiro atrás da divisória do quarto. Era a primeira vez que eu dormia no apartamento, então, no meu estado meio adormecido, presumi que estava frio e com correntes de ar todas as manhãs.

Havia uma lareira a gás para manter as coisas aquecidas, mas parecia estranho acendê-la no verão. Mas então eu comecei a tremer e decidi que não me importava.

Levantei-me e caminhei ao redor da divisória.

Minha mãe estava dormindo profundamente no sofá desdobrável. A porta estava escancarada.

Eu me vesti o mais rápido que pude. Vesti uma calça jeans e um moletom e desci correndo as escadas com os pés ainda descalços. Subi os degraus dos fundos o mais silenciosamente que pude. Mas então eu não tinha ideia do que fazer.

Se eu batesse, acordaria Paul. Ele provavelmente estava dormindo e nem sabia que Sophie estava em sua casa. Sentei-me no patamar de trás por alguns minutos, tentando pensar em uma maneira de tirá-la de lá sem que ele soubesse que ela estava dentro. Mas eu ainda estava meio adormecido, e não exatamente fluindo com o poder do cérebro.

A única coisa que consegui pensar em fazer foi abrir a parte de baixo da aba da porta do cachorro e chamar Rigby. Se Rigby saísse, Sophie também sairia.

“Rigby,” eu assobiei.

Eu não tinha certeza sobre o volume. Ela tinha que ser capaz de me ouvir.

Mas eu não tinha que acordar Paul. Lembrei-me de quando Paul me disse que a audição de Rigby era dez vezes melhor que a nossa. Eu estava pensando que isso poderia salvar o dia agora. Mas esperei e nada aconteceu.

“Rigby,” eu disse novamente, um pouco mais alto.

“Você não precisa sussurrar,” Paul me chamou. "Estou acordado."

"Oh. Desculpe."

Fiquei ali sentado por um minuto, porque não sabia mais o que fazer. Então a porta dos fundos se abriu, e Paul ficou em cima de mim de pijama e aquele belo roupão cor de vinho.

"Procurando sua irmã, eu presumo."

"Direito."

"Ela está aqui."

"Sim. Desculpe por isso."

"Nós vamos. Ela está sendo legal e quieta. Ela só quer se deitar ao lado de Rig. Já tomou seu café da manhã?”

“Um. Não."

“Entre.”

Então eu fiz. Eu meio que deixei de lado meu espanto e fiz o que me foi dito.

Sophie estava deitada no chão da cozinha ao lado de Rigby. Sentei-me à mesa.

“Você é um bebedor de café?” perguntou Paulo.

"Certo. Vou tomar um café.”

“Creme e açúcar?”

"Como você sabia?"

“A maioria dos bebedores de café iniciantes faz assim. Olha, me desculpe se eu estava de mau humor ontem à noite.

"Não, está tudo bem. Você não estava. Você só queria ficar sozinho.

Entendi."

“Eu ia fazer um bagel com cream cheese e salmão defumado.”

“Oh, meu Deus, isso soa como o céu.”

Eu o observei vasculhar a geladeira.

“Ainda havia um pouco de comida em casa quando voltei. No congelador. E

algumas coisas enlatadas. Você sabe o que eu te disse sobre isso.”

"Eu fiz o meu melhor."

“Acho que você se saiu bem. Considerando que eu não estava fora enquanto eu disse que estaria. Essa é a sua chave na mesa? Estava no meu chaveiro.”

"Ah, sim, obrigado", eu disse, enfiando-o no bolso.

Então ficou em silêncio por um longo tempo, enquanto ele servia o café e torrava os bagels. E coloque cream cheese na mesa e uma faca. Ele montou um pequeno prato com o que parecia ser salmão defumado suficiente para quatro pessoas. Mesmo quatro pessoas que o empilharam como eu fiz.

Então ele se sentou e nós comemos. E não falou. Lembro-me de pensar que o que quer que disséssemos a seguir era quase garantido que nos levaria a algum tipo de área arriscada ou outra. Então nós apenas comemos.

Depois de talvez cinco minutos disso, ele deu o primeiro passo.

“Não é tanto que eu me arrependa da maneira como compartilhei meus pensamentos com você naquelas ligações tarde da noite,” ele disse.

Então ele não continuou imediatamente. E eu não sabia o que dizer. Só que eram

menos pensamentos e mais sentimentos. Eu não disse absolutamente nada.

Então, depois de um tempo, “É mais como se eu estivesse cansado. Senti como se não houvesse nada cobrindo meus nervos. Eles estavam sendo





lixados. Eu tive que fechar só para descansar um pouco.”

"Isso faz sentido."

Comemos em silêncio por mais alguns minutos.

De repente, eu me surpreendi ao dizer: "Você..."

Mas então não consegui terminar. Eu nunca deveria ter começado a frase, e não consegui continuar.

“Eu o quê?”

"Deixa pra lá. Não é da minha conta."

"Não. Eu não falei com ela. Como eu poderia? Em um momento como esse?”

"Sim. Acho que entendi seu ponto.”

Comemos em silêncio até não sobrar nada na mesa para comer.

Olhei para Sophie e me perguntei como eu a levaria de volta para casa para vesti-la e prepará-la para a escola.

“Sophie,” eu disse. “A van estará aqui em breve. Vamos te vestir. Quando chegares da escola, levo-te a passear com o Rigby. Mas agora, ela precisa ficar aqui com Paul. Obrigado pelo café da manhã, Paulo.”

Levantei-me da mesa, sem saber se deveria tentar agarrar qualquer parte da minha irmã. Eu decidi primeiro tentar caminhar até a porta dos fundos. Com grande segurança. Como eu tinha certeza que ela iria seguir.

Ela seguiu. Em absoluto silêncio. E calma.

00

Quando chegamos ao apartamento, minha mãe estava acordada. Sentando-se.

Parecendo em pânico.

“Oh, Deus,” ela disse. "Oh Deus. Isso foi um desastre total?”

"Estranhamente... não."

"Por que? Por que não foi um desastre total? Como não foi?”

"Eu realmente não tenho ideia. Simplesmente não era. Eu não vou olhar muito de perto por que não foi. Porque estou tão feliz que não foi. E eu sugiro que você tente do meu jeito por enquanto.”

00

Fui eu quem desceu a calçada para encontrar a van de Sophie depois da escola. Ficamos parados na terra e no cascalho por um minuto, acenando enquanto o Sr. Maribal partia. Bem, de qualquer forma, eu estava acenando.

Então nos viramos para subir a calçada, e Sophie partiu. Correu, com seu jeito desajeitado, para as escadas dos fundos de Paul.

Eu lidei com isso de forma diferente do que eu estava lidando com as coisas o tempo todo.

Eu a alcancei e a acertei voando na entrada da garagem. Aterrissei em cima dela, e ouvi e senti toda a respiração sair dela. Rasgou um buraco no joelho da minha calça jeans e arranhou minhas mãos, e eu pude dizer imediatamente que ela tinha um arranhão no queixo que ia sangrar um pouco. Mas tudo parecia menor comparado a ser mandado embora para viver em uma instituição.

"Agora você escute aqui", eu assobiei, direto em seu ouvido. “Você quer ver Hem? Então você trabalha comigo. Você joga pelas regras. Você estraga tudo e vai perder. Todos nós somos. Você toma as coisas em suas próprias mãos, vai estragar tudo. Eu não sei o quanto do que eu digo você entende, mas se você só

entende uma coisa que eu digo a você, deve ser isso. Vou levá-lo para ver aquele cachorro tanto quanto Paul nos deixar. Então você segue minha liderança. Você anda até lá comigo, legal e calmo. Caso contrário, você acabará obtendo exatamente o oposto do que deseja.”

Eu a levantei e a sentei e a observei lutar para recuperar o fôlego. Eu me senti mal. Mas eu tinha que me lembrar o quanto as coisas ainda poderiam ficar piores.

"Você está bem? Você está pronto para ir ver Rigby?

Estendi a mão, mas ela não a pegou. Eu não tinha certeza por que eu pensei que ela faria. Eu a peguei pelos cotovelos e a ajudei a ficar de pé. Um pouco de sangue de seu queixo pingou em sua camiseta.

Eu me perguntei se eu deveria ter liderado com as coisas difíceis. Quando nos mudamos pela primeira vez. Mas não havia muito sentido em remexer o passado.

Caminhamos juntos pelo resto da calçada, bem devagar. Subindo as escadas dos fundos de Paul. Eu realmente não estava me enganando pensando que ela me entendia e estava fazendo o que eu pedi. Pode ser que eu a tenha deixado sem fôlego, literal e figurativamente.

Bati na porta dos fundos. Rigby disse: “Uau”. Duas vezes. A porta se abriu e Paul nos olhou de cima a baixo, Rigby balançando atrás dele.

"Oh céus. O que aconteceu com vocês dois?”

“Tivemos um pequeno tombo na calçada.”

"Vocês dois?"

“É meio que uma longa história.”

“Que tal um curativo adesivo? E algo para limpar esse queixo?

"Isso seria legal. Obrigado."



Entramos, e Sophie seguiu o cachorro enquanto Paul me pegava uma garrafa plástica de algo para borrifar em seu queixo. Algum tipo de desinfetante para feridas.

“Isso não deve doer muito. E suas mãos? Eles precisam de alguma coisa?”

Olhei para os meus arranhões. Segurei-os para nós dois vermos.

"Eles estão bem. Eles nem estão sangrando.”

“Você deveria ir lavá-los, no entanto. Parece que você moeu um pouco de terra.”

Enquanto eu estava no banheiro lavando minhas mãos, notei que meu joelho estava sangrando um pouco. Mas o jeans mais ou menos encobriu isso. Então eu esperava que Paul não notasse. Não queria complicar mais as coisas. Eu só queria sair nessa caminhada.

Paul estava esperando por mim com uma bola de algodão e o spray e um curativo adesivo, e eu estava grata por ele saber que não deveria tentar fazer nada com Sophie.

Ela não me deu um tempo difícil, no entanto. Ela estava deitada na cama de cachorro no quarto de Paul, com Rigby. Rigby estava relaxado, e ela também.

Limpei e cobri o queixo dela, e Paul estendeu as mãos para pegar a embalagem de papel, o algodão e o spray de volta de mim.

“Quer ir pescar de manhã?” ele perguntou-me.

“Adorei,” eu disse.

Então tirei a coleira de Rigby do cabide perto da porta e partimos em nossa caminhada. Eu estava pensando, depois do fato, que seria complicado ir pescar de manhã, porque se nós três — Paul, Rig e eu — fôssemos pescar antes da van escolar chegar, Sophie poderia gritar.

E, claro, a melhor pescaria era sempre antes da chegada da van escolar.

00

Não conseguimos chegar até a cidade. Rigby ficou dolorido. Ela começou a favorecer sua frente direita. Eu parei, e ela se sentou, e Sophie se sentou, e eu peguei sua pata e olhei entre as almofadas, pensando que ela poderia ter um carrapicho ou algo assim. Mas não havia nada de errado que eu pudesse ver. Provavelmente não tínhamos andado mais de um quarto de milha. Eu não tinha certeza se deveríamos continuar.

Caminhamos mais ou menos um minuto na direção da cidade, mas ela estava realmente mancando.

Uma corredora passou por nós indo para o outro lado e olhou para Rigby com um sorriso triste. “O coitado está ficando velho”, disse ela.





"Menina."

"Oh."

Eu não sei porque eu disse isso. Não sei por que isso importava. Não importava se Rigby era menino ou menina. Importava que ela estava ficando velha.

Nós apenas ficamos – e sentamos – lá por um tempo. Provavelmente um minuto inteiro. Então eu decidi que seria melhor dar a volta e encerrar o dia.

00

"Você estava certo em voltar", disse Paul. "Aqui. Caminhe com ela em minha direção, para que eu possa ver.

Conduzi Rigby pelo quarto dos fundos enquanto Paul observava. Sophie caminhou atrás.

“Essa não é a pata dela. Esse é o ombro dela. Ela está tendo problemas com o ombro direito.

"Você acha que foi tudo isso pulando quando você chegou em casa?"

"Pode ser. Está definitivamente ligado à artrite dela.”

“Mas ela toma remédio para isso.”

“A medicação não cura. Apenas a ajuda a lidar com isso.”

"Oh. Bem, acho que vamos deixar você em paz agora. Sofia. Volte e veja a mamãe comigo. Veremos Rigby novamente amanhã. Oh. E Paulo. Sobre aquela pescaria. Estou me perguntando como vamos sair daqui de manhã sem que Sophie queira ir junto.

“Dadas as circunstâncias”, disse ele, “acho que seria melhor deixar Rigby aqui. Não tenho certeza de quão bom seria para ela ficar deitada no chão duro por horas se ela estiver tendo uma crise.”

"Ela poderia ficar no apartamento enquanto estivermos fora?"

"Certo. Isso seria bom. Se levarmos a cama dela até lá. Eu vou bater na sua porta quando estiver quase na hora de ir. Vai ser cedo.”

“Eu não me importo.”

“Vai estar escuro.”

"Eu não me importo. Mal posso esperar.”

Então Sophie e eu saímos de sua casa. Ela veio calmamente e permaneceu calma.

00

De manhã, a batida de Paul me acordou. Estava escuro, exatamente como ele disse que estaria. Eu coloquei minha cabeça para fora de trás do divisor de





quarto. Ele estava parado na porta escancarada, batendo levemente.

Fui até a porta, um pouco envergonhada, porque meu pijama estava esfarrapado. Mas eu não queria ligar e acordar minha mãe.

"Eu tenho minhas roupas todas arrumadas", eu sussurrei. “Então eu vou demorar um minuto. Onde está Sofia?

“Na casa com Rig.”

“Pensei que estaríamos acordados antes dela esta manhã. Há quanto tempo ela está lá?”

“Ela estava lá às duas da manhã, quando me levantei para ir ao banheiro.

Isso é tudo que eu sei com certeza.”

00

Ainda estava quase escuro quando Paul me entregou uma vara de pescar do baú. Olhei para ele de perto e senti ao longo do comprimento. Parecia curto, mas depois percebi que estava em dois pedaços.

"O que é isso?"

“Sua vara de pescar.”

“Não é como qualquer outra vara de pescar que já usei.”

“Isso é porque não estamos pescando trutas.”

“O que estamos pescando?”

Ele iluminou o porta-malas com a lanterna para se certificar de que tínhamos tudo, depois fechou o porta-malas e trancou o carro.

“Não tenho certeza se devo contar ou deixar você se surpreender.”

Saímos caminhando juntos, seguindo o fino facho de lanterna em uma trilha de terra. Eu já podia ouvir a água fluindo. Parecia muito mais água do que eu estava acostumada.

"Se eles são muito maiores do que sempre pegamos antes, talvez seja melhor você me dizer."

"Eles são."

"É melhor você me dizer."

“Gatos de canal.”

Eu parei, o que me mergulhou na escuridão total quando ele continuou.

"Gatos? Estamos pescando *gatos* ?”

"Catfish", disse ele, parando e iluminando meus pés.

Eu o alcancei.

"Peixe-gato. Direito. Eu sabia."

00

Uma fina camada de luz estava começando a brilhar sobre as montanhas do leste quando chegamos à água.

“Isso é um rio?”

"Na verdade, não. Tecnicamente, é um riacho. Mas é tão grande quanto um pequeno rio. E há gatos de canal nas piscinas mais profundas.”

“O que os gatos do canal mordem?”

“Todo tipo de coisa. Quanto mais fedorento e horrível, melhor. Eles são como as cabras da água. Mas os fígados de galinha são os seus favoritos.”

“Você trouxe fígados de galinha?”

"Eu fiz. Aqui. Estenda a mão. Cuidado, vou colocar um gancho nele. É um triplo, então você tem três chances de se empalar. Tão cuidadoso como você lida com isso no escuro.”

“Como vou ver para amarrá-lo na linha?”

"Deixe-me fazer o meu, e então eu vou acender a lanterna para você."

“Esse gancho é enorme. E a linha parece tão grossa. Sinto que estamos pescando gigantes.”

“Eles ficam grandes. Vinte libras ou mais, às vezes, por aqui. Embora não seja provável que peguemos um tão grande.”

“Eu nem sabia que eles faziam ganchos tão grandes.”

“Eles fazem ganchos do tamanho da minha mão. As pessoas vão ao mar e pescam marlins, atuns e linguados que são maiores do que você. Maior do que eu. Centenas de libras.”

“Estranho,” eu disse.

“O que há de estranho nisso?”

"Eu não sei. Eu estava pensando sobre a vida, e como você nunca sabe tanto quanto pensa que sabe. Você acha que há uma coisa sobre a qual sabe tanto, e então acontece que você nem sequer arranhou a superfície. Como o Tibete.”

Ele apontou a lanterna no meu rosto, e eu estremeci e cobri meus olhos.

"Desisto. Como é o Tibete?”

“Porque... eu sei mais sobre o Tibete do que qualquer um que eu conheça.

Certa vez, um vendedor de livrarias me disse que só alguém de uma agência de viagens tibetana sabe o que eu sei. Uma mulher em uma biblioteca me ofereceu um emprego como bibliotecária de referência, eu sei muito. Nós vamos. Ela estava brincando. Mas ela estava brincando sobre isso porque eu sei muito. Mas eu nunca estive no Tibete. E se eu chegasse lá e não fosse nada parecido com o que eu pensava? Ou se descobrisse que o que eu sei não é um por cento de um por cento de tudo o que há para saber?”

“Se você nunca esteve em um lugar antes, posso garantir que o que você sabe não é um por cento de um por cento de tudo o que há para saber.”



“Viu o que quero dizer? Isso é o que eu acho estranho.”

00

O sol estava alto sobre a montanha, brilhando em meus olhos, antes de

conversarmos novamente. Nossas linhas estavam na água, naquela piscina funda, carregada de fígados de galinha e aqueles anzóis enormes. Estávamos sentados com as costas apoiadas nos troncos de duas árvores perenes. O som da água era como música. Eu não me importava se pegamos alguma coisa ou não. Só que eu queria ver como era um gato do canal.

Fui eu que abri a boca.

“Parece estranho, pescar sem Rigby.”

Sem resposta por um longo tempo.

Então ele disse: “Não sei o que vou fazer sem aquele cachorro”.

“Nem mesmo diga isso. Ela ainda vai estar por perto por algum tempo. Ela não vai?

"Eu certamente espero que sim."

Ficamos em silêncio por mais alguns minutos antes de eu dizer: “Você deveria pedir a Rachel para vir fazer uma visita”.

“De onde veio isso?”

"Eu não sei. Eu estava apenas pensando. Você disse que Dan estava cansado disso aqui. O que fez parecer que Rachel ainda gosta. Talvez ela sinta falta do lugar.”

“Pode ser cedo demais para ela.”

“Você fala com ela?”

"Sim. Ela liga, ou eu ligo. Quase todos os dias. Ainda não foi o suficiente, se é isso que você está pensando. Tem sido apenas alguns dias. Ela precisa de tempo para superar a perda dele. Não vou dizer nada até que seja a hora certa.”

“Quanto tempo, você acha?”

"Eu não sei. Provavelmente um ano, pelo menos.”

"Um ano. Uau."

“Ela foi casada por muito tempo. Quarenta e sete anos. Leva tempo para superar uma perda como essa.”

Decidi que minha linha estava muito frouxa, então cambaleei um pouco. Mas cheguei ao fim da folga de uma maneira estranha. Simplesmente parou de enrolar. Eu não podia movê-lo mais.

“Merda,” eu disse. “Acho que estou preso em alguma coisa.”

“Dê um puxão firme. Veja se consegue soltar o anzol.

Eu dei uma boa puxada na linha. Ele se afastou, dobrando aquela haste enorme em forma de arco.

“Ah, sim”, disse Paul. “Você está preso em alguma coisa. Um peixe grande.”

"O que eu faço?"

“Traga-o para dentro.”

Eu cambaleei. Ou pelo menos... eu tentei. Mas eu senti como se estivesse tentando puxar o tronco de uma árvore. E machucou os calcanhares arranhados das minhas mãos. Muito.

“Afrouxe um pouco o arrasto. Lembra como eu te mostrei isso?”

“Sim, mas é diferente nesta vara.”

“Aqui, apenas segure firme. Eu vou fazer isso por você.”

Ele estendeu a mão por cima de mim e girou um botão no carretel, e então, quando o peixe foi puxado, ouvi um som de zíper quando ele puxou um pouco de linha.

“Por que estamos fazendo isso?”

“Torna mais difícil para ele quebrar a linha.”

Também tornou mais fácil para mim enrolar. Menos como se eu estivesse enganchado em uma parede de tijolos. Eu o puxei para mais perto, e ele fechou uma pequena linha e se afastou novamente. Fizemos isso por muito tempo. Não

tenho ideia de quanto tempo. Eu nem tentaria dizer. Tenho certeza que o tempo estava pregando peças. Eu só sei que os músculos do meu braço estavam gritando, e eu pensei que eles poderiam ceder. Eu não tinha certeza do que faria se eles me decepcionassem. Minhas mãos doíam tanto que era difícil não gritar em voz alta. Mas eu não. Guardei minha dor para mim.

Então, quando eu pensei que não estava chegando a lugar nenhum, eu o vi subir na margem lamacenta. Quando tentou puxar de novo, não conseguiu fazer muito, atolado em toda aquela lama como estava. Então me levantei e andei direto para trás, puxando, até que ele estava bem fora da água. Corri para ele, preenchendo a folga na linha enquanto ia.

"Bom trabalho!" disse Paulo.

Ficamos ali e olhamos para ele por um segundo ou dois. Apenas naquele breve momento, ele ficou parado. Como se ele soubesse que tinha acabado.

Ele era encorpado. Castanho esverdeado, com olhos estranhos. E essas coisas compridas como bigodes saindo de ambos os lados da boca, mas feitas da mesma coisa que o resto dele, não cabelo. Comecei a dizer isso em voz alta, como eles pareciam bigodes. Então eu percebi o quão estúpido isso soaria. Claro que pareciam bigodes. Deve ser por isso que os chamam de peixe-gato.

"Cuidado como você lida com ele", disse Paul. “Não *coloque* os dedos na boca dele. Eles podem realmente te machucar. Quer que eu o coloque na longarina para você?

"Sim, você faria?"

Eu nem sabia o que era uma longarina. A gente sempre colocava peixe naquela cesta de cesto. Mas esse cara tinha o dobro do tamanho da cesta, que Paul nem se deu ao trabalho de trazer.

Observei Paul pegar um cordão amarelo, como uma corda fina de náilon, da caixa de equipamentos. Tinha um anel de metal em uma extremidade e uma ponta de metal na outra. Eu o observei enfiar a ponta de metal nas guelras do gato de um lado. Ele continuou alimentando até sair pela boca do peixe, que estava aberta e ofegante. Então ele enfiou aquela ponta no anel e puxou-o bem, e ele tinha a coisa amarrada, a linha enrolada direto pelas brânquias.

Ele tirou meu anzol da boca do peixe e eu puxei minha linha de volta.

Paul carregou o peixe-gato até a beira do riacho, um pouco a jusante de onde estávamos pescando, e o colocou em águas rasas. Amarrou a ponta da longarina em torno de uma muda, para que ele não pudesse nadar para longe.

Coloquei outro fígado de galinha nojento no anzol e lancei de novo.

"Você está ficando muito bom no elenco", disse Paul.

Eu não sabia que ele estava assistindo.

Ele se sentou na próxima árvore novamente e pegou sua vara.

"Bem", disse ele. “Isso foi emocionante.”

“Nunca pensei que pegaria um peixe tão grande na minha vida. Quanto você acha que ele pesa?”

"Sete, oito libras, talvez."

“Quanto a truta geralmente pesa?”

"Uma libra. Ou menos."

"Uau. Isso vai dar uma boa comida.”

Nós nos estabelecemos em uma pesca tranquila por um tempo. Quinze, vinte minutos sem nada dizer. De vez em quando, eu puxava suavemente minha linha para ver se ela recuava. Mas eu sempre podia sentir o movimento do gancho.

Então eu disse: “E se você esperar um ano e conversar com ela, e ela já está saindo com alguém?”

"Nós vamos. Falo com ela quase todos os dias.”

"Sim. Mas e se daqui a um ano, e você estiver falando com ela, e ela lhe disser que começou a namorar um cara novo? Então é a hora errada de contar a ela novamente, e você esperou muito tempo.

Falando em esperar muito, fiquei sentado um longo tempo pensando que ele

estava prestes a responder. Mas ele nunca o fez.

"Desculpe. Acho que talvez você não queira falar sobre isso. Eu estava apenas pensando. Sim, é uma coisa estranha para eu dizer a você, eu sei. E

eu sei que você realmente não gostou de ouvir isso. Mas ouvir-me dizer isso não é muito melhor do que acontecer?

Primeiro nada.

Então, “Olha, eu sei que você tem meus melhores interesses no coração, mas…”

"Multar. Eu sinto Muito. Realmente não é da minha conta. Falaremos de outra coisa. Onde estava Sophie quando você acordou nas duas últimas manhãs? Ela não estava na cama com você, estava?

"Em cima da cama? Não. Por que ela estaria na cama? Ela quer ficar com Rig.”

“Rig não dorme na cama com você?”

"Não. Rig dorme em sua cama de cachorro no chão.”

“Opa. Acho que cometi um erro. Achei que ela podia subir na cama. Ela subiu lá comigo, e eu percebi que ela não faria isso se não tivesse permissão.

“Eu não me importo se ela chegar lá. Só não a quero lá em cima enquanto estou dormindo, porque não vou ter espaço.

“Ela foi muito legal em pegar apenas metade.”

"Como isso é possível? Ela é maior que a cama.”

“Ela dormiu com as pernas penduradas.”

“Aquele cachorro é tão inteligente que às vezes me assusta.”

“Desculpe se eu fiz isso errado.”

“Isso realmente não importa. Eu não me importo se *você* não se importou.”

“Eu estava pensando que talvez pudéssemos conseguir um desses cadeados.

Para o interior da porta do apartamento. E coloque-o no alto, onde Sophie não pudesse alcançar.

"OK. Vamos parar e pegar um no caminho de volta pela cidade. Vou colocá-lo enquanto sua mãe está no trabalho.

E eu pensei, tudo bem. Talvez isso resolva o problema. Talvez esteja tudo bem daqui em diante. Mas a parte de mim que deveria relaxar e ser feliz disse: “Certo. Como se eu não tivesse ouvido isso uma centena de vezes antes.”

"Conte-me a história do que aconteceu na garagem esta manhã", disse ele.

“Já que temos todo esse tempo.”





Ele olhou para o joelho rasgado do meu jeans. Com meus joelhos dobrados, você podia ver o sangue seco claramente através do buraco no jeans.

“Ela decidiu se separar de mim e correr para sua casa. Então eu a abordei.

Eu estava tentando chamar a atenção dela. Eu estava tentando recuperar algum controle. Eu não queria machucá-la. Não tenho ideia se foi uma coisa certa ou errada a fazer. Eu simplesmente não sei. Você acha que foi certo?”

“Nenhuma ideia”, disse ele. “Mas eu aplaudo você por tentar algo novo.”

Ficamos fora por quase mais duas horas. Até que o sol estava bem alto, e estava ficando muito quente. Nós nunca pegamos outro gato do canal.

00

Na manhã seguinte, terceiro dia completo de volta de Paul, acordei na minha cama no apartamento. Estava frio. E esguio.

“Não é possível,” eu disse. Alto. Para mim mesmo.

Levantei-me e espiei ao redor do divisor. A porta estava escancarada. A nova trava de corrente de Paul estava pendurada, desfeita.

Acordei minha mãe. Meus braços estavam doloridos, mas eu a balancei pelo ombro até ela se sentar. Ela parecia chateada. Eu não me importei. Eu também estava chateado.

“O cadeado não funciona se você não o colocar à noite.”

“Eu coloquei.”

"Aparentemente não. Ou Sophie não teria ido embora.

Ela esticou o pescoço para ver.

“Eu serei amaldiçoado,” ela disse. “Eu me pergunto como ela fez isso.”

"Você deve ter esquecido de trancá-lo."

“Eu tranquei.”

"Eu duvido disso. Ela não pode alcançá-lo.”

"Hum. Não faço ideia, garoto. Mas eu o tranquei.”

"Multar. Qualquer que seja. Vou pedir desculpas ao Paul mais uma vez. Mas você não se importará se esta noite eu mesmo a trancar.

00

Naquela noite, antes de dormir, depois que Sophie dormiu por muito tempo, fiquei na ponta dos pés e tranquei a corrente. Foi alto até para mim. E meus braços ainda pareciam prestes a cair.

“Eu juro, eu realmente tranquei,” minha mãe disse.

Achei que ela estava errada, mas não estava com vontade de discutir.







00

Na manhã seguinte, no quarto dia de retorno de Paul, acordei e estava frio e com correntes de ar.

“Merda,” eu disse. Antes mesmo de me levantar e olhar.

Acordei minha mãe novamente, e olhamos para a porta aberta. E balançamos a cabeça.

"Talvez ela tenha arrastado uma daquelas cadeiras de cozinha", disse ela.

“Eu posso acreditar que Sophie descobriria isso. Mas acho que depois que ela destrancou o cadeado, ela iria embora. Não consigo imaginá-la movendo a cadeira para trás primeiro. Posso vê-la descobrindo como conseguir o que quer, mas não consigo vê-la cobrindo seus rastros.”

"Hum. Você acha que este sofá está muito perto da porta? Você acha que ela subiu na parte de trás dele e se apoiou na parede e se inclinou?

"Eu não faço ideia. Mas vamos movê-lo para mais longe. Apenas para estar seguro. E eu vou ter que me desculpar com Paul mais uma vez.

00

Na manhã seguinte, o quinto dia de casa de Paul, acordei e encontrei a porta escancarada e uma das cadeiras da cozinha arrastada pela porta.

Acordei minha mãe novamente.

“Bem, eu estava certo sobre uma coisa. Ela não se preocupa em cobrir seus rastros.

“Vou levar a mesa e as cadeiras para a garagem antes de ir trabalhar. Vá se desculpar com Paul mais uma vez.

"Direito. Como se não dissessemos isso todas as manhãs. Como se devêssemos ter tanta sorte que é só mais uma vez.”

00

No sexto dia de casa de Paul, a porta estava aberta novamente. Na frente dele

estava meu baú trancado e uma pilha frágil de livros.

Acordei minha mãe.

“Acho que estamos ferrados,” eu disse. “Perdoe minha língua.”

“É mais educado do que eu teria dito.”

“Simplesmente não vai funcionar.”

“Eu fiz algumas pesquisas.”

“Você achou algum lugar decente?”

“Não perto. Não é um lugar que pudéssemos visitar a qualquer hora.”

“É melhor eu ir falar com Paul.”



00

Parei um longo tempo na porta dos fundos, minhas mãos e minha orelha contra a madeira. Eu queria alguma evidência de que ele estava acordado.

Eu pensei ter ouvido água de uma torneira, então eu bati.

Paul abriu a porta, todo vestido e barbeado.

"Bom dia", disse ele. “Ela está exatamente onde ela sempre está.”

“Você está sendo incrivelmente paciente sobre isso. Mas parece que é hora de falar sobre o fato de que não vai funcionar.”

"Entre."

Eu o segui até a cozinha e me sentei à mesa. Ele me serviu uma xícara de café e colocou açúcar e leite na minha frente.

"Obrigado", eu disse.

Eu não tinha certeza do que deveria dizer ou quando deveria dizer. Parecia que a coisa toda já havia se dito. Então eu sentei lá como um caroço e o observei preparar a comida de Rigby. Ele o colocou no canto e a chamou, e ela entrou, parecendo rígida e mole, Sophie logo atrás.

Então ele se sentou à mesa comigo, com sua própria xícara de café, e ficamos olhando para eles e não dissemos nada por um longo tempo.

Assim que eu estava me reunindo para conversar, ele me venceu.

"Não parece uma situação tão terrível", disse ele. “Achei que seria. Mas não é. Nunca me cite sobre isso. Não conte a ninguém que eu disse isso. Eu não diria isso a ninguém além de você, e estou confiando em você para não levar a mal. Mas é um pouco como ter outro cachorro. Um muito bem-comportado.

Eu sei que ela não é um cachorro. Eu totalmente dou crédito a ela por ser uma garota humana. Mas ela está fazendo uma imitação de cachorro, então é assim que é para mim. Não é como ter outra pessoa em casa. Outra pessoa estaria olhando para mim. E tentando falar comigo. Eu teria que ter cuidado com o que eu dissesse e fizesse em minha própria casa. Sophie nunca olha para mim. Ela nem parece saber que estou aqui. Ou talvez ela não se importe. De qualquer forma, ela realmente não ocupa nenhum espaço.”

“Então... eu não tenho certeza do que você está dizendo. Ou talvez eu saiba o que você está dizendo, mas não acredito que você está dizendo. Você está dizendo que está tudo bem?”

“Eu estou dizendo... eu acordo, e ela está dormindo tranquilamente na cama de Rigby, e então você vem buscá-la e a leva para encontrar sua carona para a escola. E isso simplesmente não parece ser uma coisa que ela deveria ser confinada a uma instituição para fazer. Simplesmente não parece uma coisa tão terrível.”



00

Minha mãe estava de pé e vestida quando voltei, e parecia bastante estressada. Na verdade, ela parecia prestes a vomitar.

"O que ele disse?"

“Você absolutamente, positivamente não vai acreditar.”

Fiz uma anotação mental de que tinha até o inverno para ensinar Sophie a fechar a porta depois de sair.

PARTE TRÊS

Quando eu tinha dezesseis anos, e agora que tenho

dezessete



00002.jpeg

1. Sorriso

Minha mãe estava sentada em nossa mesinha da cozinha, no canto do apartamento, quando eu saí de trás da divisória do quarto, logo pela manhã.

Ela estava tomando chá e comendo torradas com manteiga.

Foi um ano e meio depois, e ainda não tínhamos uma terceira cadeira. Nós não precisávamos de um. Sophie nunca estava em casa. Ela estava na escola ou na casa de Paul com o cachorro.

"Nevou baldes à noite", disse ela. “Coloque suas botas antes de ir.”

"OK."

“Você pode precisar de raquetes de neve ou esquis cross-country para chegar à casa.”

"Isso é uma piada?"

“Estou meio brincando. Mas é profundo. Tente trazer Sophie de volta um pouco mais cedo, para que eu possa deixá-la toda vestida. E teremos que escalar aquele monte de neve que os arados deixam para trás. Se os arados já passaram. Você acha que os arados passaram? Você os ouviu? Talvez as escolas estejam fechadas.”

“Eu garanto que as escolas estão fechadas. É férias de Natal.”

“Não, isso começa amanhã.”

“Não, isso começa hoje.”

“Não para Sophie.”

“Sim, para Sophie. Perguntei duas vezes. Todo mundo sai no mesmo dia.”

"Oh. Eu me pergunto como eu errei.”

"Nenhuma idéia."

Eu estava ansioso para ir. Paul precisava de ajuda logo pela manhã. Quanto antes melhor. Eu me perguntei se minha impaciência apareceu.

“Como está o cachorro? Melhor?"

"Mãe. Não é algo que ela vai melhorar.”

Sua testa enrugou. Esperei que ela dissesse alguma coisa, mas ela nunca o fez.

“Paul precisa de ajuda com ela. Eu tenho que ir."

Eu me segurei no corrimão enquanto descia as escadas, chutando a neve o melhor que pude antes de descer. Quando tive certeza de que estava fora do último degrau e no chão, dei um longo passo e afundei até os joelhos. Mas eu continuei, mesmo que minhas botas estivessem cheias de neve.

Paul teve seus passos para trás removidos. Ele deve ter acordado muito cedo.

Bati na porta dos fundos.

"Está aberto", ele chamou. "Entre."

Eu fiz. E foi direto para Rig.

Ela estava deitada de lado no chão do quarto de Paul, na cama aquecida que Paul tinha comprado para ela. Ela estava coberta com uma pesada colcha feita à mão, e Sophie. Quando ela me viu, Rigby levantou a cabeça até a metade e bateu o rabo, balançando parte da colcha para cima e para baixo.

“Acha que podemos passar por isso de novo?” Paulo me perguntou.

No exato momento em que ele perguntou, ele me entregou uma xícara de café com açúcar e leite.

"Nós apenas vamos", eu disse.

Olhei para Sophie, que, estranhamente, não parecia calma. Eu não a tinha visto não parecer calma desde os primeiros dias em que nos mudamos para cá. Seu rosto estava torcido, como se algo invisível estivesse cutucando seu lado. E ela

estava fazendo pequenos ruídos de reclamação.

"Deixe-me colocar este café para baixo", eu disse.

“Você pode beber primeiro. Ela pode esperar.”

“Isso não parece certo. Acho que o que Rigby quer deve vir em primeiro lugar.”

"Justo", disse ele.

Coloquei meu café em sua mesa de cabeceira.

“Vamos, Sophie,” eu disse. “Vamos, Rigby. Vamos nos mexer. Vamos sair."

Sophie não se levantou. Normalmente ela se levantava. Ela apenas deitou lá.

Agitando e franzindo a testa.

“Há quanto tempo Sophie está assim?” perguntei a Paulo.

“Só desde que Rigby acordou esta manhã. Quando Rigby dormia, ela dormia.”

Eu tinha uma teoria. Mas eu não gostei. Então eu não compartilhei. Eu o empurrei para baixo e esperei que ele fosse embora. Eu levantei Sophie pelos dois cotovelos. Ela reclamou amargamente, mas ela não lutou para ser levantada.

"Preparar?" Paulo me perguntou.

“Como sempre serei.”

Trabalhamos juntos, nós dois, para ajudar Rigby a se levantar. Tinha sido uma grande produção por quase uma semana. Naquela manhã, estava mais perto de uma impossibilidade. Eu tive que continuar parando e colocando suas pernas de volta sob ela. E Paul teve que evitar que ela caísse como eu.

Minhas costas estavam seriamente doloridas desde que eu conseguia me lembrar. Eu nem queria pensar em como Paul devia estar se sentindo.

Quando ela estava de pé e bastante equilibrada, ficamos em ambos os lados dela. Cada um de nós tinha que tomar um lado e ficar perto, porque ela poderia se desequilibrar para qualquer um dos lados a qualquer momento.

Se lhe dermos espaço suficiente, ela cairia.

Nós a conduzimos cuidadosamente até a porta da frente. Não há mais porta dos fundos para Rigby. A porta dos fundos não passava de um patamar, com escadas. Rigby não fazia escadas. Rigby não tinha feito escadas por meses.

Do lado de fora da porta da frente havia um pequeno trecho de terreno bastante plano. Apenas um degrau na saída, um degrau na volta.

A cada passo que ajudamos Rigby a dar, Sophie reclamava. Como se alguém enfiasse um alfinete nela cada vez que Rigby baixava seu peso. Não estava me ajudando a enterrar minha teoria.

Quando chegamos na frente, vi que Paul havia cavado um pouco ali também.

Para que Rigby pudesse andar sem pisar na neve profunda.

“Você fez muita coisa para tão cedo pela manhã,” eu disse.

“Não tenho dormido bem.”

"Oh. Lamento ouvir isso.”

Firmamos Rigby com cuidado enquanto ela descia aquela escada de concreto. Então ela se agachou imediatamente em uma posição de fazer xixi.

Sem sequer cheirar primeiro. E quase caiu. Paul a pegou, mas então ele deslizou e caiu de joelhos, e uma grande explosão de som saiu dele. Eu sabia que ele tinha se machucado. Eu só não sabia o quão mal. Mas ele ficou lá e a abraçou até que eu pudesse concentrá-la novamente.

Ela não conseguia parar de fazer xixi uma vez que começou, então ela fez xixi em todas as suas próprias patas traseiras enquanto nós a levantamos novamente.

"Nós podemos levá-la agora", disse ele. “Ela não vai precisar fazer mais nada.”

"Ela ainda não está comendo?"

“Ela não come há quase três dias.”

Nós a levamos de volta para dentro, Sophie seguindo atrás e agitada. Nós a

colocamos centralizada sobre a cama e tentamos ajudá-la a descer com facilidade, mas saiu mais como uma queda. A cama a protegia de ser ferida.

Mas eu sabia que devia ter machucado seus pobres ossos artríticos. Ela estremeceu, mas não fez nenhum som.

Sophie gritou uma vez com o impacto, e então se enrolou contra o lado de Rigby.

Sentei-me de pernas cruzadas no chão perto da cabeça de Rigby e acariciei suas orelhas, e ela colocou seu gigantesco focinho cinza no meu joelho e

suspirou.

Paul voltou com uma tigela de água morna e um pano, e limpou suas pernas traseiras, e secou-as com uma toalha, e nós a cobrimos novamente.

“O quanto você se machucou?” Eu perguntei a ele.

“Eu provavelmente não saberei toda a história até tentar sair da cama amanhã. Mas, de qualquer forma, ruim o suficiente.”

"Suas costas?"

"Infelizmente sim."

Eu queria perguntar como eu tiraria Rigby de manhã se ele estivesse ferido.

Sem trazer minha mãe para sua casa. Se ele tivesse gostado um pouco dessa ideia, tenho certeza de que a teria sugerido há muito tempo.

Eu não perguntei. Porque não havia uma boa resposta. Se não pudéssemos fazer isso, nós dois, eu não poderia fazer isso sozinho.

“Eu tenho uma teoria sobre Sophie,” eu disse. “O jeito que ela está agindo.”

“Será que eu vou gostar?”

"Não."

Primeiro eu pensei que ele realmente não queria ouvir. E nunca faria. Então ele puxou minha manga e virou a cabeça em direção à cozinha.

Antes de sair de Rigby, eu disse a mesma coisa que disse a ela todos os dias nos últimos três meses. Mas não em voz alta. Eu nunca disse isso em voz alta. E ainda assim eu confiei na mensagem para ser entregue da mesma forma. Eu disse, silenciosamente, Se eu não te ver de novo, Rigby, eu te amo e adeus, e obrigado por tudo.

Peguei meu café e me juntei a Paul na cozinha. No começo, nós apenas sentamos.

“Acho que a medicação para a dor não está mais funcionando”, eu disse.

“São drogas quase suficientes para matá-la. Eu não posso acreditar que isso não mataria sua dor.”

“Acho que a dor está passando.”

"Eu pensei que isso era uma teoria sobre Sophie."

"Isto é."

Eu poderia dizer que ele não entendeu como, mas ele não perguntou.

Provavelmente porque ele não queria saber.

“Sophie imita o interior de Rigby. O que tem sido principalmente calmo. E

quando Rigby estava todo animado para ver você, Sophie imitou isso.

"Então você está dizendo que ela está se preocupando porque Rigby está com dor."

"É possível."

“Você sabe que se eu não conseguir mantê-la relativamente sem dor, terei que levá-la ao veterinário e decidir isso.”

"Eu sei. Eu sinto Muito. Eu apenas pensei que deveria contar a você.”

"Sim. Você tem razão. Eu acho. Quão certo você está? Talvez ela esteja se preocupando porque sabe que vai perder Rigby em breve. Talvez ela possa sentir isso.

"Pode ser."

“Mas você acha que é a dor.”

“Você a ouviu quando estávamos levando Rigby até a porta. Cada passo.

Toda vez que Rigby baixava seu peso. E quando Rigby caiu na cama, ela gritou. Rigby não emitiu nenhum som, mas Sophie gritou.

Ele fechou os olhos. No começo, ele não parecia estar respirando. Então ele suspirou. Longo e estranhamente lento. O silêncio estava começando a me assustar.

Ele se levantou e voltou para o quarto. Eu não segui. Eu criei raízes, e elas estavam emaranhadas com as pernas da cadeira.

Ele voltou novamente em cerca de uma hora. Ou dois ou três minutos. Foi difícil dizer.

“Eu nem tenho certeza de como eu a levaria ao veterinário. Precisaríamos de outra pessoa ou duas só para isso.”

“Ou talvez o veterinário viesse aqui.”

"Pode ser."

Terminamos nosso café em silêncio. E era tão pesado, aquele silêncio. Era tão pesado, parecia que o peso estava sentado no meu estômago, puxando-o para baixo. Como se pudesse rasgar o fundo do meu estômago e continuar.

"É uma decisão difícil de tomar", disse ele. “Se ela ainda quer estar aqui, eu não quero interrompê-la. Se ela está com dor, não quero prolongar. Eu não sei o que fazer. O que devo fazer, Angie?

Eu não respondi. Porque eu não sabia.

Eu tentei responder. Tentei pelo menos dizer que não sabia. Mas as palavras eram muito grandes. Eles ficaram presos ao sair.

Depois de alguns minutos, eu disse: “Acho que você deveria ligar para Rachel”.

"E dizer a ela o quê?"

“Peça para ela subir.”

"Para que?"

"Para suporte. Você estava lá para ela quando ela estava perdendo Dan.

“Ela não me pediu para ser, no entanto. Ela disse que eu deveria ficar aqui e aproveitar minha aposentadoria.





“Foi quando ele estava indo para a cirurgia. Não quando ela descobriu que ele ia morrer. Ela não gostaria de passar por isso sozinha. Ela iria?

"Pode ser. Ela queria ficar sozinha no minuto em que ele morresse.

“Você quer ficar sozinho? Ou você a quer aqui com você?

Algumas respirações, ambas as quais eu pude ouvir. Então ele disse: “Seria bom tê-la aqui. Mas... isso é... não sei dizer o que é. Dizer a ela que de todas as pessoas que eu já tive na minha vida, ela é a única pessoa que eu quero comigo em um momento como esse, isso diz muito. Quase diz a ela tudo o que há para contar.”

"Paulo. Já faz um ano e meio. Você não acha que está na hora?”

Ele balançou sua cabeça. Quase violentamente.

"É muito. Eu não posso fazer isso agora. É demais de uma vez.”

"Multar. Então peça para ela subir porque você precisa de outro par de mãos para levar Rigby ao veterinário.

Ele não disse nada. Por um período de tempo bizarro. Como se ele não tivesse ouvido, ou não tivesse opinião sobre o que eu disse.

Então ele pulou de repente. "Isso é bom", disse ele.

O que me deixou orgulhoso por ter pensado nisso.

Ele ligou para Rachel, que concordou em vir no dia seguinte.

00

Quando acordei na manhã seguinte, meu primeiro pensamento foi que talvez eu não pudesse estar com Rigby em seus últimos dias. Porque talvez quando Rachel chegasse aqui, Paul iria querer que eu me tornasse escassa. E Sofia.

Eu nem tinha perguntado se Sophie poderia estar lá. E, no entanto, depois de todo esse tempo, eu não tinha certeza de como alguém poderia levá-la a estar em outro lugar.

Parecia ruim. Realmente ruim. Eu podia sentir isso no meu peito, e lembro de pensar que sabia por que eles chamam isso de quebrar seu coração. Foi exatamente assim que me senti.

Mas então eu pensei, se eu tivesse que fazer tudo de novo, eu faria o mesmo?

Eu teria. Eu sabia que teria. Porque ela era o cachorro de Paul, então Paul era mais importante.

Então eu apenas me levantei e encarei o dia e me preparei para descobrir.

O que mais eu deveria fazer?

00





A porta dos fundos estava destrancada, o que geralmente significava que Paul estava acordado. Mas quando entrei, não pude ouvi-lo, e ele não parecia estar por perto. Enfiei minha cabeça no quarto para checar Sophie e Rig. Paul piscou de volta para mim da cama. Ele estava acordado, mas não acordado.

“Fiquei acordado até as três”, disse ele. “Mas está tudo bem. Você pode entrar e ver como eles estão.”

Rigby dormia profundamente ao lado dela. Ela não acordou e bateu em mim.

Sophie estava deitada de costas, sem tocar no cachorro de forma alguma.

Olhando para o espaço. Sorridente.

“Sophie está sorrindo,” eu disse.

"Isso é estranho", disse ele. “Não tenho certeza se já vi Sophie sorrindo. O

que você acha que isto significa?"

"Eu não sei."

"Você acha que isso significa que Rigby não está com dor esta manhã?"

Foi quando me atingiu. E acho que isso pode tê-lo atingido ao mesmo tempo.

Porque ele chegou até nós rápido.

Eu o vi colocar a mão no peito de Rigby. Em seguida, na lateral do pescoço.

"Ela não está com dor", disse ele.

Ele a cobriu com a colcha. Toda ela. Até mesmo sua linda cabeça preta e cinza.

00

Sentamos na cozinha e esperamos Rachel chegar. Não conversamos muito enquanto esperávamos.

Exceto que eu me lembro em um ponto, eu disse: “Ela salvou você da decisão. Porque ela sabia que seria difícil para você. Isso foi legal da parte dela.”

“Esse é o tipo de cachorro que ela era.”

"Quer que eu limpe a calçada, para que Rachel possa entrar?"

“Boa ideia”, disse ele. "Obrigado."

Então, pelo menos, eu tinha algo para fazer.

00

"Nós nunca tomamos café da manhã", disse ele. “Você quer almoçar?”

"Não. Você?"

"Não."

Sentamos mais um pouco.

Então eu disse: “Quando Rachel chegar aqui, devemos ir embora? E se sim, deixe como? Sair de casa e ficar no apartamento? Ou sair completamente?”

No último ano e meio, eu disse a ele umas dez vezes que ele deveria convidar Rachel para uma visita. Ele finalmente a convidou, uma vez. E ela veio. Ela ficou quatro dias. Minha mãe, Sophie e eu fomos acampar. No mesmo lugar que acampamos antes. Mas na tenda de Paul, e com bom tempo.

Combinamos tudo com antecedência, para que ele pudesse falar com Rachel.

Ele não falou com ela. Não sobre as coisas grandes, de qualquer maneira.

Ele nunca explicou por que não, e nunca pareceu certo perguntar.

"Está tudo bem se eu realmente não sei ainda?" ele disse, finalmente.

"Certo."

“Seria bom se você pudesse se preparar para decolar se Sophie ficar barulhenta. Mas… não sei. Se ela é assim... não sei se isso importa.

“Você não tem que descobrir isso agora.”

"Boa. Porque eu realmente não consigo pensar.”

"Essa é ela?" Eu perguntei, porque eu pensei ter ouvido um carro na garagem.

"Sim", disse ele. "Isto é."

Mas ele não se moveu.

"Você vai se levantar e ir conhecê-la?"

"Eu não sei", disse ele. E continuou sentado. “Não está parecendo assim.”

"OK. Eu irei."

Corri, com cuidado, pelos degraus dos fundos e abri a porta da garagem, para que ela pudesse estacionar o carro ao lado do de Paul. E quando ela tirou as duas malas do porta-malas, eu tirei uma. Para ser útil.

“Obrigada, Angie”, disse ela. “Onde está Paulo?”

Ela parecia tão jovem. Não mais jovem do que o normal nem nada. Isso me atingiu de novo, do jeito que aconteceu nas outras vezes que eu a vi. Exceto na primeira vez que a vi, eu não sabia que ela era um pouco mais velha que Paul. Era difícil acreditar que ela estava em seus sessenta e tantos anos. Eu não podia ver isso quando eu olhava para ela. Ela parecia uma atriz que tem cerca de cinqüenta anos agora, mas ainda parece uma atriz e ainda parece bem.

“Ele está na cozinha,” eu disse.

Coloquei a mala no chão e fechei a porta da garagem atrás de nós. E

caminhamos juntos em direção às escadas dos fundos. Lado a lado. Cuidado para não escorregar.

“Rigby morreu dormindo ontem à noite,” eu disse.

"Oh céus. Paulo está bem?”



"Eu não sei. Ele não está chorando.”

“Não tenho certeza se isso é uma coisa boa.”

“Eu nunca quis dizer que era. Ele parece meio congelado.”

Então eu a deixei subir as escadas na minha frente, porque só era grande o suficiente para duas pessoas se não estivessem carregando malas. Quando nos encontramos no patamar dos fundos, eu disse: “Posso te pedir um favor?”

“Não vejo por que não.”

"Não é para mim. É para Paulo.”

“Então definitivamente sim.”

“Se ele agir como se estivesse tudo bem para você ir logo, porque ele não precisa de ajuda para levantar o cachorro, você poderia, por favor, não acreditar nele?”

Ela olhou para o meu rosto pelo que pareceu um longo tempo, e isso me fez contorcer. Mas eu me segurei. Eu observei a forma como suas nuvens congeladas de respiração e minhas nuvens congeladas de respiração se juntaram em uma grande nuvem. Então ela colocou a mão na minha bochecha.

Meio que o segurou na palma da mão. E eu pensei, é assim que uma mãe deve tocar em você. Como se o toque fosse realmente para você, não para ela. Mas percebi que era tarde demais para minha mãe aprender.

"Vou ficar alguns dias", disse ela. "Até que tenhamos certeza de que ele está bem."

"Obrigada."

Então eu abri a porta dos fundos e a deixei entrar e a fechei atrás de nós.

Caminhamos juntos pelo quarto dos fundos. Ainda tinha uma cama de solteiro que Paul tinha comprado para sua primeira visita.

“Você já teve filhos?” Eu perguntei a ela.

Ela me olhou de um jeito estranho, e eu me perguntei se tinha sido uma pergunta rude. Se eu estivesse errado em perguntar.

"Eu não tenho filhos. Não. Por que você pergunta?

"Eu não sei. Só achei que você seria uma boa mãe.

Antes que ela pudesse responder, estávamos na cozinha, com Paul, e então Rachel e eu não conversamos mais, porque então não era sobre nós dois de forma alguma.

00

Minha mãe chegou do trabalho no horário de sempre. Por volta das duas e meia. Eu me certifiquei de estar lá para conhecê-la e conversar com ela.

"O que?" ela disse. “O cachorro morreu. Não foi?



"Ela. Ela, mãe. Você conhecia aquele cachorro há anos. Como você pode não entender que ela era uma ela?”

"Eu sinto Muito. Onde está Sofia?

“Exatamente onde ela sempre está. Na cama de cachorro do Paul's. E agora, Rigby também está lá. Mas em uma hora ou mais, um lugar que faz cremação vai mandar dois caras grandes para buscá-la.”

"E então Sophie vai pirar."

“Isso é o que estou pensando. E Rachel está aqui, então se Sophie enlouquecer, nós vamos ter que sair.

“E ir para onde?”

“Qualquer lugar que não seja aqui.”

“Não é exatamente clima de acampamento.”

“Nós poderíamos ir para um motel. Você disse que tínhamos muito dinheiro guardado.

“O dinheiro não é o problema, garoto. Como podemos ir a um motel se Sophie está pirando?

“Eu não sei, mãe. Não sei o que vamos fazer. Mas prepare-se. Porque estamos prestes a ter que descobrir.”

00

Minha mãe ficava olhando pela janela. Espiando pela beirada da cortina, do jeito

que ela tinha feito no dia em que Paul se mudou do antigo lugar.

Isso me deixou nervoso desta vez, também.

"Eles estão aqui", disse ela.

Fui até a janela e olhei para a cena nevada. A neve tinha começado em rajadas novamente. Havia uma van cinza estacionada perto do fundo da escada dos fundos, mas não consegui ler o que dizia na lateral, porque estava muito coberta de neve e aquele granizo sujo que se espalha pelos pneus quando você dirige em uma estrada mal arada.

Percebi que não queria ver o que viria a seguir. Então me sentei no sofá.

Incomodava-me que minha mãe não o fizesse. Então, depois de um minuto, eu disse: “Saia da janela!” Mas saiu duro. Então eu continuei com um “por favor”.

Ela veio e sentou-se no sofá comigo, parecendo um cachorrinho que acabou de levar um tapa na garupa.

“Desculpe,” eu disse. “Só estou nervoso.”

“Você não está cruzando nada.”

“Acho que será preciso mais do que dedos cruzados para nos salvar agora.”



Ouvi o baque da porta da van batendo, e então o motor ligou. Corri para a janela e observei-o avançar lentamente pela entrada, as rodas traseiras perdendo tração e girando de vez em quando.

Então eu andei por um minuto ou dois.

Até que minha mãe disse: “Agora, quem está enlouquecendo quem?”

"Desculpe."

Eu me sentei de volta no sofá.

“Ela não está surtando,” minha mãe disse.

"Ela não é."

— Por que você acha que ela não é?

"Eu não faço ideia."

"Eu acho que ela teria surtado quando o cachorro morreu", disse ela.

“Ela ficou feliz quando o cachorro morreu.”

"Como isso é possível?"

“Minha teoria? É apenas uma teoria. Eu posso estar totalmente errado. Mas decidi acreditar que significa que onde quer que Rigby esteja agora, ela está feliz. Mesmo que eu esteja errado, e não seja verdade, vou continuar acreditando nisso. Porque é isso que eu escolho pensar.”

00

Esperei quase duas horas. Porque eu realmente não queria bater na porta deles. Talvez ele estivesse falando com ela, naquele momento. Dizendo a ela como se sentia. Ou talvez ele estivesse chorando, e ela o estivesse segurando. Eu não tinha ideia do que estava acontecendo lá dentro. Eu só sabia que não queria interrompê-lo.

Mas havia um óbvio fio solto pendurado, porque eles ainda tinham Sophie. E

eu não tinha ideia se estava tudo bem.

“É melhor eu ir ver o que é o quê,” eu disse para minha mãe.

Eu me agasalhei e caminhei por todo o caminho escorregadio e nevado, porque eu não queria bater na porta dos fundos, porque o quarto dos fundos era o quarto de hóspedes de Rachel. Escorreguei duas vezes e caí de bunda na parte íngreme da calçada, mas continuei.

Subi as escadas da frente, o que foi fácil, porque o túnel da árvore as mantinha praticamente livres de neve.

Eu fiz uma pausa. Desejei como o inferno que eu não tivesse que bater.

Batido.

Rachel atendeu a porta.

"Sinto muito incomodá-lo", eu disse.

"Está tudo bem."



“Eu não sabia sobre Sophie. Eu não sabia se deveria... E quanto a Sophie? O

que ela está fazendo? Eu deveria estar tentando recuperá-la?”

"Não tenho certeza. Deixe-me perguntar ao Paulo. Entre."

Esperei na sala, pingando neve no tapete perto da porta. Eles tinham um fogo forte no fogão a lenha, e estava quente. Na minha jaqueta grande, eu senti como se estivesse sufocando, mas eu não imaginei que ficaria lá por muito tempo.

Então ela voltou e disse: “Ela está deitada na cama do cachorro. Ela não está causando nenhum problema. Paul diz que ela pode ficar até ter que ir para a escola.

“É férias de Natal. Ela não precisa ir para a escola até janeiro.”

"Oh. Aguentar."

Suei perto do fogo por mais um minuto ou dois. Eu não tinha certeza por que Paul não estava vindo e falando comigo mesmo. Se eu tivesse que adivinhar, acho que ele poderia estar mais bem em chorar na frente dela do que eu. O

que eu acho que parecia certo para mim, já que eles eram amigos há mais de cinquenta anos, e ele a amava.

Ela voltou e disse: “Paul diz que está bem”.

"OK."

“Ela está se comportando muito bem.”

“Não sei por que, mas bom.”

“Ela está agindo como se o cachorro ainda estivesse aqui.”

“Fingindo, talvez.”

“Ou talvez o cachorro ainda esteja aqui de alguma forma que ela possa sentir.”

Não respondi, porque não podia. Porque eu não tinha ideia do que eu pensava sobre isso.

"Bem, você sabe onde me encontrar se houver um problema."

Eu me virei para ir.

“Você não quer sair pelos fundos com esse tempo ruim?”

"OK."

“Por que você não veio até a porta dos fundos?”

“Porque é seu quarto de hóspedes. Eu não queria perturbar sua privacidade.”

Ela sorriu com apenas um canto da boca. Muito parecido com a maneira como Paul às vezes fazia.

"Não é à toa que ele gosta tanto de você", disse ela.

00



De manhã, acordei e comecei a pular da cama. Força do hábito. Eu ia ajudar Paul a tirar Rigby para fazer xixi. Eu já estava meio sentada, tirando os cobertores, quando me lembrei.

Deitei e me cobri, e tentei entender a ideia de que não havia mais Rigby, em nenhum lugar do mundo. Que ela passou de existente para não existente. Eu sabia tudo na minha cabeça. Mas, no meu íntimo, não fazia o menor sentido.

Quando meu pai morreu, passei meses fazendo a mesma coisa.

Agora aqui está a parte estranha. Fazia dez anos desde que meu pai foi morto, e percebi que ainda não havia feito nenhum progresso com isso. Ah, eu estava acostumada. Não me surpreendeu nem nada, e aceitei que sempre seria assim. Mas no meu íntimo, passar de existir para não existir ainda não fazia o menor sentido.

Eu simplesmente não entendi a coisa toda de morrer. Eu me perguntava se todo mundo se sentia assim ou só eu.

00

Na segunda noite completa após a morte de Rigby, ouvimos um pequeno ruído farfalhante no patamar do lado de fora da porta do apartamento. Eu estava na cama, e minha mãe também. Eu não estava dormindo, no entanto.

Eu não sabia sobre ela.

Até que ela disse: “Você ouviu isso? O que é aquilo?"

"Eu não sei. Animal selvagem, talvez?”

Esperei, mas ela não respondeu.

Então eu disse: “Eu deveria ir olhar”.

“Não, não. Pode ser perigoso.”

“Vou colocar a corrente e espiar.”

Levantei-me, um pouco frio, só de pijama e pés descalços, tranquei a corrente de segurança e abri a porta apenas uma fresta. Sophie estava esperando de quatro no patamar, batendo os dentes. Vestindo as roupas que eu a coloquei naquela manhã, mas sem casaco. Ela deve ter saído pela porta do cachorrinho, e Paul e Rachel não devem ter sabido que ela tinha ido embora.

Fechei a porta e soltei a corrente, depois abri bem, deixando entrar uma rajada de ar frio. Sophie entrou e ocupou um lugar no tapete, exatamente onde costumava ficar com Rigby.

“Huh,” minha mãe disse.

Eu meio que esperava que ela dissesse mais. Mas, na verdade, não tenho certeza do que mais havia a dizer.



Esfreguei as mãozinhas de Sophie entre as minhas até elas esquentarem, tirei seus tênis e suas meias cor de rosa e esfreguei seus pés. Então eu a cobri com um cobertor sobressalente e a deixei lá para dormir.

00

Alguns dias depois, por volta das dez horas da manhã, Rachel veio até a porta do nosso apartamento para me dizer que estava saindo e se despedir.

Felizmente, minha mãe estava no trabalho. Era apenas Sophie, deitada no tapete, e eu.

"Eu poderia ter ficado mais tempo", disse ela. “Mas já se passaram seis dias, e acho que ele está bem. Acho que ele só precisa de tempo para processar. Você sabe. Sozinho. Além disso, tenho certeza de que ele está ficando cansado de mim.

“Oh, eu duvido disso,” eu disse.

“Você sabe como ele é. Um pouco solitário.”

"Não tenho certeza."

Ela me olhou estranhamente. “Você não concorda?”

“Acho que ele pode estar mudando. Alguns, de qualquer maneira. Então...

seis dias. Essa é uma visita longa e agradável. Você deve ter tido muito tempo para conversar.

Observei seu rosto por um momento. Mas ela não sabia do que eu estava falando. Foi uma decepção que pude sentir em todo o meu peito, como se eu fosse um engolidor de espadas. Eu pensei, por que ele não pode simplesmente dizer a ela?

Não que eu achasse que fosse fácil ou algo assim. Mas eu teria feito isso até

então, e eu sou o pior idiota do mundo sobre coisas assim. Nós vamos.

Sobre tudo.

“Conversamos, sim”, disse ela. “Principalmente sobre o cachorro. Mas coisas diferentes. Nada especial. Por quê? Havia algo mais?”

"Não. Na verdade, não. Eu só… Eu sei que bons amigos vocês dois são. E o quanto significou para ele ter você aqui. Você quer entrar? Está frio, e eu não quis ser rude.

"Não, eu realmente deveria ir", disse ela. “Não tenho a melhor visão noturna, então quero chegar em casa antes de escurecer. Mas antes de ir, quero lhe dizer o quanto significa para *mim* tê- *lo* aqui. Eu me sinto muito melhor deixando-o aqui, sabendo que você está aqui para ajudar.

“Como estão as costas dele?”

“Melhorando um pouco.”



Ela mudou seu peso de um pé para o outro, e eu sabia que ela estava pronta para ir.

Então, gentil e rápido, antes que ela pudesse fugir, eu disse: “Você deveria vir me visitar com mais frequência”.

"Gostaria disso. Mas só posso ir com a frequência que Paul me convidar.

“Eu acho que ele quer te convidar mais. Mas acho que ele sente que talvez seja imponente... perguntar a você. Então, se você já quis sugerir isso…”

Ela olhou para o meu rosto por um longo momento, como se tivesse perdido algo ali. Olhei para o pouso nevado. Eu estava preocupado que eu tinha falado demais. Dado muito longe.

"Eu só poderia fazer isso", disse ela. "Talvez eu vá. Feliz Ano Novo."

Então ela me deu um beijo na testa e desceu as escadas, tomando cuidado para não escorregar.

Eu a observei e pensei que não era de se admirar que Paul estivesse apaixonado por ela. Se eu estivesse na casa dos sessenta, imaginei que provavelmente estaria apaixonado por ela também. Ela era uma daquelas mulheres que quase tornavam muito fácil cair.

"Feliz Ano Novo", eu chamei por ela.

00

No começo, deixei Paul sozinho. Eu não tinha certeza se ele queria. Mas nós tínhamos um telefone até então. E ele não morava exatamente longe. Então imaginei que ele me avisaria se quisesse companhia.

Ele me ligou no início da noite cerca de três ou quatro dias depois que Rachel foi embora. Me perguntou se eu queria jogar algumas mãos de Gin.

“A qualquer hora,” eu disse. "Sempre. Eu só não queria incomodar você.”

"Obrigado", disse ele. “Mas agora seria bom.”

“Eu teria que trazer Sophie. Minha mãe saiu com sua amiga Jenna do trabalho.”

"Não é um problema. A porta dos fundos está aberta. Basta entrar.”

Então eu desci a calçada coberta de neve e gelo e subi as escadas dos fundos. Segurando a mão de Sophie para que ela não caísse. Eu a levei pela porta dos fundos e pelo quarto dos fundos, e então ela puxou sua mão da minha e correu para a velha cama de cachorro de Rigby e se aconchegou.

Paul apareceu na porta do quarto comigo, e nós a observamos por um minuto.

“Estou feliz que você não se livrou dele,” eu disse.

“Sophie foi uma boa desculpa, mas, na verdade, acho que teria partido meu coração se eu tivesse que jogar fora.”

ç

q

j g

“Talvez você consiga outro cachorro algum dia.”

"Pode ser." Nós a observamos em silêncio por um minuto. Então ele disse:

“O que você acha que Sophie pensaria de um novo cachorro?”

“Tenho certeza que ela o odiaria. E que teríamos que protegê-lo dela.

"Oh. Nós vamos. Atravesse essa ponte quando chegarmos a ela.

Entramos na cozinha e nos sentamos à mesa. Ele colocou um copo de chá gelado no meu prato, que era o meu favorito. Ele fez um bom chá gelado.

Ele embaralhou as cartas.

"Então eu disse. “Você ficou sozinho.”

Ele ergueu os olhos do embaralhamento como se isso exigisse muita concentração e eu o distraí.

“Eu? Achei que tinha me entediado.”

“Você nunca ficava entediado quando Rigby estava por perto.”

"Oh. Bom ponto, eu acho.”

Ele distribuiu as cartas, e eu estendi a mão e coloquei minha mão em seu braço antes que ele pudesse pegar sua mão.

“Espere, não olhe para suas cartas ainda.”

"Por que não?"

“Que tal se jogarmos por dinheiro?”

Ele olhou para o meu rosto, seus olhos dançando com essa estranha diversão que poderia ter sido parcialmente crítica. "Dinheiro? Desde quando você tem dinheiro para queimar?”

"Eu não. Só recebo uma mesada de dez dólares por semana.”

“Então por que você quer jogar por dinheiro?”

"Eu não sei. Só porque eu nunca fiz antes, eu acho. Eu só quero ver como se sente. Não estou falando de muito dinheiro. Talvez, tipo... um quarto por rodada ou algo assim?

Ele ainda estava olhando para mim daquele jeito. Então olhei para o verso das minhas cartas. Como se eu tivesse algo a esconder, embora não tivesse certeza se tinha ou não. Eu não queria que nós olhássemos para nossas mãos ainda porque parecia mais justo decidir se você vai apostar antes de ver com o que você está apostando. Caso contrário, é uma espécie de decisão tendenciosa.

“Com uma condição. Dez dólares é o limite. Não quero que você perca mais do que a mesada de uma semana inteira.

“O que faz você pensar que eu vou perder?”

Ele abriu um meio sorriso torcido, e pegamos nossas cartas. Eu tinha duas damas e um oito e nove de paus, então isso me deu um bom começo.

"Tive a sensação de que havia um pouco de jogador em você", disse ele.

"Provavelmente. Meu pai era um jogador.”

Ele ergueu os olhos de suas cartas. Na minha cara. Um pouco de repente, pensei.

“Você não me disse isso.”

"Nós vamos. Não apareceu, eu acho. Quero dizer, quando eu teria contado a você?

"Eu acho que você teria mencionado isso quando estávamos tentando descobrir como ele morreu."

"Por que? O que uma coisa tem a ver com a outra?”

"Oh. Deixa pra lá. Esqueça."

"Não o quê? Conte-me."

Ele não o fez, a princípio. Mas depois de um tempo, ele fez.

“Se alguém está muito envolvido no jogo compulsivo, isso pode se tornar perigoso. Eles geralmente acabam devendo enormes quantias de dinheiro para as pessoas erradas.”

"Nós vamos. Sim. Eu acho. Mas um tipo de empréstimo não te mataria, mataria? Se ele o fizesse, então você nunca poderia pagá-lo de volta.”

“A menos que ele quisesse fazer um exemplo de alguém. Ou a menos... Não.

Quer saber? Deixa pra lá. Lamento ter começado com isso. Vamos largá-lo.

Este era seu pai, e não sabemos, então por que estou especulando?

"Está bem. Talvez você saiba mais sobre isso do que eu sobre isso.”

Ele deu uma risada grande e zombeteira, mas eu não tinha certeza do porquê.

"Angie", disse ele. “Eu *pareço* um especialista em jogos de azar? Trabalhei quarenta e cinco anos em um emprego que odiava pelos benefícios da aposentadoria. Estou apaixonado pela mesma mulher há mais de cinquenta anos, mas não me preocupei em compartilhar essa informação com ela. Onde você vê grandes riscos deste lado da mesa? Você é o jogador aqui, não eu.

Jogamos em silêncio por um tempo, e então eu chamei “Gin” e ganhei um quarto. Ele realmente me pagou ali mesmo. Tirou uma moeda do bolso e empurrou sobre a mesa para mim. Foi emocionante, mas então, eu sabia que não deveria ser, então me senti mal por ter sido.

Enquanto estávamos olhando para a nossa próxima mão, eu disse: “Ela me disse que poderia vir me visitar com mais frequência. Isso seria bom.

Direito?"

Eu podia vê-lo olhando para mim, mas me recusei a tirar os olhos das minhas cartas.

"Eu não disse a ela", disse ele.

“Achei que não.”

Joguei minha pior carta no chão e peguei uma nova. E tentou não dizer isso.

Mas eu precisava. Eu precisava dizer isso. Eu não estava dizendo isso por tanto tempo.

“Você não vai... Você vai dizer a ela eventualmente, certo? Você não vai simplesmente nunca contar a ela. Você está?"

“Eu poderia nunca dizer a ela.”

Larguei minhas cartas na mesa viradas para baixo. Então foi a vez dele evitar meus olhos.

"Como você pode fazer isso? Eu não entendo isso de jeito nenhum.”

"Eu já te disse. Eu não sou um jogador. Não me arrisco bem.”

“Que risco? Você não está com ela agora. O pior que pode acontecer é você ainda não ser.”

“Isso não é inteiramente verdade. Eu tenho uma boa amizade com ela agora.

Falamos quase todos os dias. Se eu contar a ela, e ela não sentir o mesmo, ela pode se sentir terrível por ferir meus sentimentos. Ou pode ser muito difícil para mim falar com ela depois disso. Isso pode criar uma barreira entre nós. Dessa forma, tenho metade do que quero. Não quero apostar nisso e acabar sem nada.”

“Ou tudo.”

“Eu não acho que ela sente o mesmo. Ela teria dito isso.”

“ *Você* não fez.”

"Ou eu seria capaz de dizer."

“ *Ela* não pode.”

"Veja. Angie. Eu sei que se você fosse eu, você iria em frente.”

"Eu poderia. Com certeza."

“Mas eu não sou você. OK? Eu sou eu. Agora, que tal se nós apenas jogarmos cartas?”

Jogamos cerca de mais vinte rodadas, e eu deixei dois dólares e vinte e cinco centavos mais rico do que antes. O que não era muito, eu sei. Mas ainda assim foi uma vitória.

Sophie estava dormindo, então eu a joguei por cima do ombro no carrinho do bombeiro.

Paul acendeu a luz do lado de fora para mim, para que eu pudesse atravessar a neve e o gelo e chegar em casa.

Bati, mas minha mãe ainda estava fora. Então eu abri a porta com minha chave.

Depois que eu coloquei Sophie na cama, eu estava prestes a enfiar o molho de chaves no meu bolso novamente. Mas primeiro, eu olhei para eles. Eu acho que eu poderia saber por quê. Eu poderia ter feito isso de propósito.





Olhei para a chave do meu baú trancado por um minuto. Engolir muito e muito duro.

Então eu puxei o baú de debaixo da cama e o abri.

Peguei *O Livro Tibetano dos Mortos* e o coloquei na mesa de cabeceira.

Sophie não estava fazendo muito retalhamento por um longo tempo, de qualquer maneira. E eu não tinha nenhum livro em andamento.

Então peguei o bilhete de Nellie. O bilhete de dois anos e meio que eu ainda não tinha coragem de ler.

Sentei na beirada da cama e li. Com meu coração batendo forte, e minhas mãos tremendo, e minha boca tão seca, eu mal conseguia engolir.

Li três ou quatro vezes. E eu li tantas vezes desde então, eu quase poderia recitar a coisa toda de cor. Mas eu não vou. Porque nem tudo isso importa para

ninguém, exceto para mim. E porque é um pouco privado. Não por nenhuma razão especial, mas... em geral, meio que é.

Vou compartilhar a essência disso.

Ela estava completamente arrependida, e se sentiu estúpida e mal por me machucar descuidadamente e me envergonhar.

Ela queria que eu soubesse que, embora eu estivesse magoada e envergonhada, e ela pudesse entender isso - porque ela se lembrava de ser uma adolescente e como tudo era incrivelmente mortificante - eu realmente não deveria estar, porque eu não tinha feito nada de errado. .

E, provavelmente o mais importante, ela disse que gostar dela do jeito que eu gostava era mais como um elogio, como um presente para ela, não como um inconveniente.

Eu gostaria de ter conhecido essa última parte o tempo todo.

00

Liguei para Paul no telefone, porque suas luzes ainda estavam acesas.

"Eu sou um falso terrível", eu disse.

"Duvido", disse ele. “Mas me diga por que você pensa assim.”

“Porque eu não sou melhor do que você. Havia alguém de quem eu gostava e não contei a ela. E quando ela descobriu sozinha, fiquei tão humilhada que fugi e nunca mais disse uma palavra a ela. Ela me escreveu uma nota sobre isso, e eu a guardei e nunca li. Então... algum tomador de risco.

"Bem", disse ele. “Agora que você descobriu isso, você vai ler?”

"Eu apenas fiz."

“Então você *não é* um falso terrível. E você *é* melhor do que eu.”

00

Olhando para trás, acho que meio que coloquei na minha cabeça de alguma

forma que ele seguiria meu exemplo. Que se eu pudesse ficar um pouco mais corajosa, ele também poderia. Mas seis meses e duas visitas de Rachel se passaram. E ele ainda não se arriscou.



00002.jpeg



2. Risco

Era junho de novo, e eram quatro horas da manhã.

Deixei um bilhete na mesa para minha mãe.

Dizia: “Você precisa confiar em mim. Eu sei que sou tecnicamente menor, e sei que você vai ficar chateado, mas tenho quase dezessete anos agora, e acho que sou crescida o suficiente para fazer as coisas sozinha. Eu tenho que ir falar com alguém (na verdade, algumas pessoas), e o telefone simplesmente não vai fazer isso. Às vezes você tem que olhar para alguém cara a cara e dizer o que você precisa dizer a eles. Devo estar de volta amanhã (mas pode até ser no dia seguinte, então, por favor, não enlouqueça), e então você pode ficar tão bravo quanto quiser.”

Pensei em assiná-lo, mas então decidi que era estúpido, porque só havia uma pessoa de quem poderia ser.

Saí de casa e caminhei de lanterna até a cidade. Todo o caminho até a rodoviária.

Então tirei a nota de cem dólares de Nellie do bolso da calça jeans, aquela que ela me deu depois do fato para meu trabalho de inventário todo aquele tempo atrás, e comprei uma passagem de ida e volta para voltar para casa.

Exceto que não era uma boa maneira de dizer isso, porque isso não parecia mais em casa. Isso aconteceu.

00

Eu tenho o assento da janela. E eu tive aquela vista das montanhas que eu nunca tive na subida. Quando chegamos três anos antes, estava chovendo, e eu estava dormindo ou escondendo minha cabeça.

O ônibus estava cheio, então eu não consegui me espalhar pelos dois assentos do jeito que eu esperava. Uma mulher sentou ao meu lado que me lembrou um pouco Nellie. Eu não estou realmente certo por que, no entanto.

Ela não se parecia muito com ela. Mas ela tinha mais ou menos a mesma idade e

parecia inteligente em todos os mesmos lugares. Eu sabia porque conversamos um pouco sobre isso e aquilo, e então ela pegou seu livro e começou a ler.

Peguei *O Livro Tibetano dos Mortos* , mesmo sabendo que não conseguiria ler muito, porque fico doente se tentar ler por muito tempo em um ônibus em movimento. Achei que leria uma página e depois olharia para a vista por um tempo.



Ainda bem, porque não era o que você poderia chamar de leitura leve.

"Eu tentei passar por isso uma vez", disse a mulher. “Era muito denso para mim.”

A voz dela me assustou. Eu não estava esperando.

“Eu acho que é muito difícil para mim também,” eu disse.

“Você sabia que o Livro Tibetano dos Mortos é apenas um título informal para a tradução em inglês? A tradução real do tibetano seria algo mais como

'A Grande Libertação ao Ouvir no Estado Intermediário.'”

“Eu *não* sabia disso. O que isso significa?"

“Eu não tenho a primeira pista. Eu te disse, estava acima da minha cabeça. E

eu sou bibliotecário. E você é... o quê? Dezesseis ou dezessete? Então é um pouco intimidante para mim ver você continuar com isso.”

“O fato de eu ainda estar lendo não significa que eu entenda. Eu não. Eu não entendo nada de morrer. Por isso estou lendo. Achei que talvez ajudasse a explicar. Não tão longe."

“Alguém em sua vida morreu?”

"Sim, eu disse.

Mas então eu não disse mais nada. Depois de um tempo, ela voltou ao seu livro.

“Meu pai,” eu disse. Porque até então, eu sabia que realmente não precisava.

Eu não estava me sentindo preso, uma vez que ela começou a ler novamente.

“Mas isso foi há mais de dez anos. E um dos meus melhores amigos no final do ano passado.”

"Oh céus. Eu sinto Muito. Alguém da sua idade?”

"Não. Ela era velha.”

Na verdade, ela era muito mais jovem e muito mais velha do que eu, ambas ao mesmo tempo. O que é um enigma, como um daqueles koans zen. A resposta é cachorro. Eu não disse nada disso.

“Você acredita no que esse livro está ensinando?” ela me perguntou. Como se minha opinião importasse. “Essa parte de nós continua, e há escolhas quando deixamos nosso corpo?”

“Eu quero,” eu disse. “Estou tentando decidir.”

00

Eu tive que pegar dois ônibus urbanos do centro da cidade.

Eventualmente, eu desci do ônibus em frente ao parque com a fonte. Aquele que costumava ser o ponto final das minhas caminhadas com Rigby e Sophie, antes de todos nos mudarmos. Quando Paul costumava me pagar para acompanhá-la. Porque ainda não éramos exatamente amigos.

Saí a pé para o bairro antigo, o bairro da tia Vi, minha mochila pendurada no ombro. Percebi imediatamente que a caminhada me levaria direto para a livraria de Nellie. O que eu realmente não tinha pensado com antecedência.

Eu me perguntei se era de propósito que eu não tinha pensado nisso. Ah, eu sabia que estaria enfiando a cabeça na livraria e dizendo algo para Nellie.

Em algum ponto. Ela fazia parte do plano. Talvez trinta ou quarenta por cento das coisas importantes que tive que fazer nesta viagem. Apenas, de alguma forma, eu não tinha isso na minha cabeça como a primeira coisa. Mais

acrescentado como uma reflexão tardia para o final do dia.

Primeiro eu queria colocá-lo de volta na antiga posição. Afinal, eu passaria pela loja dela novamente no caminho de volta para o ônibus. Mas então pensei: e se ela olhar pela janela e me ver passar? Sem enfiar a cabeça e dizer uma palavra?

Ela pensaria que eu a odiava.

Fui atingido por um pensamento tão repentino e tão forte que me parou.

Literalmente. Parei de andar e fiquei parado na calçada. E apenas pensei.

Ela já pode pensar que eu a odiava. Esse foi o pensamento. Ela não tinha nada para seguir além de sua própria imaginação, todo esse tempo. Eu a colocaria em uma posição em que ela teria que adivinhar como aquela coisa toda foi deixada. Faça isso na cabeça dela. Você sabe. Aquele lugar onde as coisas podem sair do controle. Seja explodido tudo fora de proporção.

Pelo menos, na minha cabeça, as coisas funcionam.

Esse realmente foi o primeiro momento em que me dei conta do tamanho do pedido de desculpas que eu devia a ela.

Comecei a andar de novo, então tive outro pensamento que me parou.

Talvez a livraria nem estivesse mais lá, três anos depois. Pequenas livrarias fecham o tempo todo. Talvez Nellie estivesse fora do negócio. Então o pedido de desculpas nunca seria entregue, porque eu nunca a encontraria. Eu nem sabia o sobrenome dela.

Comecei a andar novamente, e meus passos ficaram rápidos, porque eu estava ansioso para descobrir.

A livraria ainda estava lá.

Diminuí a velocidade, mas continuei andando. Cada vez mais perto. Eu esperava que meu coração batesse forte e minhas mãos ficassem trêmulas, mas isso não aconteceu. Eu apenas me senti entorpecido. Como se meu corpo e meu cérebro fossem feitos de madeira petrificada. Eu apenas me senti pesado e entorpecido.

Quando cheguei à sua porta, parei um minuto. Com a mão na porta puxe.

Apenas congelou ali, olhando para minha própria mão. Apenas vendo e

sentindo o que eu estava fazendo. Eu sabia que era uma coisa de estar vivo, mas ainda me sentia entorpecido.

Abri a porta e enfiei a cabeça para dentro.

“Ei,” eu disse. Tranquilo. Como uma respiração.

“Boa tarde”, disse ela. Plana e regular. Nada de especial.

Meu coração caiu no meu intestino. E eu senti isso. Onde estava todo aquele entorpecimento quando eu mais precisava? Nunca me ocorreu que talvez *ela me* odiasse . Ela gostou de mim na carta, e era assim que eu esperava que as coisas continuassem.

Eu quase me virei e caminhei de volta para fora novamente.

Então eu ouvi: “ *Angie* ?”

Foi quando percebi que ela nem sabia que era eu.

"Sim. Wsou eu."

"Meu Deus. Angie! Eu nem te reconheci! Vocês estão todos crescidos.”

“Faz muito tempo,” eu disse.

"Existe uma razão para apenas sua cabeça estar dentro?"

"Sim."

“Você tem Sophie e aquele cachorro enorme com você?”

"Não."

“Então qual é o motivo?”

“Sou um grande covarde.”

Ela riu. Acontece que eu gostava de fazê-la rir tanto quanto eu sempre costumava fazer.

Abri a porta o resto do caminho e entrei. Fiquei na frente de seu balcão, mudando de um pé para o outro. Tentando sentir se eu ainda estava dormente ou não. Eu tinha essa coisa no meu estômago que parecia um pequeno zumbido de eletricidade. Então provavelmente não.

"Eu tenho que ser honesta", disse ela. “Achei que você tinha ido embora para sempre. Eu nunca pensei que veria você ou ouviria falar de você novamente.”

Eu balancei a cabeça. Um pouco demais, na verdade. “Estava assim por um tempo.”

"O que mudou?"

"Eu. Eu acho."

"Dã", disse ela.

Eu fui atingido com força com o quanto eu senti falta dela, mesmo sem saber.

“Quero dizer, o que mudou em *você* ?” ela adicionou.

"Hum. Nós vamos. Eu vi um amigo meu ser um grande covarde. E eu pensei que ele não deveria estar. E então percebi que também era mais do que

estava admitindo. E eu não queria ser mais. E também, eu meio que senti que te devia um grande pedido de desculpas.”

"Quer saber como você pode me compensar totalmente?"

"Sim."

“Você pode se sentar. Essa coisa que você está fazendo está me deixando nervoso. Você parece um cavalo de corrida remexendo no portão de largada.

Fator em nossa história e isso me faz pensar que você está prestes a sair daqui.”

"Desculpe." Sentei-me em sua grande cadeira estofada. Coloque a mochila no tapete. Tirei meus sapatos e cruzei meus pés de meia. "Melhor?"

"Muito. Assim. Eu estava me perguntando se você ainda estava na cidade.

"Eu não sou. Fomos expulsos da casa da minha tia no mesmo dia. Naquele último dia em que te vi. Saímos da cidade naquele dia."

"Oh. Nós vamos. Isso explica muito."

"Na verdade, não. Eu ainda poderia ter ligado para você."

Ela riu alto, mas eu não tinha ideia do porquê.

"Isso é tão clássico Angie. Estou tentando deixá-lo ir fácil, mas você tem que se entregar. Eu não acho que você me deva desculpas. Acho que foi tudo eu. Acho que poderia ter lidado melhor com as coisas. Eu deveria ter lhe contado quem era Cathy logo no começo. Eu deveria ter dito logo de cara que ela era minha namorada. Sem surpresas, sabe? Ei. Está com fome? Estou pensando em pizza."

Parte de mim não queria ficar. Ou, pelo menos, comprometa-se a ficar. Mas eu não tinha comido o dia todo e estava com muita fome.

"Eu poderia comer uma pizza."

Ela pegou o telefone e fez o pedido. E eu tive a chance de observá-la enquanto ela não estava me observando observá-la. Foi uma experiência estranha, porque fiquei impressionado com o quão grande e forte a negação pode ser. Eu não conseguia entender como eu olhava para ela e não sabia completamente o quanto eu queria me aproximar dela, e por quê. Esse é um grande segredo para guardar, especialmente de você mesmo.

Quando ela desligou o telefone, ela disse: "Então..."

E eu disse: "Então… Cathy ainda é sua namorada?"

O que, no minuto em que saiu da minha boca, eu sabia que era uma pergunta estúpida. Porque que diferença fazia? Se Cathy não estava, outra pessoa estava. Ou seria. Porque Nellie ainda estava na casa dos trinta, e eu ainda estava na adolescência. Era uma parede de tijolos que eu sabia muito bem que nunca iríamos contornar. Então nem sei porque perguntei.

"Sim e não", disse ela. "Mais como minha esposa agora."



“Ah. Bem, isso é bom. Se você está feliz.”

Era. Foi bom. E doeu ouvir isso. Ambos ao mesmo tempo. Eu só contei a ela metade, mas tive a sensação engraçada de que ela conhecia as duas metades do mesmo jeito.

00

“Uau,” eu disse. “Isso é ainda melhor do que a pizza que costumávamos comer.”

“Sim, aquele lugar velho faliu. Eu acho que isso é melhor, também. Mais caro, mas melhor.”

“Então, você se lembra da primeira pergunta que você me fez?”

“Um. Deixe-me pensar. Perguntei se você estava sendo espancado em casa.

“Não, esse foi o segundo. Ou o terceiro.”

"Desisto. O que foi isso?"

“Você me perguntou se eu iria para o Tibete quando crescesse.”

“E você disse não. O que me surpreendeu.”

“Posso refazer isso?”

"Absolutamente."

“Acho que vou para o Tibete.”

"Uau. Você fez progressos. E sua mãe e Sophie?

Estiquei minhas pernas na minha frente e olhei para minhas meias por um segundo, e pensei em minha mãe, em casa, muito chateada comigo. Eu esperava que ela não estivesse tendo um dia ruim com Sophie, que estava mais parecida com Sophie ultimamente.

“Acho que talvez Sophie não viva em casa para sempre. Quer dizer, eu não vou

viver em casa para sempre, então por que ela deveria? Acho que vou sair e arranjar um emprego e uma vida e fazer uma viagem ao Tibete. E acho que Sophie vai crescer e viver em um lugar diferente. Como talvez em uma casa de grupo com outras pessoas que têm problemas como os dela. E onde eles podem ensiná-la a fazer as coisas sozinha. Por mais que ela possa aprender."

"Essa é uma decisão bastante sensata. O que sua mãe pensa sobre isso?"

"Ela queria encontrar um lugar para ela há muito tempo. Na época em que fomos expulsos da casa da tia Vi. Ela ficou totalmente sobrecarregada e só queria desistir. Fui eu que não nos deixou desistir. Eu sinto que se vamos fazer uma coisa assim, deve ser porque o momento é certo. E porque é realmente melhor para todos nós. Não apenas porque chegamos ao fim da nossa corda. Você sabe? Mas as coisas não estão tão boas com Sophie como estavam antes de Rigby morrer, então...



"Rigby?"

"O cachorro."

"Direito. O cachorro."

"Então, isso supondo que podemos esperar tanto tempo. Vamos ter que ver."

Ela balançou a cabeça algumas vezes. Eu não tinha certeza do porquê.

"O que?" Eu perguntei.

"Eu simplesmente esqueci. Eu esqueci como você é, tipo, vinte anos mais velho do que você.

"Me desculpe, eu saí correndo daqui e nunca mais falei com você. O

estranho é que eu não posso nem dizer exatamente por quê. Quer dizer, eu sei como me senti e tudo, mas eu realmente não sei por que precisava se sentir *tão* mal. Às vezes, acho que a maneira como lidei com o que aconteceu não correspondeu exatamente ao que aconteceu."

Comemos em silêncio por um minuto ou dois. Fiquei feliz com o silêncio,

porque estava começando a me sentir arranhado por dentro. Lembrei-me do que Paul disse sobre se abrir para mim e depois sentir que seus nervos estavam sendo lixados. E ter que se retirar só para descansar um pouco.

Eu estava começando a precisar de algum descanso.

"Experimente isso para ver o tamanho", disse ela. “Você ouviu duas pessoas contando seu segredo, em voz alta, e era um segredo que você ainda não tinha contado a si mesmo na privacidade de sua própria cabeça.”

"Uau. Eu acho que você realmente entendeu.”

“Estive lá, fiz isso. Então, onde você está morando agora?”

Como se ela soubesse que eu precisava falar sobre algo mais fácil do que tudo isso.

Respirei fundo, engoli outro pedaço de pizza e contei a ela tudo sobre viver nas montanhas. O que demorou um pouco. Porque, acredite, quando você finalmente for morar nas montanhas, há muito o que contar.

00

Assim que eu estava saindo, ela disse: “Você não voltou só para isso, não é?”

"Não. Eu tenho que falar com outra pessoa.”

Isso me fez sentir cansado. Eu mal tinha começado.

Ela me entregou um de seus cartões de visita.

“Você não precisa ligar ou escrever o tempo todo”, disse ela. “Mas de vez em quando, seria bom saber onde você está. E como você é.”

"É o seguinte. Faça um acordo. Vou enviar-lhe uma carta do Tibete. Quero dizer, vou tentar dizer olá antes disso, mas aconteça o que acontecer,



ç

q

prometo que vou lhe enviar uma carta do Tibete.

Acertamos nesse acordo.

Saí na calçada e soltei um grande suspiro. Como a primeira boa expiração em muito tempo. E eu pensei, Oh, meu Deus. Eu fiz isso. Acabou. Eu tenho isso atrás de mim.

Então me lembrei, de novo, que não era nem a principal coisa que eu vim fazer aqui. Nem foi o difícil. Porque a coisa com Nellie, se eu tivesse feito tudo errado, provavelmente ninguém teria se machucado, exceto eu. É

sempre mais fácil correr um risco quando são suas próprias coisas que você está arriscando. Nada é mais difícil do que arriscar algo que pertence a outra pessoa.

00

Olhei para a casa de tia Vi, e então olhei para a casa de Rachel. E depois de volta à casa da tia Vi. Eu tentei decidir.

Teria sido muito mais fácil sentar com tia Vi por um tempo. Descanse meus nervos lixados. Mas estava pesando sobre mim, essa coisa que eu tinha que fazer, e eu sabia que não ficaria nem um pouco bem até que eu terminasse.

Eu marchei pela passarela até a porta de Rachel, levantei minha mão para bater e congelei. Esse choque de pânico apertou meu estômago. Achei que poderia estar prestes a ficar doente. Eu pensei, não faça isso. Isso pode estar incrivelmente errado. Você está quebrando uma enorme confiança. Você está arriscando sua amizade com Paul, aquele apartamento que sua família precisa. A felicidade de duas outras pessoas. Bem, cinco. Se você contar Sophie, minha mãe e eu.

Eu pensei: Como eu me convenci de que tinha o direito de fazer isso?

Virei-me e dei dois passos para trás da porta e sentei na beirada da varanda com o rosto nas mãos. Trazendo de volta todos os meses de pensamento que eu coloquei nisso.

Era um pensamento razoável. Eu estava lá por uma razão.

Não é como se eu não soubesse que seria arriscado. Eu apenas continuei voltando ao fato de que eu tinha que fazer isso de qualquer maneira. Mais e mais, eu continuei acabando lá.

Ok, pensei. Eu tenho que fazer isso de qualquer maneira. Mas naquele momento, eu não me levantei.

Antes que eu pudesse, ouvi a voz de Rachel dizendo: "Angie?"

Eu pulei e me virei, e nós olhamos diretamente nos rostos um do outro.

“Angie, o que você está fazendo aqui? Aconteceu alguma coisa com...

"Não! Não é uma emergência. Nada como isso."

“Você é a última pessoa que eu esperava ver.”

"Eu sei. Estou apenas surpreendendo as pessoas em todo o lugar hoje.

Incluindo me a mim." Acrescentei essa última parte baixinho. Mas acho que ela ouviu.

"Você está aqui para ver sua tia?"

"Não. Estou aqui para falar com você.”

"Oh."

Eu podia ver seu registro de surpresa. Acho que ela foi educada demais para dizer: "Por quê?" Então, por um momento, ela não disse nada.

Então ela disse: “Bem, de certa forma, isso é bom, porque sua tia não está em casa. Ela está fora da cidade.

"Fora da cidade?" Acho que meu tom deixou claro que achei isso incrível.

Eu andei os dois passos de volta para a porta dela, porque eu tinha outra coisa para focar agora. Algo mais seguro.

“Sim, ela está em lua de mel.”

Senti minhas sobrancelhas subirem. Eu não disse nada, porque as palavras só teriam se emaranhado.

— Você não sabia que ela se casou novamente?

"Não. Eu não. Estou meio surpreso, mas acho que não sei bem por quê, pensando bem. Ela perdeu Charlie há um bom tempo agora. Acho que todo mundo tem o direito de ser feliz."

"Você deveria entrar."

Mas eu congelei lá por um momento mais. Tive uma súbita imagem terrível de que entraria na sala de estar dela e haveria um homem lá. Foi possível.

Tia Vi encontrou alguém. Com certeza não teria sido difícil para Rachel.

"Olha," eu disse. "Não é que eu não entenda que isso seja estranho. E meio rude. Você não sabia que eu estava vindo, e eu odiaria se alguém aparecesse em mim sem ligar assim. Se este é um momento ruim, eu vou embora. Vou voltar mais tarde. Ou até de manhã. Sempre que você diz."

Só que, percebi, esse plano dependia de poder ficar na casa da tia Vi.

"Não é um momento ruim. Eu estava lendo e vi você pela janela.

Eu a segui até sua sala de estar e olhei ao redor. Parecia completamente diferente. Mais feminina agora, com cortinas floridas. E cores. E não estava desordenada, exatamente, mas estava bem cheia de coisas em comparação com a casa de Paul. Então, novamente, quase todos os lugares estavam cheios de coisas em comparação com o de Paul.

"Sente-se", disse ela. "Posso pegar algo para você beber? Leite, água, chá gelado?

"Chá gelado seria bom. Obrigada. Se realmente não for problema."

"Não é realmente nenhum problema. Está com fome?"

"Não. Obrigada. Acabei de comer pizza com meu amigo na livraria. Mas foi muito gentil da sua parte perguntar."

Ela desapareceu na cozinha, e eu me mexi no sofá e tentei aceitar o fato de que eu estava nele agora, gostando ou não. Eu tinha passado do ponto sem retorno.

Quando ela voltou, ela ficou em cima de mim e me entregou um copo de chá gelado e um porta-copos.

“Nélia?” ela perguntou.

Isso me jogou completamente. Eu não tinha ideia de onde tinha vindo, ou por que ela disse isso, ou como ela sabia. Juro, pensei que ela estava olhando através do meu crânio e lendo o que estava escrito dentro.

"Por que você acabou de dizer esse nome para mim?"

“Eu me perguntei se aquele era seu amigo da livraria. Aquele com quem você comeu pizza.

"Oh. sim. Você conhece ela?"

“Vou sempre àquela livraria. Geralmente toda semana.”

“Ah.”

Eu corri um pouco na minha cabeça, e fez um grau de sentido. Ficava a menos de um quilômetro de sua casa. Mas parecia estranho. Como se o universo estivesse se alinhando de uma maneira nova, e todos com quem eu estava conectado estavam se conectando com todos os outros, sem nenhuma razão terrena para que fosse assim.

Ela se sentou na minha frente, em uma poltrona antiquada, e eu tentei fazer minha cabeça parar de girar. Eu senti que queria segurá-lo fisicamente.

Como se pudesse cair ou voar para longe.

"Eu sei que isso deve ser sobre Paul", disse ela. “Porque essa é a única coisa que nos une.”

"Sim. Isto é."

"Ele está bem?"

“Ele está exatamente o mesmo de quando você o viu pela última vez.”

— Mas você não acha que está tudo bem?

“Paul está apaixonado por você,” eu disse. E então eu continuei falando.

Para entorpecer o eco dessa enorme informação. “E ele não consegue dizer a você. Então não. Eu não acho que ele *está* bem. Veja. Ele não sabe que estou aqui. Ele ficaria horrorizado se soubesse. Estou meio que colocando minha vida em minhas mãos fazendo isso. Mas acho que ele nunca o fará. Diga-lhe, quero dizer. E eu simplesmente não consigo entender a ideia de que uma coisa dessas pode ficar sem ser dita para sempre. Aqui está ele, sozinho. Ele

nem tem mais Rigby. E não estou dizendo que vocês dois deveriam ficar juntos, porque o que eu sei? Só vocês dois sabem disso. Mas essa é a coisa.

Vocês *dois* . É uma coisa que duas pessoas têm que decidir. Mas como duas pessoas podem tomar uma boa decisão quando apenas uma delas sabe o que está acontecendo?”

Eu parei. Respirado. Deu uma olhada nela. Ela tinha uma xícara de chá em um pires na mão e estava passando a ponta do dedo indicador para frente e para trás na alça. Olhando onde ela estava tocando. Eu não conseguia ler nada em seu rosto. Ela apenas parecia perdida em seus próprios pensamentos.

Depois do que pareceu um ano, mas provavelmente dez ou vinte segundos, ela disse: "Você tem certeza de que o que está dizendo está certo?"

"Positivo. Nós conversamos sobre isso.”

“Isso não soa como Paul.”

"Eu sei. Eu pensei isso também. Mas nós realmente fazemos. Acho que ele finalmente teve que falar com alguém. Ele realmente conseguiu manter isso em segredo de você todos esses anos? Eu não posso imaginar isso. Eu acho que teria saído de um milhão de pequenas maneiras.”

Ela suspirou. Ela não ergueu os olhos da xícara.

“Não totalmente secreto. Eu sabia quando o conheci como ele se sentia. Mas

tantos anos se passaram… Honestamente? Eu não sei. Eu pensei que ele ainda me amava ou não gostava mais de mim. Porque ele sempre teve essas maneiras de nos manter um pouco distantes um do outro. Depois que Dan morreu, fiquei esperando que ele dissesse alguma coisa. Mas isso foi há dois anos. Então decidi há muito tempo que estava errado."

"Você não estava errado."

"Bem, por que ele não disse? Você diz que fala com ele. Ele te disse por quê?"

"Ele me disse um motivo. Não tenho certeza se é o verdadeiro. Ele disse que seria como jogar com a boa amizade que vocês dois têm. Ele disse que tem metade do que quer. Mas se ele lhe dissesse como se sentia, e você não sentisse o mesmo, seria tão estranho e horrível para ele, e então você poderia se sentir culpada por machucá-lo. E ele temia perder sua amizade.

Desmaiei por um minuto. Mas eu sabia que não tinha acabado. Rachel parecia saber disso também. Então eu continuei.

"Eu preciso explicar por que estou fazendo isso," eu disse. "Eu não sou o tipo de pessoa que faz coisas assim. Não quero ser uma pessoa que se intromete. Mas eu estive pensando nisso por seis meses. E eu pensei... talvez isso seja algo *que ele* não possa fazer, mas *eu* posso. Porque se eu te contar

como ele se sente, e você não sentir o mesmo, nada tem que mudar. Você pode fingir que isso nunca aconteceu. Ele não vai se machucar, porque ele não vai saber. É uma grande aposta, mas fez sentido na minha cabeça. E eu não estou pedindo para você dizer que está certo. Mas… faz sentido na sua cabeça também? Você entende por que eu decidi vir aqui?"

Ela ergueu os olhos de sua xícara, mas não para mim. Fora da janela. Aquela linha reta de seu nariz comprido fazia seu rosto ser diferente de todos os outros, mas de um jeito bom. Achei bom, de qualquer forma.

"Acho que você se importa muito com Paul e quer o melhor para ele", disse ela.

"Você acha que esse foi realmente o motivo? O que ele me disse? Às vezes acho que ele está com muito medo, mas ele não queria admitir isso."

"Acho que pode haver mais de uma razão."

"Oh. Direito."

Então me perguntei por que não tinha pensado nisso.

"Mas eu ainda não estou..." ela começou. Ela soou como eu de repente.

Como se ela não conseguisse que um pensamento saísse inteiro. “Eu só... eu não quero parecer que não confio em você, Angie, e no que você está dizendo. Mas não consigo imaginar Paul lhe contando essa coisa enorme.”

“Ele não fez. Exatamente. Foi uma coisa que eu vi por mim mesmo.”

“Como você viu se eu não consegui?”

“Porque eu sabia o que estava acontecendo quando você não estava por perto, e você não sabia. Ele tinha essa foto sua na estante. A única foto de uma pessoa em toda a casa. Que eu já vi, de qualquer maneira. E quando você veio ajudá-lo a fazer as malas, ele a derrubou.

Eu assisti as rodas girarem atrás de seus olhos por um minuto.

"E é por isso que você pensou que já tinha me conhecido", disse ela.

"Direito. E ele estava me dando esse olhar como, 'Não.' Então eu não disse nada. Mas depois, quando ele estava no novo lugar, foi a primeira coisa que ele descompactou. Aquela foto. E ele me viu notar isso. E ele disse algo sobre como esse era o problema de ter pessoas por perto. Você sabe. Na vida dele. Eles percebem as coisas e começam a saber coisas sobre ele.

Então eu disse a ele algo sobre mim, para fazê-lo se sentir melhor. E foi assim que começamos a falar sobre coisas assim em voz alta.”

Eu a observei colocar sua xícara de chá na mesinha. Então ela deixou cair a cabeça em suas mãos.

Esperei pelo que pareceu muito tempo.

Então eu perguntei: “Você está bem?”

"Sim e não. É só que... *isso* soa como Paul. O que você acabou de dizer. E

agora eu acho que o que você está dizendo está certo.”

Engoli algumas vezes e decidi que isso não estava indo bem. Isso fez meu estômago pesar cem quilos.

“É realmente tão terrível?”

Ela não respondeu por um longo tempo. Tanto tempo que, enquanto eu observava o sol entrar pela janela da frente em uma inclinação, iluminando pequenas partículas de poeira, fiquei esperando ver a inclinação da luz mudar. Eu não acho que isso realmente aconteceu, no entanto. Acho que o tempo acabou.

“Desculpe por ter chateado você,” eu disse. Acho que minha voz assustou a nós dois. “Eu sabia que havia uma chance de que isso fosse a coisa errada a fazer. Mas eu pensei que havia uma chance maior de estar certo. E bom. E

não havia como saber enquanto eu estava sentado em casa. É como o que Paul me ensinou sobre pesca. Ele disse que às vezes os peixes estão mordendo, às vezes não. Eu disse: 'Como você sabe?' Ele disse: 'Você joga um anzol com isca na água e vê se eles o mordem.' Ele disse que se houvesse uma maneira de saber antes de você sair de casa, ele engarrafaria e venderia para pescadores de todo o mundo.

Ela sorriu só um pouquinho. Achei que talvez fosse um bom sinal. Mas se assim for, foi um pequeno bom sinal.

Esperei novamente que ela falasse. Eu estava começando a pensar que ela tinha esquecido como.

Depois de uma longa espera, ela disse: “Todos esses anos ele não se estabeleceu com mais ninguém. Acho que queria acreditar que não era minha culpa.”

“Não *foi* sua culpa. Não foi culpa de ninguém.”

"Pode ser. Mas não é assim que se sente.”

"Eu sinto Muito. Acho que talvez isso estivesse errado.”

"Eu não sei. Talvez não. A verdade era a verdade mesmo antes de você me

contar. E de qualquer forma, acho que parte de mim já sabia.”

“Espero que você não diga a ele que eu estive aqui. Eu realmente não posso impedi-lo, eu acho. Mas eu realmente acho que seria bom para ele não ter que saber.”

"Eu não vou dizer a ele", disse ela. “Para que ele não fique envergonhado. E

assim ele não perderá sua amizade. O que eu acho que foi uma coisa boa para ele.”

"Eu devo ir. Preciso pegar o último ônibus. Achei que poderia ficar com a tia Vi, mas se ela for embora... O último ônibus sai às seis.



Ela olhou para o seu relógio.

"Vou arrumar meu quarto de hóspedes para você", disse ela.

"Que horas são?"

“Vinte e cinco minutos depois das cinco. Mesmo se eu te levar, é hora do rush. Você nunca vai conseguir.”

“Sinto muito pelo inconveniente.”

“Não é nenhum inconveniente. Exceto... onde estão sua mãe e sua irmã?

"Casa."

“Você veio aqui sozinho?”

"Sim, senhora."

“Você não precisa me chamar de senhora. Raquel está bem.”

"Desculpe. Isso é um mau hábito meu. Eu chamo todos os tipos de pessoas de senhora, quer elas queiram ou não. Acho que me inclino demais para ser educado.”

“Você comprou sua própria passagem de ônibus e andou até aqui sozinho.”

"Sim... Rachel."

"Como você chegou aqui do centro?"

“Mais ônibus. E alguns caminhando.”

“Por que você não me ligou no telefone?”

"Nós vamos. Não queria roubar seu número de telefone de Paul. E eu não queria dizer a ele que estava prestes a falar com você. E eu não sabia seu sobrenome…”

Ela me deu um olhar estranho. Quase meio divertido.

“Você não sabe meu sobrenome?”

"Não. Como eu faria?”

“Você sabe o sobrenome de Paul?”

"Certo. É Inverness.

“E o meu também.”

Então me atingiu. E eu me bati. Literalmente. Bati na minha testa com a palma da minha mão.

“Eu não posso acreditar em mim mesmo. Essa é a coisa mais idiota que eu já fiz. Mas, honestamente... mesmo se eu tivesse seu número de telefone... eu não acho que teria dito uma coisa dessas pelo telefone. Como eu poderia? Eu precisava pegar um ônibus e voltar até aqui e sentar na sua frente e dizer na sua cara.”

"Tudo bem", disse ela. “Então eu diria que arrumar o quarto de hóspedes é um problema muito pequeno comparado a isso.”

00

Ela serviu o jantar tarde. Quase oito horas. O que estava bem para mim, porque eu tinha comido pizza bem no final da tarde. Ela fez espaguete com molho de carne, e ficou bom. Ela era uma boa cozinheira.

Nós conversamos principalmente sobre Rigby.

“Eu sinto tanta falta daquele cachorro,” eu disse. “Não conte a ninguém que eu disse isso. Porque eu sei que soaria estranho. Mas às vezes acho que sinto mais falta dela do que Paul.”

“Você não. Ninguém sente mais falta dela do que Paul.”

“Isso faz sentido na minha cabeça. Mas parece que sim.”

“O interior de você sente falta dela mais do que o exterior de Paul deixa transparecer.”

"Oh. Isso faz sentido, sim. Ela era uma grande amiga minha, no entanto. Eu realmente não tenho muitos amigos. Paul e eu temos isso em comum.”

“Você e Paul têm muitas coisas em comum.”

"Mesmo? O quê mais?"

“Vocês dois são muito inteligentes. E muito cauteloso com seus pensamentos e sentimentos. E você gosta de manter sua dor no interior, onde ninguém pode alcançá-la além de você. E você tem altos padrões, para si mesmo e para todos os outros. Paul realmente só tinha um amigo, antes de você, o cachorro dele. Imagine como teria sido difícil para ele se você não estivesse lá.

“Ele tem você.”

Isso caiu bastante. Parou a conversa em seu caminho. Era óbvio que ela não ia dizer nada. Então eu fiz.

“Acho que você não sente o mesmo que ele. Se tivesse, acho que já teria dito isso. Ou foi um pouco mais feliz. Ou alguma coisa."

Uma pausa, durante a qual eu tinha certeza de que a pausa estava provando que eu estava certo.

“Não é tão simples quanto você faz parecer, Angie. Eu não sei como me sinto. Por cinquenta e um anos, senti amizade por ele. Eu não sei o que vai acontecer se eu tentar vê-lo sob uma luz diferente. Pode demorar um pouco para descobrir

isso.”

"Eu sinto Muito. A sério. Peço desculpas. Não é da minha conta. O que eu acho que é uma coisa estranha de se dizer agora, quando acabei de fazer disso meu negócio. Mas não é. Eu vim aqui para que você saiba, não para que eu saiba como isso pode acabar. Vou voltar para aquele lugar agora, onde não é da minha conta. E eu não vou perguntar sobre isso de novo, ou trazer isso de qualquer maneira. Eu prometo."

Eu esperava que ela dissesse algo sobre isso, mas ela nunca o fez.





Nós comemos sem falar por um longo tempo.

"Eu vou levá-lo ao seu ônibus pela manhã", disse ela.

“Essa é uma oferta muito legal. Obrigada. Mas é muito cedo. Eu odeio fazer você acordar tão cedo.”

“Levanto-me todas as manhãs às quatro horas.”

"Mesmo? Por quê? Oh, me desculpe. Isso saiu errado. Você pode levantar a hora que quiser. Não é da minha conta."

“Está muito quieto a essa hora. E é o meu momento favorito para meditar.

Mas eu termino às quatro e meia. Então, por que não me deixa levar você?”

"Obrigada. Isso seria muito legal."

00

Havia um relógio no quarto de hóspedes, ao lado da minha cama, e fazia tique-taque. No começo, pensei que nunca conseguiria dormir com todo aquele tique-taque. Então acordei de repente, e faltavam dez minutos para as onze. E eu pensei que podia ouvir Rachel falando.

Saí da cama e fiz meu caminho no escuro até a parede entre nossos quartos.

Coloque meu ouvido no gesso. Mas eu ainda não conseguia distinguir as palavras. Só soou meio zumbido.

Primeiro pensei: ela está ligando para minha mãe para me delatar. Mas ela não faria isso tão tarde da noite. Claro, eu esperava que ela não fizesse isso.

Então pensei: Ela ligou para Paul.

Ou ela está tendo um sonho.

Ou ela fala sozinha.

Parte de mim queria descobrir. Talvez sair no corredor, mais perto do quarto dela. Ouça na porta.

Eu não.

Voltei para a cama. Repetidamente, eu disse a mim mesmo: “Não é da minha conta. Não é da minha conta. Não é da minha conta.”

Eu sabia que provavelmente nunca descobriria. Mas eu realmente esperava que ela estivesse falando com Paul.

Eventualmente, voltei a dormir, mas nunca por muito tempo. Acho que não dormi mais do que quarenta e cinco minutos seguidos.

00

“Você não tem que estacionar e entrar,” eu disse. “Eu vou pular aqui fora.

Você já fez o suficiente. Acredite em mim."

Ela parou em uma zona de carregamento e mudou para Park. Deixe o motor em marcha lenta.

“Você tem sua passagem de volta?”

"Eu faço. Sim."

"E dinheiro suficiente para comprar algo para comer?"

“Tive um troco na passagem de ônibus. Sim."

— Acho que você estava certo em vir.

Olhei para o rosto dela, mas ela não olhou para trás. Ela estava olhando para as mãos no volante. Ela tinha mãos bonitas. Não como alguém que era mais velho.

"Eu fui?"

"Eu penso que sim. Sinto que algo ficou preso por muito tempo e você o soltou. Não tenho ideia de para onde vai a partir daqui, mas acho que qualquer coisa é melhor do que ficar preso por cinquenta anos.”

Respirei fundo, como se estivesse esperando por mim há muito tempo. Eu não tinha nem idéia do que dizer. Acho que ela também não.

"Vou visitar em breve", disse ela.

"Boa. Isso seria bom. Obrigado."

Eu pulei para fora.

E comecei o trabalho longo e um pouco assustador de voltar para casa.



00002.jpeg

3. Desbloqueado

Quando voltei da rodoviária para casa, eram quase cinco da tarde. Abri a porta com minha chave. Sophie estava dormindo — ou, pelo menos, parecendo adormecida — no meio do tapete. Minha mãe estava sentada à mesa da cozinha de costas para mim.

“Estou em casa,” eu disse, meio cantante. Como Ricky Ricardo dizendo a Lucy que voltou do clube.

Nenhuma coisa. Não um movimento. Nenhuma palavra.

Eu tenho que admitir que realmente me congelou. Eu sabia que ela ficaria brava, mas achei que ela ficaria brava, gritando comigo brava. Eu não esperava o grande nada.

Então eu vi o que ela tinha na frente dela sobre a mesa. Mas eu esperava estar errado. Porque eu ainda estava pendurado na porta, não querendo me aproximar dela.

Eu me aproximei. E era exatamente o que eu esperava que não fosse. A carteira, o relógio e a aliança de casamento do meu pai estavam sobre a mesa na frente da minha mãe mortalmente silenciosa.

“Você entrou no meu baú trancado? Essa é, tipo, a única privacidade que eu tenho.”

“Eu não acho que esse seja o nosso maior problema aqui, garoto.”

“Eu tinha a chave comigo. Como é que entraste? Você quebrou a fechadura?”

Eu a ouvi dizer algo, mas não fiquei por perto para entender o que era. Corri para o outro lado do apartamento. Ao redor do divisor de quarto. O baú de metal estava na minha cama, com a tampa aberta. Sophie poderia estar destruindo meu livro do Himalaia se ela tivesse pensado nisso. Fiz um inventário rápido, para ter certeza de que tudo ainda estava lá. Tudo o que não estava na mesa na frente da

minha mãe, isso é.

Tudo parecia estar lá. Mas então pensei no bilhete de Nellie. E então eu não conseguia respirar, até que me lembrei que tinha levado comigo. Pelo menos, eu pensei que tinha. Eu vasculhei bolsos com zíper após bolso com zíper da minha mochila, e quando eu envolvi minha mão ao redor dela, foi quando eu me deixei respirar novamente.

Fechei a tampa do baú e dei uma boa olhada na fechadura. Ela o tinha quebrado.

Enfiei minha cabeça em torno do divisor novamente.

"Bom", eu disse. “Agora eu não tenho um lugar em toda esta casa onde eu possa manter qualquer coisa segura.”

"Eu não vou deixar você me fazer o cara mau aqui", disse ela. Ainda mortalmente calmo. “Quero saber onde você estava.”

Larguei minha mochila no tapete e enfiei o bilhete no bolso da calça jeans e caminhei até a mesa e me sentei. Atingiu-me duramente o quão cansado eu estava.

“Bem, eu não vou te contar. Porque eu não posso. Porque é a privacidade de outra pessoa envolvida. Tudo o que posso dizer é que tive a chance de fazer algo para ajudar alguém, e fiz.”

“ *Onde* , porém? Em que *local* ?”

"Eu fui de volta para casa."

“Lugar ruim para uma garota da sua idade.”

“Eu era uma menina muito mais nova que isso naquela cidade, por muito tempo, e sobrevivi para falar sobre isso. Por que você quebrou a fechadura do meu porta-malas? Como isso ia me trazer de volta?”

“Eu estava procurando pistas sobre onde você poderia ter ido. Achei que você tinha algum tipo de segredo. Achei que você ia fugir com algum garoto... ou... pessoa... e talvez eu pudesse encontrar você.

— Deixei um bilhete dizendo que voltaria hoje. Como isso está fugindo? E

não há... pessoa. Não estou com ninguém.”

Ela ergueu o queixo na direção dos objetos sobre a mesa.

“Por que isso estava no seu porta-malas?”

“Eu tenho uma pergunta melhor. Por que eles estão em nossa casa? Você me disse que eles foram roubados.

“Você está tentando distorcer as coisas de volta para mim novamente. Como eles entraram no seu porta-malas?”

Eu me sentei. Cruzei os braços sobre o peito. Agora eu estava ficando chateado. E agora a raiva estava me deixando mais gelada e calma também.

“Eu os coloquei lá.”

"Por que?"

“Então você eventualmente perceberia que eles estavam desaparecidos. E

então você saberia que eu sei que muito do que você me contou sobre papai era mentira. E então você teria que me dizer por que as coisas que você disse foram roubadas dele naquela noite, e o que realmente aconteceu. Eu não estava roubando essas coisas. Você os quer? Multar. Pegue eles. Sao seus. Mas conte-me a história que você deveria ter me contado o tempo todo.”

“Foi um assalto”. Mas sua calma gelada se transformou em uma coisa mais ansiosa e defensiva.

“Sem nada roubado.”

"Tentativa de roubo."

"Mãe. Tudo o que você precisa fazer é digitar o nome dele em um mecanismo de busca e ele traz as histórias do jornal.”

Eu esperava que ela dissesse alguma coisa. Talvez não muito de alguma coisa. Mas alguma coisa. "Oh." Ou “porcaria”. Ou alguma coisa.

Nenhuma coisa.

"Tem a ver com o jogo?"

"Sim."

— Então você deveria ter me contado isso.

“Você tinha seis anos.”

“Então, em vez disso, você me disse que ele estava apenas cuidando de seus próprios negócios. Como tudo que você tem que fazer para ser assassinado é simplesmente sair na rua. Você nem precisa fazer uma má escolha para trazê-lo.”

"Bem... você não."

“Mas o que vai assustar mais uma criança de seis anos? Prefiro pensar que ele fez algo para provocar isso. Algo que eu poderia evitar fazer. Em vez de me fazer pensar que o mundo não é apenas cruelmente violento, mas completamente aleatório.”

"É", disse ela.

Empurrei a cadeira para trás, e o guincho a fez pular. Eu fiquei de pé.

“Isso não está nos levando a lugar nenhum.”

Voltei para o meu pequeno quarto e peguei meu baú danificado. Eu estava a meio caminho da porta com ele quando ela tentou me parar com palavras.

“Você *não* sai por aquela porta.”

Meu primeiro desejo foi continuar, mas parei para desafiá-la.

"Ou…?"

“Deixe-me dizer como vai ser, garoto. De agora em diante, você não sai por aquela porta a menos que eu saiba para onde está indo. Ou você renuncia a todos os direitos que conquistou ao longo dos anos. Eu sou a mãe e você é a criança.”

"Mesmo? Começando quando?”

“Cuidado, garoto. Tenha cuidado. Você ainda está sob o meu teto.”

Coloquei o baú aos meus pés.

“Seu telhado? Como você imagina isso? Como você nos ganhou este telhado? Este não é o seu teto, este é o teto de Paul, e a única razão pela qual você vive sob ele é por minha causa. Consegui-nos este telhado. Agora deixe-me dizer -*lhe* como vai ser. Se você invadir minha privacidade novamente, vou sair de casa. Tenho idade suficiente para ser um menor

emancipado. Vou trabalhar e cuidar de mim mesma e viver em algum lugar onde algo que possuo seja meu e só meu.”

Então eu peguei o baú novamente e saí. Não foi uma saída muito graciosa, porque tive que encostar o porta-malas no corrimão do patamar para fechar a porta atrás de mim. Mas ela não disse uma palavra ou tentou me impedir.

Mas me ocorreu que ela poderia ter algumas palavras quando eu voltasse.

Eu puxei o baú pelas escadas de trás de Paul e bati.

“Angie?” ele chamou através da porta.

“Sim, Paul, sou eu.”

"Entre."

Encontrei-o na sala, jogando Paciência na mesa de centro.

“Ei,” eu disse.

“Onde você esteve? Sua mãe ficou um pouco chateada.”

— Ela não veio aqui, veio?

“Não, ela apenas ligou no telefone e perguntou se eu sabia onde você estava.

O que é marginalmente bom. O que é isso?"

"Oh. Isto. Isso é como o único pedaço de privacidade que tive por toda a minha vida. E minha mãe quebrou o cadeado enquanto eu estava fora. Eu queria saber

se você poderia corrigi-lo. Você disse uma vez há muito tempo que tinha uma loja de garagem. Você sabe. Com ferramentas, onde você poderia fazer coisas.”

“Vamos dar uma olhada nisso.”

Eu o coloquei no tapete, e ele acendeu o abajur na mesinha de canto e se inclinou e examinou o dano.

"Você pode concertar isso?"

“Em termos práticos, não. Quase tudo pode teoricamente ser corrigido. Mas às vezes requer peças. Vê esta pequena peça de metal aqui? Isso estalou quando ela o arrancou. Este é um baú antigo, e o mecanismo de trava é algo que foi feito especialmente para ele. Então eu acho que você precisa de um novo baú.”

“Gastei todo o meu dinheiro.”

"Até mesmo seu esconderijo secreto?"

"O que você acha que eu estava viajando nos últimos dois dias?"

“Ah. Nós vamos. Tem que ser um tronco? Ou só tem que segurar as coisas e travar? Tenho algumas grandes caixas de madeira na garagem. Um monte de tamanhos diferentes. Parte de um projeto que nunca consegui terminar.”

“Mas eles trancam?”

“Qualquer caixa de madeira pode trancar. Você só precisa ir a uma loja de ferragens e comprar um ferrolho. Eu poderia colocar isso para você. E então

você pode trancá-lo com um pequeno cadeado.”

“Isso pode ser bom.”

“Venha dar uma olhada no que eu tenho.”

Então descemos os degraus dos fundos juntos e subimos a ladeira até a garagem. Ele nos deixou entrar pela porta perto do depósito de lenha.

Acendeu a luz do teto.

"Eu tenho que limpar isso", disse ele. "Para que Rachel possa entrar com o carro dela."

"Ela está vindo para uma visita?"

"Ela é. Ela me ligou e sugeriu que visitássemos com mais frequência."

"Quando ela ligou?"

"Noite passada. Quando você se foi."

Engoli a grande coisa excitada-mas-nervosa e não disse nada.

Ele se dirigiu para o outro lado da garagem, o lado da loja, e eu o segui. Ele puxou uma folha velha de uma grande pilha de coisas que acabaram sendo pedaços de madeira de boa aparência, cavilhas de madeira... e grandes caixas de madeira.

"Algum desses parece grande o suficiente?"

"Esse seria ótimo."

Eu toquei. Corri minhas mãos ao redor das bordas. Era de madeira pesada, escura, bem acabada. Liso e arredondado nas bordas e cantos. Não era tão alto quanto meu velho baú, mas era tão largo e quase tão longo.

"Isso seria perfeito, se você realmente não se importa em se separar."

"Não está fazendo bem a ninguém aqui embaixo. Exceto talvez as aranhas.

"Eu irei até a loja de ferragens pela manhã. Acho que ainda tenho muita mudança."

Mas só porque Rachel me deu jantar e café da manhã e me deu uma carona até a rodoviária. Claro, eu não disse isso.

"Então," ele disse. "Total segredo de estado? Ou você está morrendo de vontade de contar a alguém onde você esteve? Desde que esse alguém não seja sua mãe?

Apontei para cima para lembrá-lo que ela estava do outro lado do teto da garagem. Eu não sabia se ela podia ouvir através do chão, mas eu não estava

com vontade de arriscar.

Ele tirou o pó da grande caixa de madeira com um canto do lençol e me entregou, e subimos as escadas.

Quando estávamos longe o suficiente do apartamento, eu disse: “Tinha a ver com a... situação que eu estava falando para você. Onde eu era um covarde

total. Essa situação meio que ficou na minha mente desde que conversamos sobre isso. Eu queria acertar.”

O que era a verdade. Só não era toda a verdade.

“Então, você a viu?” ele perguntou, enquanto subíamos as escadas dos fundos.

"Eu fiz."

“Foi assustador?”

"Inicialmente. Ficou um pouco mais fácil à medida que avançávamos.”

Ele abriu a porta dos fundos para mim.

“E a propósito,” eu disse, “acho que minha mãe sabe. Porque ela disse que achava que eu fugi com algum garoto, mas depois ela mudou de *garoto* para *pessoa* .”

Ele torceu o nariz. "ECA. Sim. Isso soa como uma palavra de mãe para 'eu estou com você'. Como você acha que ela descobriu?”

“Bem, ela está esperando sem fôlego que eu mostre algum interesse em meninos. Ela deve ter notado o quanto estou atrasada. Só não acho que seja tão difícil adivinhar. Você sabe?"

“Acho que nossas mães nos conhecem. Apenas coloque essa caixa aqui no quarto dos fundos, e podemos deixá-la aqui até você pegar o hardware. Se você quiser, você pode colocar suas coisas do baú nele, e eu vou guardá-lo com minha vida até que o tranquemos.

"Obrigado. Mas minha mãe está lidando com isso, de qualquer maneira.

Ele olhou para o meu rosto por um minuto. Eu não conseguia decidir o que ele estava pensando.

"Com fome?" ele perguntou.

"Morrendo de fome. Eu esperava que minha mãe perguntasse. Mas, em vez disso, acabamos de ter essa briga desagradável."

"Venha sentar na cozinha. Eu vou cozinhar. Eu estou com fome também."

Eu o segui. Observando-o. Rastrear algo nele que parecia um pouco...

diferente.

"Você parece feliz", eu disse quando me sentei à mesa.

"Eu? Que tal um camarão frio com molho de coquetel para um lanche?

Enquanto estou cozinhando?"

"Seria absolutamente incrível."

"Feito. Eu só tenho que descongelá-los em água corrente por alguns minutos."

Enquanto ele estava na pia fazendo isso, ele disse: "Feliz. Sim. Eu acho. Eu apenas senti que… não estou referenciando isso corretamente. Rachel ligou ontem à noite. Como eu disse. Parecia diferente. Eu não posso explicar isso.

Parecia que algo havia mudado. Ela realmente não disse nada diferente de antes. Mas sempre tem isso... não sei. Eu não quero dizer *parede* . É banal.

Mas sempre há algum tipo de estrutura que nos mantém um pouco distantes uns dos outros. E é como se ela tivesse passado por cima dele. Ou alguma coisa. Pode ser totalmente minha imaginação."

"Eu não acho que seja."

Ele olhou de volta para mim. Curioso. Mas apenas levemente, eu acho.

"Por que você diz isso?"

"Eu não sei. Apenas uma observação. Todos nós saímos por aí dizendo que não sabemos onde estamos com as outras pessoas, porque não sabemos o que elas estão pensando. Que é verdade. Mas podemos *sentir* onde estamos com eles. Mas então voltamos às nossas cabeças e começamos a adivinhar o que sentimos e ficamos todos confusos e emaranhados novamente."

"Foi exatamente o que eu fiz. Fiquei acordado a maior parte da noite decidindo que só pensava que era assim, porque eu queria que fosse."

"Mas você queria que fosse assim por cinquenta anos, e você nunca pensou que fosse até ontem à noite."

Ele enfiou a mão no armário e pegou um copo elegante... Eu não sabia como você o chamaria. Como um cruzamento entre uma tigela e um copo. Como algo que você usaria para servir sorvete ou um parfait. Se você fosse mais chique do que qualquer um na minha casa. Ele arrumou cerca de dez desses camarões grandes com suas caudas enganchadas na borda do copo e derramou molho de coquetel vermelho no meio.

"Eu gosto mais do seu jeito", disse ele, colocando o copo na minha frente.

"Então eu vou com o que você disse. Eu senti que algo era diferente porque era."

Peguei um camarão pelo rabo, mordi quase todo, mastiguei três ou quatro vezes e dei um suspiro muito satisfeito.

"Eu me sinto mal com uma coisa, no entanto", disse ele. "Não parece justo.

Mas se ela vai vir e visitar mais vezes, vou pedir a você e sua família para fugir mais vezes. Pode resultar em muito acampamento."

"Está bem. Algumas coisas são mais importantes que outras."

Eu também sabia que, se as coisas dessem certo entre os dois, estaríamos procurando um novo lugar para morar. Especialmente se eu estava certo de que Sophie estava começando a voltar ao seu antigo eu pré-Rigby novamente. Paul não iria querer todo aquele barulho enquanto tentava ter uma boa vida com Rachel, e eu não o culpo.

E também, eu sabia disso antes de descer e conversar com ela. Eu sabia, antes

mesmo de começar a tentar, que o sucesso total deles iria de mãos





dadas com o nosso despejo completo.

Mas algumas coisas são mais importantes que outras.

00

Quando voltei para o andar de cima, minha mãe e Sophie estavam na cama no sofá desdobrável. Pareciam estar dormindo.

Soltei um suspiro de alívio, mas cauteloso. Minha mãe não estava acima de me ensacar areia do nada. Já havia acontecido antes.

Mas eu fui para minha pequena área de cama, e coloquei meu pijama, e nada se moveu. Então eu percebi que ela realmente estava dormindo.

Demorou muito, porque minha cabeça estava um turbilhão de pensamentos, mas eventualmente consegui dormir um pouco.

00

Acordei com um sobressalto, sentindo algo tocando minha cabeça.

Eu soltei um pequeno barulho e me sentei.

Mas então ouvi minha mãe dizer: “Sou eu, querida. Sou só eu."

Eu me deitei novamente, e ela acariciou meu cabelo um pouco mais. Olhei para a forma dela ao luar e me perguntei como consegui ser seu mel novamente. Fazia muito tempo desde que eu tinha sido seu querido. E eu nunca estive mais longe disso do que ontem à noite, quando fomos para a cama.

Mas eu não tinha motivos para estragar um momento decente. Então eu mantive fechado.

Depois de um tempo, ela disse: “Andy sabe mais do que eu. Mas vou lhe dizer o

pouco que sei.”

Andy era primo do meu pai. Nós não o víamos desde que meu pai foi morto.

Pelo menos, eu não tinha. Nem uma vez. Este lugar no meu intestino tentou me dizer que eu deveria ficar tenso agora. Porque havia a verdade vindo.

Mas eu nunca fiz. Porque o que quer que estivesse por vir, simplesmente não poderia ser pior do que o que estava lá o tempo todo.

Exceto…

“Se ele morreu de uma maneira muito ruim, não me conte detalhes sobre isso. Eu não quero saber essa parte.”

— Achei que você tivesse dito que lia os artigos do jornal.

"Não. Eu não disse exatamente isso. Eu disse que eles vieram em uma busca.

Eu tinha um amigo que os lia para mim e me poupava das coisas difíceis.”

“Estou aliviado.”

“Tão ruim, hein?” Então, rápido, antes que ela pudesse responder, “Não importa. Eu não quero saber. Apenas me diga qualquer coisa que você saiba sobre o porquê.”

“Ele se meteu em um grande buraco com um agiota. Eu nem sei o tamanho, porque tentei não perguntar. Isso me assustou. E eu fiquei tão brava com ele.

Eu não conseguia descobrir por que ele simplesmente não parava. Ele me adorava e adorava você, e eu senti que deveríamos ser o suficiente para fazê-lo parar. Mas então conversei com um terapeuta depois que ele morreu, e acho que não é tão fácil.”

"Eu não sabia que você foi a um terapeuta."

“Fui para um e mandei você para um.”

“Não tenho memória disso.”

“Você só foi umas cinco vezes. Isso era tudo que eu podia pagar.”

“De qualquer forma, continue com o que você estava dizendo.”

Ela suspirou. Como se ela estivesse esperando que ela nunca precisasse.

“Acho que se ele estivesse aqui agora, eu seria mais compreensivo. Eu com certeza tentaria ser, de qualquer maneira. Mas eu *não estava* entendendo na época. Eu estava realmente ressentido. Eu não quero que você pense que ele não era um cara legal, seu pai. Ele era. Ele não era um canalha, ou um perdedor. Ele era um cara legal, mas era como uma doença com ele. De qualquer forma. Comecei a realmente não querer saber o quão profundo ele estava. Mas depois que aconteceu, conversei com Andy para tentar obter mais informações. E a polícia conversou com ele, é claro. Acho que seu pai disse ao Andy que tinha um plano para tentar conseguir o dinheiro. Porque se ele não o fizesse, eles iriam quebrar seus dois joelhos, e se isso não funcionasse, eu acho que eles teriam feito algum tipo de ameaça para nós.

Você sabe. A família dele. Então... eu não sei qual era o plano, exatamente.

Mas acho que tinha a ver com trair alguém com quem você não deveria mexer. E espero não ser pego. Andy disse que não tinha todos os detalhes, mas talvez ele simplesmente não quisesse que a polícia os tivesse.

“Mas ele queria que os assassinos fossem pegos, certo?”

“Sim, mas... eu tenho um pressentimento engraçado se soubéssemos a história toda, poderia não parecer tão bom para Andy também. Ele pode ter entrado em água quente também. De qualquer forma, eu nunca o pressionei tanto assim. Porque... qual seria o ponto? Não é como se eu precisasse saber o quão estúpido era o plano. Estúpido o suficiente para matá-lo. Isso é tudo que você realmente precisa saber sobre a qualidade do plano.”

Nós não conversamos por um minuto. Fiquei quieto, caso houvesse mais. Ela ainda estava acariciando meu cabelo. E foi bom. Nem tanto fisicamente.

Seria melhor que pudéssemos estar do mesmo lado por um minuto. Nem sempre se enfrentando como dois sparrings em um ringue.

“Eu gostaria de saber que o jogo o matou,” eu disse. "Então eu saberia evitar isso

eu mesmo."

“Você não é um jogador.”

Eu poderia ter argumentado. No começo, eu queria. Eu queria ficar um pouco bravo e dizer: “Viu? Você realmente não me conhece.” Mas eu estava tão cansado de nós estarmos bravos um com o outro. Demorou tanta energia.

Além do mais. Se ela não me conhecesse, isso era tanto culpa minha quanto dela.

“Se lidei mal”, disse ela, “peço desculpas. Foi uma época horrível para mim. Provavelmente foi um erro. Provavelmente tudo o que eu fiz naquela época foi ao contrário e errado. Mas eu estava fazendo o meu melhor com o que eu tinha na época. Espero que você possa entender isso. Espero que você possa aceitar minhas desculpas.”

“Eu aceito suas desculpas.”

“Vou comprar um baú novo para você.”

"Não, está tudo bem. Paul tem uma grande caixa de madeira que posso usar.

Eu só tenho que pegar um ferrolho e um cadeado, e ele vai colocar para mim.

É uma bela caixa.”

“Ah,” ela disse. "OK."

Eu poderia dizer que ela teria gostado mais se ela pudesse resolver o problema para mim. Ela provavelmente estava ficando cansada de Paul ser meu cara. Mas ela não disse mais nada sobre isso.

Ela parou de acariciar meu cabelo. Ficamos assim por um tempo, na pequena lasca de luar que entrava pela janela alta sobre minha cama. Eu estava pensando que nos sentíamos acabados. Mas ela não estava indo embora.

Então talvez não.

Então ela disse: “Você sabe que eu te amo não importa o que aconteça, certo?

Mesmo que você não seja nada como eu. E não importa o que você…

quero dizer, não importa quem você se torne. E como você…”

Esperei, mas ela parecia ter perdido o fôlego.

Para não discutir com ela, mais para ajudá-la a terminar o pensamento, eu disse: “Já podemos dizer em voz alta? 'Angie, eu te amo mesmo que você seja gay'?"

Uma pequena pausa estranha.

“Angie, eu te amo mesmo sendo gay.”

"Obrigado. Eu também te amo."

Ela me beijou na têmpora.



Então ela voltou para a cama.

00

O interior da minha cabeça parecia um pouco pesado quando me juntei a ela na mesa do café da manhã. Eu estava com uma dor de cabeça chata. Acho que estava perdendo muito sono.

Sophie estava sentada à mesa, sozinha em seu mundinho, uma salsicha balançando em uma de suas mãos.

Se nada mais, estávamos comendo melhor.

“Ovos mexidos e salsicha no fogão,” minha mãe disse. Artificialmente alegre.

“Ah,” eu disse.

Não sei por que me dei ao trabalho de me sentar.

"Quer que eu pegue eles para você?"

"Não. Eu vou me levantar.”

"Você parece cansado."

"Estou cansado. Não durmo direto a noite inteira há dias."

"Oh. Desculpe por isso. Ou, pelo menos... minha parte nisso. A parte da noite passada. Sente-se. Trarei seu café da manhã para variar. Café?"

"Por favor."

Observei Sophie por um minuto, depois brinquei com meu garfo para pegar outro.

"Só para lhe dar um aviso justo", eu disse, "acho que temos outra viagem de acampamento em breve."

Eu esperava uma explosão de objeções.

Em vez disso, recebi um pequeno "Uh-oh".

"Uh-oh, o quê?"

"A rainha está vindo com muito mais frequência, não é?"

" *A rainha* ? Por que, em nome de Deus, você a chamaria assim?

"Eu não sei. Acho que porque tudo para quando Sua Alteza se digna visitá-lo.

Eu estava mais do que um pouco atordoado.

"Você não gosta de Rachel ou algo assim? Porque eu gosto dela. Muito."

Um prato de ovos e salsicha apareceu na minha frente. Seguiu-se uma caneca de café. Eu dei uma colherada de açúcar enquanto esperava que ela respondesse.

Ela se sentou com um grunhido e então suspirou.

"Eu nem a conheço", disse ela.

"Direito. Isso é o que eu estava pensando. Então, de onde vem toda essa coisa de má atitude de repente?"

Ela suspirou novamente.

Coloquei leite no meu café e tomei um gole grande e longo. Caiu direitinho.

Tinha um gosto bom, e me senti bem, e se encaixava no que eu precisava.

Como uma droga leve. Nós vamos. Acho que foi isso.

“É só que... eu acho que ela está interessada nele,” ela disse. Todo chorão, como um adolescente deprimido por problemas de namoro.

“Seria ótimo se ela fosse.”

"Excelente? Como seria ótimo? Sophie está ficando mais agitada e barulhenta a cada dia, e toda vez que ela vem nos visitar, temos que sair.

Você está tentando me dizer que se ela se mudar, não vamos sair?

"Não. Provavelmente estaríamos.”

“Então, por que é ótimo?”

“Porque ele é solitário.”

“Eu não quero me mexer! Este lugar não paga aluguel!”

No momento em que ela chegou à palavra *livre* , as coisas ficaram um pouco estridentes. O suficiente para que, se eu esperasse mais, ficaria tentada a colocar a mão na orelha do lado da minha mãe.

Acho que não percebi que ela estava tão em pânico com isso.

Então me perguntei por *que* não estava. Sob as circunstancias.

“Ele esteve sozinho quase toda a sua vida. E agora ele nem tem mais seu cachorro. Ele tem quase sessenta e oito. Se isso não der certo para ele, quantas chances você acha que ele terá? Ele merece ser feliz, você sabe.”

"Bem, desculpe-me por estar mais preocupado conosco do que com ele."

Mas, honestamente, eu não tinha certeza se poderia desculpar isso nela.

Considerando tudo o que ele fez por nós.

“O objetivo era ficar aqui e economizar dinheiro”, eu disse. “Para que possamos pagar outro lugar. Nosso próprio lugar. Seria bom ter um quarto com uma porta que fechasse. Isso sempre deveria ser temporário. E você disse que estava economizando dinheiro—”

"Eu tenho."

“Você disse que poderia economizar mil por mês.”

"Nem tanto."

“Mas estamos economizando mil e quinhentos por mês em relação a onde estávamos antes.”

“A vida intervém, garoto.”

Não era a primeira vez que ela dizia isso. Eu também não tinha gostado das outras vezes.



“Quanto temos?”

“Um fio de cabelo abaixo de doze mil.”

“O que é, tipo, metade do que eu pensava. Mas pelo menos é o suficiente para um adiantamento em alguma coisa. Eu acho que."

“Você está esquecendo duas coisas, Angie. Um deles está sentado aqui na mesa com você, comendo linguiça. A outra é que não tenho crédito. O que eu já lhe disse antes. Toda vez que você fala em comprar em vez de alugar, eu te digo isso. E você sempre consegue esquecer convenientemente.”

“Eu não esqueci.”

"Você tem algum truque de mágica no bolso que eu não sei?"

"Pode ser."

"E isso seria...?"

“Isso seria um amigo que trabalhou por quarenta e cinco anos como agente de crédito em um banco.”

Ela enrugou o nariz e a testa. Tomou um gole de café. Sacudiu a cabeça.

“Não acho que seja uma proposta do tipo 'quem você conhece'. Mais de

'quanto você tem'”.

“Eu apenas pensei que ele poderia nos dar alguns conselhos sobre como conseguir um empréstimo.”

“Tenho certeza que ele vai. Ele dirá: 'Comece com um bom crédito'”.

Eu balancei minha cabeça e não disse nada. Eu tive aquela sensação de “isso não está nos levando a lugar nenhum” novamente. Percebi que eu tinha esse sentimento muito perto da minha mãe. Se tivesse sido um ou dois dias antes, eu poderia ter saltado e fugido da mesa em desgosto. Mas isso estava ficando velho.

Além do mais. Eu estava com fome.

00

Rachel apareceu quatro dias depois. E só ficou dois dias.

No dia em que ela foi embora de novo, minha mãe me deixou no apartamento a caminho do trabalho. Em parte porque a van da Special Ed ainda encontrava Sophie lá de manhã e a deixava lá à tarde. Em parte porque, se eu ficasse lá durante o dia, saberia quando Rachel tinha ido embora e se precisávamos acampar outra noite. E não importava se *eu* estivesse lá. Eles não podiam me ouvir lá em cima, e isso não mudou as coisas para eles.

Era Sofia. Sophie era o curinga.

Subi as escadas e tomei um banho, e depois me servi um pouco de cereal.

Antes mesmo de terminar de comer, ouvi o carro de Rachel sair da garagem.

Olhei pela janela, esperando que ambos estivessem indo a algum lugar.



Era apenas Raquel.

Sentei-me à mesa e tentei pensar se não haveria problema em perguntar a Paul como foi. Eu nunca consegui descobrir isso. Minha lógica continuou andando em círculos. Também me ocorreu que talvez ela estivesse apenas correndo para a loja ou algo assim e estivesse voltando.

O telefone tocou. Eu quase pulei para fora da minha pele.

Agarrei-o no segundo toque.

Era Paulo.

"Você está aí", disse ele. "Excelente."

“Você parece feliz.”

"Eu estou feliz. Por que eu não ficaria feliz?”

"Eu não sei. Foi uma visita tão curta.”

“Boa, no entanto. Venha pescar comigo.”

"OK. Há algo a dizer aqui? Quero dizer, você vai me dizer o que aconteceu?

Quero dizer, *se* algo acontecesse. Eu não estou dizendo que nada fez. Só isso... você parece muito feliz.

"Encontre-me na garagem", disse ele.

Eu fiz.

Arrumamos nosso equipamento e dirigimos até um daqueles lagos minúsculos e frios nas montanhas.

Mas enquanto estávamos fazendo tudo isso, ele nunca me contou o que aconteceu.

00

Estávamos em um lago até a cintura – bem, minha cintura – e já estávamos há algum tempo quando ele disse: “Acho que me sinto estranho falando sobre isso”.

— Então você não vai me contar o que aconteceu?

“Eu não disse isso. Provavelmente eu sou. Eu apenas me sinto estranho sobre isso.”

“Então o que você quer que eu faça enquanto estou esperando? Apenas pescar e calar a boca? Ou eu deveria estar tentando arrancar isso de você?

"Esta é uma boa pergunta. Não tenho certeza."

Eu estava olhando para o rosto dele quando ele disse isso, e eu ri alto. Então ele quis saber por que, e eu não sabia o que dizer. Ele não *perguntou exatamente* por quê. Não em voz alta. Ele apenas me deu um olhar que eu poderia dizer que ele queria saber. Achei interessante que pudéssemos fazer coisas assim sem falar.

Aqui está a razão pela qual eu ri, se eu pudesse colocar em palavras na época. Porque quando ele estava feliz e animado, o que ele nunca tinha estado antes, que eu soubesse, ele era meio... adorável. Mas esse não é o tipo de coisa que se diz a um homem adulto de sessenta e oito anos, mesmo que você consiga envolvê-lo em palavras enquanto está acontecendo.

“Vamos jogar Vinte Perguntas,” eu disse. "Paulo? Aconteceu alguma coisa?"

"Sim. Não é uma coisa enorme. Nós vamos. sim. Foi enorme. Mas *você* pode não pensar assim. *Algo* aconteceu, mas não *tudo* . Isso faz sentido?"

“Eu só fiz uma pergunta até agora.”

“Ela me beijou. Quer dizer, nós nos beijamos. Mas *ela me* beijou . Não estou dizendo que não a beijei de volta. Claro que sim. Mas foi ela quem me beijou. Foi assim que começou.”

"Quando?"

"Noite passada."

"E então... por que ela foi embora?"

“Nós dois meio que… conversamos sobre isso. Não queríamos ir em frente.

Você sabe. Apresse as coisas demais. Decidimos ir para nossos cantos separados e ver como nos sentimos sobre o que aconteceu. Aposto que isso soa patético para você. Realmente antiquado. Quando você tem dezesseis anos, isso deve parecer patético.

“Como uma garota de dezesseis anos que, pateticamente, ainda não foi beijada, eu seria uma boa pessoa para julgar.”

Ele jogou o braço esquerdo em volta dos meus ombros - ele precisava do direito para a vara de pescar - e me puxou para perto dele e me deu um grande tapa na testa. Forte o suficiente para dobrar minha cabeça para trás.

Eu ri alto novamente.

"Obrigado, mas isso ainda não conta."

“Claro que não. Eu não quis dizer isso. Se você acha patético nunca ter sido beijada, imagine se seu primeiro beijo fosse meu. Agora isso é patético.”

“Aposto que Rachel não achou patético.”

“Isso é totalmente diferente. Rachel é...

Então ele parou de falar para enrolar um peixe.

Ele puxou-o para fora da água, e ele torceu ali no final da linha, e ele ficou lá no lago e olhou para ele. Não tentei pegá-lo na rede de pouso. Apenas assisti-lo pendurado lá, como se ele não esperasse que tal coisa acontecesse.

Aquele peixe deve ter sido fisgado profundamente, porque não conseguiu capitalizar a abertura.

Finalmente, abri a cesta do cesto e a segurei bem embaixo do peixe, e ele a abaixou e depois tirou o anzol.

“É tudo uma questão de foco,” eu disse.

Ele jogou de volta no meio do lago, e eu coloquei minha vara entre os joelhos,

para não deixá-la cair. E então eu joguei meus braços ao redor dele de lado e lhe dei um abraço de lado desajeitado, prendendo seus braços ao seu lado, e jogando o lago um pouco mais alto em cima de nós.

"Para o que foi aquilo?" ele perguntou, um pouco depois do fato.

“É bom ver você tão feliz.”

"Apesar de…?"

Ele nunca terminou a pergunta. Mas não importava, porque eu sabia o final, de qualquer maneira.

"Sim. Mesmo assim, se der certo, vamos procurar um novo lugar. Ainda é bom ver você tão feliz.”

Pescamos em silêncio por alguns minutos.

Então ele disse: “Isso é incomum. A maioria das pessoas pensa em si mesma primeiro. Esse é um amigo muito bom.”

“Bem, eu estou feliz que você pense assim, porque esse amigo muito bom está prestes a pedir um favor muito grande. Sabe como estou sempre olhando os anúncios de imóveis no seu jornal? Bem, encontrei algo que quero ver.

Esperava que me levasse até lá para ver. Eu sei que te disse que não precisaria de caronas depois de tirar minha licença. Mas não quero perguntar à minha mãe se posso emprestar o carro dela, porque ainda não quero que ela saiba por quê, porque ela vai tentar me convencer a não ir.

Porque ela está totalmente desanimada com a ideia de comprar alguma coisa.

Ela diz que nunca faríamos isso funcionar. Que ela não tem o crédito.”

“Ela tem um adiantamento?”

“Doze mil dólares é um adiantamento?”

"Pode ser."

"Boa. Já pedi duas vezes a ela para ir ver lugares comigo, e ela não vai.

Acho que isso a faz se sentir degradada quando eles fazem um monte de perguntas sobre dinheiro.”

"Eles não."

"Eles não?"

“Não o vendedor. O banco que você aborda para lidar com o financiamento, agora eles vão fazer perguntas. E é melhor que as respostas estejam no papel. Mas o vendedor ou o corretor de imóveis apenas te mostra o lugar.”

"Oh. Então eu não sei por que ela não vai. Eu realmente não posso ir sozinho. Mesmo se eu pudesse pegar o carro. Porque eu nem acho que eles iriam me mostrar. Quero dizer, quem mostra imóveis para um garoto de dezesseis anos? Mas se não mencionamos que não somos parentes…”



“Isso não é um favor tão grande.”

“É quase trinta quilômetros fora da cidade.”

“Eu acho que eu poderia gerenciar isso do mesmo jeito. O que eles querem por isso?”

"É barato."

“Quão barato?”

“Barato o suficiente para que eu não queira dizer o quão barato, porque você dirá que tem que haver um problema.”

"Bem", disse ele. "Só há uma maneira de descobrir. Vamos dar mais meia hora ao peixe e depois vamos ver se há pescado.

00

Estávamos dirigindo por esta pequena estrada sinuosa. Cada vez mais longe da cidade. Paul estava perdido em sua própria cabeça, e eu estava apenas olhando a paisagem. Mesmo que não fosse nada além de árvores.

Você poderia fazer pior do que árvores.

"Por quê isso aconteceu?" ele perguntou. Do nada assim.

“Por que o que aconteceu?”

“Essa coisa com Rachel. Por que não aconteceu por cinquenta anos e depois aconteceu?”

Engoli em seco e tentei entender como ele quis dizer isso. Ele parecia meio intenso, e eu não conseguia descobrir se ele estava apenas sendo filosófico, ou se ele realmente achava que havia algo lá para investigar.

“Bem, quarenta e oito desses anos ela foi casada.”

"Quarenta e sete."

“Acho que o ponto é o mesmo. Quarenta e sete anos ela estava casada e, no ano anterior, ela era uma universitária, e você era apenas uma criança.

“Mas por que isso não aconteceu em todo esse tempo desde que Dan morreu e de repente aconteceu? Ainda não sei bem como isso aconteceu.”

Sentei-me muito quieto no banco do passageiro por um minuto e me perguntei o quanto estava disposto a mentir para cobrir meus rastros. Não muito, eu acho. Eu me convenci de que ele estava pensando em voz alta. Não realmente me perguntando, como eu saberia. Mas mesmo que fosse uma pergunta retórica, eu ainda me sentia um lixo por esconder algo de Paul.

Então percebi que estava escondendo algo dele há muito tempo. E me sentindo muito sujo. Mas foi uma decisão que tomei antes de falar com Rachel. Não havia como voltar agora.

“Isso não estaria sob o título de olhar um cavalo de presente na boca?”



Ele espiou pelo para-brisa com o mesmo sulco na testa, o mesmo olhar distante em seus olhos, por mais meio minuto. Então quebrou como uma febre e voou para longe.

“Sim, eu acho que você está certo sobre isso. Espero que não deveríamos marcar um encontro. Dizia no anúncio 'Apenas com hora marcada'? Ou 'Não perturbe o ocupante'? Ou algo nesse sentido?"

"Eu não sei. Vou olhar de novo.”

Tirei a lista do bolso da camisa, onde estava há três dias, trocando de camisa quando o fazia. Desdobrei e li do começo ao fim pela décima vez.

“Não diz.”

“Bem, chegamos até aqui. Podemos pelo menos vislumbrá-lo à distância.”

00

Havia uma placa de corretor de imóveis pendurada em um poste de madeira no cruzamento da rodovia com a entrada de automóveis. Mas eu não conseguia ver uma casa. Apenas árvores. Mas as árvores pareciam bonitas.

Muito bom. Parecia uma fazenda ou um rancho, tudo no meio do nada e celestial. O que significava que não pertencíamos ali.

Eu tinha mais certeza do que nunca. Tinha que haver uma pegadinha.

Paul tirou dois folhetos coloridos de uma caixa de acrílico montada no poste de madeira. Onde eu nunca teria pensado em olhar.

"Aqui, pegue um desses", disse ele.

Eu olhei para ele ao sol, e acabou sendo uma folha de informações sobre a propriedade. Isso me deu uma sensação engraçada na boca do meu estômago.

Como se eu definitivamente não pertencesse, e o corretor soubesse disso, e o panfleto sabia disso, e a placa sabia disso. Até o poste que segurava a placa sabia que eu não pertencia.

"Uau", disse ele. “Isso *é* barato. Nós vamos. Vamos ver qual é o problema.”

Descemos juntos o caminho de terra até que uma casa apareceu entre as árvores. Quando o vimos, nós dois paramos.

“Ah,” eu disse. “Essa seria a pegadinha, tudo bem.”

Nem parecia um lugar onde uma pessoa pudesse viver. O telhado cedeu, a varanda cedeu. A pintura estava meio descascada. Algumas das janelas estavam quebradas. Você poderia olhar e ver que ninguém morava lá.

Ninguém morava lá há muito tempo.

"Tanta coisa para se preocupar em perturbar os ocupantes", disse ele.

“Acho que podemos ir agora. Desculpe, eu perdi seu tempo.”

"Agora espere. Agora espere um minuto. Não seja tão rápido em fugir.”

Nós apenas ficamos lá por mais um minuto, olhando para ele.

Então eu disse: “Ainda não parecendo melhor”.

"Bem não. Não iria. A única maneira de ficar melhor é se alguém colocar centenas de horas de trabalho nisso.”

"Você está dizendo que eu ainda deveria pensar em comprá-lo?"

“Ainda não sei. Eu não sei."

Ele caminhou até a varanda, testando seu peso primeiro. Eu o segui. Nós olhamos pelas janelas. Não havia nada dentro além de algumas tábuas soltas e uma tonelada de poeira.

“Isso é muito trabalho,” eu disse.

“Eu vou lhe conceder isso. Mas sua família nunca teve uma casa antes. Às vezes, famílias jovens entram em uma primeira casa pegando uma que ninguém mais quer e transformando-a em algo com equidade de suor.”

“Eu não tenho ideia do que é isso.”

“É como graxa de cotovelo.”

"Com licença?"

"Trabalhos. Bom, trabalho duro.”

"Oh. Por que você não disse isso?”

"Eu fiz."

"Oh. Direito."

“Você teria que fazer uma inspeção em casa. Certifique-se de que a fundação esteja em boas condições e que os pisos sejam sólidos. Certifique-se de que os cupins não tenham comido a maior parte. Se o básico é bom, o resto é mais ou menos cosmético. Exceto que você precisaria de novas tábuas de varanda. E um novo telhado.”

“Isso não pode ser barato.”

"Verdadeiro. Então aqui está o que você faz. Você vai ao corretor de imóveis e diz: 'Estou interessado na casa, mas preciso colocar milhares em uma nova varanda e telhado, então você precisa baixar o preço'”.

“E então ela dirá: 'Por que você acha que colocamos um preço tão baixo para começar?'”

"Pode ser. Depende de quanto tempo fica no mercado. E se o vendedor está com pressa.”

“Você acha que isso pode funcionar?”

Ele tirou uma tira de tinta do parapeito da janela e olhou atentamente para a madeira embaixo. “Acho que é uma daquelas coisas como se os peixes estão mordendo.”

“Certo,” eu disse. "Entendi."

“Eu poderia mostrar a você como substituir as vidraças de uma janela. Isso e fechaduras novas e cerca de quarenta horas-homem de limpeza, e você

poderia viver nele como está até que as chuvas cheguem. Não crie esperanças, no entanto. Não faça a suposição de que ninguém quer, porque é feio. Alguém com dinheiro poderia entrar aqui e levá-lo para a terra.

Derrube essa coisa até a fundação e construa uma moderna casa de fazenda de três andares em cerca de seis meses.”

Ele olhou para o panfleto novamente.

“Ah, não é tão grande. São apenas dois hectares. Isso é estranho. Devem tê-la subdividido e vendido a maior parte da terra original. Deve haver um buffer de terras agrícolas e pomares entre este lugar e os vizinhos. Porque não há outra casa até onde a vista alcança.” Ele colocou as mãos em concha ao redor da boca, inclinou a cabeça para trás e gritou: “Olá! Alguém pode me ouvir?"

Nós esperamos. Mas parecia que ninguém podia.

“Isso é uma grande vantagem,” eu disse.

"Bem, sim. Mas você viu isso chegando, certo? Não é por isso que você queria ver o lugar? Porque estava no meio do nada?”

“Hum... não. Eu não conseguia imaginar quantos vizinhos haveria. Eu queria ver porque era muito barato.”

"Se você quiser, vamos passar no escritório imobiliário e obter algumas informações sobre isso."

"Sim. Obrigado."

Olhei para cima, em vez de para a casa horrível. Só para dar um descanso aos meus olhos. Eu pensei ter visto alguns pedaços de frutas pendurados em algumas das árvores, mas não consegui dizer que tipo de fruta era.

Pensei em como seria ir à imobiliária com Paul em vez de ir sozinha. Isso me fez sentir como se eu estivesse bem lá. Como se eles não tivessem o direito de rir de mim ou me afugentar. Então percebi que não era inteiramente porque eu não tinha nem dezessete anos. Era porque eu estava quebrado, e imaginei que eles saberiam. Isso me deu um pequeno vislumbre de por que minha mãe ficava longe de lugares como aquele.

Quase como se estivesse lendo minha mente, Paul disse: “Acha que você pode chamar sua mãe para ver isso?”

“Essa vai ser a parte difícil. Ela tem tanta resistência em comprar.”

“Por causa do crédito? O empréstimo?"

"Eu penso que sim. Eu acho que ela sempre se sente como se fosse uma farsa, porque ela não tem uma mãe boa e responsável para responder a perguntas sobre dinheiro. Então ela tenta patinar sob o radar e não ir onde alguém possa fazer perguntas.”



“E um banco não é um lugar assim. Talvez eu pudesse prepará-la, do jeito que os advogados fazem com suas testemunhas.

"Espero que sim. Espero que haja algo que você possa fazer para ajudá-la.

Porque não estamos realmente em lugar nenhum do jeito que as coisas estão agora.”

Na verdade, a única diferença entre nossa situação atual e aquela em que estávamos quando chegamos às montanhas era de cerca de doze mil dólares.

O que era algo. Mas só se ela estivesse disposta a gastá-lo em uma casa.

Caso contrário, voltaríamos a alugar, e ela usaria esse dinheiro todo mês, porque todo mês, ficaríamos aquém.

É incrível quanto tempo leva para juntar dinheiro e quão pouco tempo leva para a vida intervir.

00

“Costumava ser um pomar de trabalho,” eu disse a minha mãe durante o jantar. “Exceto que isso é apenas um pequeno pedaço disso. Eles costumavam cultivar pêssegos e nozes. E tomates, mas todas as videiras se foram agora. Agora as árvores estão velhas e não produzem muito, e a terra não vale muito para a agricultura. Mas aqui está a parte boa. Fica a mais de um quilômetro da casa de fazenda mais próxima do vizinho mais próximo. E

a corretora de imóveis diz que se eu estiver disposto a subir em árvores, eu provavelmente conseguiria mais pêssegos e nozes em um ano do que três

pessoas poderiam comer.”

"Eu não posso acreditar que você está me fazendo dizer isso de novo", disse ela.

Sophie começou a bater o garfo na mesa, com um pequeno guincho em cada pancada. Às vezes no ritmo, às vezes fora dele.

Eu levantei minha voz para ser ouvido sobre ela.

“Paul até disse que poderia prepará-lo para o pedido de empréstimo da mesma forma que os advogados fazem com suas testemunhas.”

Ela bateu o guardanapo e olhou para mim de uma forma que fez meu rosto ficar quente.

“Bem, isso é um pouco diferente agora, não é? Porque tudo que uma testemunha tem que fazer é falar. Tenho que apresentar recibos de pagamento e declarações fiscais. E eu tenho que ter mais do que apenas um adiantamento e um sim de um banco, que nunca teremos. Eu teria que arcar com os pagamentos da hipoteca.”

Bang. Grito. Bang. Grito.

"Você vai ter que pagar o aluguel, de qualquer maneira."

“Garoto. Você não está me ouvindo. Não ganho dinheiro suficiente para comprar uma casa. Eu não preciso de um banco para me dizer isso. Agora vou agradecer por não trazer isso à tona novamente.”

“Bem, é melhor começarmos a procurar,” eu disse. “Porque podemos ter que ir a algum lugar. Não definitivamente, mas parece estar indo dessa maneira.

Só achei que seria bom ir a algum lugar onde pudéssemos levar Sophie junto.

“Estou procurando uma colocação para ela.”

Por um flash de um segundo, eu estava cheio de luta. Eu ia atacá-la, gritar e acusá-la de se importar mais com seu próprio medo de bancos do que com minha irmã. Eu abri minha boca, e a próxima coisa que eu soube, eu estava muito cansada. Ele tomou conta de mim e me deixou encalhado. Eu pensei, qual é o ponto? Por que estou lutando com ela? Eu tenho lutado com ela por anos.

Desperdiça minha energia, e as coisas sempre acabam do mesmo jeito.

Justo quando eu pensei que tinha me livrado do drama me rendendo, minha mãe enlouqueceu com Sophie.

"Pare de fazer isso!" ela gritou. E eu realmente quero dizer gritou.

Sophie ficou perfeitamente imóvel por um segundo ou dois, e então entrou em modo de lamento total. Minha mãe teve que pegá-la e carregá-la até o carro, como sempre fazia. Para que ela pudesse conduzi-la até que ela ficasse sem voz ou adormecesse.

“ *Isso* foi um erro de novato,” eu disse à porta um minuto depois que ela bateu.



00002.jpeg



4. Confiança

Foi cerca de três semanas depois disso, pouco antes de eu completar dezessete anos, quando minha mãe trouxe a ideia do carro. Era de manhã. Eu estava deitada na cama, lendo, e ela enfiou a cabeça na divisória. Que eu nunca gostei. Eu queria que ela tratasse essa lacuna como uma porta fechada.

Ela mais ou menos o fazia, mas principalmente quando lhe convinha.

“Estive pensando no seu aniversário”, disse ela.

"E quanto a isso?"

“Como você se sentiria em ter seu próprio carro?”

Larguei o livro. Estreitei meus olhos para ela. Era uma coisa boa, em teoria.

Quase bom demais. Talvez seja por isso que algo parecia errado.

“Eu me sentiria ótimo se pudéssemos pagar por isso. Mas não podemos.”

“Se você encontrar um carro de transporte barato por dois ou três mil, eu compro no seu aniversário.”

“Fora do nosso dinheiro do pagamento inicial.”

Eu assisti o olhar em seu rosto escurecer. Ela deve ter sabido que atingimos aquela parede desde o início. Parecia quase uma armação. Uma ideia para ela arrombar aquele dinheiro de uma forma que eu não poderia me opor, porque qual adolescente diz não a um carro?

"Não, eu disse. “Eu não quero um carro se estiver saindo do nosso dinheiro de entrada. Prefiro levar você para o trabalho, pegar o carro emprestado e comprar uma casa. Inferno, eu prefiro andar e pegar o ônibus em todos os lugares e comprar uma casa.”

“Kiddo, nosso dinheiro não é 'dinheiro de entrada'. Porque não estamos no mercado para comprar.”

"Ok, então, eu não quero se sair de nossas economias."

Ela respirou fundo. Por um minuto, eu pensei que ela ia bater em mim. Mas então, ouvimos a buzina da van da Sophie's Special Ed.

"Eu vou levá-la para baixo", disse ela. “Se você vai me levar para o trabalho, é melhor se vestir agora.”

00

Deixei minha mãe na farmácia e depois dirigi até a propriedade para vender.

Eu estive lá sozinho uma outra vez. Mas dessa vez, eu só olhei da estrada.

Desta vez, estacionei o carro da minha mãe na garagem. E então, ao me afastar dele, olhei para trás e percebi que tinha vergonha daquele carro e

esperava que ninguém o visse ali. Esperava que a dona da imobiliária não viesse mostrar o lugar para ninguém, porque eu não queria ser a pessoa que estava dirigindo aquela velha máquina. Mesmo que combinasse com a condição da casa. Ainda assim, eu estava apostando que não corresponderia à condição dos outros clientes do corretor de imóveis.

Eu andei em torno dos dois hectares. Havia cercas de arame nos limites da propriedade. Não é arame farpado. Apenas quatro fios de arame amarrados ao longo de postes de madeira. As árvores estavam plantadas em linhas ordenadas, e eu andava para cima e para baixo nas fileiras do pomar, pensando nos dias de trabalho na fazenda, imaginando as vozes dos catadores. Eu me perguntava como eles tiravam os frutos altos daquelas árvores.

Eu escolhi uma árvore que parecia bastante fácil de escalar. Tinha uma interseção baixa de grandes galhos. Comecei a correr, pulei e consegui segurar aquele cruzamento. Então eu o perdi de novo e caí de pé na terra.

Tentei de novo, e desta vez consegui me segurar melhor e coloquei as solas pegajosas dos meus tênis no tronco, e me levantei para ficar sentada na curva daqueles galhos. Então me levantei. E olhou para cima. E cuidadosamente subiu mais alto. Eu podia ver um pêssego, mas quando cheguei perto dele, estava duro e um pouco verde. Então eu subi ainda mais alto. Saí para o sol acima da maioria das partes frondosas da árvore e vi as montanhas. Eu não os tinha visto daquela

propriedade antes, porque as árvores atrapalhavam a vista.

Eu só fiquei lá por um momento, segurando. Olhando. Pensando que nunca deixaria de amar aquelas montanhas. Então me perguntei como eles ficariam se eu tivesse acabado de voltar de uma caminhada pelo circuito de trilhas de casas de chá ao redor de Annapurna, no Himalaia. Decidi que eles pareceriam menores e mais mansos, mas ainda assim bonitos.

Encontrei um pêssego que parecia maduro, então me inclinei para pegá-lo.

Com cuidado. Eu não conseguia alcançar, então puxei seu galho para mais perto. Agarrou a fruta e puxou, mas aguentou. Eu o torci em sua haste. Saiu na minha mão.

Eu estava naquele galho, segurando firme com uma mão, e olhei um pouco mais para as montanhas, e dei uma grande mordida no pêssego. Era suculento e tinha gosto de verão.

Comecei a descer.

Quando voltei para a intersecção dos membros, sentei-me e segurei o pêssego entre os dentes para poder agarrar um membro com as duas mãos.

Então eu girei e caí e aterrissei na terra em meus pés com um som de



pancada , meus tênis levantando pequenas nuvens de terra seca. Mas eu mordi sem querer e mordi um pedaço do pêssego, o que fez o resto cair na terra.

“Merda,” eu disse em voz alta, minha boca cheia.

Quase pensei em pegá-lo e tentar lavá-lo de alguma forma. Mas tinha duas mordidas e estava coberto de terra marrom.

Deixei-o e voltei para casa, mastigando a única mordida que ainda tinha.

A imobiliária estava lá com um comprador. Um homem de cerca de cinqüenta anos, que parecia capaz de preencher um cheque para o lugar, se quisesse.

Eu parei frio quando os vi. Engoliu rápido.

"Posso te ajudar?" a senhora perguntou. Um pouco de frieza em sua voz.

“Eu sou Angie. Lembra que eu vim ver você com Paul Inverness?

"Ai sim. Eu me lembro de você agora.”

“Eu estava indo embora,” eu disse.

“Você tem mais perguntas?”

“Eu queria saber se a propriedade era cercada. Porque Paul vai ter um novo cachorro, um cachorrinho, e ele não vai ser treinado para não fugir. Ainda.

Então eu disse a ele que viria ver e depois contaria a ele.”

"Ele teria que colocar um portão do outro lado da calçada", disse ela.

"OK. Eu direi a ele.

Então eles estavam apenas olhando para mim, e não havia mais nada a dizer.

E nenhum deles parecia tão emocionado que eu estava lá.

Então eu disse: “Eu estava indo embora”. Novamente.

Enquanto descia a calçada, ouvi a senhora dizer: “Tenho algum outro interesse nesta propriedade. Como você pode ver."

Então eu sabia que minha presença lá provavelmente só pressionaria esse comprador a fazer uma oferta mais rapidamente. Isso mordeu um pouco meu estômago, mas eu disse a mim mesma para superar isso. Nós não íamos conseguir o lugar de qualquer maneira, então nada estava realmente perdido.

Mas algo parecia perdido.

00

Três dias depois, Rachel veio para outra visita. Com o qual eu estava meio empolgado, porque eu realmente queria saber como isso iria acontecer.

Nós não fomos acampar, porque minha mãe disse que estava farta de acampar.

Fomos para o mesmo motel onde havíamos ficado antes.

Na primeira noite em que estivemos lá, Sophie começou a gritar, e minha mãe teve que levá-la por quase duas horas antes de dormir. Quando eles



voltaram, já passava das onze, e eu sabia que seria difícil para minha mãe dormir até que ela se acalmasse daquele estresse. E ela tinha trabalho de manhã. Tudo somado ruim.

Peguei minha vida em minhas mãos e a trouxe à tona novamente.

Eu disse: “Você pode imaginar o quão incrível seria viver em um lugar tão longe dos vizinhos, ninguém poderia ouvi-la? Se ela começasse a gritar, poderíamos simplesmente colocar tampões de ouvido e deixá-la se desgastar.”

“Nenhum lugar é tão longe dos vizinhos.”

“Este lugar que estou tentando fazer você ir ver é. A mais de um quilômetro e meio da casa mais próxima.

"Você está brincando."

“Eu já te disse isso.”

“Achei que era apenas uma figura de linguagem. Você sabe. Uma milha de distância. Eu pensei que você só queria dizer muito longe.”

"Sim. Como uma *milha real* . O que é um longo caminho.” O momento estava certo, e eu podia sentir isso. Eu a estava pegando em um momento desgastado. "Não poderia machucá-lo ao menos olhar para ele."

"Certo, tudo bem. Passe na farmácia ao meio-dia e vamos na minha hora de almoço. Você pode dirigir, e eu vou comer no caminho.”

00

Pouco antes da última curva na estrada, senti um pequeno aperto no estômago. E se eu visse algo completamente diferente da última vez? Um monte de caminhões de construção na garagem ou a placa de Vende-se?

Então eu disse a mim mesmo que isso era estúpido. Foram apenas alguns dias.

Olhei para minha mãe, que estava no banco do passageiro, devorando um sanduíche. Ela tinha salada de atum no canto da boca.

"O que?" ela disse.

Apontei para o canto da minha boca, e ela a limpou com um lenço de papel fresco da caixa a seus pés.

Contornamos a última curva.

O sinal ainda estava lá. A calçada ainda estava vazia. Mas quando chegamos mais perto, havia algo na placa que não estava lá antes. Uma faixa vermelha, com alguns centímetros de altura e talvez 30 centímetros de comprimento.

Quando finalmente chegamos perto o suficiente, eu li em voz alta.

"Venda pendente."

Parei, bem no meio da estrada. O que não importava muito, porque não havia mais ninguém nele.

"Merda", acrescentei. Sem muita energia.

"Só não era para ser", disse minha mãe.

Eu não disse nada. Eu estava ocupado sendo picado. Porque eu pensei que era.

“Bem, são dois galões de gasolina que nunca vamos recuperar. Vamos, garoto.”

Em vez disso, parei na garagem. Ela provavelmente pensou que eu estava me virando. Até que eu mudei para Park e desliguei o motor.

"O que estamos fazendo?"

“Eu só quero pegar um pêssego. Eu realmente não consegui uma última vez.

Vou pegar dois, e pode ser sua sobremesa.

"Isso não é meio que... invasão?"

“Eu não vejo a quem isso vai machucar. Quando a venda terminar, esses dois pêssegos estariam apodrecendo no chão, de qualquer maneira.”

Eu pulei para fora antes que ela pudesse dizer mais. Trotou pela calçada e ao redor da casa. Abaixo uma fileira entre as árvores. Eu queria encontrar aquele que eu havia escalado da última vez, mas não estava onde eu pensava que estava, e eu não tinha muito tempo.

Eu escolhi um que parecia factível e teve um bom começo de corrida. Eu pulei, agarrei um galho e plantei meu tênis esquerdo.

Ele escorregou.

Caí com força no joelho na curva entre dois galhos. Eu estava usando shorts, então não havia nada para proteger a pele do meu joelho. Mas foi pior do que isso. Meu joelho não só bateu na árvore, mas escorregou novamente.

Então eu meio que escorreguei do galho com todo o meu peso no joelho. A próxima coisa que eu sabia, eu estava na terra com meu tornozelo esquerdo torcido dolorosamente debaixo de mim.

Olhei para o meu joelho. Parecia completamente entorpecido. A pele foi raspada e descascada para trás. Além da terra e da casca, era estranhamente branco. Como se o tamanho e o alcance da coisa ainda não o tivessem atingido. Então dezenas de pequenas gotas de sangue surgiram, e se tornaram grandes gotas de sangue, e se encontraram e formaram uma poça.

Eu tive que lutar contra essas lágrimas pungentes, o que só piorou tudo. Essa vontade de chorar quando me machuco inesperadamente é como chorar quando estou com raiva. Pega uma coisa que é simplesmente ruim e a transforma em ruim e embaraçosa, ambos.



Eu fiquei de pé. Bem, pé. A essa altura, o sangue estava escorrendo pela minha canela e para o meu tênis. Testei meu peso no tornozelo esquerdo, mas não correu bem. Eu pulei de volta para o carro, usando a maior parte da minha energia para segurar aquelas lágrimas quentes.

Minha mãe tinha se deslocado para o banco do motorista. Ela não me viu.

Ela estava olhando para longe. Eu tive que pular para o lado do passageiro e bater na janela. Ela não podia ver o que estava acontecendo, porque eu estava muito perto do carro. Ela me deu de ombros, como se não soubesse por que eu não entrei.

Desisti de receber qualquer ajuda dela, abri a porta, inclinei-me e enfiei a mão na caixa de lenços de papel, pegando cerca de dez de uma vez. Dobrei a pilha ao meio e a apertei no joelho para tentar estancar o sangramento.

Então eu tive que descobrir como me abaixar no assento com apenas uma mão, enquanto estava em apenas um pé. Por fim, desisti e simplesmente desabei, recusando-me a dizer “Ai”. Peguei minha perna ruim com a mão livre e a coloquei no carro, depois me endireitei e fechei a porta.

"Você se machucou?" minha mãe perguntou.

Eu me perguntei onde ela estava por tudo isso. Onde ela estava agora. Eu não perguntei.

“Eu apenas ralei meu joelho.”

"Isso deve ter sido um arranhão", disse ela, apontando para o rastro de sangue.

“Eu não tinha nada para pressionar sobre isso. Agora que eu fizer isso, vai parar.”

Ela ligou o carro e saiu da garagem sem dizer muito.

“Não me deixe no motel,” eu disse. “Deixe-me em casa. Temos mais material de primeiros socorros lá. E Paul terá qualquer coisa que não tenhamos.

“Tem certeza que está bem?”

“Ninguém nunca morreu de um joelho esfolado. Que eu saiba.”

“Que pena sobre aquele pêssego. Eu estava ansioso por isso.”

"Sim", eu disse. "Eu também."

00

Ela parou no final da calçada de Paul. Mudou para o Parque. Eu apenas sentei lá e olhei para ela. Depois de um tempo bizarro de olhar, ela olhou para trás.

"O que?"

“Você poderia, por favor, me levar até a garagem? Distendi meu tornozelo."

“Você não me disse isso. Você acabou de dizer que esfolou seu joelho.

"Nós vamos. Agora estou lhe dizendo. Distendi meu tornozelo."

Ela engatou a marcha à ré, recuou um pouco e parou na entrada. Me levou direto para a parte inferior das escadas do apartamento.

Rachel estava de pé na escada. Nossas escadas.

“Agora, o que *ela está* fazendo?” minha mãe perguntou.

"Eu não sei. Eu vou descobrir. Apenas volte ao trabalho, ok?”

Abri a porta do passageiro antes mesmo de ela parar completamente o carro.

Quando olhei para cima, Rachel estava de pé sobre mim.

“Você poderia me dar uma mão, por favor?” Eu perguntei a ela. “Eu meio que me machuquei.”

"Claro."

Ela acenou com a cabeça para minha mãe – elas nunca foram apresentadas, ou falaram uma com a outra – e segurou meu braço e me ajudou a sair. Fiquei parado no pé da escada, curvado para poder manter a pressão no joelho, tentando não ser óbvio sobre o pouco peso que eu poderia colocar naquele tornozelo. Acenei adeus para minha mãe de uma forma que deixou óbvio que eu queria que ela fosse. Ela balançou a cabeça e recuou na entrada da garagem, quando ela poderia facilmente ter se virado.

Olhei para Rachel.

"Eu estava procurando por você", disse ela. “Eu te procurei no acampamento.”

"Vamos ficar em um motel desta vez."

“Eu estava subindo para deixar um bilhete para você. O que aconteceu?"

“Apenas um acidente estúpido. Apenas eu sendo descoordenada e não muito atlética.”

“Vamos te levar para cima.”

Eu tive que envolver meu braço sobre seus ombros. O que tornava difícil, porque ela era alta, e eu não. Eu tive que chegar em um ângulo estranho.

Então ela passou o braço em volta da minha cintura. Eu tive que desistir de segurar a pressão no meu joelho. Eu tive que sangrar abertamente.

Enquanto ela me ajudava a subir as escadas, pensei em minha mãe. Sentada em sua bunda no carro enquanto eu pulava e encontrava uma maneira de entrar. Concedido, ela provavelmente não sabia o que estava acontecendo.

Mas parte de mim sentiu que deveria. Como Rachel teria feito.

Abri a porta e evitamos o tapete e deixamos um pequeno rastro de sangue no bom piso de madeira enquanto ela me ajudava a entrar no banheiro.

"Sente-se na beirada da banheira", disse ela. E ela me ajudou a chegar lá. “E

lave o melhor que puder. Vou buscar o kit de primeiros socorros de Paul.



E eu pensei: Vêem? Paul tem um kit de primeiros socorros. Junto com uma lanterna para quando a energia acabar. É apenas quem ele é. E quem não somos.

00

Eu estava sentado no sofá com o joelho pendurado no braço de couro acolchoado, uma toalha velha embaixo dele para pegar o sangue e o peróxido. Meu pé estava apoiado em uma pilha de travesseiros em uma cadeira, então estava mais alto que meu joelho. Rachel tinha enrolado meu tornozelo em uma bandagem elástica do kit de primeiros socorros de Paul.

Havia um saco plástico de gelo sobre ele.

Ela estava com os óculos de leitura e estava estudando meu joelho de perto, segurando uma pinça, tentando pegar os últimos pedaços de casca de árvore.

“Ah!” Eu disse quando ela foi atrás de um. Eu tentei muito não dizer nada, todas as vezes. Mas algum pequeno som sempre escapava.

"Sinto muito", disse ela.

“Você tem que parar de se arrepender.”

“Eu gostaria de não ter que te machucar. Mas vai ser difícil evitar que isso seja infectado, por causa de toda a sujeira e casca de árvore. Eu só quero sair o máximo que puder. Prepare-se mais uma vez.”

Desta vez, tudo o que saiu foi uma respiração. Mas foi preciso algum esforço para mantê-lo assim. Eu tive que sentar na dor, e duro.

Eu não conseguia parar de tremer. Eu só conseguia me lembrar de uma outra vez na minha vida em que a dor me fez estremecer. Eu não sabia por que algumas dores faziam e outras não. Algo a ver com o quão completamente vulnerável isso me fez sentir, eu acho. O peróxido que ela estava usando para limpar a ferida entre as pinças estava enviando agulhas de dor através de partes do meu corpo que não poderiam tocar.

Olhei para Rachel e tive novamente aquela sensação de que ela teria sido uma boa mãe, e que as coisas teriam sido melhores para mim se eu tivesse mais mãe para mãe. Desta vez, guardei para mim.

— Por que você estava me procurando? Eu perguntei. “Sobre o que era o bilhete?”

Algo escuro entrou em seus olhos, uma nuvem que a afastou de mim.

“Ah,” eu disse. “É algo ruim.”

“Sinto muito, Angie. Eu criei problemas para você. Eu não queria. Foi um erro estúpido.”

“Bem, eu posso me relacionar com erros estúpidos.”



Eu me perguntei por que eu estava falando quando eu realmente queria ouvir o que era.

“Estava cansado ontem à noite e com sono. Foi logo antes de dormir. Sem pensar, fiz referência a algo que você disse quando desceu para falar comigo. Apenas uma coisinha inocente. Sobre se os peixes estão mordendo.

E então, é claro, ele queria saber quando conversamos, e sobre o quê, e por que ele não sabia.”

Senti aquela coisa assustadora e formigante lavar meu estômago. Mas já estava tão ruim lá. Este novo desastre não acrescentou muito à pilha.

"O que você disse para ele?"

“O mínimo que pude. Mas agora ele sabe que você veio falar comigo. Não falei muito depois disso. Eu me recusei a responder algumas perguntas. Mas eu não queria olhar direto no rosto dele e mentir para ele.”

“Eu nunca quis que você mentisse para ele. *Eu* não faria, se ele *me pedisse* .

“Bem, eu tenho certeza que ele vai perguntar a você. Estou deixando você com algodão e água oxigenada. Continue lavando-o enquanto você aguentar.

Em seguida, coloque um monte de pomada antibiótica nele. E estou deixando cerca de cinco dessas compressas de gaze e o rolo de fita adesiva. Você vai querer limpá-lo e trocar os curativos uma ou duas vezes por dia.”

"Obrigado."

“Sinto muito, Angie. Eu sinto que te decepcionei.”

“Eu sabia do risco.” Eu estava naquele lugar novamente. Aquele lugar de barriga para cima. Tudo estava perdido. Eu não estava mais tentando me proteger de forma alguma. Tudo era uma merda, e eu aceitei isso. — Quão chateado ele está?

“Até mais do que eu pensei que ele seria. Ele não confia em muitas pessoas, então acho que é por isso que isso o atingiu com força. Vou continuar tentando falar com ele.”

Ela limpou o sangue do chão antes de sair e me deixar sozinha.

Normalmente eu gostava de ficar sozinho. Mas desta vez, era muita solidão.

Como se eu estivesse sozinha em muito mais do que apenas o apartamento.

00

Passou-se quase uma hora antes de Paul aparecer. Quando ouvi seus passos na escada, senti uma estranha sensação de alívio. Como quando você está esperando o carrasco. É uma dessas coisas. Melhor apenas enfrentá-lo e ser feito.

Ele bateu, e eu chamei que estava aberto, e ele deveria entrar.

Ele olhou para mim, meio sentado, meio deitado, naquele sofá, com minha perna para cima, uma bola de algodão saturado pingando água oxigenada pelos dois lados do meu joelho e sobre a toalha. As agulhas afiadas de dor pontuaram o momento. Não tive vontade de me defender. Se ele tivesse puxado uma faca, eu poderia ter deixado ele me esfaquear com ela.

Ele não. Ele também não gritou. Lembro-me de desejar que ele o fizesse.

"Você desceu e conversou com Rachel?" Era apenas meia pergunta.

Por um minuto, eu não disse nada.

Então eu disse: “Lembra-se daquele primeiro dia em que te conheci? Fui até sua casa e acusei você de chamar a polícia para nós. Você disse que quando faz algo, é porque acha que é a coisa certa a fazer. Então, você não mentiria mais tarde e diria que não. Você diria que fez isso, e por que você fez isso.

Sim, voltei ao antigo lugar e conversei com Rachel. Porque você deixou claro que nunca iria. E eu queria que as coisas funcionassem para vocês dois.”

“O que eles podem não ter. Você poderia ter estragado as coisas muito.”

"Aparentemente, eu fiz", eu disse. “Mas meu pensamento era que se *eu* dissesse a ela, então se ela não sentisse o mesmo, ela poderia simplesmente fingir que eu nunca disse nada. E vocês dois não teriam que ser estranhos um com o outro. E sua amizade pode continuar. Sim, eu sei que foi arriscado. Eu sabia disso o tempo todo. Mas eu fiz isso porque achei que era a coisa certa a fazer, embora eu entenda totalmente por que você está chateado. Eu sabia que estava apostando nossa amizade.”

Ele ficou olhando para mim por mais um minuto. Eu não conseguia olhar para o rosto dele por muito tempo. Porque eu não reconheci. Ele ainda se parecia com Paul. Mas ele não era o Paul que eu conhecia. Ele não era meu amigo. Que Paulo tinha ido embora.

“Como você se machucou?” ele perguntou.

"Não é importante. É estupido. Eu estava tentando subir em uma árvore. Essa propriedade se foi. Já venderam. Nós perdemos isso. Não que nós realmente tivéssemos isso, mas…”

"Veja." Sua voz era tão plana, era assustador. E doentio. “Eu entendo que você fez a coisa errada pelas razões certas. Mas você quebrou uma confiança. Essa foi a coisa mais sensível que já compartilhei com alguém, e você a levou para a pessoa mais sensível envolvida. Eu entendo que você não fez isso como fofoca ou por maldade, mas não é algo que eu sinto que posso perdoar.

Essas últimas palavras fizeram uma espécie de baque no meu estômago. Eu pensei que estava todo rendido ali, e nada poderia me puxar para baixo mais



um degrau. Porque não havia mais degraus.

Errado.

Quando olhei para cima, ele estava na porta, com a mão na maçaneta. Sua cabeça estava inclinada para baixo. Ele parecia mais baixo. Como se o que estava acontecendo o tornasse pequeno.

"Então eu disse. — Acho que precisamos sair agora, então.

Ele olhou para mim. Seus olhos pareciam confusos e distantes. Como se ele tivesse que limpar o interior de sua cabeça em busca de teias de aranha antes que pudesse responder.

“Eu te disse quando você se mudou que se não desse certo, você poderia ficar até encontrar um novo lugar. Então eu vou manter minha palavra sobre isso. Mas no que diz respeito a sermos amigos... meus amigos são pessoas em quem posso confiar.

Não quero ser má, mas eu me perguntei quem era. Além de Raquel.

Como se pudesse ler minha mente, ele disse: “Não que eu tenha muitos amigos. Agora você sabe por quê. Não serei amigo de ninguém em quem não possa confiar, mesmo que isso signifique ser amigo de praticamente ninguém.”

Percebi o quanto ele deve sentir falta de Rigby. Provavelmente o único amigo que já fez o corte completamente.

“Espero que isso não crie um problema entre você e Rachel. As coisas pareciam que iam dar certo. Não deixe isso estragar tudo. OK? Por favor."

Ele me nivelou com um olhar exatamente como os que ele usou para atirar na cerca da tia Vi. “O que você ainda não parece entender é que as coisas entre mim e Rachel são entre mim e Rachel.”

"Direito. Entendi. Desculpe."

Então ele se soltou.

00

Minha mãe chegou um pouco depois das três. Abriu a porta com a chave e ficou ali olhando para mim como se eu estivesse apenas fazendo o que estava fazendo – o que não era muito, aliás – para tornar a vida dela mais difícil.

— Você não me disse que se machucaria tanto.

“Você estava meio que fora de algum lugar.”

"Significando o quê?"

"Eu não sei. Você parecia que sua cabeça estava em outro lugar.”

Ela colocou as mãos nos quadris do jeito que sempre fazia quando era hora de se defender. “Se a mensagem aqui é que eu não prestei atenção suficiente



g

q

q

p

ç

em você quando você se machucou, você pode querer olhar para o fato de que eu sempre pergunto se você está bem, e você sempre diz que está bem.

Como se você quisesse que eu ficasse fora disso.

Eu pensei sobre isso por um minuto e então disse: “Isso é verdade”.

Não era o que ela esperava. Parou completamente a conversa.

Depois de um momento constrangedor, ela disse: “Bem. Vamos."

“Vamos o quê?”

"Sophie estará em casa a qualquer minuto, e então temos que voltar para o motel."

"Talvez não. Já estamos meio que jogados fora. Então talvez possamos ficar aqui em silêncio. Não quero dizer jogado fora como se tivéssemos que sair agora. Mas não somos convidados a continuar morando aqui. Então talvez isso nem importe.”

“O que diabos aconteceu, Angie?”

“É uma longa história. E eu tive um dia incrivelmente ruim. Posso contar para

você outra hora?”

00

Rachel ligou às nove e meia daquela noite.

Minha mãe me trouxe o telefone. Segurou a mão dela sobre o bocal e disse:

“É para você. É a rainha.”

“Eu gostaria que você não a chamasse assim. Isso realmente me incomoda.”

Ela não disse nada. Acabou de me entregar o telefone.

"Rachel?" Eu perguntei.

"Sim", disse ela. Como doeu. Como se uma palavra pudesse destruir tudo.

“Desculpe se é tarde para ligar. Espero não estar acordando ninguém na sua casa.

Olhei para Sophie, dormindo enrolada no tapete.

“Ninguém está dormindo, exceto Sophie. E você não a acordou. Por que você simplesmente não apareceu?”

"Estou em casa. Eu não estou lá embaixo.”

"Ah não."

"Está tudo bem. Paul e eu vamos resolver isso. Pelo menos, acho que vamos.

Acho que nos conhecemos há muito tempo para deixar qualquer coisa ficar entre nós. É com você e Paul que estou preocupado.

Olhei para minha mãe, que estava sentada à mesa da cozinha, as costas artificialmente retas. Obviamente ouvindo. Eu não tinha como ter privacidade. Não valia a pena mancar lá fora. Desisti e deixei que ela ouvisse.



“Não existe eu e Paul. Ele não quer mais ser amigo. E acho que isso depende

dele.”

"Oh céus. Eu estava com medo disso. Ele pode chegar a tempo.”

"Acho que não. Ele pode ser civilizado comigo em algum momento. Mas acho que nossos dias de amigos acabaram.”

“Vou continuar falando com ele sobre isso. Talvez eu possa ajudar."

"Isso seria legal. Mas não estou prendendo a respiração nem nada.”

"E se você tivesse que fazer de novo?"

"Com licença?"

“Descendo para me ver. E me dizendo. E se você tivesse que fazer tudo de novo?”

“Eu faria de novo.”

“Mesmo sabendo que isso lhe custaria seu espaço de vida e seu amigo.”

"Eu só sinto que..." Então eu parei. Eu sabia o que eu sentia. Mas não exatamente como envolver as palavras em torno disso. Eu tentei novamente.

“Eu me sinto como um amor assim… um que ainda é o mesmo depois de cinquenta anos… eu só não acho que deveria ser desperdiçado.”

"Eu vou dizer a ele que você disse isso", disse ela.

00

Quando desliguei o telefone, minha mãe estava olhando para mim.

“Tenho muito tempo para uma longa história”, disse ela.

Suspirei. “Voltei para a antiga casa de Paul e contei a Rachel o que ele sentia por ela. O que ele não tinha ideia de que eu ia fazer. Mas agora ele sabe que eu fiz, e ele está muito chateado.”

Um longo silêncio. Eu olhei para ela depois de um tempo.

“Ah,” eu disse. "Você parece muito chateado também."

Eu pensei, Bem, é oficial. Todo mundo me odeia. Exceto Raquel.

"Você fez isso... sabendo que se não funcionasse, faria uma bagunça terrível, e se funcionasse, nos expulsaria daqui?"

Eu balancei a cabeça.

"E você acabou de dizer a ela que faria a mesma coisa novamente."

“Maneira de não espionar.”

“Eu não entendo isso, Angie. Eu juro, eu simplesmente não entendo você.

“Eu sei que você não sabe. Acredite em mim. Eu sei. Mas algumas das minhas partes favoritas de mim são as partes que você não entende. Eu não quero ser doloroso. Não estou dizendo isso com raiva. Eu gostaria que nos encaixássemos melhor também. Mas eu não vou mudar o melhor de mim só porque você não entendeu.”





Esperei por uma resposta, mas ela nunca veio.

Depois de um tempo, desisti e parei de esperar.

00

Na manhã seguinte, enfiei um bilhete embaixo da porta dos fundos de Paul.

Apesar do fato de que havia caminhadas e subidas de escadas envolvidas.

Eu acabei de fazer isso, de qualquer maneira.

Dizia: “Por favor, deixe seus jornais na varanda dos fundos quando terminar de lê-los? Porque eu quero ver os anúncios de aluguel.”

Ele nunca respondeu ao bilhete. Mas depois disso, às oito da manhã, sempre

havia um jornal na varanda dos fundos.

00

Foi dez ou onze dias depois. Eu estava sentado à mesa do café da manhã com minha mãe. Sophie estava batendo as mãos no ar, mas silenciosamente, ignorando seu café da manhã. Eu estava lendo os anúncios, segurando o jornal com uma mão, comendo cereal com a outra. Eram apenas sete e meia.

O jornal apareceu cedo na varanda dos fundos de Paul.

“Algum aluguel bom?” minha mãe perguntou.

Ela perguntava todas as manhãs, a menos que eu lesse o jornal depois que ela se fosse. Eu me perguntei por que ela não confiava em mim para dizer a ela se eu encontrasse alguma coisa. Era uma forma de conversa nervosa que me deixava desconfortável.

“Bem, isso depende,” eu disse. “Na nossa faixa de preço?”

“Qual é o sentido de ouvir sobre isso se não for?”

"Então não. Sem bons aluguéis.”

“Você *está* lendo 'Aluguel'. Não está a venda.' Direito?"

“Estou lendo os dois.”

“Você está perdendo seu tempo, garoto. Não podíamos nem comprar aquele lugar decadente e nunca mais encontraríamos nada tão barato. Não por aqui.

Encarar. Vamos voltar para a cidade. É onde você pode viver barato, e é onde Sophie estará se quisermos ir vê-la.

Antes mesmo que ela terminasse seu discurso, meus olhos se fixaram em uma lista.

“Aqui está um lugar tão barato quanto aquele outro. Oh. Esperar. É o mesmo lugar.”

Eu li a lista inteira, e não poderia ter sido uma coincidência. Era mesmo o

mesmo agente imobiliário.



“Talvez seja um erro,” eu disse. “Talvez eles tenham veiculado o anúncio novamente por engano.”

“Ou talvez a venda tenha fracassado. Mas não tenho certeza de que diferença faz, garoto, já que ainda não temos crédito. E agora você nem tem mais aquele especialista profissional em empréstimos no bolso de trás.”

"Oh. Direito." Comi três garfadas de cereal, mastigando com muita força meus próprios molares. Então eu disse: “Venha até a imobiliária comigo.

Vamos sair um pouco mais cedo para o seu trabalho. Eu vou te levar.”

"Você pode até andar com esse tornozelo agora?"

"Sim. Bastante. Eu posso mancar nele.”

“Duvido que abrissem tão cedo.”

"Oh. Direito. Hora do almoço, então. Eu vou te buscar.”

"Para que fim, garoto?"

“Só quero saber o que aconteceu. Por que está no jornal novamente. E não posso entrar sozinho. Eu não acho que ela me levaria muito a sério se fosse só eu. Eu preciso de um adulto.”

Ela tomou um gole de café, e eu pude ver as rodas girando.

"Faça um acordo com você", disse ela. “Vou até aquela imobiliária com você hoje se você estabelecer um prazo para desistir de encontrar um lugar aqui e voltar para a cidade. Duas semanas, digamos.

Eu odiava muito isso. Porque foi uma aposta ruim. Exatamente o tipo que eu sabia que deveria evitar. Eu estava pegando algo frágil e apostando tudo nisso.

"Tudo bem", eu disse. "Negócio."

00

Era um pequeno escritório, todo em espaço aberto, com apenas quatro mesas. Dois deles tinham pessoas atrás deles. Um homem que eu não conhecia. E a senhora eu fiz.

Ela olhou para nós. Apertou os olhos. Desejei que ela nem sempre parecesse tão arrumada. Desejei que ela pudesse ter sido alguém menos intimidante para minha mãe.

“Eu conheço você, não é?” ela perguntou, olhando para mim.

“Eu estava... estávamos interessados naquela propriedade, naquela casa decadente com o pequeno pomar. Eu vim ver você com Paul Inverness.

Lembrar?"

"Ah, sim", disse ela, e ficou de pé. E apertou a mão da minha mãe. Não comigo. Achei isso estranho. — E esta é sua mãe?

“Certo,” eu disse. “Aquela propriedade estava de volta no jornal esta manhã.”

“Sim, a venda caiu.”

"Caiu por? O que aconteceu?"

“Não posso dar detalhes sobre a situação de um possível comprador.”

"OK. Certo. Eu só… quero dizer, eu nem sei o que isso significaria. O que significa quando uma pessoa tenta comprar uma casa e não consegue? O que pode acontecer com isso?”

"Oh. Em geral." Ela se sentou novamente. Como se ela já tivesse decidido que isso não valia muita energia. “Ocasionalmente, um comprador simplesmente muda de ideia, mas geralmente são dólares e centavos. Os compradores podem pensar que podem adiantar o pagamento ou que seu empréstimo será aprovado. Mas às vezes o pensamento deles é muito otimista.”

Eu só fiquei lá como uma estátua. Mesmo sabendo que deveria falar. Porque eu tinha acabado de aprender algo que mudou minha visão de mundo. Aquele

comprador que eu vi, que parecia ser capaz de preencher um cheque para o lugar. Ele não era tão diferente de nós quanto eu pensava. Aqui estava eu, pensando que todos estavam juntos, e todos nos olhavam com desprezo. E

um monte deles estava apenas usando isso do lado de fora. Apenas sendo muito otimista.

A imobiliária cansou de esperar.

“Se você acha que seu avô ainda está interessado, peça para ele vir me ver.”

“Certo,” eu disse.

Minha mãe e eu saímos para o sol brilhante de verão.

“Agora, o que isso conseguiu?” ela me perguntou enquanto estávamos, piscando, na calçada.

"Nenhuma idéia." O que era verdade. Em termos de habitação, eu não fazia ideia. Mas eu tinha conseguido outra coisa. Algo que eu nunca esperava.

“Você ouviu o que ela disse?”

"E quanto a isso?"

Ela sinalizou que deveríamos andar e conversar. Seguimos para o carro. Eu estava indo devagar naquele tornozelo. Eu mal conseguia acompanhá-la.

“Aquela coisa sobre como as pessoas são muito otimistas.”

"Sim? Assim?"

“As pessoas do setor imobiliário veem isso o tempo todo. Todos os tipos de pessoas tentam comprar casas quando podem não ter dinheiro ou crédito suficiente.”

“Eu não tenho certeza de onde você está indo com isso.”





“Você pensou que era só nós. Admite. Você pensou que toda pessoa que entra em uma imobiliária ou banco é um comprador qualificado. Você pensou que eles nos tratariam como o único caso que eles já viram de alguém que pode não ser capaz de fazer isso.”

Nenhuma resposta.

Chegamos ao carro em silêncio, e ela entrou e abriu a porta do passageiro.

Sentei-me e coloquei o cinto de segurança, me perguntando se deveria insistir no assunto.

Assim que ela estava saindo do espaço, ela disse: “Eu poderia ter pensado isso. Sim." Então, um quarteirão depois, “Mas eu não tenho certeza do que isso muda.”

Eu não respondi. Porque eu também não tinha certeza. Mudou algo em mim.

Mas eu não tinha certeza se isso mudou alguma coisa em meus objetivos imobiliários.

Eu mais ou menos me resignei ao fato de que estávamos pegando nossa visão de mundo recém-descoberta e movendo-a de volta para fora das montanhas.

00

Deixei-a no trabalho e voltei para o apartamento. Eu manquei escada acima, apoiando-me pesadamente no corrimão. Tirei o jornal da mesa. Encontrou uma caneta marcadora e circulou a lista. Desenhou três grandes setas apontando para ele. Abaixo disso, escrevi ESTÁ DE VOLTA, em letras maiúsculas.

Então desci as escadas mancando e lentamente fiz meu caminho até a porta dos fundos de Paul. Deixei-o na varanda, enfiando uma ponta por baixo da porta para que não pudesse explodir.

Olhei pela janela uma hora depois, e tinha desaparecido. Ele o tinha levado para dentro.

Sentei-me na beirada do sofá a maior parte do dia, esperando. Até que chegou a hora de pegar minha mãe.

Então eu sentei na beirada do sofá a noite toda, tentando esperar de forma menos óbvia.

Mas não ouvi nada de Paul.

00

Dois dias depois, eu ainda estava mais ou menos na beirada do sofá quando ouvi passos na escada. Era meio da tarde, não era hora de minha mãe estar



em casa. Corri – bem, manquei rápido – até a porta para poder abri-la quando ele batesse.

Mas nenhuma batida nunca aconteceu.

Em vez disso, vi um bilhete aparecer debaixo da porta. Selado em um envelope cor de lavanda. Eu o peguei e sentei no sofá com ele, minhas mãos tremendo. Eu matei o envelope, abrindo-o.

Não era de Paulo. Era de Raquel.

Tudo caiu e cedeu em mim. Eu sabia então que eu poderia cair de volta no sofá e respirar. Porque aquela mudança repentina de coração que eu estava contando nele não iria acontecer. Eu pensei que o fato de que a casa estava de volta no mercado poderia significar algo para ele. Mas enquanto eu estava sentado lá, o bilhete de Rachel caindo no meu colo, ainda não lido, eu me senti estúpido por ter pensado assim. Eu era o único que se importava com aquela casa feia e decadente. Eu não tinha ideia de por que eu esperava que alguém compartilhasse meu entusiasmo.

Eu levantei a nota e li.

Dizia apenas que ela estava de visita e queria que eu soubesse. E que ela tentaria novamente falar com ele.

Mas eu senti que tinha uma boa ideia de como isso iria acabar.

00

No dia seguinte, no meio da manhã, entrei na cidade.

Foi uma coisa estúpida de se fazer, em vários níveis.

Primeiro, meu tornozelo não estava curado o suficiente para uma caminhada tão longa. Meu joelho estava parcialmente cicatrizado, parcialmente ainda infectado, e doía cada vez que eu o dobrava. E todo o objetivo da caminhada era o que minha mãe chamava de missão de tolo.

Eu tinha colocado na minha cabeça ir ver aquela casa mais uma vez. Para dizer adeus antes de sairmos da cidade. Exceto, por baixo disso, talvez para ter uma ideia se eu já pertenci lá ou não. Como se a resposta pudesse ter mudado.

Infelizmente, eu não tinha pensado em nada disso antes de minha mãe sair para o trabalho. E então, depois que ela fez, eu simplesmente não consegui segurar a ideia.

Eu estava mancando morro acima em direção à cidade quando um carro parou ao meu lado. Eu propositadamente não olhei. Porque se um cara estranho está seguindo você em seu carro, você não deve encorajá-lo.

“Angie,” eu ouvi. Em uma voz que era definitivamente a de Paul.

Ele estava com a janela do passageiro aberta, então eu manquei e me apoiei em seu carro. Eu queria falar, mas meu coração batia muito forte e eu não conseguia recuperar o fôlego. Porque eu não sabia se ele estava lá para me machucar ou para ser legal comigo, e eu não podia esperar para descobrir.

"Eu estive procurando por você", disse ele.

"Porque as pessoas fazem aquilo? Todas essas pessoas dirigindo por aí tentando me encontrar. Como se eu fosse alguém importante para encontrar.”

Eu estava falando sobre o meu medo. Fazendo muito pouco sentido. “Da última vez, foi para me dar más notícias. Você vai me dar más notícias?”

"Não", disse ele.

Então abri a porta do passageiro e entrei.

Ficamos em silêncio absoluto por um período de tempo estranho.

Então ouvi algo se mover no banco de trás. Eu me virei para olhar. Ele tinha um cachorro lá atrás. Se você pudesse chamá-lo assim. Ele era mais um cachorrinho, mas pelo menos meio crescido, e absolutamente enorme.

Deitado, ele encheu o assento completamente, de uma porta à outra. Ele era definitivamente um Dogue Alemão. Mas não preto, como Rigby. Uma cor cinza-prateada uniforme, como um Weimaraner. Ele era incrivelmente magro.

Dolorosamente magro. Você podia ver cada botão de sua espinha dorsal.

Cada uma de suas costelas. Quando eu olhei para ele, ele desviou os olhos.

Suas orelhas eram compridas e não cortadas.

"Meu Deus. Você tem um novo cachorro."

"Eu fiz."

"Onde você conseguiu ele? Ele? Dela?"

"Ele. Eu fui até Sacramento, para buscá-lo em um grupo de resgate de raças."

"Ele é tão magro."

"Eu sei. Eles tentaram engordá-lo. Agora estou tentando engordar ele. Mas ele tem problemas com comida. É como se ele estivesse com medo disso.

Ele tem medo de tudo. Aparentemente, ele foi abusado e negligenciado. Mas ele vai voltar."

"Qual o nome dele?"

"Escoteiro. Esse era o nome dele quando o peguei, mas estou pensando em mantê-lo. Porque é tão diferente do Rigby. Acho importante deixar claro que o novo cachorro é completamente diferente daquele que você perdeu."

"Escoteiro". Estendi minha mão para ele. Ele se sentou rápido para sair do caminho.

“Dê-lhe tempo.”

“Ele deixa você tocá-lo?”

"Por muito pouco. Mas ele está melhorando comigo. Como as orelhas dele?

"Eu faço. Muito. Orelhas muito bonitas no cão. Por que você estava me procurando? O que você quer me dizer? Ou foi apenas para me mostrar o cachorro?”

Eu o ouvi puxar uma respiração longa e profunda e soltá-la novamente. Eu assisti suas mãos apertarem o volante, então relaxar. A coisa toda pareceu levar muito tempo. Mas eu apenas esperei.

"Esta manhã..." ele disse.

E fez uma pausa. Eu já podia dizer que este discurso tinha sido ensaiado.

"…Eu acordei muito cedo. Ainda estava escuro. As primeiras horas da madrugada. E o amor da minha vida... a mulher que eu amo desde o colegial... estava na minha cama comigo.

Ele parou, quase como se não pudesse continuar. Eu queria gritar algo sobre como isso era maravilhoso. Eu não. Eu calei minha boca. Por uma mudança.

“Eu a observei dormindo por um longo tempo. Eu nem sei quanto tempo.

Poderia ter sido horas. E o mesmo pensamento continuava voltando. De novo e de novo e de novo."

Outra longa pausa. Doloroso para mim. Mas eu esperei.

"Eu pensei, que tipo de idiota... que tipo de *idiota* ... sentiria *qualquer coisa* pela pessoa que ajudou isso a acontecer... exceto gratidão?"

As lágrimas brotaram, repentinas. Apenas do nada. Eu disse para eles irem embora. Eu os apertei. Mas alguns se soltaram. Eu não os limpei novamente.

“Eu sinto muito por ter te machucado com o que eu fiz,” eu disse.

“Veja, você está fazendo aquela coisa de novo. Não. Você está fazendo aquela

coisa de Angie em que alguém está tentando deixar você fora do gancho, e você continua pulando de volta. ”

"Oh. Desculpe."

Ficamos em silêncio por um tempo. Eu não quanto tempo de um. Scout se mexeu no banco de trás e deu um suspiro profundo e triste.

“Isso é tão maravilhoso sobre você e Rachel,” eu disse. Mais silêncio. Então eu disse: “Oh, meu Deus. Você acabou de me contar outro segredo pessoal muito sensível.

"Sim", disse ele. “A ironia disso não passa despercebida para mim.”

“Havia algo melhor que eu deveria ter feito? O que você teria feito?"

“Acho que eu teria seguido um caminho diferente. Se eu conhecesse alguém que não estivesse fazendo a coisa certa, não acho que faria isso por eles.

Acho que usaria mais uma abordagem de baioneta nas costas. Fique atrás deles, veja se eu não poderia dirigir alguma ação.”

“Eu não tenho ideia de como isso seria.”



“Vou te mostrar exatamente como é.”

Ele mudou para Drive e se dirigiu para a cidade.

Eu não fiz nenhuma pergunta.

Eu tive alguns. Mas eu não perguntei a eles.

00

Ele parou na frente da farmácia e desligou o motor.

“Antes de fazer isso”, disse ele, “se ela tivesse uma casa, poderia confiar nela para manter os pagamentos?”

“Se ela não fizesse, eu faria. Eu conseguiria um emprego e ajudaria.”

“Isso é o que eu precisava ouvir.”

Ele saltou do carro e desapareceu dentro da farmácia.

Olhei de volta para Scout. "Que diabos?" Eu perguntei a ele.

Um minuto depois, Paul estava lá novamente com minha mãe a tiracolo. Ele abriu a porta do passageiro.

“Você senta atrás com o cachorro”, ele me disse. “Não tente acariciá-lo. Ele não vai te morder, mas é melhor não assustá-lo.”

Saí, apoiando a maior parte do meu peso no tornozelo bom, e abri a porta dos fundos. Scout pulou em um assento. Sentei-me no banco de trás ao lado dele, e ele recuou contra a porta do lado oposto, puxando as patas para que não tocassem em nenhuma parte de mim. Me tratando como se eu fosse um fluxo de lava derretida chegando quase até onde ele estava sentado. Olhei para ele, e ele desviou o olhar.

Então estávamos nos movendo, e Paul estava falando, mais ou menos sem parar. Mas não para mim. Para minha mãe.

“Você não tem vergonha do fato de nunca ter feito um empréstimo antes. Você se orgulha de ser um comprador de primeira viagem. Você está pronto para subir para a classe média. Você não tentou comprar no passado porque conhecia suas próprias limitações. Você não se sentiu pronto. Agora você se sente pronto. Não é sua culpa que sua renda seja baixa. Você poderia trabalhar em tempo integral, mas sua responsabilidade com sua filha com necessidades especiais vem em primeiro lugar. É por isso que você trabalha dois terços do tempo em vez de em tempo integral. Ela está matriculada na Educação Especial em escola pública, então não há despesas extras incorridas por sua situação. Sua filha mais velha é extraordinariamente madura e responsável e tem dezessete anos agora. Ela é uma boa ajuda para você. Se você puder esperar até que ela tenha dezoito anos para ela trabalhar meio período e contribuir, isso seria preferível, mas ela está pronta para intervir a qualquer momento se for necessário mais dinheiro.

"Ok..." minha mãe disse.

Eu não tinha ideia de como ela tinha conseguido uma folga do trabalho. Eu não tinha ideia do quanto ele a empurrou para fazê-la gozar. Eu não tinha ideia se ela estava animada ou intimidada. Havia tanta coisa que eu não sabia.

“Deixe-me fazer a maior parte da conversa. Se estou olhando para o administrador do empréstimo, estou conduzindo o diálogo. Se ele lhe fizer uma pergunta direta, eu me voltarei para você. Esse é o seu sinal para falar.

Seja direto. Seja educado. Não seja subserviente. Os bancos precisam fazer empréstimos. É uma grande parte de sua renda. Seu trabalho é levar as pessoas para hipotecas.”

"Ok..." minha mãe disse.

Entramos no estacionamento atrás de um dos dois bancos locais. Todos nós empilhamos. Exceto Escoteiro. Paul abriu todas as quatro janelas para o cachorro e depois trancou.

"Atenção", disse ele.

"O que?" minha mãe perguntou, olhando ao redor.

"Não. Literalmente. Levante a cabeça.”

Então levantamos nossos queixos. E seguimos Paul para dentro.

Ele nos levou direto para a mesa de um cara que imaginei ser um administrador de empréstimos. Ele era jovem. Talvez trinta. Mais novo que minha mãe. Eu esperava que isso ajudasse. Ele tinha barba e, embora estivesse vestindo um terno bonito, não parecia tão limpo. Ele não era muito intimidante.

Paul apertou a mão dele e nos apresentou. Eu os ouvia falar, e minha cabeça estava girando, e eu poderia ter entendido algo errado, mas tive a impressão de que eles já haviam falado mais cedo naquela manhã.

"Sente-se", disse o homem. José Grely. Peguei isso na apresentação de Paul e na placa de identificação em sua mesa. “Vamos ver o que podemos fazer.

Eu tenho que dizer a vocês dois, vocês têm sorte de ter o Sr. Inverness defendendo vocês. Estamos aqui para fazer empréstimos, e adoramos colocar as

pessoas em casas. E tentamos ajudar o máximo que podemos, no interesse do comprador de primeira viagem. Mas, na verdade, não há nada tão útil para a sua situação quanto ter uma pessoa mais velha e bem estabelecida com grande crédito que está disposta a assinar por você. Isso vai fazer toda a diferença."

Silêncio. Silêncio absoluto e absoluto. Eu estava esperando Paul dizer ao Sr.

Greely que ele havia entendido mal. Ele nunca fez.



"Sinto muito", disse o Sr. Greely. "Você parece confuso. Você não sabia disso?"

Minha mãe abriu a boca para falar, mas nada saiu.

"Nós sabemos disso," eu disse. "Nós definitivamente sabemos como somos sortudos por ter o apoio de Paul."

00

Minha mãe caminhou até o carro de Paul como se estivesse vagando em um sonho. Eu propositalmente fiquei para trás, esperando que Paul parasse e falasse comigo.

Ele fez.

"Onde está Raquel?" Eu perguntei. "Eu não posso acreditar que você a deixou em casa sozinha. No seu primeiro dia... como... quero dizer... juntos.

"Eu disse a ela que tinha alguns negócios importantes para tratar. Você tem algum problema com isso?"

"Acho que não."

Eu estava prestes a jogar meus braços em volta dele quando ele disse: "Não *fique* todo mole comigo. Como aquele dia no lago."

" *Eu* ? Você foi quem começou isso. Beijando-me na testa com tanta força que você quase quebrou meu pescoço.

"Isso não vem ao caso. Mantenha a cabeça no jogo. Temos muito mais trabalho a

fazer. Em seguida, passamos pelo escritório imobiliário e fazemos uma oferta baixa.”

"Acha que eles vão levar menos?"

“Nós não sabemos. Só sabemos que é o próximo passo. Apenas siga minha liderança, garoto. Eu vou te mostrar como se faz.”



00002.jpeg

5. Onde pertencemos

Eu a conduzi pela calçada pelo braço, olhando de vez em quando para ter certeza de que ela não estava espiando. Toda vez que eu olhava, seus olhos estavam fechados.

Isso é muita confiança para minha mãe.

“Obrigado por esperar,” eu disse. “Eu sei que deve ser muito estranho comprar uma casa que você nunca viu. E você deve ter pensado que eu era muito estranho por te pedir isso. Mas era muito importante para mim limpá-lo primeiro.”

Parei na frente da casa e puxei seu braço para que ela parasse.

“Você pode abrir os olhos agora,” eu disse.

Observei seu rosto, mas não sabia o que fazer com qualquer coisa que vi lá.

"Oh, querido", disse ela, colocando um braço em volta do meu ombro. "Isso é... tão feio."

Eu desatei a rir. Eu não pude evitar. Foi o jeito que ela disse. Como se ela estivesse olhando para um velho cachorro fedorento que ela realmente amava apesar de si mesmo.

“Você deveria ter visto antes de eu limpar.”

“Eu odeio pensar. Todas aquelas horas de trabalho... todas aquelas semanas... tudo isso foi limpeza?

"Não. De jeito nenhum. Majoritariamente. Havia um monte de janelas quebradas. Paul nos deu vidraças cortadas para caber. Como um presente de inauguração. E novas fechaduras para as portas. Botões de travamento e travas, ambos. Ele os instalou. Ele me mostrou como substituir o vidro da janela no primeiro, e depois fiz todo o resto sozinho. E ele nos deu uma escada. Acontece que você deve tirar frutas e nozes das árvores com uma longa escada telescópica. E alguém deve segurá-lo, ou você deve amarrá-lo na árvore. Acontece que não

deveria haver nenhuma corrida ou salto envolvido. Quem sabia?"

“Estamos aprendendo todos os tipos de coisas novas, não estamos?”

"Nós somos. Agora que você viu as más notícias com seus próprios olhos, que tal uma boa notícia?”

"Atirar."

“Tem três quartos.”

"Você está brincando comigo!"

“Eu não brincaria. Eles são pequenos. Mas há três deles. Vamos. Eu vou te mostrar o interior. Mas primeiro... a melhor notícia de todas. Ouvir."



Ficamos parados por um minuto, lado a lado. Seu braço ainda envolto em meu ombro. Pássaros cantavam, folhas farfalhavam ao vento. Ao longe, havia algum tipo de motor, mas eu não sabia dizer se era um carro barulhento ou um avião pequeno. Nunca chegou perto.

"Eu não ouço nada", disse ela.

“Essa é a boa notícia.”

“Quando formos morar com Sophie, não será tão tranquilo.”

“Mas ninguém vai se importar. Porque ninguém além de nós a ouvirá.”

Esperei um momento para que ela entendesse. Não que eu não tivesse tentado dizer a ela. Mas foi diferente ouvir por si mesmo.

Ela deu um aperto no meu ombro. "House, eu te perdôo por ser feio", disse ela. “Na verdade, você está parecendo melhor o tempo todo.”

00

"Não é ruim lá dentro", disse ela. “Realmente não é. Assim que colocarmos alguns móveis nele… Espere. Teremos que arranjar alguns móveis. Onde vamos

conseguir móveis?”

“Nós vamos descobrir isso. Todas as tábuas do assoalho estão pregadas agora. E não é realmente ventoso. Não como você pensa. E agora que a eletricidade está ligada, o aquecedor funciona. O que achamos realmente surpreendente.”

"Gás?"

“Nós não temos gasolina aqui. Há um tanque de propano.”

"Oh. Propano."

Ela se afastou para olhar ao redor. Primeiro na cozinha. Então ouvi seus passos indo para os quartos dos fundos, a varanda dos fundos. Sentei-me de pernas cruzadas no piso de madeira sob um raio de sol através das janelas do lado do pomar.

Depois de alguns minutos, ela saiu e se sentou ao meu lado, os braços abraçando os joelhos.

"Que dia Sophie é pega aqui em vez de lá?" Eu perguntei a ela.

"Segunda-feira."

"Boa. Nos dá todo o fim de semana para colocar nossas coisas.”

“Sério, garoto? *Nossas* coisas? Isso não vai demorar um fim de semana. Três viagens, talvez.

Então ficamos sentados sem falar por um longo tempo. Eu estava começando a sentir o lugar. Deixando parecer natural estar lá. Acho que ela também estava.

Ela colocou um braço sobre meu ombro novamente.

ç

"Você sabe", disse ela. “Com Sophie ainda no mesmo distrito escolar... e a viagem de ônibus mais longa... e vivendo em um lugar onde ela pode gritar até ficar com o rosto azul sem problemas... eu realmente poderia cuidar dela sozinha. Majoritariamente. Você sabe. Se você quisesse ir para a faculdade.”

“Ou Tibete.”

"Ou ambos."

"Direito. A faculdade é importante. Eu concordo. Ou ambos."

"Esperar. Tibete?”

Eu me perguntei onde ela estava na primeira vez.

“Uma longa história.”

Ela acariciou meu cabelo por um segundo ou dois.

"Vou arranjar tempo", disse ela.



00004.jpeg

“Uma leitura fantástica que fará as pessoas falarem sobre isso por muitas semanas e meses.” -Resenhas do livro de Sarah de Sarah

“Meu romance favorito ainda deste autor!” -Lindsay da Biblioteca do Pequeno Leitor.

Russell Ammiano trabalha no 104º andar do World Trade Center. Na manhã de 11 de setembro de 2001, o telefone toca enquanto Rusty está correndo para o trabalho. A notícia é devastadora: a mãe de Rusty morreu de derrame, deixando seu irmão mais velho, Ben, com danos cerebrais, sozinho. Esta notícia também salva a vida de Rusty. Ele ainda está em casa quando dois aviões atingiram o World Trade Center – e apenas um de seus amigos e colegas sobreviveu. Em um único dia, a vida que Rusty construiu em Nova York desmorona.

Rusty retorna à sua pequena cidade natal e ao irmão que ele estava mais do que feliz em deixar para trás. Ben não mudou nada, mas a cidade sim. As tensões aumentam após o ataque terrorista, enquanto Rusty luta para deixar o passado para trás e cuidar do irmão exasperante que ama. Ele encontra refúgio tomando café no início da manhã com a bela egípcia-americana Anat na padaria de seu pai.

Rusty está começando a recuperar sua vida... até que uma noite terrível ameaça tirar tudo de novo.

Do autor best-seller de DON'T LET ME GO and PAY IT FORWARD, WHEN YOU WERE OLDER é a história comovente, instigante e afirmativa de dois irmãos muito diferentes que tentam construir uma nova vida juntos, tendo como pano de fundo de um momento incerto e inquieto em nossa história compartilhada.

“… e o prêmio pela quantidade de humanidade tecida em um livro vai para Catherine Ryan Hyde.” -Ivana de Disposto a Ver Menos

Sobre Catherine Ryan Hyde

Catherine Ryan Hyde é autora de 20 livros publicados e futuros. Seus romances

mais recentes incluem *When I Found You* , *Second Hand Heart* , *Don't Let Me Go* e *When You Were Older.* Novas edições Kindle de seus títulos anteriores *Funerals for Horses* , *Earthquake Weather and Other Stories* , *Electric God* e *Walter's Purple Heart* já estão disponíveis. Seu mais novo título de e-book é *The Long Steep Path: Everyday Inspiration do autor de PAY IT FORWARD* , seu primeiro livro de não-ficção criativa. Os próximos títulos da primeira lista são *Walk Me Home* e *Where We Belong* .

Ela é co-autora, com a blogueira da indústria editorial Anne R. Allen, de *How to Be a Writer in the E-Age...and Keep Your E-Sanity!*

Seu romance mais conhecido, *Pay It Forward* , foi adaptado para um grande filme, escolhido pela American Library Association para sua lista de Melhores Livros para Jovens Adultos e traduzido para mais de 23 idiomas para distribuição em mais de 30 países. A brochura foi lançada em outubro de 2000 pela Pocket Books e rapidamente se tornou um best-seller nacional.

Love in the Present Tense desfrutou do status de best-seller no Reino Unido, onde ficou entre os dez primeiros, passou cinco semanas na lista nacional de best-sellers, foi resenhado em um grande clube de livros da TV e indicado ao prêmio de Melhor Leitura do Ano no British Prêmios do livro. Ambos *Becoming Chloe* e *Jumpstart the World* foram incluídos na Rainbow List da ALA, e *Jumpstart the World* foi finalista de dois Lambda Literary Awards.

Mais de 50 de seus contos foram publicados em The Antioch Review, Michigan Quarterly Review, The Virginia Quarterly Review, Ploughshares, Glimmer Train e muitos outros periódicos, e nas antologias Santa Barbara Stories e California Shorts e a antologia best-seller Dog is my Co-piloto.

Suas histórias foram homenageadas no Raymond Carver Short Story Contest e no Tobias Wolff Award e nomeadas para Melhores Contos Americanos, o O'Henry Award e o Pushcart Prize. Três foram citados em Best American Short Stories.

Catherine é fundadora e ex-presidente (2000-2009) da Pay It Forward Foundation. Como oradora pública profissional, ela discursou na



Conferência Nacional sobre Educação, falou duas vezes na Universidade de

Cornell, reuniu-se com membros da Americorps na Casa Branca e dividiu um estrado com Bill Clinton.

Para obter mais informações, visite o autor em catherineryanhyde.com . Você também pode aprender mais sobre Catherine pegando sua cópia de *The Long Steep Path* !

00005.jpeg

Também por Catherine Ryan Hyde

Ficção

Caminhe comigo para casa

Quando você era mais velho

Não me deixe ir

Coração de segunda mão

Quando eu te encontrei

Sempre Chloe e Outras Histórias

Dançarina de metrô e outras histórias

Deus elétrico/A parte mais difícil do amor

Funerais para cavalos

Coração Púrpura de Walter

Clima de terremoto e outras histórias

Impulsione o mundo

Diário de uma testemunha

O dia em que matei James

Perseguindo Moinhos de Vento

O ano do meu reaparecimento milagroso

Amor no tempo presente

Tornando-se Chloe

Pagar adiantado

Não-ficção

O caminho longo e íngreme: inspiração cotidiana do autor de Pay It Forward

Como ser um escritor na era eletrônica... e manter sua e-sanidade

Copyright © 2013 por Catherine Ryan Hyde.

Este livro é um trabalho de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação do autor ou usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com eventos reais, locais ou pessoas, vivas ou mortas, é mera coincidência. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, sem permissão por escrito do autor ou editor.

Edição: maio de 2013